

HELEN PALMER

ENEAGRAMA

*Compreendendo-se
a si mesmo
e aos outros em sua vida*



O ENEAGRAMA

Compreendendo-se a si mesmo
e aos outros em sua vida

Helen Palmer

2ª edição

Edições Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Palmer, Helen

O Eneagrama: compreendendo-se a si mesmo e aos outros em sua vida / Helen Palmer;
[tradução Marisa do Nascimento Paro]. - São Paulo: Paulinas, 1993. - (Coleção avulso)

1. Auto-avaliação 2. Eneagrama 3. Personalidade 4. Personalidade - Avaliação 5.
Tipologia 1. Título.

93-1510

CDD-155.26

Índices para catálogo sistemático:

1. Eneagrama: Tipologia: Psicologia 155.26
2. Tipos de personalidade: Psicologia 155.26

Título original da obra THE ENNEAGRAM - Understanding yourself and the others in
your life © 1988 do Centro para a Investigação e Treinamento da Intuição.
Publicado por Harper San Francisco, uma divisão da HarperCollins Publishers.

Tradução

Marisa do Nascimento Paro

Revisão e preparação dos originais

José Carlos M. Barbosa

Às centenas de pessoas que observaram o seu próprio dilema interior a que nos deram as suas histórias.
E a Sir John Pentland pelos seus conselhos e pela sua amizade.

Nota aos leitores

Muitos leitores acabam se esquecendo que todo livro, traduzido ou não, passa por uma revisão antes de ser publicado. Este é o procedimento comum, em que o revisor faz algumas alterações no texto básico, sempre com vistas ao seu aprimoramento, tendo, na escala hierárquica, plenos poderes para tal.

Na maioria dos casos, os resultados deste trabalho são bons, mas normalmente isto ocorre sem nenhum contato entre revisor e tradutor, configurando-se, às vezes, casos de mudanças não tão necessárias.

No caso específico desta obra, o procedimento foi diferente. Por iniciativa do revisor José Carlos Martins Barbosa, mantivemos contato permanente durante todo o processo de revisão e, respeitando a minha tradução, ele trabalhou arduamente nela, com empenho e dedicação incomparáveis, dando à obra uma fluência e leveza dignas desta nota aos leitores, dignas deste crédito especial a ele. Suas contribuições enriqueceram tanto o meu próprio trabalho, que minha consciência profissional me abrigou a revelar este fato aos leitores.

Assim, sem desmerecer meu próprio trabalho em favor do trabalho de José Carlos, pois nem ele o fez em nenhum momento, quem terminar dizendo que os créditos deste resultado final não pertencem só a mim, mas também a José Carlos, pessoa com quem tanto eu, quanto a editora, tivemos o prazer de trabalhar e a quem muito devemos o enriquecimento de uma obra já tão rica e complexa no original.

Marisa do Nascimento Paro

Prefácio

Nunca conheci ninguém que não fosse interessado pelo tema da personalidade, sobretudo pela descoberta de mais coisas a respeito da própria personalidade ou do próprio tipo. Lembro-me de que, universitário ainda, ao me especializar no estudo da personalidade, fazia todo teste psicológico que caísse em minhas mãos, imaginando o que cada um deles poderia me revelar a respeito de minha pessoa. A maioria dos alunos fazia o mesmo.

Por que temos tanto interesse em saber coisas sobre nós mesmos?

Um primeiro motivo é a simples curiosidade: o modo pelo qual mentes e sentimentos funcionam desperta o interesse. Por que vejo esta situação desta maneira precisa? Por que sinto esta emoção quando algumas pessoas sentem outra? Por que meu amigo, com o mesmo conhecimento sobre a situação, se exaspera enquanto eu me deprimos? É interessante pensar nestas coisas a conversar com outras pessoas a respeito.

Um segundo motivo é de ordem prática: há muito sofrimento em nossa vida. Dor física, expectativas frustradas, uma série de aborrecimentos a atrasos de pequena monta, gente que não nos trata devidamente a assim por diante - tudo isso nos faz sofrer. Uma reação comum ao sofrimento é culpar as circunstâncias externas. Se minhas costas não doessem, se o empreiteiro tivesse cumprido a tempo o combinado, se chegar ao trabalho não demorasse tanto, se as pessoas de fato reconhecessem meu brilho a meu charme, então eu seria feliz de verdade. No entanto, à medida que adquirimos certo conhecimento sobre nós mesmos, aprendemos que, embora haja eventos externos que de fato nos perturbam, nós também criamos grande parte de nosso sofrimento desnecessariamente. Se eu não erguesse objetos pesados com as costas curvadas, se não tivesse fixado prazos desnecessariamente tão apertados, se saísse para o trabalho dez minutos mais cedo a fim de não ser pressionado pelo tempo, se não ansiasse tanto pela aprovação alheia, muito sofrimento desapareceria de minha vida. O que existe em minha personalidade que me torna impaciente a freqüentemente me causa sofrimento num mundo que tem um cronograma próprio? Por que meu tipo psicológico me faz superestimar a aprovação alheia, mesmo que, racionalmente, eu saiba que isso não é tão importante assim?

As teorias psicológicas convencionais sobre a personalidade podem muitas vezes ser úteis, dando-nos insights sobre os motivos que nos levam a agir e a sentir da maneira que o fazemos. Com menor freqüência, nos permitem transformar algumas panes de nosso eu, causadoras de sofrimento desnecessário. Por vários fatores, resultados práticos são mais raros que os insights. Após a leitura de certa teoria da personalidade, por exemplo, alguns de nossos insights poderão estar equivocados; não teremos entendido as idéias. Além disso, todas as teorias da personalidade são apenas parcialmente verdadeiras, de modo que algo que, no sistema, pareça revelador ou faça sentido, talvez não se aplique à realidade, ou possa até ser um obstáculo a uma transformação pessoal. Igualmente, aspectos de nossa personalidade que não estejam interessados na real compreensão de nosso ser (uma imagem inflada de nós mesmos, por exemplo) podem bloquear a aplicação eficaz de qualquer sistema de personalidade. E, às vezes, não basta um insight intelectual: precisamos também do insight emocional que, geralmente, só se dá com a ajuda de um orientador ou de um terapeuta experimentado, ou então em decorrência do choque provocado em nossa vida por um evento de grande intensidade.

Há outra razão importante para que a maioria de nós considere as teorias da personalidade intelectualmente interessantes, mas tenda a se desapontar com seus

resultados práticos. *Quase todos os sistemas de personalidade amplamente conhecidos a geralmente aceitos não vão além do ordinário da vida.*

As pessoas, em sua grande maioria, procuram orientadores ou terapeutas porque estão infelizes em não ser "normais". Têm dificuldade no relacionamento com outros, ou se sentem mal consigo mesmas, ou têm hábitos infrutíferos, causadores de grande sofrimento. Querem ser pessoas normais, as quais, presume-se, se relacionam facilmente com os outros, se sentem bem consigo mesmas e não sabotam a própria vida. A vida normal, sem dúvida, tem seus altos e baixos, mas o aconselhamento e a terapia psicológica podem às vezes (mas estão longe de fazê-lo sempre) ajudar as pessoas a melhorar, a "normalizar" sua vida comum.

Na década dos cinqüentas, os psicoterapeutas começaram a atender a um novo tipo de cliente, um tipo que descrevi em meu *Waking Up (Despertando)* (Shambhala, 1986) como o "descontente bem-sucedido". Esse tipo de pessoa é normalmente bem-sucedido de acordo com padrões sociais contemporâneos, tem um emprego decente, uma renda razoável, uma vida familiar razoável, aceitação e respeito razoáveis na comunidade, enfim, todos os favores que, se supõe, trazem a felicidade em nossa sociedade. O sucesso não significa a inexistência de sofrimento ou de dificuldade: uma dose de sofrimento e de dificuldade faz parte da vida normal e deve ser aceita como tal. O descontente bem-sucedido se sabe "feliz" segundo os padrões ordinários, mas busca a terapia por achar que, apesar de tudo, a vida é "vazia". Não haverá na vida nada mais além de dinheiro, carreira, bens de consumo, vida social? Onde está o sentido?

A terapia convencional, baseada em teorias convencionais sobre a natureza do ser humano e sobre a personalidade, foi (e ainda é) de pouco valor para essas pessoas. Ela pode integrar partes desconexas na estrutura da personalidade, pode alcançar insights interessantes sobre a origem da personalidade, mas a questão central sobre o significado mais profundo da vida fica em grande pane intocada. Conforme se disse acima, quase todos os sistemas de personalidade amplamente conhecidos e geralmente aceitos não vão além do ordinário da vida, mas o descontente bem-sucedido deve ir mais fundo.

O advento dos descontentes bem-sucedidos precipitou o desenvolvimento da psicologia humanista e da psicologia transpessoal, escolas que reconhecem a utilidade de nosso conhecimento psicológico sobre a vida ordinária e sobre as personalidades a ela inerentes, mas que também reconhecem a presença de dimensões vitais no ser humano, a existencial e a espiritual. Uma vez alcançado um êxito razoável no desenvolvimento das habilidades necessárias ao nível ordinário da vida, se quiser permanecer saudável e feliz, a pessoa deve crescer nas dimensões existencial e espiritual. As teorias da personalidade que lidam com a vida no nível ordinário são boas até certo ponto, mas, quando precisamos ir além, sua falta de amplitude transparece a nos desapontamos com elas, talvez sem mesmo saber o porquê.

Quando eu estudava a personalidade, já tinha grande interesse pelas dimensões espiritual e transpessoal da vida e, por isso, achava úteis, porém limitadas, as noções psicológicas convencionais. A maior exceção era Jung: sua idéia do inconsciente coletivo foi uma abertura para as dimensões espirituais de nossa existência. Jung, no entanto, não era bem aceito na instituição psicológica ou psiquiátrica, e assim suas idéias de modo geral não estavam disponíveis como sistema de trabalho. Mais tarde, descobri teorias e psicologias da personalidade assentadas em vários sistemas espirituais pelo mundo afora (ver meu *Transpersonal Psychology - Psicologias Transpessoais - Psychological Processes*, 1983), que também ofereciam grandes possibilidades ao crescimento pessoal para além do ordinário da vida. Um sistema em particular, o Eneagrama de tipos de personalidade, oferecia muitas perspectivas para

aplicações práticas, mas só pudemos apresentar um simples esboço do sistema quando publicamos *Transpersonal Psychologies* pela primeira vez, em 1975.

O termo Eneagrama foi apresentado por G. I. Gurdjieff, um pioneiro na adaptação dos ensinamentos espirituais do Oriente para use dos ocidentais contemporâneos. Uma forma geral do Eneagrama era usada em suas preleções e ganhou maior difusão graças ao livro *In Search of the Miraculous: Fragments of an Unknowing Teaching* (Harcourt, Brace World 1949), escrito por seu discípulo mais famoso, P. D. Ouspensky. Consciente do sofrimento inútil criado pelas falhas em nossa personalidade, Gurdjieff ensinava que cada um de nós tinha uma característica principal que seria o eixo central, em torno do qual giravam os aspectos ilusórios de nossa personalidade. Se pudéssemos conhecer essa característica principal, o trabalho de compreender e de transcender os aspectos ilusórios da personalidade (ou falsa personalidade, conforme Gurdjieff a chamava, uma vez que grande parte dela nos foi imposta quando éramos crianças, em vez de ter sido livremente escolhida por nós) se tornaria muito mais eficiente. Gurdjieff sem dúvida usava o Eneagrama de personalidade no trabalho com seus discípulos, mas, pelo que me consta, não transmitiu o sistema em detalhe a nenhum deles.

Meu primeiro contato com o Eneagrama de tipos de personalidade foi na Faculdade, em 1972, durante um seminário que dei sobre estados alterados da consciência. Um de meus alunos, Jon Cowan, me disse algo a respeito, mencionando o fato de já ter me "tipificado". Em vários almoços que se seguiram, Cowan esboçou o sistema para mim, desenhando diagramas no verso de guardanapos (há uma longa tradição na Ciência sobre a comunicação de idéias empolgantes no verso de guardanapos!). Como meu desejo de crescimento pessoal já era muito forte naquela época, juntei-me ao grupo de Berkeley, liderado pelo psiquiatra chileno Claudio Naranjo, com quem meu aluno aprendia o sistema. Naranjo havia integrado o sistema básico de personalidade do Eneagrama ao conhecimento psicológico moderno com muitas tiradas brilhantes.

Soube que Naranjo aprendera os fundamentos do Eneagrama de personalidade durante um período de estudos no Chile com Oscar Ichazo, que, por sua vez, alegava tê-lo aprendido de uma escola secreta, a Confraria Sarmouni, a mesma que o transmitira a Gurdjieff. Esse era um tema inebriante e romântico e que não combinava muito bem com um jovem cientista como eu, apaixonadamente interessado em separar o sensato do insensato, no caso de a Ciência ter de lidar com o espiritual. Confrarias secretas podem ou não existir, mas falar a respeito disso dentro da Ciência é como agitar uma bandeira vermelha à frente de um touro! Como, naquela época, eu já investigava várias áreas consideradas suspeitas pelo establishment, tais como meditação, estados alterados e parapsicologia, parecia tolice me envolver com um sistema obviamente místico que transcendia a vida ordinária. Todavia, o próprio fato de o Eneagrama de personalidade transcender a vida ordinária, de discutir as virtudes existenciais e espirituais que poderiam ser desenvolvidas, ao recapturarmos a energia essencial da vida, que estava sendo absorvida por defesas patológicas contra nossa real natureza, era uma de suas principais atrações.

Desse modo, vi-me tentado a me afastar do sistema do Eneagrama, mas tive o bom senso de tentar avaliá-lo por seus próprios méritos e não por suas origens "mitológicas" nem por aquilo que a psicologia convencional opinava sobre ele. Examinando-o como um psicólogo conhecedor de teorias de personalidade, como um sistema conceitual, como uma teoria de personalidade, o sistema do Eneagrama parecia muito bom. Sem dúvida, era o sistema de personalidade mais complexo e sofisticado que eu já encontrara, mas era uma complexidade sensível e inteligente e não simplesmente confusão. Por comparação, a maioria dos sistemas de personalidade convencionais pareciam simplificações exageradas.

Embora os cientistas insistam em ser objetivos, meus próprios estudos e os de terceiros há muito me tinham convencido de que somos bem tendenciosos a subjetivos em nosso trabalho, a maior parte do tempo. É o compromisso de continuar aspirando à objetividade que resgata a Ciência de se tornar um tipo de Escolástica estéril. Minha visão positiva do sistema do Eneagrama, expressada acima, é minha tentativa de avaliá-lo da melhor forma possível à luz do conhecimento psicológico contemporâneo. É lógico que minha reação pessoal foi igualmente importante. Quando a natureza de meu tipo me foi explicada, tive um dos momentos de maior vislumbre de minha vida. Agora, todos os tipos de evento e de reação incompreensíveis em minha vida faziam pleno sentido retrospectivo para mim. E, mais importante ainda, pude ver a maneira básica pela qual era falho meu trato com a vida e obtive um esboço geral das maneiras de trabalhar para modificá-lo. Compreendi o comportamento de muitos de meus amigos, assim que pude determinar seu tipo, e consegui não só interagir com eles mais satisfatoriamente, mas também ser um amigo melhor. Vários anos de trabalho de crescimento pessoal que se seguiram àquele conjunto inicial de insights, identificadores de meu tipo no Eneagrama, continuaram a ratificar a utilidade do sistema para mim.

Durante alguns anos, o Eneagrama de personalidade só esteve à disposição dos alunos de Claudio Naranjo ou de Oscar Ichazo, sendo ensinado, como parte de um intenso trabalho de crescimento psicológico, em pequenos grupos. Provavelmente, essa é a melhor forma de apresentar o material, visto que aumenta em muito as chances de que o aluno o aplique. Hoje em dia, há tanta gente, sobretudo os descontentes bem-sucedidos, tentando se compreender a transcender, que se tornaram evidentes as limitações da transmissão em pequenos grupos. Assim, é uma grande dívida de Helen Palmer ter escrito este livro, onde compartilha sua própria compreensão do Eneagrama de personalidade, acrescentando ao sistema básico sua visão particular, proveniente de amplo trabalho sobre o desenvolvimento e a aplicação da intuição. Seu trabalho de examinar cada tipo de Eneagrama centrado em torno de estilos de percepção, ou melhor, de falsa percepção, é extremamente útil.

Acredito que o material apresentado neste livro será de grande valia para muitas pessoas não apenas conhecer seu tipo, mas também transcendê-lo. Não é o único método de crescimento pessoal, mas é muito útil. Como sistema, está longe de ser perfeito, e, conforme Palmer salienta, há necessidade de muita pesquisa empírica e científica para desenvolvê-lo ainda mais; entretanto, já é um sistema prático e valioso.

Embora, para mim, o entusiasmo inicial de descobrir o sistema tenha desaparecido gradualmente, após quinze anos de experiência, ainda acho que o Eneagrama de personalidade nos ajuda a compreender os outros, a empatizar e a nos relacionar com eles. Todavia, devemos nos lembrar de que um livro, aulas ou instrução pessoal sobre o Eneagrama de personalidade só conseguem transmitir idéias sobre a realidade, não a realidade em si. Como o amigo ditado Zen nos lembra: o dedo que aponta para a Lua não é a Lua.

A estrutura cognitivo-emocional do Eneagrama de personalidade pode ser um guia útil para compreender e transformar nossa personalidade, mas não é A Verdade, não é a perfeita realidade da manifestação de todo momento de nosso ser. É uma teoria de personalidade. O sistema do Eneagrama vai além das abordagens convencionais, ao nos lembrar que, quase sempre, vivemos num mundo ilusório, em função de defesas já dispensáveis, que confundimos idéias e sentimentos a respeito da realidade com a realidade em si. Usado com isso em mente, o sistema pode ser uma esplêndida ferramenta para todos nós. Usado como A Verdade, como substituto da verdadeira observação de nós mesmos e dos outros, o sistema do Eneagrama, como qualquer sistema conceitual, pode degenerar, se transformando em mais uma forma de nos estereotiparmos a nós mesmos e aos outros, de prosseguirmos a vida de ilusões em nosso sonho desperto. Este livro apresenta uma ferramenta poderosa:

desejo sorte aos leitores ao usá-lo no despertar para a realidade de nossa natureza mais profunda.

Charles T. Tart, Ph. D.
Professor de Psicologia
Universidade da California, em Davis.

Prefácio à Edição Brasileira

Um amigo me diz que vivemos um tempo em que já não podemos prescindir do apoio de psicólogos e de terapeutas. Lembra-me Drummond que já falava de um "tempo de homens partidos". De fato, cada vez mais a psicologia se infiltra em nossas vidas cotidianas, e algumas indicações disso são: o tópico e o próprio vocabulário de nossas conversas correntes, a imensa bibliografia posta à disposição do leigo e a certa vulgarização das terapias. De alguma forma, o homo Sapiens ganha aos poucos uma nova versão: o homem psicológico. A idéia de meu amigo, porém, pode ser formulada de maneira ligeiramente diferente: vivemos um tempo em que já não podemos prescindir do autoconhecimento, do conhecimento de nós mesmos. Fala-se muito em cura, mas como podemos pretender nos curar, ou ser curados, se ainda mal conhecemos o nosso "mal"? Diagnosticar ou identificar o "mal" é meio caminho andado. E, segundo um ensinamento de O Eneagrama, o nosso "mal" reside em nossos "hábitos do coração e da mente", deformadores de nossa visão da vida. A meu ver, este livro sobre o Eneagrama é uma cultura sobre o autoconhecimento, a sua vantagem sobre os demais não é tanto a sua abrangência e a sua objetividade quanto a sua humanidade. Ele não descamba, como parece ser a moda, nem para o místico nem para o esotérico, embora insista nas transcendências; nem aponta para soluções fáceis, embora vislumbre que as "pequenas" transformações pessoais são possíveis e que são elas que preparam as grandes transformações sociais tão necessárias. E aqui, mais uma vez, nos lembramos de Drummond: "... o tempo é a minha matéria: o tempo presente, os homens presentes, a vida presente".

Eu já conhecia O Eneagrama há alguns anos. Havia lido uma entrevista da autora, Helen Palmer, em 1990 e logo me interessei pelo assunto. Fiz importar o livro, e minhas primeiras leituras me confirmaram o seu poder e a sua importância. Meu desejo então foi tornar-me o entusiasmado tradutor dessa obra para o português. Fiz vários contatos, mas, quando finalmente descobri que as Edições Paulinas haviam comprado os direitos de tradução, já era um pouco tarde: informaram-me que o livro estava praticamente traduzido. Percebendo talvez meu entusiasmo e minha disposição, gentilmente me ofereceram a revisão da tradução. Meu desapontamento inicial, porém, só foi superado por outros fatores: em primeiro lugar, pela minha descoberta de que a tarefa do revisor é de enorme responsabilidade e de modo algum desmerece quem a assume; em segundo lugar, pelo ótimo relacionamento que mantive o tempo todo com a tradutora, Marisa do Nascimento Paro, que fiz questão de contatar. Um bom relacionamento entre tradutor e revisor é, segundo dizem, coisa rara no mundo editorial e, no nosso caso, mais rara ainda, porque acabamos nos tornando amigos. Em terceiro lugar, pelo que esse trabalho com O Eneagrama significou para mim como trabalho comigo mesmo, como fonte de autoconhecimento.

Admito, porém, que a posição de revisor nem sempre foi muito confortável. Em que pese à lisura do trabalho de Marisa, boa parte do tempo me vi perguntando a mim mesmo: até que ponto tenho o direito de alterar as escolhas da tradutora? Ou até que ponto tenho o dever de alterá-las? Porque não se tratava apenas de emendar eventuais desvios de interpretação do texto original (raros, na verdade), mas também de colocá-lo em certo nível estilístico. (O Eneagrama é, sob muitos aspectos, também uma obra literária, embora não ficcional.) Poder-se-ia, enfim, dizer que o produto final é uma obra a quatro mãos, tendo sido a base lançada por Marisa e o acabamento realizado por mim.

A agravante da revisão era que o livro continha material de difícil tradução, sobretudo os depoimentos dos entrevistados, dados em geral numa linguagem ora bastante idiomática, ora bastante metafórica. A própria autora, numa das cartas que me enviou, reconheceu a dificuldade de traduzir o seu livro e afirmou ser necessário

um bom conhecimento de inglês, de psicologia e das chamadas práticas espirituais. Em que pese às nossas limitações, Marisa e eu, fizemos com honestidade o melhor que podíamos e não podemos deixar de nos orgulhar de ser, por assim dizer, os introdutores autorizados do Eneagrama no Brasil em sua forma literária, esperemos, a mais legível.

Uma das primeiras dificuldades com que deparei foi a própria tradução do nome dos tipos. O Eneagrama é uma tipologia de nove tipos. Cada tipo recebe um número de um a nove (esses números são usados como substantivos, daí podermos usá-los com artigos e no plural) a um nome, dado mais ou menos arbitrariamente por cada autor, nome este que procura condensar em si, às vezes meio caricaturalmente, as características do tipo. Tomemos, por exemplo, o Dois, que a autora batizou em inglês como *The Giver*, literalmente "aquele que dá". A palavra imediata que nos ocorre é naturalmente *O Doador*, a foi este o termo escolhido por Marisa. Mas não é uma tradução precisa, ainda mais porque induz a idéia de doador de sangue, de esmolas etc. Temos, na verdade, a palavra *dador* em português, reprodução fiel de *giver*. Por algum tempo hesitei em empregá-la, devido a sua relativa estranheza em nosso vocabulário cotidiano. Mas, afinal, me decidi por ela após um singelo raciocínio: ora, se a palavra existe, por que não adotá-la? Assim, sob o crivo do revisor, *The Giver* se transformou em *O Dador*. Enfim, tirou-se mais uma palavra do limbo lexical.

Problemas semelhantes ofereceram o Três, *The Performer*, e o Oito, *The Boss*. *Performer* é também um termo de difícil tradução: não é apenas quem realiza, mas também quem assume um papel com o qual se identifica e ao qual, por vezes, se transforma. Prefiri, assim, a *Realizador*, termo escolhido por Marisa, *Desempenhador*, porque, no teatro, se diz que o ator desempenha um papel. Já com *Boss*, a dúvida entre *Chefe*, tradução de Marisa, a *Patrão* foi resolvida foneticamente: *Patrão* soa com a força necessária e típica do Oito, enquanto que *Chefe*, por comparação, parece branda demais.

Todas essas questões, que discuti por carta com Marisa, parecem apontar numa direção: a necessidade de escrever um livro original em português sobre o Eneagrama, no qual enfim daríamos aos tipos nomes mais genuinamente brasileiros e descreveríamos contextos psicológicos mais afros de nossa história e de nossos temperamentos. Não que, por ser uma tradução, esta obra perca seu valor e sua intensidade. A alma humana, em toda a sua amplitude, é basicamente a mesma em todos os cantos do Planeta, mas, dependendo da cultura onde floresça, se expressa de formas distintas, em linguagens específicas. Como tivemos de ser fiéis ao original, a linguagem que reproduzimos talvez vá soar às vezes um tanto incomum, ou um tanto divertida, mas os mesmos sentimentos estão lá, as mesmas emoções, as mesmas motivações.

Essas diferenças se tornaram ainda mais marcantes porque os depoentes ou entrevistados eram, em sua grande maioria, pessoas já trabalhadas psicologicamente e com certa sofisticação na linguagem; daí, suas declarações conterem metáforas e símbolos que raramente usaríamos em nosso falar cotidiano. Procurei tornar o mais possível coloquial todas as declarações e depoimentos, mas provavelmente ainda sentiremos uma defasagem entre o nosso linguajar habitual e a linguagem exposta neste livro. Isto, por outro lado, só serve para enriquecer a maneira de nos vermos a nós mesmos e aos outros, de nos revelarmos.

Outro ponto digno de menção foi o emprego, ao longo de todo o livro, de formas masculinas, a não ser os pronomes pessoais (ele e ela). O idioma inglês, como é sabido por muitos, ignora essa questão, porque, em geral, suas palavras atendem aos dois gêneros, sem distinção. Fizemos, portanto, uma concessão, não ao sexismo, mas à tradição de usar o masculino, embora, sem dúvida, essa tradição já se preste a um questionamento. Deve, assim, ficar claro a toda leitora e a todo leitor que, por

exemplo, quando falamos do Observador; ou do Advogado do Diabo, ou do Mediador, entre outros termos, nos referimos tanto a mulheres quanto a homens.

Mesmo sendo um livro para leigos, O Eneagrama apresenta termos que exigem certa cautela. Atenção, por exemplo, é um termo recorrente em todo o texto. Geralmente, nós a associamos a uma atividade intelectual, mas aqui, atenção se refere também a uma visão de mundo. Práticas espirituais (meditação, por exemplo) é outra expressão bastante usada, onde o espiritual não tem necessariamente a ver com o religioso, ou melhor, se refere ao religioso no que ele tem de transcendente a não de dogmático. Outro termo é personalidade. Dizíamos, num passado recente (e ainda dizemos hoje, mas talvez menos), que Fulano tinha personalidade, no sentido de que Fulano sabia o que queria, ou que Fulano era alguém digno de confiança. A leitura de O Eneagrama vai, de certa forma, retificar nosso conceito:

Todos nós temos uma personalidade, no sentido de que temos mecanismos de defesa, sem os quais não poderíamos ter sobrevivido entre nossos semelhantes. Muitos desses mecanismos, contudo, se tornaram obsoletos, e a personalidade, uma máscara, recuperando, assim, o seu étimo (do latim persona, máscara do ator). Outros mecanismos, contudo, a intuição, por exemplo, podem ser trabalhados de modo a nos servir em nosso crescimento pessoal, em nossas transformações, em vez de continuar alimentando, nossas neuroses. Embora ter uma personalidade não nos garanta necessariamente um sentimento de orgulho, talvez já não possamos nem devamos nos desvencilhar da nossa como um todo, mas é preciso ver o que está por detrás dela e que, o mais das vezes inconscientemente, foi relegado a um segundo plano efetivo: a essência.

Nem todas as pessoas sentir-se-ão inclinadas a ler este livro, mas qualquer uma que o fizer encontrará, sem dúvida, um pouco, ou muito, de si mesma num dos tipos, ou, como é mais freqüente, em mais de um tipo. Isto, porém, não deve induzi-la a pensar que é uma mistura de tipos. Cada pessoa é apenas um tipo, porque o que define um tipo são as suas motivações internas, a não o comportamento ou os traços externos, que diferentes tipos podem parecer ter em comum. Aqui poderíamos recordar o conceito de asa: as asas são os pontos adjacentes de cada tipo e o influenciam em diferentes proporções, fornecendo assim material para distinguir pessoas pertencentes ao mesmo tipo. As asas seriam por assim dizer, uma espécie de condimento que realça certas qualidades do tipo, mas que não interfere com a essência.

Por exemplo, eu - e possam os leitores perdoar qualquer indiscrição aqui existente - sou basicamente um Seis, mas, com muita freqüência, me comporto como um Cinco, minha asa principal. Em outras palavras, o que me move o tempo todo é o modo de o Seis prestar atenção, ou as motivações do Seis, embora o comportamento resultante final possa me trazer para bem próximo do Cinco. Mais importante que tudo isso, minha tarefa básica é amadurecer a personalidade do Seis, dela retirando o que é mecânico, artificial a tendencioso, a assim, tom uma apurada percepção de minhas potencialidades, abrir o caminho para que as características essenciais do Seis possam enfim emergir. Poderei sempre adiar essa tarefa; poderei mesmo nunca realizá-la, mas, de algum modo, sentirei que minha vida passou em brancas nuvens, ou sem que eu soubesse exatamente por que vivi...

A simples leitura deste livro não resolverá nossos conflitos interiores, mesmo porque não bastaria uma leitura sem o posterior trabalho individual de transformação - uma espécie de dever-de-casa que havemos de fazer, o mais das vezes, por toda a vida, não para nos tornarmos seres iluminados, mas pessoas mais bem integradas ao mundo que nos cerca. Mas este livro, ao lançar uma luz diferente sobre nossas questões obscuras, aquelas mesmas questões que não queremos ou não ousamos admitir, talvez seja o impulso inicial para que comecemos a trabalhar sobre nós

mesmos a sobre nossos relacionamentos, de preferência tom a ajuda de uma terapia. A esperança é que o *homo Sapiens* (o homem que sabe) se transforme também no *homo se cognoscens ipsum* (o homem que se conhece a si mesmo) a que, por fim, resolva de vez o enigma da esfinge.

Rio de Janeiro, maio de 1993.

José Carlos Martins Barbosa

Revisor

I. ORIENTAÇÃO PARA O ENEAGRAMA

1. Antecedentes do Sistema e uma Introdução ao Conceito de Tipo

O Eneagrama é um antigo ensinamento Sufi, que descreve nove tipos diferentes de personalidade a suas inter-relações. Esse ensinamento pode nos ajudar a identificar nosso próprio tipo e a lidar com nossos problemas; a compreender nossos colegas de trabalho, pessoas amadas, familiares e amigos; e a apreciar a predisposição que cada tipo tem para as capacidades humanas superiores, tais como a empatia, a onisciência e o amor. Este livro pode ampliar o conhecimento que você tem de si mesmo, ajudá-lo a trabalhar seus relacionamentos com outras pessoas e apresentá-lo às aptidões superiores específicas a seu tipo mental.

O Eneagrama é parte de uma doutrina tradicional que vê as preocupações da personalidade como mestres ou indicadores de capacidades latentes que desabroçam durante o desenvolvimento da consciência superior. Os diagramas apresentados neste livro são uma visão parcial de um modelo mais completo que descreve os níveis da possível evolução da humanidade, partindo da personalidade e atravessando toda uma gama de potenciais humanos incomuns, tais quais a empatia, a onisciência e o amor. É vital que esse contexto maior não seja desconsiderado ao concentrarmos a atenção nos nove tipos de caráter, porque o Eneagrama completo é um dos poucos modelos de consciência que se volta para a relação entre a personalidade e os outros níveis da capacidade humana. A força do sistema reside no fato de os padrões comuns da personalidade, os próprios hábitos do coração e da mente que tendemos a descartar como meramente neuróticos, serem vistos como pontos de acesso em potencial para estados superiores da consciência.

Podemos reconhecer facilmente o valor nos Eneagramas que descrevem a personalidade porque grande parte de nossa atenção se concentra nos pensamentos e nos sentimentos que identificamos como nosso eu.¹ Se, contudo, nossa própria personalidade única ou aquilo que cada um de nós considera "meu eu" é, de fato, apenas um aspecto num continuum da evolução humana, então nossos próprios pensamentos e sentimentos devem, de alguma forma, constituir uma plataforma para a compreensão da fase seguinte de nosso desabrochar. Nessa perspectiva psicológica ampliada, nossas tendências neuróticas podem ser vistas como mestres e bons amigos que, condignamente, nos levam adiante, para a próxima fase de nosso

¹ Consideramo-nos uma estruturação coesa de nossos pensamentos, sentimentos, memórias corporais e outras identidades estabelecidas nos primeiros anos de vida. Em conjunto, essas identidades formam o conceito que fazemos de nós mesmos, que, em ensinamentos espirituais, é às vezes denominado de falsa personalidade e, com mais frequência, de ego. Uma vez formado, o ego se torna aquilo que consideramos o eu (self), porque não temos acesso a outros estados de consciência livres do ego.

Um mestre Sufi contemporâneo, A. H. Almaas, faz esta distinção entre o conceito freudiano do ego e o conceito do ego na tradição espiritual.

"O ego freudiano tem as funções da percepção, da motilidade, do teste da realidade e assim por diante. Essas funções não estão incluídas no termo ego conforme usado na literatura espiritual e na literatura do trabalho sobre si mesmo (Gurdjieff). Este último ego denota sobretudo a identificação do indivíduo que lhe dá o senso do eu ou a sua identidade.

A psicologia do ego psicanalítico, e especificamente sua teoria das relações objetais, formulou de uma maneira muito útil o modo como se desenvolve esse senso do eu ou identidade do ego. Basicamente, aquilo que se chama de auto-representação se desenvolve através das primeiras organizações do indivíduo, de unidades menores para outras maiores e mais abrangentes. Isso ocorre conjuntamente ao desenvolvimento da representação do objeto."

A. H. Almaas, *Essence, The Diamond Approach to Inner Realization* (Essência, A Abordagem do Diamante da Percepção Interior) (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1986), 43.

desenvolvimento. E se, como sugere o Eneagrama, nossa personalidade é um degrau para uma consciência maior, então obter uma compreensão de como funcionam nossas preocupações assume um propósito duplo: primeiro, nos torna mais autênticos e mais felizes como pessoas; e segundo, nos ensina como pôr de lado a personalidade a fim de permitir o desabrochar da fase seguinte da consciência.

A Tradição Oral

O Eneagrama de tipos é parte de uma tradição de ensino oral, e o material ainda é mais bem transmitido vendo e ouvindo grupos de pessoas do mesmo tipo falar sobre suas vidas. Ver e ouvir um grupo de pessoas articuladas e dispostas a expressar um ponto de vista semelhante transmite bem mais da força do sistema do que possivelmente transmitiria um mero registro escrito de suas palavras. Após cerca de uma hora, um grupo de pessoas que, no início, pareciam fisicamente muito diferentes, começam a parecer iguais. O espectador pode perceber as semelhanças nos padrões de retenção física, do tom emocional, nos pontos de tensão no rosto e nas características da emanção pessoal, que correspondem aos sinais mais sutis do tipo. O auditório se enche de uma presença definida à medida que se revela o caráter, e há, para cada um dos tipos, um sentimento único, uma característica distintiva, uma presença no ambiente.

A princípio, um grupo de pessoas do mesmo tipo pode parecer não ter nada em comum, porque o espectador presta atenção às diferenças de sexo, idade, raça, profissão a estilo pessoal. Contudo, dentro de uma hora, as pessoas começam a parecer iguais: suas histórias, escolhas, preferências, metas. As coisas que evitam e com que sonham começam a parecer as mesmas. Começam até a apresentar a mesma aparência, assim que a atenção do espectador se desvia das características superficiais do vestuário e do sorriso apresentável. Quando sua atenção se desviar desses indícios superficiais, você será capaz de identificar o tipo através do reconhecimento das aspirações e das dificuldades que os membros de determinado tipo têm em comum.

O mundo parece muito diferente para cada um dos nove tipos, e, ao se ajustar ao modo como os outros se sentem dentro de si mesmos, você pode se libertar de seu próprio ponto de vista, em favor de uma verdadeira compreensão de como são as pessoas que estão em sua vida, substituindo as crenças que suas idéias a respeito delas podem levar você a ter. Quando você se coloca no lugar dos outros, cria-se um sentimento de solidariedade pela situação alheia. Quando se vê o mundo do ponto de vista dos outros, imediatamente se toma consciência de que cada tipo é limitado por uma tendência sistemática.

Ainda me comovo com o poder dessa doutrina, quando reconheço os padrões básicos de minha própria vida nas histórias de um grupo de meus semelhantes. São histórias contemporâneas que ocorrem em agências de publicidade, em supermercados, em salas de aula de Universidades e em centros de meditação. São contadas por pessoas que têm meus padrões de pensamento e que estão vivendo suas histórias da forma como eu vivo a minha. Sei que posso contar com elas para obter informações, conselhos e a revelação do que descobriram a respeito de si mesmas.

O sensacional no relato de uma história pessoal é que a revelação de material profundamente íntimo se faz com a intenção de se pôr a si próprio de lado. A intenção oculta por trás do relato de sua própria história é naturalmente obter alguma luz sobre os padrões que governam sua vida, mas, neste caso, a meta de se compreender a si mesmo é aprender a observar internamente esses padrões, deles desviar a atenção e, por fim, pôr de lado a personalidade. Esse "pôr de lado", pressuposto por um sistema

que abrange vários estados de consciência, significa mais do que simplesmente trabalhar um problema exaustivamente até eliminar o sofrimento. Pôr de lado a personalidade significa ser capaz de desviar a atenção de pensamentos e de sentimentos, de modo que outras percepções possam aflorar na consciência.

Os depoimentos expostos neste livro são tirados de gravações com pessoas que falaram em painéis como representantes de seu próprio tipo. Elas se dispuseram a aparecer e a se revelar para que uma audiência pudesse aprender a reconhecer verbalmente o tipo. Quando faço entrevistas em painéis, o enfoque da atenção é sempre naquilo que distingue um tipo dos outros, de modo que a linha de questionamento que desenvolvi se inclina para o que é único a cada um dos nove pontos e não para a forma como se assemelham.

É importante acentuar as diferenças entre as pessoas porque grande parte do sofrimento que sentimos em nossos relacionamentos com os outros é causada por nossa cegueira para os pontos de vista alheios. Não percebemos a realidade em que as pessoas próximas de nós vivem suas vidas.

Por exemplo, é preciso muito esforço para que um casal romanticamente envolvido compreenda as premissas de cada parceiro em relação ao amor. Se um deles for um Nove (o Mediador) e o outro um Oito (o Patrão), como saberá o Nove que o caminho para o amor e para a confiança atravessa uma série de confrontações cara a cara? E como saberá o Oito que o parceiro Nove ignorará ordens diretas, recusando-se obstinadamente a agir sob pressão, mas podendo facilmente ser eliciado pelas necessidades alheias?

As limitações na Categorização de Pessoas

Um dos problemas do Eneagrama é ser muito bom. É um dos poucos sistemas que se preocupam com o comportamento normal e o funcionalmente elevado mais do que com a patologia, a condensa uma grande quantidade de sabedoria psicológica num modelo compacto, relativamente fácil de compreender. Se você for capaz de determinar seu próprio tipo e o das pessoas importantes em sua vida, imediatamente será posta à sua disposição muita informação sobre como será provavelmente seu relacionamento com outra pessoa. Há, portanto, em nós uma tendência natural de nos querer colocar mutuamente num dos nove compartimentos, de modo que cada um de nós possa imaginar o que o outro está pensando e prever as formas como o outro provavelmente vai se comportar. Queremo-nos mutuamente dentro de um compartimento, porque isso diminui a tensão de ter de viver com o mistério do desconhecido e porque, no Ocidente, temos o hábito de reduzir informações a categorias fixas, a fim de tentar fazer previsões do tipo causa-e-efeito.

O Eneagrama, porém, não é um sistema fixo. É um modelo de linhas interligadas que indicam um movimento dinâmico, no qual, embora nos identifiquemos mais intensamente com as questões de nosso tipo, temos os potenciais de todos os nove tipos ou pontos. A estrutura da estrela de nove pontas e das linhas de conexão indica também que cada tipo possui a versatilidade de se mover entre os pontos. Os nove pontos se correlacionam bem com a tipologia psicológica atual,¹ e as linhas de ligação indicam relações específicas entre os diversos tipos que só agora começam a ser examinadas na literatura psicológica atual.

¹ Diagnostic and Statistical Manual (Third Edition-Revised) (Manual de Diagnóstico e Estatístico - 3ª edição - revista) (Washington, DC: American Psychiatric Association, 1987). Esta ordenação detalhada dos distúrbios da função mental é uma referência padrão para o profissional de saúde. É usada no âmbito nacional nos Estados Unidos para fins de seguro-saúde.

As linhas de conexão também predizem os meios em que cada ponto ou tipo provavelmente vai alterar seu comportamento usual quando posto sob tensão ou numa situação de vida segura; de modo que cada ponto é, na verdade, uma combinação de três aspectos principais: um aspecto dominante, que identifica a visão de mundo do tipo, e dos aspectos complementares, que descrevem o comportamento numa condição de segurança e de tensão.

Além do fato de nos alterarmos radicalmente quando sob tensão ou quando seguros, cada um de nós varia no grau de identificação com as questões que definem nosso tipo. Há dias em que nos envolvemos tanto com as preocupações subjacentes a nosso "compartimento" específico, que não somos capazes de nos concentrar em nada mais. Quando a atenção se fixa em determinado conjunto de preocupações que definem nosso tipo, achamo-nos, definitivamente, num compartimento. Não estamos livres. Quando não somos capazes de desviar a atenção de uma preocupação recorrente, quando perdemos a capacidade de observar nosso próprio comportamento de modo imparcial, ficamos então sob o controle de nossos próprios hábitos e perdemos a liberdade de escolha.

Contudo, nem sempre estamos sob o domínio de nossa personalidade. Somos muitas vezes capazes de desviar a atenção para ver a situação de um ângulo diferente. Em termos do modelo do Eneagrama, estamos em ascensão no espectro evolucionário, quando somos capazes de nos libertar dos hábitos que limitam nosso ponto de vista a de expandir nossa consciência para além das preocupações que definem nosso tipo.

O ato de tipificar pode instituir o gênero infeliz da profecia que se confirma. Podemos aprender a determinar o tipo das pessoas a começamos então a tratar os outros como combinações caricaturais de uma lista de características de tipo, o que de modo muito efetivo reforça o tipo. Somos todos moldados pela forma como somos tratados a tendemos a acreditar na leitura que os outros fazem de nós. O mais das vezes, passamos a nos ver da maneira como somos vistos pelos outros e a assumir as características daquilo que fomos treinados para ser.

É por isso que digo que o problema do Eneagrama é ser muito bom. É relativamente fácil determinar o tipo, desde que você saiba o que está procurando, sobretudo se você é capaz de empatizar com o ponto de vista de outro tipo. O sistema é tão bom, que tenho visto pessoas dando a entender que são mediúnicas, só porque são capazes de determinar o tipo com rapidez a exatidão a porque sabem, em consequência, revelar uma enorme quantidade de informações detalhadas sobre alguém que tenham acabado de conhecer. Com um sistema bom e uma atitude errada a respeito da tipificação, podemos nos esquecer de que o objetivo de conhecer o tipo de personalidade é aprender a pô-lo de lado, a fim de prosseguir o trabalho efetivo de incorporar uma consciência superior. Uma abordagem mesquinha da tipificação reduz o valor e o objetivo de um sistema que indica ser o tipo apenas um degrau para capacidades humanas mais elevadas.

A boa nova é que determinar o tipo não funciona na prática. Não funciona, por exemplo, para um empregador formular uma lista de "contrate" a "não contrate" para trabalhos específicos. "Contrate um Quatro (o Romântico Trágico) para trabalhar numa galeria de arte" não fará sentido, se ele ou ela não entender de pinturas, mesmo que tenha um temperamento profundamente artístico. "Não contrate um Cinco (o Observador) para um emprego de muita exposição" seria um grande erro, se o Cinco estivesse empenhado em cultivar algumas características de extroversão e fosse usar todos os recursos para fazer bem o trabalho. A rotulação não servirá ao casamenteiro que deseja uma fórmula que diga ser o Sete o parceiro ideal do Três, ou que o Dois e o Quatro são amantes incompatíveis, mas podem ser bons amigos. O Dois e o Quatro

podem ter desenvolvido uma química fragrante, que não se ajuste à fórmula do número, e isso é algo além do que eles ou o casamenteiro pode esperar compreender. Tampouco funcionará para montar uma "equipe de trabalho ideal", com base no fato de Cincos darem bons estrategistas, de Três serem vendedores fantásticos e de Oitos serem formidáveis na reversão de um negócio. Rotular e compartimentalizar não funciona, porque as pessoas são muito mais versáteis a complexas do que qualquer coisa que pudesse ser talvez descrita por uma lista de traços de caráter.

Por que, então, ter tanto interesse pelo tipo? Se um conjunto preciso de rótulos não elimina os riscos inerentes à contratação de empregados ou à escolha de um parceiro, por que, afinal, nos preocupar em descobrir o tipo? A razão para descobrir seu próprio tipo é você poder formar uma relação de trabalho consigo mesmo. Você poderá contar com a experiência de seus semelhantes para orientá-lo a poderá descobrir as condições que o farão evoluir, em lugar de continuar repetindo tendências neuróticas. A razão mais importante para estudar tipos não é que você possa aprender a achar traços de caráter das outras pessoas, é que você possa minorar seu próprio sofrimento como ser humano.

A segunda razão para estudar tipos é compreender as outras pessoas como elas são para si mesmas, a não como você as vê de seu próprio ponto de vista. Compreender outras pessoas pode ajudar equipes de trabalho a ser eficientes, pode infundir magia ao romance a pode ajudar na reconciliação da família. Embora não possamos designar certos tipos para certas categorias de trabalho nem esperar que trabalhem segundo padrões estereotipados, podemos aprender a ver um projeto do ponto de vista de um colega de trabalho.

Da mesma forma, não podemos escolher parceiros a partir de uma relação de traços de caráter desejáveis nem esperar que eles não exibam as características menos desejáveis do tipo. Não podemos sequer presumir que um ou o outro parceiro não vá reagir, paradoxalmente, contra a intimidade do par, tornando-se tenso a confuso. O que podemos presumir é que, prestando atenção às formas como cada tipo se abre para o amor, podemos compreender esse ou aquele ponto de vista e mudar nossa atitude adequadamente.

Histórico

A palavra Eneagrama se origina do grego ennea, que significa "nove", a grammos, que significa "pontos". É um diagrama em forma de estrela de nove pontas, que pode ser usado para mapear o processo de qualquer evento, desde sua concepção a através de todas as fases de sua evolução no mundo material. O modelo do Eneagrama é intrínseco ao misticismo Sufi, onde é aplicado para mapear processos cosmológicos e o desabrochar da consciência humana. Em sua totalidade, o sistema é uma doutrina altamente articulada, que corresponde à Árvore da Vida da Cabala a que, de fato, se sobrepõe à Árvore de várias formas.¹ Esse paralelismo é interessante porque o Eneagrama descreve o mesmo terreno que o antigo ensinamento cabalístico; não parece, contudo, ter nenhuma história própria escrita. Não tínhamos nenhum comentário traduzido do misticismo islâmico; entretanto, o

¹ As correlações entre o Eneagrama e a Árvore da Vida da Cabala estão registradas em James Webb, "Sources of the System" (Fontes do Sistema), The Harmonious Circle (O Círculo Harmonioso) (New York: G. P. Putnam's Sons, 1980).

sistema é um exemplo da premissa mística de que a humanidade está no processo evolutivo, rumo a formas mais elevadas de consciência.¹

O que o Ocidente sabe sobre o Eneagrama se deve a George Ivanovitch Gurdjieff, mestre espiritual de enorme magnetismo pessoal, que se referia ao Eneagrama como um modelo de ensino oral Sufi, e que o usava para identificar a aptidão de seus alunos para determinados tipos de treinamento da vida psíquica. Existe farta literatura sobre o trabalho de Gurdjieff, inclusive muitas referências ao sistema, mas sem especificar como ele usava o diagrama para descobrir os potenciais das pessoas, ou que tipo de informação o Eneagrama lhe fornecia.

Os alunos de Gurdjieff trabalhavam com as propriedades matemáticas do Eneagrama, mas a maior parte do que aprendiam era transmitida através de exercícios não verbais de movimento, destinados a dar uma percepção sentida dos estádios que diferentes processos atravessam ao se iniciar e à medida que se concretizam no mundo material. Os movimentos constituem uma série impressionante de danças, que são feitas em grandes grupos. Elas são destinadas a ensinar certas características não óbvias dos processos, a saber, que o ritmo de um processo pode ser sentido através do corpo físico e que é possível identificar os momentos em que há necessidade de "choques" habilidosos, ou de novo insumo ou realimentação, a fim de manter o processo vivo e ativo.

Gurdjieff tentou inculcar em seus alunos uma percepção sentida do Eneagrama como modelo de movimento perpétuo. Fez marcar uma estrela de nove pontas no piso do salão de seu Instituto para o Desenvolvimento Harmônico do Homem. Os alunos se posicionavam nos pontos do círculo, marcados de Um a Nove, e executavam padrões de movimento elaborados, que demonstravam as diversas relações entre os pontos a ao longo das linhas internas Um-Quatro-Dois-Oito-Cinco-Sete. Há relatos de alunos que expõem sua percepção sentida dos ritmos internos e dos momentos naturais de pausa e de realinhamento de forças, produzidos pelo ato de dançar as relações entre os pontos e as linhas. Eles descrevem uma percepção corporal, que se desenvolve quando a atenção se desvia do pensamento e a pessoa fica totalmente imersa nos movimentos físicos da dança.

Não havia nada escrito sobre os Eneagramas de personalidade durante a existência de Gurdjieff, e as escolas que deram prosseguimento a seus ensinamentos tendiam a ver as preocupações da personalidade como algo a ser posto de lado, no movimento rumo a uma conscientização superior, e não como uma fonte valiosa de informações de como atingir esses estados mentais. Acatando a idéia de que nossa personalidade única representa um aspecto relativamente pouco evoluído de todo o espectro da potencialidade humana, essas escolas se concentraram em exercícios não verbais de movimento e em práticas de atenção desenvolvidas por Gurdjieff (denominadas de observação de si mesmo e lembrança de si mesmo), considerando-os uma abordagem correta da vida interior.² Essas escolas provavelmente tiveram a confirmação de tal idéia na insistência por parte dos primeiros mestres de que o sistema Sufi de personalidade só poderia ser aplicado com êxito por "um homem que saiba".

¹ O Webster (dicionário) define consciência (consciousness) como uma percepção (awareness) de que algo estava, ou está acontecendo ou existindo. O Sistema do Eneagrama implica a existência de diferentes ordens de consciência, nas quais se pode ter a percepção de eventos não históricos e não presentes. A obra clássica sobre a definição de estados de consciência é Charles Tart, *States of Consciousness* (Estados de Consciência) (El Cerrito, CA: Psychological Processes, 1983), originalmente publicado em 1975. Pode-se encontrar outro bom tratamento dos níveis da consciência a partir do ponto de vista de Gurdjieff em Charles Tart, *Waking Up* (Despertando) (Boston: Shambhala, 1986).

² As práticas de observação de si mesmo e de lembrança de si mesmo estão descritas em Charles Tart, *Waking Up* (Boston: Shambhala, 1986).

"O conhecimento do Eneagrama por muito tempo foi mantido em segredo e, se agora é, por assim dizer, posto à disposição de todos, o é apenas numa forma incompleta a teórica, da qual ninguém poderia fazer nenhum uso prático sem a instrução de um homem que saiba".¹

Naturalmente, é possível que essas escolas não tenham tido acesso à disposição exata dos nove tipos de personalidade no diagrama do Eneagrama, ou que, na época, a situação da arte da diagnose psicológica não estivesse em sincronia com o que os diagramas sugeriam. Contudo, as formas pelas quais Gurdjieff se referia ao sistema, a suas respostas a perguntas, diretas sobre a relação do Eneagrama com o tipo de caráter indicam que ele retinha informações para si mesmo por acreditar que seus alunos simplesmente não estavam em condição de compreendê-las.

Aparentemente, Gurdjieff estava convencido de que seus contemporâneos não estavam preparados para identificar corretamente seus próprios padrões internos. Embora os alunos trabalhassem com a prática da observação de si mesmo, a teoria de Freud sobre o inconsciente mal ganhava forma na Europa da época, e os alunos nada tinham da sofisticação psicológica que hoje aceitamos como certa. O conceito de que, em geral, estamos "adormecidos" para nossas próprias motivações e de que nossas percepções são distorcidas por defesas psicológicas, foi um insight formidável para os alunos. Embora trabalhassem com diligência nas práticas, o faziam na fé cega de que o mestre pudesse iniciá-los em alguma coisa, pois tinham pouca compreensão psicológica própria.

O Observador Interno

A observação de si mesmo é uma prática fundamental da vida interior, presente em diversas disciplinas tradicionais. A prática consiste em concentrar a atenção internamente e aprender a perceber os pensamentos a outros "objetos de atenção"² que surgem dentro de você mesmo. Há várias maneiras de iniciar essa prática, mas a experiência inicial é sempre a de identificar seus próprios padrões mecânicos ou habituais a reconhecer a tenacidade com que certas preocupações recorrem à sua mente. O fato de você poder observar seus próprios hábitos no pensar e no sentir e poder falar deles, tudo isso do ponto de vista de alguém imparcial e exterior a você, ajuda a tornar esses hábitos menos compulsivos e automáticos. Pensamentos começam a parecer "separados de meu eu", em lugar de "aquilo que eu realmente sou".

Se a prática de observar pensamentos e sentimentos é continuada, suas próprias preocupações começam a parecer alheias e ligeiramente irritantes. Quando a atenção se desloca para a posição do observador interno, os pensamentos começam a parecer "aquilo que eu penso", em vez de "meu eu real", porque há, então, uma parte de sua própria consciência que permanece suficientemente afastada para assistir à passagem do fluxo dos pensamentos. Quando a atenção se organiza num eu observador à parte, você tem condição de ser mais objetivo em relação a quem você é de fato; e, com a prática, o observador, mais do que quaisquer pensamentos ou sentimentos específicos que você possa ter, começa a parecer seu eu real.

¹ P. D. Ouspensky, *In Search of the Miraculous* (Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, Inc., 1949), 294. Existe uma tradução para o português: *Fragmentos de um Ensino Desconhecido em busca do milagroso-Pensamento*, Coleção Ganesha (Nota do revisor)

² Os objetos normais da atenção na consciência comum são sensações físicas, emoções e pensamentos, lembranças, planos e fantasias (também chamadas de imagens dirigidas ou devaneios).

Naturalmente, assim que sua atenção retorna novamente para o pensamento, a sensação de uma consciência separada, imparcial, se dissolve, e é provável que você perca toda a objetividade e volte ao "automático".

De certa forma, toda psicoterapia bem-sucedida depende da capacidade de remover a atenção de hábitos e considerá-los do ponto de vista de um elemento exterior neutro. A cuidadosa observação de si mesmo é vital na identificação de seu próprio tipo de personalidade, porque você precisará conhecer seus próprios hábitos emocionais e mentais, a fim de se reconhecer nas histórias de seus similares.

Embora Gurdjieff não acreditasse que seus alunos fossem capazes de compreender o significado do próprio tipo no Eneagrama, fez muito para evocar a identificação do caráter. Dois de seus métodos mais citados eram "pisar os calos favoritos das pessoas" e "brindar aos idiotas". Gurdjieff era um Oito no Eneagrama, o ponto do Patrão, e, fiel a seu tipo, seu método de ensino era sintonizar as áreas mais sensíveis do caráter de um aluno a fazer pressão até obter uma resposta defensiva.

"Para mim, o método de pressionar o calo mais sensível acabou se transformando num trabalho miraculoso. Afetava tanto cada pessoa que me encontrava, que ela mesma, sem nenhum esforço de minha parte, como que com grande satisfação e total presteza, tirava a máscara que lhe tinha sido apresentada, com grande solenidade, por papai a mamãe; e, graças a isso, imediatamente adquiri uma possibilidade natural, sem precedentes, de deleitar os olhos, sem pressa e com tranquilidade, com o que houvesse no mundo interior daquela pessoa".¹

Os brindes eram outra forma de apresentar aos alunos o conceito de tipo. Àqueles que jantavam com Gurdjieff era pedido que bebessem uma boa quantidade de álcool, numa série de brindes a várias classificações de pessoas. Cada novo candidato seria solicitado a selecionar a categoria a que ele ou ela mais parecia pertencer e, então, receberia um brinde, como esse tipo de idiota.

"Ele usa essa palavra (idiota), mas em seu sentido original e não no sentido adquirido. É, na verdade, outro termo para tipo. Há um número de brindes a ser feito no curso de uma refeição, e a regra normal é um copo de conhaque, ou de vodka, a cada três brindes. As mulheres podem fazer seis brindes por copo; a pode haver até vinte e cinco brindes por noite.

Ora, ele é russo, e os russos sempre bebem muita vodka. Mas há outra razão bem mais importante que obriga todos os convidados de G. a beber... Muitas pessoas passam pelas mãos dele, e ele é obrigado a vê-las o mais rápido possível. Ora, a gente sabe que o álcool abre o homem completamente, de forma que se revela aquilo que até então, ele tinha mantido oculto. É o que os árabes querem dizer com o ditado: o álcool torna o homem mais homem."²

Durante os brindes, Gurdjieff muitas vezes indicava traços de temperamentos que via em cada um dos idiotas. Às vezes, esse traço era denominado, às vezes, demonstrado.

"Você é um peru" - disse a alguém na primeira noite. 'Um peru fingindo ser pavão.' Alguns movimentos magistrais da cabeça de G, um ou dois sons guturais, e eis que à mesa surgia um arrogante Peru se exibindo diante de uma fêmea. Pouco depois, um animal bem maior se materializava diante de nossos olhos. 'Por que você olha pra mim como um touro olha para outro touro?' perguntou a outra pessoa. E, com uma ligeira mudança na expressão dos olhos, no porte da cabeça e na curva da boca, se apresentava, para nossa inspeção, um touro provocador."³

¹ G. I. Gurdjieff, *Life is Real Only Then, When "I am"* (A Vida é Real Apenas Quando "Eu Sou") (Nova Iorque: E. P. Dutton, 1975), 51.

² Kenneth Walker, *Venture with Ideas* (Aventurando-se com Idéias) (Nova Iorque: Pellegrini and Cudahy, 1952), 152.

³ Kenneth Walker, *Venture with Ideas: Meetings with Gurdjieff and Ouspensky* (Encontros com Gurdjieff e Ouspensky) (Nova Iorque: Pellegrini & Cudahy, 1952), 183.

Mesmo com tanta evocação e com tantos ruidosos insultos, a definição do tipo de caráter permanecia obscura. Será que Gurdjieff não possuía a perícia psicológica para trabalhar satisfatoriamente com questões da personalidade? Ou será que, igual a muitos de nossos mestres da vida interior contemporâneos, não tinha paciência de revolver a história pessoal, preferindo, em vez disso, passar para a tarefa de colocar de lado a personalidade?

Amortecedores Psicológicos

O principal obstáculo na identificação do próprio tipo é a presença daquilo que Gurdjieff chamava de amortecedores. Ele acreditava que ocultamos de nós mesmos os traços negativos de nosso caráter, através de um elaborado sistema de amortecedores internos ou de mecanismos psicológicos de defesa, que nos cegam para as forças que agem dentro de nossa própria personalidade. Dado o fato de que Freud estava desbravando o conceito de mecanismos inconscientes de defesa, aproximadamente na mesma época em que os alunos de Gurdjieff aprendiam os métodos da observação de si mesmo, a tentativa de ensinar às pessoas a observar seus próprios amortecedores, em lugar de investigar o inconsciente com a ajuda de um analista, era uma abordagem radical da vida interior. Hoje em dia, temos uma consciência maior do fato de que dependemos de defesas psicológicas para manter nosso senso do eu. Os principais mecanismos de defesa relacionados aos tipos de Eneagrama, do Um ao Nove, são respectivamente: formação reacional, repressão, identificação, introjeção, isolamento, projeção, racionalização, negação a narcotização.

Os alunos de Gurdjieff eram psicologicamente ingênuos e não tinham familiaridade com esses termos e, não obstante, eram solicitados a buscar internamente seus próprios sistemas inconscientes de defesa.

"Sabemos o que são amortecedores nos vagões dos trens. São os dispositivos que reduzem o choque, quando os vagões ou truques batem entre si. Se não houvesse amortecedores, o choque de um vagão contra outro seria muito desconfortável e perigoso. Os amortecedores suavizam os efeitos desses choques, tornando-os imperceptíveis. Podem-se encontrar exatamente os mesmos dispositivos no homem. Não são criados pela natureza, mas pelo próprio homem, embora involuntariamente. A causa de seu aparecimento é a existência de muitas contradições no homem: contradições de opiniões, de sentimentos, de simpatias, de palavras e de ações.

*Se um homem devesse sentir todas as contradições que existem dentro dele, sofreria constante atrito, constante inquietação. Se devesse sentir todas essas contradições, se acharia um louco. Um homem não pode destruir as contradições, mas, se nele forem criados 'amortecedores', não sentirá o impacto do conflito entre pontos de vista contraditórios, emoções contraditórias, palavras contraditórias."*¹

Gurdjieff prossegue dizendo que, embora os amortecedores facilitem a vida, também reduzem o atrito dentro do sistema, atrito este capaz de fazer as pessoas crescer. Com o auxílio dos amortecedores, somos embalados numa espécie de sono, em que tendemos a nos comportar mecanicamente. Amortecidos e adormecidos, somos incapazes de observar quem somos de fato e de que modo nossas percepções do mundo real são distorcidas pelo ponto de vista de nosso tipo.

Ouspensky, autor prolífico sobre o tema do desenvolvimento interior do ponto de vista de Gurdjieff, também mencionava os amortecedores como forma de reduzir o atrito entre panes inconsistentes do eu. Sugeria que seus alunos ficassem à espreita de amortecedores, que poderiam ser reconhecidos, se concentrassem a atenção nas questões de suas vidas que os fizessem se sentir na defensiva.

¹ Ouspensky, In Search of the Miraculous, 155.

"Um homem com amortecedores muito fortes não vê nenhuma necessidade de se justificar, porque quase não tem consciência das inconsistências dentro de si mesmo, aceitando-se inteiramente satisfatório tal como é.

*Porém, quando nosso trabalho sobre nós mesmos começa a revelar algumas de nossas inconsistências, sabemos então que um amortecedor está colocado entre elas e, observando-nos a nós mesmos, pouco a pouco tomamos consciência daquilo que está em ambos os lados do amortecedor. Por isso, esteja alerta às contradições internas, a elas levarão você à descoberta dos amortecedores. Preste atenção especial a qualquer matéria à qual você seja sensível. Talvez você tenha se atribuído alguma boa característica, e esta será uma das idéias ao lado do amortecedor, mas, até agora, você não viu claramente a contradição que está do outro lado dele. Apesar de tudo, você se sente pouco à vontade com essa boa característica, e isso pode indicar que você está próximo de um amortecedor."*¹

A idéia de que somos cegos para muita coisa em nosso caráter básico é comumente aceita em nossos dias. O desmascaramento de pontos cegos, de mecanismos de defesa e da dissonância cognitiva dentro da estrutura de nosso próprio caráter é uma questão vital para qualquer um que queira levar uma vida psicologicamente madura. E uma tarefa duplamente vital para quem busca se tornar aquilo que Gurdjieff denominava um ser humano real. A razão por que esses que buscam, devem ter precaução especial com os amortecedores é que os mecanismos inconscientes de defesa são desvios muito específicos da atenção que nos fazem ver a realidade de maneira distorcida.

"Havia outra razão para, primeiro, observar a personalidade e, depois, torná-la menos arrogante e menos ativa. E através dos espelhos deturpadores de nossa personalidade que vemos sempre todas as coisas, não da maneira como são, mas como nos parecem. Nada é visto com clareza e objetividade, mas sempre através de uma névoa que se interpõe entre gostos e aversões, predileções e preconceitos, obsessões e idiossincrasias. Como podemos esperar, um dia, ver as coisas e as pessoas tais como são, a não ser que nos livremos dessa cota de erro pessoal? De fato, como podemos adquirir mais algum conhecimento, sobretudo esse tipo de conhecimento recebido através da intuição ou da percepção direta a sem a interferência do intelecto, a menos que a personalidade possa ser tirada do caminho? A intuição de um homem controlado por sua personalidade é apenas uma manifestação de seus preconceitos e tendências, nada mais do que isso."²

A Personalidade Adquirida

A palavra personalidade é equivalente a *eu* no uso cotidiano. Na terminologia espiritual, a personalidade é também chamada de ego, ou às vezes, de falsa personalidade, termos que simplesmente distinguem aquilo que Gurdjieff chamava de natureza essencial e a personalidade adquirida no curso de nossa vida.³

A idéia de que cada um de nós possui uma natureza essencial, qualitativamente distinta de nossa personalidade adquirida, é básica para a psicologia sagrada. A essência tem sido descrita como aquilo que é "da própria pessoa", os potenciais com que nascemos, e não aquilo que adquirimos através de nossa educação, idéias a

¹ Kenneth Walker, Gurdjieff, A Study of His Teaching (Gurdjieff, Um Estudo de sua Doutrina) (Londres: Unwin Paperbacks, 1979), 96.

² Walker, Venture with Ideas, 114.

³ Ver nota 1 do capítulo 1. Deve-se acrescentar que as práticas que desenvolvem a lembrança das características da essência podem ter um efeito desintegrador na personalidade. Por isso é importante cuidar para que a personalidade continue alinhada ao acesso emergente da essência. Essa função de integração é mais bem tratada através de uma terapia adequada.

crenças. Em nossa essência, somos como crianças pequenas: não há nenhum conflito entre nossos pensamentos, emoções ou instintos. Agimos corretamente e sem hesitação para manter o bem-estar que decorre de uma confiança indefensa no ambiente e nas outras pessoas. Como adultos, estamos cientes de que possuímos algum tipo de potencial inconsciente salutar, porque, de tempos em tempos, nos conscientizamos de um estado de reconciliação com o ambiente, no qual nosso conhecimento se faz pela intuição, ou no qual agimos de forma altamente eficaz. Nesses momentos, sabemos sem saber como sabemos, nosso corpo age, antes que saibamos o que pretendemos fazer, e nos ouvimos dizer uma verdade inesperada, antes que saibamos o que vamos dizer.

A hipótese de que a faculdade de nos relacionar intuitivamente com o mundo deriva de uma natureza essencial com a qual nascemos, permanece intrinsecamente indemonstrável. No entanto, as tradições que nos legaram metodologias para alcançar os potenciais humanos superiores, tendem a concordar que assim seja; e elas, em geral, opõem personalidade e essência no espectro do desenvolvimento humano.¹

O legado desses métodos indica meios específicos pelos quais a energia física e a atenção interior podem ser estabilizados, cada um dos quais pode nos levar a sentir um aspecto da conexão de nossa essência com o ambiente e com outras pessoas. Aquilo que sentimos e percebemos através da essência é total, no sentido de que substitui a consciência de "meu eu". Não há nenhuma consciência de "meus pensamentos pessoais" nem de "meus sentimentos individuais" durante uma experiência com a essência, de modo que, nesse sentido, deixamos para trás a personalidade adulta e reentramos no estado mental da criança, antes da aquisição de uma personalidade.

A estrela de nove pontas do Eneagrama indica que existem nove aspectos principais do ser essencial e que cada um deles pode ser abordado de maneira ligeiramente diferente. A busca de um aspecto específico da essência é motivada pelo fato de você sofrer com a falta dele. Por exemplo, se você for uma pessoa cronicamente medrosa, então terá sofrido a perda da confiança essencial da criança no ambiente a nos outros; portanto, a busca da coragem será uma motivação em sua vida.

Percebemos que algo de essencial está em falta em nossa natureza, naquelas ocasiões em que nos queixamos com nós mesmos de que estamos "no automático", em que a vida se tornou tão mecânica que estamos alienados de nós mesmos. "Estou farto de meus hábitos", "Quero começar vida nova" são declarações indicadoras de que nosso próprio comportamento mecânico nos afasta daquilo que potencialmente é nosso.

A percepção de que estamos agindo por força do hábito indica também a presença de um observador interno. Considere a diferença entre as afirmações "A vida é chata" a "Estou chateado de mim mesmo". A mesma diferença no posicionamento da atenção é indicada em declarações tais como "Estava com tanta raiva, que me esqueci do que estava fazendo" e "Eu me vi ficando furioso com ela". A primeira indica

¹ A. H. Almaas traça boas distinções entre as formas de consolidar o relacionamento entre a personalidade e a essência. Em *Essence, The Diamond Approach to Inner Realization* (York Beach, ME: Samuel Weiser, Inc., 1986), 78, ele afirma:

"Alguns desses sistemas baseiam seu método no contraste entre essência e personalidade, e o trabalho é então libertar a essência como um todo da personalidade como um todo... Alguns sistemas não prestam atenção alguma à essência; olham a personalidade, vêem-na como a barreira para a liberdade e como a causa do sofrimento, e trabalham na dissolução de sua estreiteza... Alguns sistemas se baseiam apenas num único aspecto da essência, que é enfatizado e visto como a verdade objetiva ou única realidade, ignorando outros aspectos.

que os sentimentos de raiva substituíram a capacidade de se observar, ao passo que a segunda indica a existência de uma consciência que permanece destacada.

A alienação "que sinto de mim mesmo" é muitas vezes acompanhada por um desejo de "me encontrar a mim mesmo", de descobrir "meu verdadeiro eu", o que pode significar o desejo de despertar ou ativar a conexão com aquilo que é próprio da pessoa. A característica dessa busca é diferente do desejo de regressar à segurança da infância, ou até mesmo do desejo de ser acariciado por um parceiro. A busca é motivada pela fome de algo além da vida ordinária e muitas vezes é expressa nomeando-se aspectos particulares da essência humana. "Quero aprender a amar as outras pessoas", ou "Quero reduzir meus apegos", ou ainda "Quero achar coragem para agir". É como se determinado aspecto de nós mesmos se danifique no início da vida, e essa perda então nos ajuda a enfocar nossa busca. A busca daquilo que está em falta, nos revigora e reanima nossa vida. Sentimo-nos neuróticos e então vamos fazer terapia; sofremos e então aprendemos a meditar.

A personalidade se desenvolve porque temos de sobreviver no mundo físico. Instaura-se uma contradição entre a confiança essencial da criança no ambiente e a realidade familiar, que deve ser obedecida. Do ponto de vista de uma psicologia que inclua um conceito de essência, a personalidade se desenvolve com o intuito de proteger a defender a essência dos males e das injúrias no mundo material. O que isso significa é que um aspecto específico da conexão indefensa da criança com o ambiente está sob ameaça, e, assim, a criança deve se proteger de qualquer mal futuro. Formar defesas para proteger um aspecto da essência humana ameaçado poderia ser denominado a perda da conexão essencial, ou a queda do estado de graça.

Da perspectiva da psicologia genética ou do desenvolvimento, essa conexão essencial poderia ser descrita como o período de vida em que a criança pequena se relaciona com a mãe e com o ambiente de modo altamente sensorial, mas indiferenciado. Crianças pequenas não sabem a diferença entre si mesmas e os outros e não têm limites nem defesas próprias. À medida que as crianças crescem, têm de desenvolver um eu separado, adaptado à tensão do começo da vida em família; a psicologia ocidental, porém, não atribui nenhum aspecto particular de consciência a essa conexão primordial e indiscriminada nem enfatiza a importância de nos reconectarmos a essas percepções originais.

Seja qual for o ponto de vista, amadurecemos com uma combinação ímpar de talentos, interesses e defesas, que tornam cada um de nós único. Por fim, a mobilidade de nossa atenção se restringe às preocupações que adquirimos; e, com esse deslocamento da atenção, a conexão da essência com o ambiente e com os outros é esquecida e relegada à vida inconsciente.

O substituto da conexão com a essência é aquilo que a tradição espiritual denominaria de falsa personalidade, um conjunto de idéias e de crenças que obtivemos imitando nossos pais, aceitando nossas perdas e aprendendo a fingir. Como adultos, no entanto, retemos ainda alguma conexão com a memória de nossa essência, conexão esta que recordamos em expressões como "Quando eu era feliz", "Quando eu não tinha medo de nada", "Quando eu tinha o coração aberto para o amor". Além disso, sabemos que as percepções de nossa essência ainda existem no inconsciente, porque, como adultos, ocasionalmente, nos conscientizamos delas em momentos quando estamos "fora de nós mesmos", ou em momentos de extrema necessidade.

Depois que a atenção se desviou de sua conexão interna com a essência, perdemos o que era nosso e ficamos, por assim dizer, pasmados, olhando o mundo material, onde a satisfação vai e vem e onde raras vezes nos sentimos totalmente em segurança e em paz. Nossa sobrevivência depende da criação de um conjunto

eficiente de limites a defesas, o que é naturalmente incompatível com o viver a vida em harmonia indefensa e altamente sensorial com o ambiente e com outras pessoas.

Se, porém, os medos e os desejos de nossa personalidade adquirida começam a fraquejar e a parecer "aquilo que eu sinto" mais do que "aquilo que sou realmente", então o anseio de "encontrar meu eu real" é despertado, como se fosse um chamado de voltar para casa. Reaprender nossas conexões originais com o ambiente e com outras pessoas pode ser considerado como um caminho de volta para casa, e esse caminho implica a integração entre uma personalidade madura e capacidade de vivenciar deliberadamente os diferentes aspectos da essência. A esperança é que os talentos e as habilidades do adulto maduro possam se tornar o veículo através do qual as capacidades da essência sejam usadas para o bem comum.

Há um ditado Sufi que se aplica à relação entre a personalidade e a essência. Diz: "Tornar-se aquilo que você era antes de ser, com a lembrança e a compreensão daquilo que você veio a ser."¹

Traço Principal

A descoberta de nosso tipo pode ser um grande choque, porque, simultaneamente com a descoberta, vem a consciência de quanto o tipo reduz nossas opções e nos restringe a um ponto de vista limitado. Pode ser espantoso descobrir que percebemos a realidade tom seus 360 graus num ângulo muito limitado e que a maior parte de nossas decisões e interesses se baseiam mais em hábitos altamente sofisticados do que num verdadeiro livre arbítrio. Gurdjieff dizia que o tipo se organizava em torno de um Traço Principal de caráter.

"Quem está perto de um homem, vê seu Traço Principal, por mais oculto que ele esteja. É lógico que nem sempre sabe defini-lo. Às vezes, porém, suas definições são muito boas e muito próximas. Por exemplo: 'Fulano (G. nomeou um de nosso grupo), seu traço é que ele nunca está em casa...'

A outro de nosso grupo disse, a respeito do traço, que o dele era que ele não existia absolutamente. 'Entenda, eu não vejo você' disse G. 'Isso não quer dizer que você seja sempre assim. Mas, quando está como agora, você não existe de modo algum.'

Disse a outro que seu Traço Principal era a tendência a sempre discutir com todo o mundo, a respeito de tudo. 'Mas eu nunca discuto' respondeu o homem de imediato, com veemência. Ninguém conseguiu prender o riso."²

Em escolas esotéricas, a questão do tipo era revelada pouco a pouco a com cuidado. A idéia era apresentar o conceito de que não somos livres, da maneira mais construtiva possível e à luz do fato de que as preocupações do tipo são aliados em potencial de nossos esforços em recuperar nossa essência. Por exemplo, se você observa que uma de suas características é se sobrecarregar de coisas que fazer e que, por isso, não consegue dar início à tarefa mais essencial em sua vida (ponto Nove - preguiça), então prestar atenção às suas prioridades e ao chamado da ação correta serão seus aliados naturais. Para Nove, a preguiça foi uma boa amiga a protetora contra a dor de ter de assumir uma posição pessoal, porque Nove se convenceram de que sua posição será de qualquer modo desconsiderada.

Se você é um Nove, então o fato de que você fica completamente dominado por projetos secundários e o fato de que você tem muita dificuldade em dizer Não serão lembretes constantes e fiéis de que você se esquece de prestar atenção às suas necessidades essenciais. Se você é capaz de perceber o momento em que seus

¹ Jan Cox, Dialogues of Gurdjieff (Diálogos de Gurdjieff): Vol 1 (Stone Mountain, GA: Chan Shal Imi Society Press, 1976), 169.

² Ouspensky, In Search of the Miraculous, 267.

hábitos começam a assumir o controle, então saberá exatamente quando desviar a atenção de uma ocupação secundária e voltar às suas próprias prioridades.

Do mesmo modo, se você descobrir que é um Sete no Eneagrama e que sua vida é governada pelo desejo de manter abertas múltiplas opções para não perder nenhuma aventura excitante (ponto Sete - gula), então dominar a capacidade de se concentrar numa coisa de cada vez poderia ser um grande alívio. Se você é um Sete, tratar a vida como se ela tivesse múltiplas opções, levará você a crer que você não é limitado e que exerce diariamente o livre arbítrio. Essa ilusão continuará até o dia em que você tentar fechar um compromisso permanente, ou tentar meditar, concentrando sua atenção num único ponto.

Então, seus aliados virão até você. Uma perfeita enxurrada de planos brilhantes. Quanto mais você regularizar a atenção, tanto mais sedutores serão seus pensamentos e planos. O conceito de consciência superior será uma opção atraente para você, até você descobrir que não consegue controlar sua própria mente. Se você, porém, é um Sete, a mente de macaco será seu mestre pessoal interior. Quando a atenção pular de um canto para o outro, você será lembrado a delicadamente trazê-la de volta à ordem.

No Ocidente, temos muita dificuldade com a idéia de que nossa personalidade seja uma limitação de nossas liberdades. No Ocidente, somos livres para viajar, livres para aprender, livres para galgar a escada do sucesso. Porém, desde que nossa atenção seja comandada pelas questões que preocupam nosso tipo, podemos até escolher o trabalho que fazemos e o estilo de roupa que usamos, mas nossa atenção será tomada pelas questões que alimentam um ponto de vista estreito.

"É muito importante, a certa altura do estudo de si mesmo, que a pessoa ache seu Traço Principal, o que significa sua fraqueza principal, como o eixo em torno do qual tudo gira. Esse Traço pode ser mostrado, mas a pessoa dirá: 'Absurdo, tudo menos isso.' As vezes, o Traço é tão óbvio, que é impossível de negar, mas, com a ajuda dos amortecedores, a pessoa pode esquecê-lo de novo. Conheci pessoas que deram nome a seu Traço Principal várias vezes, lembrando-se dele durante algum tempo. Mais tarde as reencontrei, a elas haviam se esquecido. Ou, quando elas se lembravam, tinham um rosto e, quando tinham se esquecido, tinham outro e começavam a falar como se nunca tivessem dito nada a respeito. É preciso que você mesmo chegue perto dele. Quando você mesmo o sentir, você saberá. Se apenas lhe dizem, você pode sempre esquecer."¹

Todos nós temos dificuldade em observar as nuances de nossa personalidade em funcionamento. É mais fácil que amigos vejam nossos traços de temperamento do que nós mesmos. Apelidos são muitas vezes uma indicação do Traço, uma espécie de nome em código, que serve de chave para a vida interior da pessoa.

"É sempre o mesmo motivo que move o Traço Principal. É ele que pesa. É como o movimento oblíquo no boliche, que impede a bola de ir em linha reta. É sempre o Traço Principal que nos faz sair pela tangente. Ele deriva de um ou mais dos sete pecados capitais, mas sobretudo do amor-próprio e da vaidade. Uma pessoa pode descobri-lo ao se tornar mais consciente; e sua descoberta acarreta um acréscimo de consciência."²

As Paixões

¹ P. D. Ouspensky, *A Further Record: Extracts from Meetings, 1928-1945* (Outro Depoi memo: Extratos de Encontros) (Londres: Arkana Paperbacks, 1986) 246.

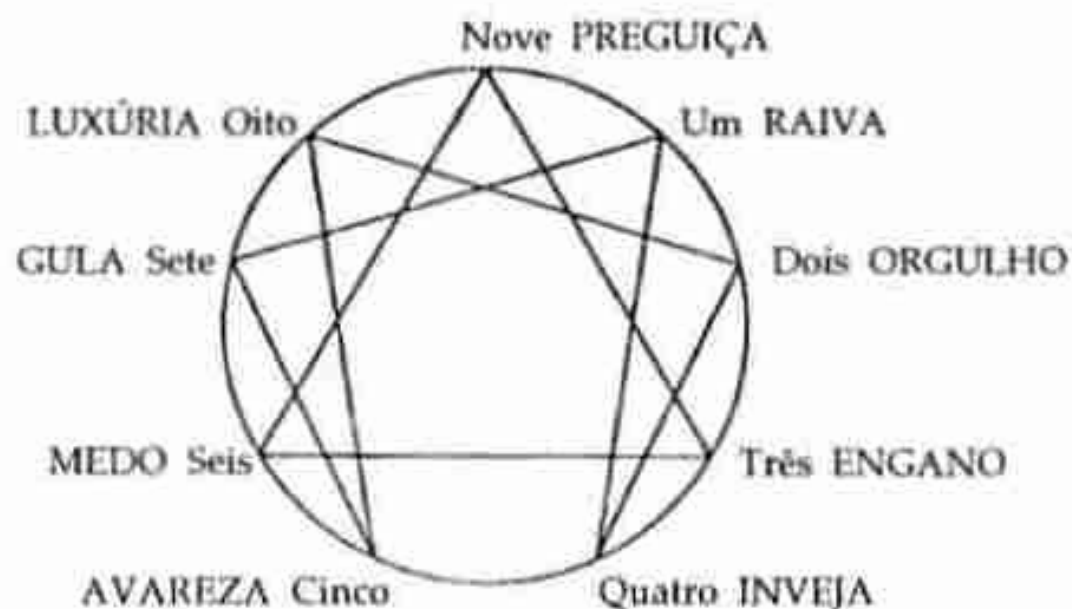
² C. S. Nott, *Journey Through This World: The Second Journal of a Pupil* (Jornada Através Deste Mundo: O Segundo Diário de um Discípulo) (Nova Iorque: Samuel Weiser, Inc., 1969), 87.

O Eneagrama identifica nove traços principais da vida emocional. Eles formam um paralelismo com os sete pecados capitais do Cristianismo, com o acréscimo do engano e do medo nos pontos Três a Seis. Esses hábitos emocionais se desenvolveram durante a queda do estado de graça para dentro do mundo material. Poderiam também ser chamados de as paixões da sombra emocional, que derivam da necessidade de lidar com o difícil começo da vida em família.

Se a criança se desenvolve bem, então as paixões são ligeiramente consumidas, apresentando-se como meras tendências. Mas, se a situação psicológica é severa, então uma das questões da sombra emocional se torna uma preocupação obsessiva; a capacidade para a observação de si mesmo se enfraquece e não conseguimos nos deslocar para outras coisas.

A esperança é que, ao darmos nome ao nosso Traço Principal, possamos aprender a observar as inúmeras formas, pelas quais esse hábito ganhou o controle de nossa vida. Então, esse desvio neurótico de nossa atenção pode ser recrutado como um aliado, cuja presença nos faz sofrer e lembrar aquilo que perdemos. O Traço Principal é um hábito neurótico que se desenvolveu durante a infância. É também um mestre pessoal, um fator de lembrança, que tem uma presença constante na privacidade de nossa vida interior.

AS PAIXÕES



Do capítulo de autoria de John Lilly e Joseph Hart, *The Arica Training* (O Treinamento de Arica); *Transpersonal Psychology*, (Psicologias Transpessoais), edição de Charles Tart, Harper & Row, 1975, reimpresso por *Psychological Processes, Inc* 1983.

2. Atenção, Intuição e Tipo

Atenção e Tipo

Uma vez formada a personalidade, a atenção fica imersa nas preocupações que caracterizam nosso tipo. Perdemos a capacidade essencial, própria da criança, de reagir ao mundo tal como ele é e começamos a nos tornar seletivamente sensíveis à informação que alimenta a visão de mundo de nosso tipo. Vemos o que precisamos ver a fim de sobreviver e nos esquecemos do resto.

Por exemplo, se você e eu entrássemos numa sala cheia de estranhos, seu hábito talvez fosse o de buscar aprovação; ao passo que, se o meu fosse o de ter medo, eu procuraria razões para ir embora. O que é importante para você sentir segurança teria de ser apontado para mim, porque eu estaria preocupada com outra coisa. Mas o fato é que nenhum de nós dois estaria em sua essência. Estaríamos tornados pesos pensamentos e pelas emoções características de nossos tipos e não estaríamos naquela posição fora de nós mesmos, ou seja, o sugar que atingimos durante as experiências culminantes de nossa vida. Nem estaríamos vendo objetivamente o desenrolar dos eventos naquela sala, porque nossa atenção teria se estreitado para colher a informação específica ao nosso ponto de vista.

Para estender o exemplo, se vamos juntos a uma festa, você em busca de atenção e aprovação, e eu, tendo de superar meu medo, bem que poderíamos estar indo a festas em planetas diferentes. No final da noite, teríamos escolhido diferentes estranhos com quem conversar, teríamos tido conversas radicalmente distintas, teríamos nos apresentado diferentemente e guardado no bolso diferentes números de telefone, antes de deixar o recinto. Se mais tarde resolvêssemos comparar anotações, descobriríamos ter extraído conclusões distintas a partir da mesma conversa e ter acreditado ver intenções distintas no rosto do mesmo estranho.

Exagerei esse quadro para enfatizar que você e eu tendemos a focalizar a atenção em aspectos diferentes de uma mesma cena e para reafirmar que nenhum de nós vê a perspectiva total de possibilidades, em seus 360 graus. Não vemos a mesma realidade, porque estamos cegos para aquilo que não atrai nossa atenção e porque tendemos a focalizar a informação importante para nosso tipo.

É fácil dar nome às preocupações de um tipo. Este livro está repleto de auto-descrições feitas por aguçados observadores de si mesmos que foram suficientemente generosos para descrever seus hábitos emocionais a suas preocupações mentais. Eles dão nome às questões para as quais sua atenção é atraída, mas, mais importante ainda para que aprendamos a desviar a atenção de nossos hábitos, nos dizem também como prestam atenção às questões que governam suas vidas.

Não é surpreendente que exímios observadores de si mesmos, muitos dos quais praticam meditação a sério há muitos anos, sejam capazes de nos contar como focalizam a atenção nas questões que preocupam suas mentes. Observação e atenção fazem parte da linguagem do meditador: Você está consciente de quê? Você está presente ou disperso? Observe o objeto ao qual você está prestando atenção. Note para onde vai sua atenção.¹ Uma vez se desenvolva um observador interno estável dentro de nós, é fácil reconhecer as diferenças entre os objetos mentais e emocionais que cruzam o espaço interior. Temo, contudo, que tenhamos nos preocupado tanto em dar nome àquilo que atrai nossa atenção, que deixamos de observar como se organiza nossa atenção, ao percebermos a informação que

¹ Ver Nota 7 do capítulo 1.

interessa ao nosso tipo.¹ Estamos alerta para nossas questões, mas não para as formas como colhemos as informações que alimentam essas preocupações psicológicas.

Para ampliar nossa comparação entre os tipos ou pontos, aquele que busca afeição e aprovação (ponto Dois - orgulho) e aquele que tem medo (ponto Seis - medo), poderíamos perguntar aos Dois o que lhes ocorre quando querem a aprovação de alguém e aos Seis o que lhes ocorre quando ficam com medo. É provável que observadores de si mesmos inexperientes respondam algo como: "Me sinto atraído a quem paquerar" ou "Fico trêmulo a quem fugir". Se os Dois e os Seis não são capazes de observar os desvios internos da própria atenção, então não perceberão como colhem indícios no ar nem conseguirão descrever qualquer ajuste sutil que façam dentro de si mesmos. Esses Dois e Seis podem ser autênticos expertos no reconhecimento de indícios mínimos, que prometam afeição ou que indiquem perigo em potencial, mas talvez não saibam descrever a própria sensibilidade nem nos mostrar como trabalhar nossa atenção a fim de podermos participar de sua visão de mundo.

Com observadores de si mesmos experientes, obtemos uma descrição mais apurada das típicas colocações da atenção, que determinam o ponto de vista de um tipo. Eis uma observação de si mesmo de um típico Seis. Mesmo que você não seja um tipo medroso, mas, se já tiver trafegado na rodovia 101, na Costa da Califórnia, sentirá empatia pelo estado mental da depoente.

"Eu trabalhava em Los Angeles, enquanto meu marido se formava na Politécnica, e eu dirigia na 101 duas vezes por semana. Eu já conhecia bem a rotina da estrada e não tinha problema, a não ser que estivesse perturbada por alguma coisa. Então, tinha realmente de me concentrar na estrada. Na verdade, era melhor que eu estivesse ao volante, porque, se eu tivesse passado uma semana ruim a meu marido estivesse dirigindo, eu simplesmente seria incapaz de olhar pela janela do lado da ribanceira. Vinham à minha cabeça imagens de pneus derrapando, ou de o carro não completando a curva, imagens tão fortes, que me deixavam com náuseas.

Ora, certo domingo, eu não estava com a menor vontade de voltar para Los Angeles e me vi tendo de me desligar e recuperar o controle, porque a mente não parava de me arrastar por sobre o despenhadeiro, em direção às rochas lá embaixo. O final da história é que acabei no hospital, não por ter passado por cima do penhasco, mas por me ver despencando e, exatamente antes de atingir as rochas, dei, num reflexo, uma guinada na direção, atravessei a pista de tráfego contrário e fui de encontro ao lado da montanha."

Este Seis estava claramente sob o domínio de uma projeção mental, quando tentou se salvar de uma queda que só estava acontecendo em sua mente. Ela prosseguiu dizendo que a queda parecia muito real: sentiu-se despencando, viu as rochas e pensou, ao virar a direção, que já não adiantava tentar se salvar. Também teve plena percepção de que todo o incidente ocorrera em alguns segundos e, assim que se recuperou, corajosamente voltou ao volante, mantendo a atenção fora do alcance de sua imaginação durante o tempo em que ainda dirigiu na 101, até seu marido terminar o curso. Essa mesma mulher contou o seguinte de sua infância.

"Eu tinha pavor de minha mãe. Ela bebia e, em quinze minutos, era capaz de mudar sua personalidade normal e se transformar numa pessoa incrivelmente desagradável e que não me queria bem. Quando ela começava a beber, eu me perguntava: Será que vai passar do limite? Será que vai ser muito ruim?"

¹ Pode-se ver a atenção organizada tanto de uma forma consciente quanto de uma forma inconsciente. Quando a atenção pode ser voluntariamente desviada e concentrada, ela está sob o controle consciente. A atenção pode também ser organizada inconscientemente de modo a incluir informações seguras a excluir informações inseguras.

Eu ficava vigiando o tempo todo pra ver se ela tinha escondido alguma garrafa; e, quando ela bebia, eu não tirava os olhos de seu rosto, imaginando como seria seu comportamento, mais tarde naquela mesma noite. Olhava para ela a tentava imaginar: Seu rosto parece calmo? Vai berrar comigo? Começa a parecer grotesco? Começa a cair no sono? Eu imaginava seus outros rostos, assim que eu a via tomando o primeiro trago e decidia ficar ou fugir com base naquilo que eu achava seu rosto propenso a fazer."

Este Seis é ao mesmo tempo abençoado e oprimido por uma imaginação, que foi fortalecida durante uma vida inteira de práticas diárias. Abençoado, no sentido de ter acesso potencial a um mundo rico e detalhado de experiências interiores e oprimido, no sentido de que sua fantasia é suficientemente forte para substituir momentaneamente a realidade objetiva. Evidentemente, ela fazia projeções quando girou o volante. Não há dúvida de que, neste caso, sua fantasia interior se projetou exteriormente, fazendo com que ela interpretasse mal a situação. Ela haveria de concordar que a projeção também funcionava quando ela tentava interpretar os hábitos etílicos de sua mãe. Uma boa percentagem de suas observações, com certeza, se baseava em indícios físicos já familiares na própria mãe e no fato de que ela tinha pavor de ser humilhada ou maltratada.

Mas é também verdade que ela recorria para suas visões numa época em que, na vida de uma criança, as circunstâncias eram desesperadoras; a suas imagens eram suficientemente fortes para substituir seus pensamentos. Ela aprendera a fazer perguntas às suas visualizações, usava os "outros rostos" como fonte de informação para se apoiar emocionalmente e agia de acordo com o que via.

Intuição e Tipo

Essa mesma mulher relatou ainda uma experiência psíquica precisa, por que passou, aparentemente no mesmo estado mental de quando o carro "caiu" e de quando os "outros rostos" de sua mãe apareciam.

"Uma amiga muito querida conseguiu por fim engravidar, após anos de tentativa. Quando me telefonou, parecia ótima, e marcamos um encontro para comemorar. Quando a vi, ela estava radiante; aí, quando seu outro rosto começou a aparecer, não foi porque eu queria que ele me mostrasse alguma coisa.

Foi estranho. Estávamos jantando comida mexicana, e ela de fato estava feliz, mas, enquanto falava, eu pude ver, cobrindo o seu rosto, lágrimas a linhas de tristeza, indicando perda. Acho que foi ótimo eu não ter podido lhe contar nada, porque eu soube que ela perderia aquela criança. Seu rosto verdadeiro estava bem, conversando, mas eu vi seu outro rosto ficar horrível. Todo esse outro rosto endureceu, e aí eu soube que estava determinado, depois se tranqüilizou e sumiu. Vi toda a história apenas em alguns segundos. Ela ia abortar, ia tentar de novo com muita garra e, da segunda vez, tudo daria certo."

Este Seis prosseguiu descrevendo suas reações emocionais por ter visto a representação de um evento futuro e disse também que, na época, o episódio lhe pareceu bastante natural e de certo modo familiar. Acrescentou ainda que a seqüência indicada pelo outro rosto de sua amiga se completou em pouco mais de um ano.

Práticas de Atenção

Pode-se compreender melhor a intuição como sendo o efeito colateral emergente, quando desviamos a atenção de pensamentos e sentimentos habituais. Sem uma prática básica de atenção, tendemos a nos concentrar demais no estado

pensante, de modo que não temos acesso confiável a impressões igualmente presentes. Essa mulher Seis se beneficiaria muito se aprendesse a reconhecer os momentos em que começa a prevalecer seu hábito mental de imaginar o pior e os modos de desviar a atenção para outro lugar, antes que sua fantasia se torne demasiadamente real. De fato, ela já estava promovendo um desvio, ao conseguir ficar presente consigo mesma no carro, em plena estrada, ao invés de permitir que sua imaginação adquirisse super-poderes.

Mas poderia este Seis discernir claramente imagens fantasiosas de visões intuitivas precisas, quando esses dois tipos de impressões estão intimamente entrelaçados? Poderia aprender a produzir um conjunto preciso de imagens intuitivas a bel prazer?

A fim de tirar alguma utilidade prática de seu hábito mental, ela teria de aprender a diferenciar idéias e fantasias projetadas por seu pensamento do tipo de impressões intuitivas que viu no rosto da amiga. Essas práticas avançadas de discriminação existem no âmbito das técnicas sagradas e, como sempre, o trabalho preliminar depende do fortalecimento do observador interno.

Não é do escopo deste livro discutir nem mesmo práticas psíquicas básicas. Tais práticas são aprendidas mais adequadamente com um mestre experiente, num ambiente em que haja suporte, e não num livro, onde nem mesmo linguagem mais precisa corresponde ao que é necessário para obter acesso a um estado mental alterado. Este livro trata das preocupações características de diferentes tipos de pessoas, de modo que, para nossos fins, é importante apenas salientar que a maneira de cada tipo prestar atenção às suas preocupações pode ser tanto um fardo, quanto uma bênção em disfarce.

O fardo é que nosso hábito de atenção serve para nos manter inconscientemente em contato com a própria informação que alimenta nossas preocupações neuróticas. O hábito desse Seis é imaginar o pior, e ela não sabe que se esquece de imaginar o melhor. Segue o hábito que foi adequado às suas necessidades infantis de segurança, e, por mais estranho que pareça, imaginar o melhor lhe parecia um faz-de-conta. Imaginar as possibilidades mais pessimistas se tornou sua pedra de toque da realidade; imaginar o melhor seria descartado como fantasia infantil.

A bênção de imaginar o pior é que esse Seis se tornou tão bom nisso que, se puder aprender a reproduzir voluntariamente os desvios de atenção subjacentes à sua estratégia defensiva, poderá se descobrir especialista em certo estilo intuitivo.

Meu interesse específico no Eneagrama está sobretudo nas histórias de pessoas que tiveram experiências com intuição e com a essência. Com suas histórias, obtemos uma hipótese viável de como nossas preocupações neuróticas podem nos levar, condignamente, rumo a outros estados mentais. Tem sido uma oportunidade maravilhosa para mim como instrutora. Tenho ouvido descrições detalhadas dos processos internos de meus alunos, à medida que aprendem a modificar sua atenção. Tenho visto as formas como a intuição tanto sobrecarrega, quanto favorece suas vidas. E tenho mapeado alguns desvios de atenção altamente engenhosos, para os quais alguns alunos inadvertidamente recorrem, como forma de permanecer intuitivamente ligados às questões que os preocupam.

Ouçó uma história conhecida várias a várias vezes. É algo como: "Meus pais me davam mensagens ambíguas, e eu precisava saber a verdade" ou "Eu sentia que estava me ajustando pra me tornar aquilo que outras pessoas queriam que eu fosse". Há repetidas memórias de infância de ter de fazer uma leitura dos adultos, a fim de sobreviver à tensão da vida em família.

Como adultos, meus alunos estão convencidos de ter a vantagem de insights intuitivos nas áreas que foram problemáticas em sua infância. Para prosseguir nossa

comparação de tipos, os Seis (medo) acreditam, unanimemente, ter detectores de mentira bem ajustados, organizados de modo a ver as reais intenções alheias, ocultas sob uma fachada superficial. Os Dois (orgulho) acreditam, unanimemente, ter a capacidade de alterar intuitivamente sua apresentação pessoal, a fim de obter aceitação a amor.

Mesmo levando em conta que Seis (paranóicos) se sentiriam mais seguros com a idéia de serem capazes de prever e, portanto, repelir o mal em potencial e que Dois (histrionicos) se sentiriam mais amáveis se acreditassem poder assumir as características de uma pessoa atraente, ainda fico impressionada com a possibilidade de as preocupações de um tipo o predispor a desenvolver formas intuitivas de perceber a própria informação que perpetuaria preocupações neuróticas. A importância da prática da atenção para transcender a neurose é clara. Os alunos ganham duplamente ao aprender práticas básicas. Primeiro, libertam-se de uma visão de mundo tendenciosa. Segundo, têm uma oportunidade de se aperceber, conscientemente de um estilo intuitivo, que já pode ter estado em operação sem ter sido reconhecido.

Observadores de si mesmos experientes usam uma linguagem reveladora, ao falar das formas como prestam atenção a questões pessoais com fortes componentes emocionais. Há muitas versões para "os outros rostos", muitas formas de a atenção se desviar para uma visualização interior. Há também declarações do tipo "Eu me entrego", "Eu perco minha identidade", "Parte de mim se deixa atrair", "Assumo os sentimentos dos outros", "Me torno as outras pessoas" ou "Me separo de mim mesmo a fico observando". Baseiam-se tais declarações exclusivamente nas distorções da projeção psicológica? Provêm unicamente de um desejo inflado de acreditar podermos ter acesso a informações especiais sobre as questões fortemente emocionais em nossas vidas? Baseiam-se em indícios corporais mínimos, ou tais declarações se originam, até certo ponto, de uma autêntica sensibilidade para com as questões subjacentes ao nosso tipo?

Por exemplo, em contraste com o Seis, que tem medo, é provável que o Dois, que quer agradar, venha com uma história do gênero "Eu perco minha identidade", para explicar a forma como mobiliza a atenção. O Dois é bem capaz de aprender a "ver o outro rosto", mas seus relatos parecem, antes, ser histórias do gênero "Eu perco minha identidade", em vez de histórias de imaginar o pior.

Também é possível obter uma história do gênero "Eu perco minha identidade" de um paciente no limiar da psicopatia, que nunca tenha desenvolvido um conjunto preciso de limites pessoais. "Eu perco minha identidade" é também a experiência profunda de uma pessoa que ama e cuja percepção se desloca para além dos limites de um eu pessoal. Mas, quando um observador de si mesmo experiente é solicitado a detalhar uma declaração do gênero "Eu perco minha identidade", "Eu me deixo absorver", tudo começa a soar nitidamente como a versão de um leigo sobre a forma na qual a atenção se organiza em práticas específicas de meditação.

A descrição dada por pessoas que dizem "Eu me entrego", "Eu perco minha identidade", "Eu me deixo absorver" ou "Eu me torno..." soa extremamente igual às instruções de meu venerável mestre de artes marciais, que é uma demonstração viva da capacidade de incluir, de abranger, outras pessoas no campo de suas percepções.

As instruções verbais de meu mestre são "Desça até o hara (desvie a atenção para a barriga), abra o campo dos sentidos a se uma."¹ Na postura de atenção para "a abertura dos sentidos", ele é capaz de imitar, exatamente, os movimentos aleatórios

¹ Hara é a palavra japonesa relativa ao centro da barriga, localizado entre o umbigo e o osso púbico. Esse mesmo centro é identificado em todos os treinamentos místicos, independentemente da cultura que originou os treinamentos. O equivalente Sufi para o Hara foi chamado de ponto Kath por Oscar Ichazo.

de um parceiro de treinamento que esteja situado a certa distância e oculto por trás de uma tela. O Rondori clássico, ou ataque de uma pessoa múltipla, é outra demonstração impressionante da capacidade de perceber à distância.¹ No *Rondori*, que pode ser executado de olhos vendados, você é simultaneamente atacado de várias direções, necessitando uma percepção contínua a clara do espaço à volta do corpo, sobretudo do espaço às suas costas.

Do mesmo modo, a declaração tal como "Eu vejo o rosto interior" soa notavelmente como o fruto da prática de visualização do olho interior, que desenvolve a habilidade de discriminar fantasias projetadas pelo pensamento individual e visões intuitivas precisas, não direcionadas pelo eu pensante/sensível.²

Por que tais percepções são passíveis de surgir nos pontos de lesão psicológica de nosso tipo? O fato é que uma preocupação, para a qual a atenção habitualmente retorna, é o ponto de partida da psique para observar as diferentes colocações da atenção, que nos mantêm inconscientemente, em contato com o ambiente e com outras pessoas. Desenvolvemos poderes de atenção, quando nos tornamos neuroticamente preocupados. Queremos amor, afeição e suporte e, por isso, distendemos nossos sentidos a prestamos muita atenção.

Por exemplo, crianças muito carentes de amor talvez aprendam a desviar internamente a atenção, de modo a se fundir com um dos pais, ou a sentir inconscientemente os desejos alheios dentro do próprio corpo e, portanto, a se modificar a fim de agradar. Do mesmo modo, crianças amedrontadas são propensas a se sintonizar de modo inconsciente, mas preciso, com o potencial de hostilidade de pessoas maiores e mais fortes, que tenham poder sobre suas vidas. Essas habilidades podem prosseguir na vida adulta sob a forma de sensibilidades reais, mas, como adultos, somos apenas capazes de dar nome à nossas preocupações, em lugar de dizer como permanecemos informados de nossas preocupações neuróticas.

A forma de você prestar atenção às questões-chaves de sua vida pode estar bem além do limite da percepção ordinária, já dentro de uma zona intuitiva, sem que você tome consciência de que algo incomum esteja ocorrendo. Não se trata aqui de ter aprendido a procurar indícios corporais sutis, tais como linguagem do corpo ou sinais faciais. A intuição é um saber oriundo de um estado não pensante da mente. Está intimamente ligada a estados comuns do pensamento, e, se você não estiver muito hesitante em alterar ligeiramente suas percepções, sua intuição poderá ser treinada. Se uma relação intuitiva alimentou seu senso de segurança e de bem-estar quando você era pequeno, então, como adulto, é provável que você use a intuição de muitas formas, inadvertidamente, como fonte de informação. Ela pode ser vantajosa na tomada de decisões e emprestar qualidades especiais de sensibilidade à sua vida pessoal.

Se a intuição não lhe foi muito útil durante sua infância, se você teve de perceber coisas, cuja visão era emocionalmente insuportável, então é provável que você tenha desviado a atenção de suas percepções interiores e poderá oferecer resistência em penetrar no que os místicos chamam de véus perceptivos.³

Intuição e Essência

¹ A prática da abertura dos sentidos envolve um desvio específico da atenção, no qual o senso do hara é ampliado para incluir as características de energia do ambiente e das outras pessoas.

² Esse desvio da atenção envolve a fusão do observador interno com uma representação visualizada de eventos não presentes.

³ Os véus poderiam ser vistos como resultantes do desvio da atenção da conexão harmônica da criança com o ambiente e com as outras pessoas para uma identificação com as preocupações da personalidade. A retirada dos véus implicaria, portanto, a lembrança dos modos como a atenção pode ser mobilizada para recuperar as conexões perdidas.

A intuição coloca à nossa disposição uma grande variedade de informações e é, conseqüentemente, um recurso humano altamente desejável. Mas a intuição não é a essência. É apenas uma fonte de insights e um veículo da criatividade. Na essência, não há necessidade de você estar fazendo uma prática espiritual nem de estar tendo um insight nem de estar sendo guiado pela intuição, porque, na essência, não há nenhum senso de um eu pessoal. Não há ninguém fazendo nem tendo nem sendo guiado. A atenção está posicionada numa conexão harmoniosa com o ambiente e com outras pessoas; e, nesse estado mental, agimos de modo natural e preciso, sem perceber pensamentos ou sentimentos pessoais.

Estamos em nossa essência naqueles momentos em que nosso corpo se move corretamente, antes que saibamos o que deveríamos fazer, e em que dizemos a verdade, antes que saibamos o que vamos dizer. De tempos em tempos, com bastante naturalidade, assumimos uma das muitas características da essência e, nesses momentos culminantes, temos um vislumbre daquilo que a raça humana poderia ser.

3. Estrutura do Diagrama do Eneagrama

A Estrutura do Eneagrama

A estrela de nove pontes mapeia a relação entre duas leis fundamentais do misticismo, a lei do Três (trindade), que identifica as três forças presentes no início de um evento, e a lei do Sete (oitavas), que governa as fases de implementação desse evento, à medida que se desenrola no mundo físico.

A lei do Três é representada pelo triângulo interno do Eneagrama. O triângulo transmite a idéia da necessidade de três forças para a criação, em vez das duas visíveis, causa e efeito. Esse conceito está preservado na trindade cristã do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e nas três forças divinas da criação no Hinduísmo, chamadas de Brahma, Vishnu e Shiva. Essas três forças também poderiam ser chamadas de criativa, destrutiva e preservadora, ou ainda ativa, receptiva e reconciliadora. Gurdjieff, uma fonte básica do sistema do Eneagrama, as chamava simplesmente de força Um, força Dois e força Três, e foi sua a observação de que a humanidade era cega para essa terceira força.

Uma compreensão precisa de como funcionam juntas essas três forças pode ajudar um evento a sobreviver ao longo do tempo, em vez de desmoronar em vão, porque as três forças mudam de sinal em diferentes fases durante os estádios da vida de um evento. Por exemplo, a força reconciliadora, presente quando o evento se inicia, se tornará, inevitavelmente, a força ativa durante o estágio seguinte da progressão do evento através do tempo. Uma compreensão mais completa do símbolo do Eneagrama indica tratar-se de um modelo de movimento perpétuo. O diagrama indica certos aspectos não óbvios de processos tais como o momento em que é necessário um novo influxo de energia, a fim de perpetuar a vida do evento.

O triângulo central dos pontos Três-Seis-Nove também pode ser descrito matematicamente como a tentativa de as três forças presentes à criação original se reconciliarem, voltando a ser uma. Isso é ilustrado aritmeticamente dividindo 1 ou a unidade por 3, do que resulta uma fração, cujo último algarismo se repete infinitamente, ou seja, $1 \div 3 = 0,3333...$

Uma vez iniciado um evento, a lei do Sete ou a lei das Oitavas entra em ação. A lei das Oitavas está preservada na escala musical das sete notas, com um Dó que se repete, e governa a sucessão de estádios em que um evento se desenvolve no mundo material. A relação do Sete para com a unidade pode ser expressa através da divisão de 1 por 7, que produz a dízima periódica 0,142857142857..., que não contém nenhum múltiplo de três. O Eneagrama completo é um círculo dividido em nove partes iguais, que representa a fusão da lei do Três e da lei do Sete, as quais interagem de maneiras específicas ao longo das linhas internas do diagrama.¹

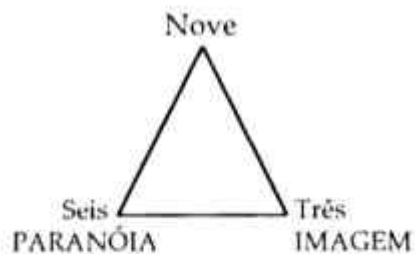
Quando o modelo do Eneagrama é aplicado à condição humana, o triângulo central sugere a existência de três preocupações mentais nucleares: imagem (ou glamour, ponto Três), medo (ponto Seis) e esquecimento de si mesmo (ponto Nove). As questões mentais nucleares têm paixões emocionais correspondentes. O diagrama que se segue indica a preocupação mental e a emocional dos três tipos de personalidade nucleares.

¹ Há vários sumários mais detalhados sobre a forma como interagem a lei do Três e a lei do Sete. Eles podem ser encontrados em John Bennett, *The Enneagram* (Gloucestershire, Inglaterra: Coombe Springs Press, 1974); Kathleen Riordan Speeth, capítulo 7 em *Transpersonal Psychologies*, ed. Charles Tart (Nova Iorque: Harper & Row, 1975), reimpresso por Psychological Processes, Inc., 1983; Kathleen Riordan Speeth, *The Gurdjieff Work (A Obra de Gurdjieff)* Berkeley, CA: And/Or Press 1976), reimpresso por Simon & Schuster (Nova Iorque: 1978); e Michel Waldberg, *Gurdjieff, An Approach to His Ideas (Gurdjieff, Uma Abordagem de Suas Idéias)* (Londres: Routledge and Kegan Paul, 1981) (reimpresso da edição francesa de 1973).

Também há dois livros que aplicam a mudança de sinal entre as forças ativa, receptiva e reconciliadora a uma análise processual de procedimentos de administração empresarial. Esses livros apontam para um interesse renovado na aplicação das leis que governam o misticismo, que especificamente se aplicam ao processo de um evento no mundo material, a áreas diferentes dos processos psicológicos. Os livros são Saul Kuchinsky, *Systematic (Sistemática)* (Charles Town, WV: Claymont Communications, 1985) e Robert Campbell, *Fisherman's Guide (Guia do Pescador)* (Boston: Shambhala, 1985).

QUESTÕES MENTAIS
NUCLEARES

ESQUECIMENTO
DE SI MESMO



QUESTÕES EMOCIONAIS
NUCLEARES

RAIVA



Os Noves Tipos

O ENEAGRAMA DOS TIPOS DE PERSONALIDADE



1. O Perfeccionista

Críticos de si mesmos e dos outros. Convencidos de que existe apenas um caminho correto. Sentem-se eticamente superiores. Protelam por medo de cometer um erro. Usam muito os verbos dever e precisar.

Uns evoluídos podem ser criticamente profundos, heróis da moral.

2. O Dador

Exigem afeição e aprovação. Buscam ser amados e apreciados, tornando-se indispensáveis a outra pessoa. Empenhados em satisfazer necessidades alheias. Manipuladores. Têm muitos eus - mostram um eu diferente a cada bom amigo. Agressivamente sedutores.

Dois evoluídos sabem dar apoio e carinho genuínos.

3. O Desempenhador

Buscam ser amados pelo desempenho e pelas conquistas. Competitivos. Obsessados pela imagem de vencedor e pelo status comparativo. Mestres em aparência. Personalidade tipo A. 1*Confundem o eu real com a identidade profissional. Podem parecer mais produtivos do que realmente são.

Três evoluídos podem ser líderes eficientes, bons embaladores, promotores competentes, capitães de times vencedores.

4. O Romântico Trágico

Atraídos pelo inacessível; o ideal nunca é o aqui e o agora. Trágicos, tristes, artísticos, sensíveis; concentrados no amor ausente, na perda de um amigo.

Quatro evoluídos são criativos em seu estilo de vida e capazes de ajudar os outros a atravessar o sofrimento. Estão comprometidos com a beleza e com a vida passionais: nascimento, sexo, emotividade e morte.

5. O Observador

Mantém distância emocional dos outros. Protegem a privacidade, não ficam envolvidos. Prescindir é uma defesa contra o envolvimento. Sentem-se esgotados por compromissos e pelas necessidades alheias. Compartimentalizam obrigações; desligados de pessoas, sentimentos e coisas.

Cinco evoluídos podem ser excelentes árbitros e deliberadores, intelectuais da torre de marfim e monges abastados.

6. O Advogado do Diabo

Medrosos, cumpridores do dever, atormentados pela dúvida. Protelação - o pensamento substitui a ação - receosos de tomar a iniciativa, porque a exposição leva ao ataque. Identificam-se com causas de injustiça social, antiautoritários, abnegados,

* Personalidades Tipo A: é uma classificação médica para pessoas viciadas em trabalho (workaholics), sujeitas a ataques cardíacos por trabalharem em excesso, sujeitas a pressão alta, impacientes com aqueles que querem trabalhar num ritmo mais suave. (Nota do revisor)

leais à causa. Os Seis fóbicos vacilam, se sentem perseguidos e sucumbem quando encurralados. Os Seis contrafóbicos se sentem continuamente encurralados e saem, portanto, para enfrentar o terror de uma maneira agressiva.

Seis evoluídos podem ser excelentes jogadores de equipe, soldados leais e bons amigos. Dispostos a trabalhar por uma causa do mesmo modo que outros trabalham por lucro pessoal.

7. O Epicurista

Peter Pan, o puer aeternus - o eterno jovem. Diletantes, amantes volúveis e descartáveis, superficiais, aventureiros, interpretação gourmet da vida. Problemas com compromissos, querem manter as opções em aberto, querem ficar emocionalmente por cima. Geralmente alegres, estimulam o ambiente, hábito de iniciar as coisas, mas de não acompanhá-las até o fim.

Setes evoluídos são bons sintetizadores, bons teóricos, tipos renascentistas.

8. O Patrão

Extremamente protetores. Tomam a defesa de si mesmos e dos amigos; combativos, assumem o controle, adoram uma briga. Precisam estar no controle. Manifestações ostensivas de raiva e de força; grande respeito por oponentes que resistem e lutem. Fazem contato através do sexo e de confrontações face-a-face. Estilo de vida excessivo: quantidades excessivas, altas horas da noite, o volume máximo.

Oitos evoluídos são excelentes líderes, especialmente no papel de antagonista. Capazes de dar um apoio poderoso a outras pessoas; querem deixar o caminho seguro para os amigos.

9. O Mediador

Obsessivamente ambivalentes; vêem todos os pontos de vista; substituem prontamente os próprios desejos pelos desejos alheios e objetivos concretos por atividades não essenciais. Tendência à narcotização pela comida, pela TV e pela bebida. Conhecem as necessidades alheias melhor do que as próprias; tendência ao devaneio, sem certeza de que querem estar aqui ou não, de que querem pertencer do time ou não. Agradáveis; a raiva sai por caminhos indiretos.

Noves evoluídos fazem excelentes mediadores, conselheiros, negociadores, conseguem muito quando concentrados e atentos à tarefa em curso.

As Asas

Os pontos que aparecem de cada lado dos vértices do triângulo Três-Seis-Nove são variações das personalidades nucleares, chamadas de asas. Isso significa que os dois pontos das asas de Três, que são Dois e Quatro, compartilham uma preocupação com a imagem e vivem também variações da questão "O que estou sentindo?". As asas de Seis (Cinco e Sete) compartilham uma paranóia subjacente e também hábitos emocionais de medo. As asas de Nove (Oito e Um) compartilham uma predisposição básica para o sono do esquecimento de si mesmo, que é o esquecimento das prioridades pessoais, bem como uma predisposição para a raiva.

As asas do triângulo Três-Seis-Nove representam a versão externalizada e a internalizada das preocupações nucleares, e em terapia a predisposição nuclear provavelmente virá à tona à medida que se processa a cura. Isso significaria que um Sete (tipo do medo externalizado), dando inicialmente a impressão de não ter medo, provavelmente se tornaria abertamente furtivo e paranóico (núcleo do Seis) assim que as defesas psicológicas se enfraquecessem.

Apenas os pontos Três-Seis-Nove do triângulo apresentam uma versão externa e uma interna de si mesmos nas asas. Por exemplo, as asas de Oito, que são Sete e Nove, não representam a versão externalizada e a internalizada de Oito. As asas de qualquer ponto, porém, são influentes, porque dão colorido a esse tipo de personalidade. Por exemplo, no grupo da raiva, no topo do Eneagrama, um Nove, que prefere expressar raiva indireta e passivamente, se inclinará ou para o lado do Oito (o Patrão), gerando uma raiva passiva do tipo "não me pressione", brusca e teimosa, ou para o lado do Um (o Perfeccionista), promovendo uma crítica de detalhes a insignificâncias, que será exercida por meios indiretos.



Do mesmo modo, alguém com um ponto não nuclear, tal como Quatro (o Romântico Trágico), que expressa sentimentos de forma dramatizada, se inclinará ou para o Cinco (o Observador), numa postura depressiva internalizada, ou para o Três (o Desempenhador), num esforço mais hiperativo de manter em xeque a melancolia. O colorido dado pelas asas ajuda a tornar cada personalidade inconfundível. Não há

duas pessoas pertencentes ao mesmo tipo que sejam idênticas, embora compartilhem as mesmas preocupações e interesses. Em aulas sobre o Eneagrama, tratamos de distinguir as diferenças de colorido entre membros do mesmo tipo, dando nomes a esses coloridos. Por exemplo, um Quatro pró-Cinco seria uma espécie mais reservada e privada do Quatro, enquanto um Quatro pró-Três seria um Quatro mais brilhante e dramático, que mantém uma programação ativa, mas que ainda se relaciona com a postura de melancolia, tristeza e perda do Quatro.

Cada tipo é afetado pelas duas asas, e, embora o colorido de uma das asas vá predominar na personalidade, seria inadequado desconsiderar que a outra existe como potencial.

A Dinâmica dos Tipos

A lei do Três também se aplica ao fato de que cada tipo de personalidade se compõe de três aspectos: o aspecto predominante, que vigora em condições normais e que é chamado de seu tipo; o aspecto que vigora quando você entra em ação (ou é colocado sob estresse); e o aspecto que entra em cena em situações de segurança (não estressantes). No diagrama seguinte, o ponto de ação (estressante) está no sentido da flecha, e o aspecto de não-estressante, no sentido contrário. Assim, cada tipo é, de fato, a união de três aspectos, cada um dos quais passível de ser estimulado por situações específicas da vida. Por exemplo, quando um Observador (em geral, quieto e retraído) está sob estresse, ele ou ela se move para a posição do Epicurista (paradoxalmente mais extrovertido e amigável, num esforço de reduzir o estresse, fazendo contato com pessoas). Quando em segurança, o Observador tende a se tornar o Patrão (direcionando os outros e controlando o espaço pessoal).

Trabalhando com Segurança e com Estresse

O fato de nossas preocupações mentais e emocionais se alterarem quando deixamos uma situação de vida segura para entrar em ação e, portanto, em certo grau de tensão, criou uma espécie de culto à segurança entre os entusiastas do Eneagrama. Uma reação de segurança soa infinitamente mais atraente do que uma reação de ação/estresse, e a estratégia de se mover rumo à segurança sugere que o caminho para a saúde está no cultivo dos melhores aspectos do ponto de segurança. Os entusiastas da segurança no Eneagrama tendem a ver o movimento, ao longo das linhas, no sentido das flechas, rumo à ação e, portanto, rumo ao estresse, como um aprofundamento das compulsões do tipo. A sustentação dessa idéia parece estar baseada na simples manobra logística de dar nome aos aspectos positivos do ponto de segurança e aos aspectos negativos do ponto de estresse.

AS FLECHAS



RUMO À AÇÃO, DISTANCIANDO-SE DA SEGURANÇA
(RUMO AO ESTRESSE, DISTANCIANDO-SE DO NAO-ESTRESSE)

Minhas entrevistas com participantes de painéis não indicam que uma clara oportunidade de se mover rumo à segurança, tal como se apaixonar pela pessoa adequada e afim, faça brotar necessariamente as melhores características do ponto de segurança. Uma boa oportunidade pode paradoxalmente gerar uma reação de estresse, em virtude da falta de experiência ou da insegurança de experiências anteriores. Entrevistei pessoas que deslizavam diretamente para os aspectos negativos de seu ponto de segurança, quando defrontados por uma situação de vida promissora; e registrei também muitas histórias de pessoas cujo caráter se formou pelo desenvolvimento dos melhores aspectos do ponto de ação/estresse de seu tipo.

Cultivar as capacidades curativas no assim chamado ponto de estresse é inerente a técnicas como a Gestalt e as práticas de meditação tântrica, em que as emoções negativas são deliberadamente cultivadas e assumidas. A intenção oculta por detrás do movimento rumo ao estresse é elevar habilmente nossas paixões ao ponto de transbordamento a liberar a compulsão de um hábito negativo, vivenciando-o de maneira total e completa. Pode-se cultivar um acesso de raiva no lugar da isenção, ou pode-se colocar um aluno numa situação de vida destinada a irritá-lo ao máximo. Tipos orgulhosos podem se ver esfregando uma porção de assoalhos, e pode-se mandar tipos medrosos meditar no cemitério local numa noite de lua cheia. O método de Gurdjieff de pisar os calos favoritos das pessoas ilustra a idéia de que elevar a trabalhar deliberadamente as energias produzidas pelo estresse, pode gerar tanto

crecimento, quanto cultivar a capacidade de desviar a atenção das assim chamadas emoções negativas.¹

A interdependência entre o cultivo estratégico da paixão emocional e a aprendizagem simultânea da prática do desprendimento foi expressa nos mistérios délficos pela adoração a Apolo e a Dioniso, no mesmo templo. Dioniso representava o mundo feminino do "mistério da vida do sangue e dos poderes da Terra". Era adorado, alternadamente, durante o mesmo ano do calendário com Apolo, que encarnava as características masculinas da clareza, do distanciamento e do desprendimento.² A adoração de Dioniso exige a total submissão da atenção à sensação e ao sentimento, atenção esta que, se a sensação e o sentimento puderem se exprimir por completo, se voltará naturalmente para o desejo de objetividade e de isenção de sentimento. Do mesmo modo, o ideal apolíneo de distanciamento e clareza, o "rejeitar tudo o que esteja muito perto", depende não só da presença de questões levantadas com paixão a fim de desenvolver a clareza, mas também de que se tenha desenvolvido uma vida emocional completa para que o desprendimento faça algum sentido.³

"Apolo, o Deus da luz, da razão, da proporção, harmonia, número - Apolo cega aqueles que se aproximam muito na adoração. Não olhe diretamente para o Sol. Vá para a penumbra de um bar por um momento e tome uma cerveja com Dioniso de vez em quando."⁴

¹ A idéia de que a energia pode ser transferida de um sistema interno para outro é básica a todos os sistemas espirituais. Para transformar a consciência, a pessoa precisa de um contínuo suprimento de energia e de um grau de restrição sobre as saídas comuns desta energia. A energia pode ser elevada de várias maneiras, incluindo meditação, exercícios respiratórios, exercícios físicos e a convocação controlada das paixões emocionais. As restrições são desvios da atenção que impedem que a energia se descarregue em pensamentos, sentimentos e movimentos corporais habituais.

² Walter Otto, *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion* (Os Deuses Homéricos: O Significado Espiritual da Religião Grega) (Nova Iorque: Octagon Books, 1978).

³ Walter Otto, *Dionysus: Myth and Cult* (Dioniso: Mito e Culto) (Dallas: Spring Publications, 1981).

⁴ Ursula LeGuin, *The Left Hand of Darkness* (A Mão Esquerda da Escuridão) (Nova Torque: Ace Books, 1969), Introdução.

4. Contribuições ao Sistema

Contribuições ao Sistema

Com um gráfico igual à estrela de nove pontas, tudo depende de uma correta colocação dos tipos no diagrama, porque eles se relacionam entre si de maneiras bem específicas. A correta colocação das paixões emocionais foi feita por Oscar Ichazo, e, com esse arranjo aparentemente simples daquilo que Gurdjieff chamava de Traço Principal, o código do Eneagrama se tornou disponível para nós.

Seguindo a idéia Sufi de que as preocupações da personalidade indicam as características perdidas de nossa essência, Ichazo, então, deu nome a uma característica superior da vida mental e da vida emocional, para as quais cada um dos nove tipos está predisposto. As características da essência são simplesmente o oposto do aspecto mais prejudicado de cada um dos nove. Por exemplo, um tipo medroso evoluído provavelmente agirá com coragem, e um tipo orgulhoso evoluído provavelmente terá desenvolvido uma autêntica humildade. Ichazo chamou a característica mental superior de A Idéia Sagrada e a característica emocional superior de A Virtude.

Há problemas bem reais ligados à compreensão exata do que sejam a qualidade mental superior e as virtudes emocionais. Elas não tem nenhuma relação com pensamentos e sentimentos ordinários e, de fato, não são dirigidas pelo eu pensante/sensível. Essas qualidades superiores são as características perdidas da essência, cada qual representando a resolução satisfatória de uma tendência neurótica dolorosa. Os aspectos mentais superiores são uma orientação automática para características específicas do saber não mediadas pelo pensamento, e as virtudes são respostas corporais automáticas, não dirigidas por gostos ou aversões pessoais.

Embora as inteligências superiores difiram de suas contrapartidas na personalidade, é fácil formar uma idéia ou conceito de que estamos em nossa essência, quando temos pensamentos humildes, ou quando nos forçamos a ser corajosos. Essas idéias que temos sobre nós mesmos tocam apenas tangencialmente uma interação harmoniosa, aberta e indefensa, com o ambiente e com outras pessoas.

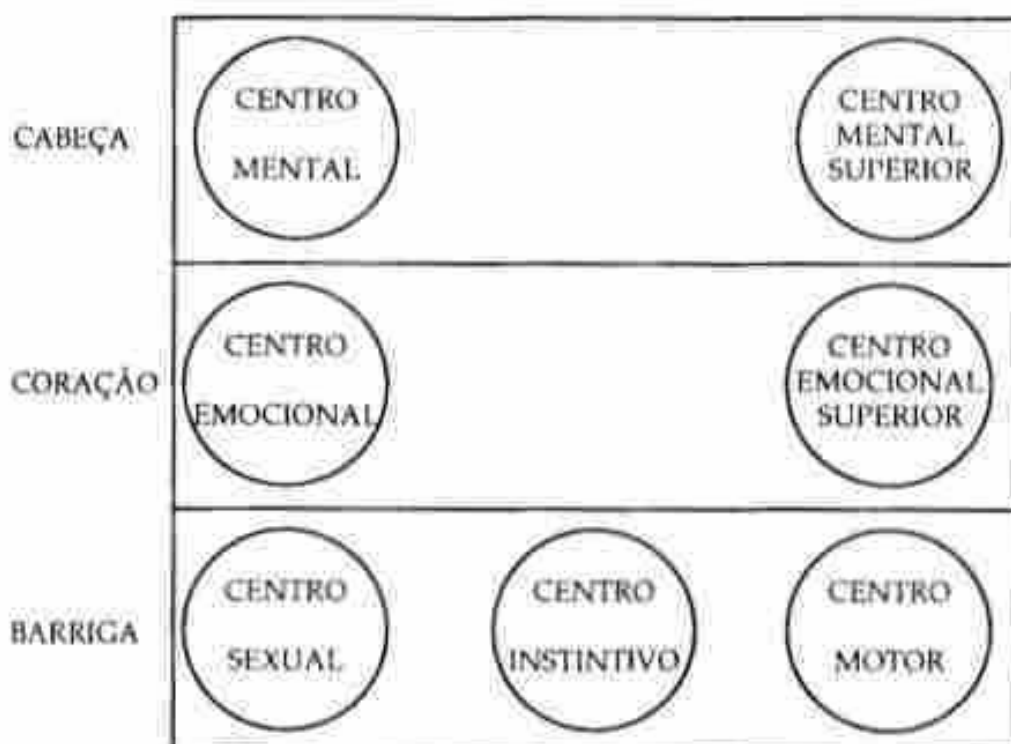
O trabalho de Ichazo permaneceu desconhecido até 1970, quando então ele divulgou um treinamento psico-espiritual no deserto próximo da cidade de Arica, Chile. Cerca de cinquenta americanos estavam presentes, entre os quais John Lilly, Claudio Naranjo e Joseph Hart, que trouxeram a notícia de que Ichazo usava os conceitos Sufis familiares a muitos, graças à obra de Gurdjieff. Ichazo usava exercícios para desenvolver os "três cérebros", ou as três espécies de inteligência humana, que Gurdjieff descrevera como mental, emocional e instintiva; usava também o método didático das qualidades animais e escrevera um breve sumário dos nove tipos de personalidade, que posteriormente foi publicado num capítulo sobre o treinamento de Arica, em *Transpersonal Psychologies*.¹

¹ John Lilly e Joseph Hart, "The Arica Training", *Transpersonal Psychologies*, ed. Charles Tart (Nova Iorque: Harper & Row, 1975), reimpresso por Psychological Processes, Inc., 1983.

O mais importante foi que Ichazo colocara os tipos corretamente na estrela de nove pontas, de modo que as relações entre os tipos podiam ser verificadas por meio de entrevistas.

Numa rara declaração pública; Ichazo revelou que um mestre o tomara como neófito aos dezenove anos e que, por intermédio do grupo desse mestre, recebera noções do Zen e das bases esotéricas do Sufismo e da Cabala. O grupo usava também técnicas que mais tarde ele encontrou na obra de Gurdjieff.¹ Ichazo acabou fundando o Arica Institute, atualmente sediado na cidade de Nova Iorque. Sobre seu papel na transmissão dos ensinamentos, diz: "Arica não é tanto minha invenção quanto um produto de nossa época. Os conhecimentos com que contribuí para essa escola vieram para mim por meio de muitas fontes, que encontrei em minha busca pessoal."

OS TRÊS CENTROS DE INTELIGÊNCIA



(Michael Waldberg, *Gurdjieff, An Approach to His Ideas*, Routledge and Kegan Paul, 1973, 112.)

Os Eneagramas que se seguem provêm de um artigo de John Lilly e Joseph Hart sobre o treinamento em Arica, que foi incluído em *Transpersonal Psychologies*. As palavras que denominam cada uma das preocupações dos nove tipos foram usadas como normas básicas pelos professores do Eneagrama, que, há muitos anos, vêm entrevistando participantes de painéis dos tipos a compilando suas características e seus comportamentos. O diagrama do Centro Mental inclui os nomes originais para os tipos, os quais decidi mudar no interesse de afastar o sistema do ideal de Gurdjieff de "dar nome ao Diabo a fim de exorcizá-lo". Os nomes originais e as linhas originais de questionamento enfatizavam, necessariamente, as preocupações negativas de cada tipo, simplesmente porque hábitos negativos são suficientemente clamorosos a ponto

¹ Sam Keen, "A Conversation about Ego Destruction with Oscar Ichazo" (Uma Conversa sobre a Destruição do Ego com Oscar Ichazo), *Psychology Today* (julho 1973), p. 64.

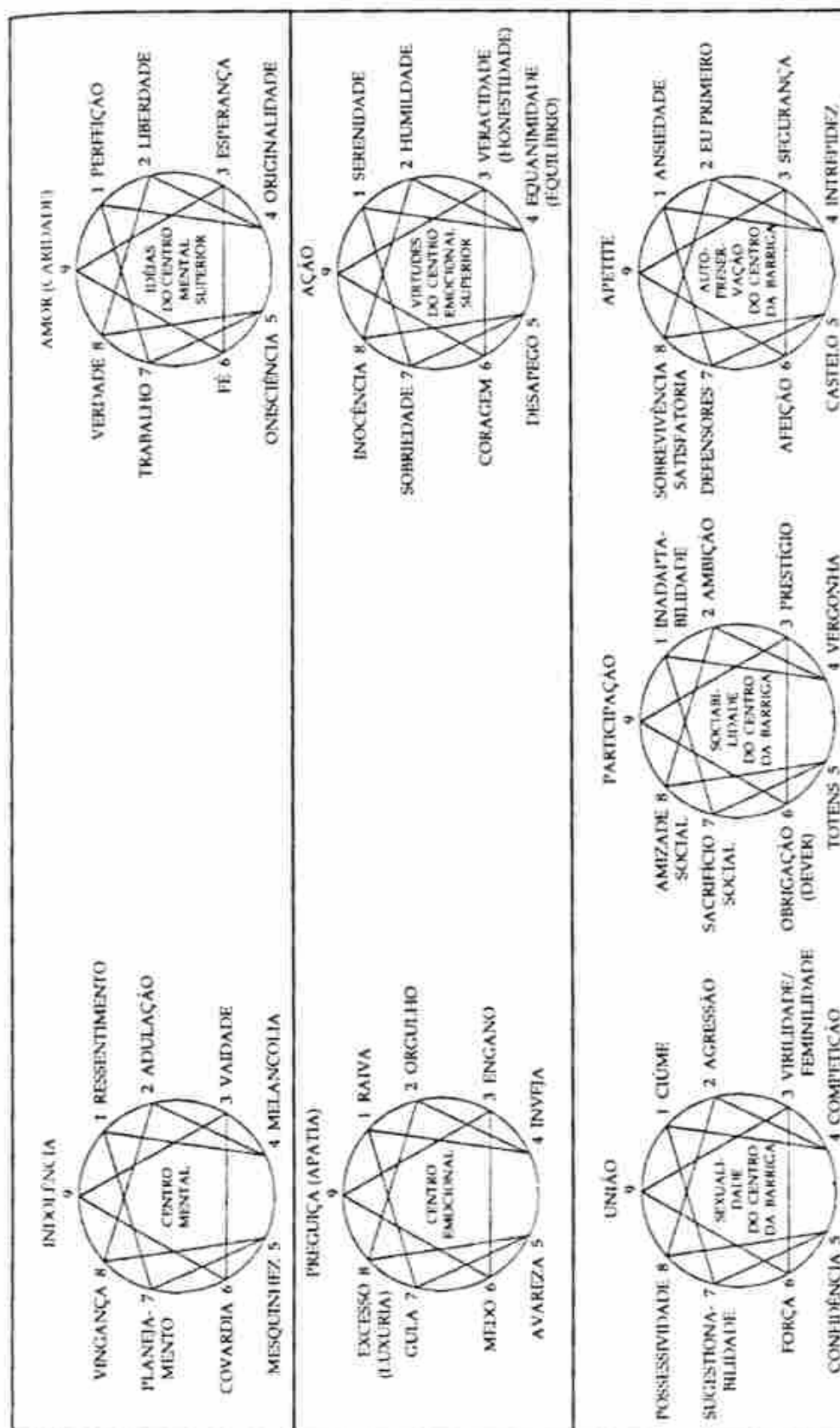
de facilitar bem mais a tarefa de identificar as diferenças entre os nove. Por exemplo, sem distinções do gênero "Sob pressão eu gero conflito" (o ponto Oito - o Patrão) e "Sob pressão eu me retraio" (ponto Cinco - o Observador), não teríamos como diferenciar esses dois tipos e não poderíamos criar estratégias para ajudar ambos a evoluir. Se colhêssemos apenas declarações de Budas, ou de pessoas excepcionalmente evoluídas, estaríamos ouvindo declarações provenientes dos centros mentais superiores, tais como "Parece que nunca me sinto pressionado, simplesmente sei como cada problema se resolverá" (ponto Cinco Onisciência), ou "Sigo a força que flui através de meu corpo" (ponto Oito - Inocência). Em outras palavras, não poderíamos diferenciar os tipos.

Embora as diferenças negativas entre tipos tornem mais fácil o trabalho de identificá-los, acho que uma preocupação excessiva com as peculiaridades dos tipos diminui sua importância como mestres e guias para estados superiores da consciência.

Os Subtipos

A operação do centro da barriga é em grande parte inconsciente, mas pode ser reconhecida no fato de que cada um de nós tem preocupações prementes com questões que afetam nossa sobrevivência física (autopreservação), sexualidade e vida social.

Há um ensinamento que diz respeito aos subtipos. Um vaqueiro se sentou num banquinho de três pés para a ordenha. O leite pode significar o alimento dos ensinamentos, ou o alimento da vida. Um dos pés do banquinho estava danificado, e assim, enquanto ele ordenhava, seu campo de percepção se inclinou na direção do pé danificado do seu assento. O que a história insinua é que temos três áreas primárias de relacionamento e que uma dessas áreas é mais afligida que as outras duas. Em consequência de uma área de relacionamento estar prejudicada, desenvolve-se uma preocupação mental para reduzir a ansiedade em torno dessa área de nossa vida. As três espécies de relacionamento são os sexuais (íntimos e outros relacionamentos entre duas pessoas), os sociais (grupais) e os de autopreservação (nossa relação com a sobrevivência pessoal). Como adultos, somos sensíveis a todas as três preocupações psicológicas que se aplicam a nosso tipo, mas uma predominará como a preocupação mais profundamente sentida. Por exemplo, todos os Três concentram muita atenção na segurança, no prestígio e na imagem masculina/feminina, mas um desses três termos será um ponto focal de maior interesse que os outros dois. Se o Três tiver sido mais prejudicado na área de autopreservação, então poderíamos também conjecturar que a área primária de preocupação, que seria a da segurança, seria também afetada pelo traço principal da vaidade e pela paixão do engano.



Adaptado de *Transpersonal Psychologies*, edit. Charles Tart, Harper & Row, 1975, reimpresso por Psychological Processes, Inc. 1983, Charles Tart.

A Ponte para a Psicologia Contemporânea

A dificuldade do Eneagrama de Ichazo foi seu sumário se basear apenas numa das muitas questões dominantes características de um tipo e sua linguagem descritiva não se traduzir prontamente para a terminologia psicológica. A peça que faltava à sua transmissão foi suprida por Claudio Naranjo, psiquiatra chileno, que assistiu a parte do treinamento em Arica e que soube colocar o Eneagrama no contexto das idéias psicológicas. Naranjo já ganhara reputação como sintetizador das abordagens oriental e ocidental da consciência com o livro *The One Quest. (A Busca Específica)*.¹ Sua contribuição para o Eneagrama aliou satisfatoriamente o insight e os métodos de uma via mística de transformação ao poder intelectual do modelo psicológico ocidental. Ele também retirou a questão da tipificação do domínio "daqueles que sabem" e tornou possível o desenvolvimento de linhas de questionamento para que as pessoas pudessem identificar seu tipo, vendo e ouvindo as histórias de seus similares.

Naranjo teve seu insight entrevistando indivíduos psicologicamente sofisticados e capazes de descrever as preocupações de seu coração e de sua mente. Um dos seus Eneagramas é um mapeamento dos principais mecanismos de defesa que dão suporte aos nove tipos. Para mim, é um complemento daquilo que foi dito implicitamente por Gurdjieff e desenvolvido por Ichazo. Sem essa espécie de colocação exata na tipologia ocidental, o Eneagrama ainda estaria no domínio do misterioso.

PONTOS FOCAIS DA ATENÇÃO



Da Obra de Helen Palmer

¹ Claudio Naranjo, *The One Quest (A Busca Específica)* (Londres: Wildwood House, 1974).

Aprendi o Eneagrama com Naranjo, que ensinava o material oralmente. Ele entrevistava grupos de pessoas altamente concientizadas, que estavam engajadas em disciplinas espirituais. É sempre inspirador ouvir pessoas descrevendo as razões por que buscam uma consciência mais elevada e escutar as histórias de como avançaram na busca de algo que está além do eu pessoal.

O sistema vinha sendo desenvolvido como um instrumento psicológico esotérico. Meus interesses estavam nas áreas de prática espiritual e treinamento da intuição mais do que na psicologia, mas eu queria saber se pessoas de um mesmo tipo eram atraídas por práticas de meditação semelhantes e queria descobrir os problemas que cada tipo tendia a encontrar na prática. Meu momento da verdade ocorreu na noite do Cinco (o Observador). Naranjo entrevistava um grupo de Cincos sobre o início de suas vidas em família, quando um tipo de Observador altamente retraído, que se empoleirara durante toda a noite no braço de um sofá, observando a ação de uma distância segura, disse algo como: "Eu soube o que minha família queria de mim, antes que eles mesmos soubessem."

Lembro-me de ter-me sentido, subitamente, aliviada e agradecida. A observação casual daquele Cinco despertou uma percepção que há muito vinha se desenvolvendo em mim, e sua presença física, junto com o que ele disse, foi o gancho que me atraiu para o Eneagrama. Percebi, de imediato, que o sujeito era intuitivo naquela área específica, que sua sensibilidade se desenvolvera como parte da estratégia de sua sobrevivência na infância, que era, com certeza, suficientemente astuto para descrever como alterara suas percepções a fim de "saber quais eram as expectativas dos outros" e que, se pudesse ter claro para si mesmo o que já fazia naquela pequena área defensiva de sua vida, teria boas oportunidades de ganhar, por vontade própria, acesso a um estado intuitivo da mente.

Houve outros naquela turma original, que, por fim, contribuiriam de modos distintos para o sistema do Eneagrama. Um de meus melhores amigos Bob Ochs, padre jesuíta e entusiasta do Eneagrama, transcreveu algumas reflexões sobre os diferentes pontos e sobre as formas de eles se relacionarem ao pensamento católico. Essas poucas páginas de Ochs repercutiram de forma extraordinária na comunidade jesuíta. Os membros dessa comunidade religiosa, que vivem e trabalham juntos, muitas vezes sob condições severas, levaram a sério o sistema, justamente por terem de compreender o ponto de vista íntimo das pessoas com quem vivem e trabalham. Outra das primeiras alunas de Naranjo, Dra. Kathleen Speeth, acrescentou ao sistema sua competente compreensão de psicologia e alimentou o material durante um período em que Naranjo esteve doente e parcialmente afastado.

Em 1976, comecei a entrevistar painéis de meus próprios alunos, como parte de um programa mais extenso de treinamento da intuição. O que começou com um grupo de quarenta em minha sala de estar se expandiu com o tempo para alguns milhares de pessoas, que reconheciam seu tipo, vendo e ouvindo os participantes dos painéis falar de suas vidas. Os depoimentos selecionados neste livro foram tirados de gravações daqueles encontros. Logo, fui levada a desenvolver uma linha de questionamento que realçasse experiências da intuição e da essência, e o material sobre a atenção e estilo intuitivo que aparece neste livro é a minha contribuição à contínua propagação do Eneagrama. Adotei a política de verificar cada questão, apresentando-a repetidas vezes aos painéis, antes de incluí-la entre as características de um tipo.

Ichazo continuou a desenvolver seus insights para o sistema, por meio do Arica Institute. Presentemente ele é a principal fonte do assunto e prossegue a tarefa de explorar o Eneagrama, como modelo de transformação da consciência humana.

Pontos Focais da Atenção

1. Avalia o que é correto ou incorreto numa situação.
2. Deseja atenção que denote aprovação de outras pessoas.
3. Quer uma atenção positiva em relação a tarefas e a desempenho.
4. A percepção se altera em função da disponibilidade ou indisponibilidade de objetos e de outras pessoas. Enfoque seletivo no melhor no que está ausente e no pior no que está presente.
5. Deseja manter a privacidade. Sensível às expectativas alheias.
6. Examina o ambiente em busca de indícios que indiquem as intenções ocultas das outras pessoas.
7. A atenção se desvia para associações mentais prazerosas e planos futuros otimistas.
8. Busca qualquer sinal de perda potencial do controle.
9. Tenta determinar agendas e pontos de vista de outras pessoas.

O ENEAGRAMA DOS MECANISMOS DE DEFESA OU DOS AMORTECEDORES DE GURDJIEFF



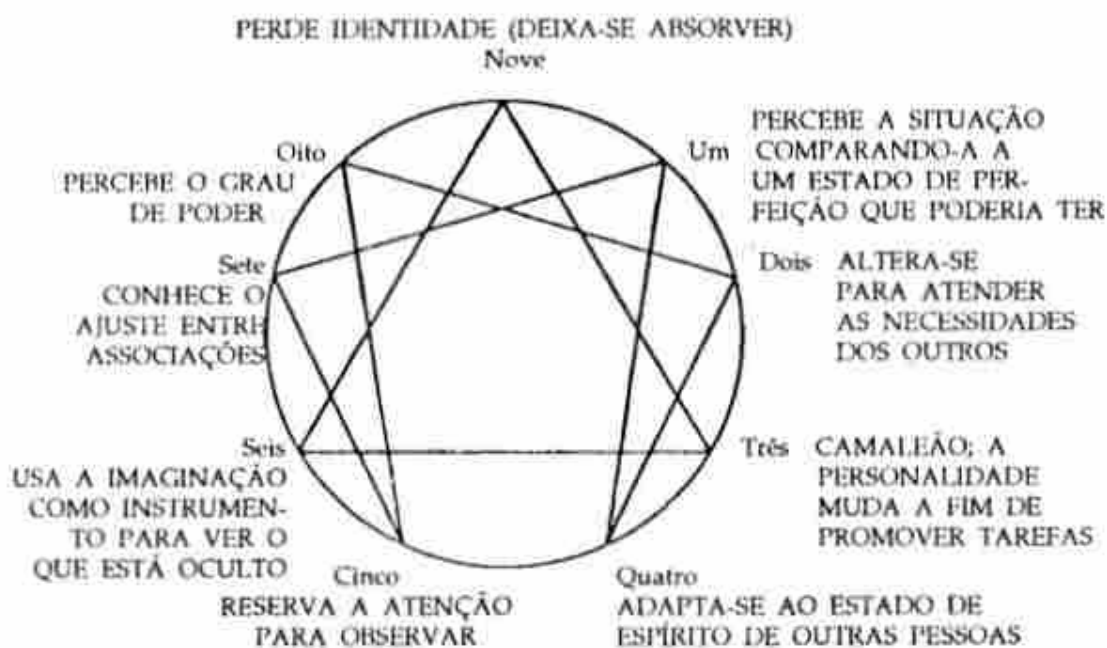
Da Obra de Claudio Naranjo

O conceito de que possuímos três espécies de inteligência - mental, emocional e baseada na barriga - indica também a existência de três formas distintas de intuição - através da mente, através dos sentimentos e através de uma inteligência baseada nas entranhas, centrada no corpo físico. O topo do Eneagrama, pontos Oito, Nove e Um, tende naturalmente a se basear na barriga. Esses pontos recebem impressões intuitivas muito facilmente através do corpo físico. Os tipos do sentimento estão do lado direito do diagrama, Dois, Três e Quatro, e recebem impressões em grande parte

através de reações emocionais. Os tipos mentais estão agrupados à esquerda, Cinco, Seis e Sete, e percebem as impressões intuitivas sobretudo de forma mental.

É importante lembrar que podemos desenvolver uma gama de capacidades intuitivas e que não estamos limitados à forma específica pela qual nosso tipo, caracteristicamente, percebe a informação intuitiva. Porém, como cada tipo focaliza uma dimensão particular dos 360 graus de amplitude da realidade total, cede um terço provavelmente desenvolvido um meio de prestar atenção adequado aos seus próprios interesses. O grupo do Nove tende a perceber através do corpo físico, como se em resposta à pergunta interior "Qual a minha posição em relação ao ambiente exterior?". O grupo do Três, centrado no sentimento, tende a perceber através do corpo emocional, como se em resposta à pergunta "Com quem estou?". E o grupo do Seis, centrado na cabeça, tende a perceber impressões mentais, como se em resposta à pergunta "E sobre o quê esta situação?". Assim, pessoas de cada grupo tendem habitualmente a colocar a atenção no centro da cabeça, do coração ou da barriga, e, embora pessoas de um tipo possam aprender o posicionamento da atenção que pessoas de outros tipos adotam, é mais provável que admitam o estilo intuitivo específico a seu próprio tipo.

O ENEAGRAMA DO ESTILO INTUITIVO



Da Obra de Helen Palmer

Cada um dos estilos intuitivos se baseia em desvios específicos da atenção, que operam automaticamente como parte das percepções usuais de um tipo. Quando examinados de perto, esses mesmos desvios parecem se assemelhar à estrutura em que se organizam práticas básicas de meditação que treinam nossa capacidade de desligar e ligar (enfocar) a atenção de modos específicos.

Intuição baseada no Corpo: Pontos Um - Nove - Oito

Um - Fareja a possibilidade de perfeição em eventos comuns. O que está incorreto sobressai porque é percebido como um erro de primeiro plano que embota a sensação permanente de "como as coisas poderiam ser perfeitas".

Nove - Acolhe os outros dentro de si mesmo. Como um espelho que absorve a impressão de quem esteja diante dele, refletindo uma réplica para o observador. Quando se conecta, o Nove se sente unido ao ponto de vista do outro. Ver "Pontos Dois e Nove se Assemelham", a seguir.

Oito - Sensação de que cresce fisicamente "para encher o espaço". Percebe as características de presença e de poder nas pessoas e nas situações. Com treinamento, pode perceber um largo espectro de características.

Intuição baseada no Sentimento: Pontos Dois - Três - Quatro

Dois - Altera-se empaticamente para satisfazer as necessidades de outros. O sentimento de se tornar aquilo que os outros querem. As emoções se alteram antes que a mente possa intervir. Ver "Pontos Dois e Nove se assemelham", a seguir.

Três - Mudança camaleônica da personalidade e da apresentação pessoal para incorporar as características necessárias à realização do trabalho. O foco da atenção está na tarefa ou na reação alheia à tarefa. A personalidade é capaz de mudar automaticamente e eficazmente antes que o Três tenha decidido mentalmente o que fazer.

Quatro - Adapta-se às emoções alheias. Assume o sofrimento e a dor alheia. Ressonância emocional. Quatros se dizem capazes de tirar energia do estado emocional relativo à família ausente, a amigos e a pessoas amadas ausentes.

Intuição Mentalmente baseada: Pontos Cinco - Seis - Sete

Cinco - Desvia a atenção de pensamentos e sentimentos a fim de observar imparcialmente. Testemunha mentalmente sem interferência de pensamentos e de sentimentos pessoais.

Seis - Visão das intenções não declaradas que estão por baixo de uma fachada superficial. Uso da imaginação como um instrumento para desmascarar pontos de vista ocultos.

Sete - Conhecimento dos ajustes entre associações remotas. Um problema vai para a retaguarda da mente enquanto prosseguem outras atividades. Algo numa atividade secundária acende uma associação de idéias que resolve o problema inicial.

Pontos Dois e Nove se Assemelham

Tanto o Dois quanto o Nove dizem "Perco minha identidade", ao descreverem sua ligação intuitiva com outras pessoas. Dois primeiramente se alteram emocionalmente a depois absorvem esse aspecto emocional, ao mesmo tempo em que outros aspectos desaparecem no segundo plano; por ocasião da incorporação,

um Dois é capaz de se sentir totalmente preso na excitação de ser aquilo que outros querem. É algo relacionado ao fenômeno da personalidade múltipla: os muitos aspectos de um Dois podem parecer absolutamente autênticos individualmente, mas não existem simultaneamente.

Noves não alteram sua apresentação pessoal. Preferem assumir a visão de mundo dos outros como um todo a se alterar e transformar no que é desejável aos outros. Noves tampouco dizem que oscilam entre aspectos múltiplos do caráter. Quando Noves se deixam absorver, dizem que deixam de existir para si mesmos e, tendo esquecido seu próprio modo de ver, absorvem os sentimentos e o ponto de vista de outras pessoas, que são sentidos mais intensamente que os seus.

Foco da Atenção nos Relacionamentos

Uma das grandes vantagens de saber seu tipo e os tipos das pessoas que lhe são próximas é poder ver em que pontos do diagrama você e outra pessoa são passíveis de se encontrar e em que pontos vocês terão de trabalhar para se entender mutuamente. Em geral, se duas pessoas são do mesmo tipo, há grande chance de serem coniventes em seu ponto de vista. Tenho encontrado, por exemplo, muitos casais de Uns (Perfeccionistas) que tendem a ser coniventes em suas noções sobre a maneira perfeita de viver, em termos de gosto e de correção. Tendem igualmente a se incomodar com a constante reflexão de sua crítica interna.

Num relacionamento do gênero folie à deux¹ a visão de mundo de um tipo é confirmada pelo parceiro do tipo. Um casal de Três (Desempenhadores) concordaria que a vida é uma série de projetos desafiadores, e uma associação de Quatros, que a vida se baseia na intensidade dos sentimentos e no medo do abandono.

Quando você e seu par se encontram num ponto, há uma compreensão natural das questões que pertencem a esse ponto. Quando, porém, você se desloca para uma posição a qual seu parceiro não esteja naturalmente propenso a entender, vocês talvez constatem uma tendência a interpretar mal as intenções do outro. Por exemplo, um casal formado por Seis e Oito se encontrará em Sete, Cinco e Nove. Não se encontrarão quando o Seis se mover para seu ponto de estresse em Três nem quando o Oito se mover para seu ponto de segurança em Dois (Dois e Três são adjacentes, mas esquematicamente não são asas). Poderíamos aventurar alguns prognósticos com base nas questões próprias a esses pontos.

Encontro em Sete

Tagarelar com prazer sobre o dia de hoje, compartilhar planos futuros positivos, viagens reunião de amigos, coisas que fazer. Fazer projetos mútuos. Apoio às metas do parceiro. Sexualmente lúdicos, sem convenções.

Encontro em Cinco

¹ Folie à deux: presença de idéias ilusórias ou fantasiosas iguais ou similares em duas pessoas intimamente relacionadas. (Nota do revisor)

Refugiar-se dentro de casa; juntos no mesmo aposento, lendo, ou buscando um espaço privado para se isolar. E bom ter o parceiro por perto, mas não muito perto. Provavelmente nenhum envolvimento sexual nesta posição (asa de Seis como aspecto irrelevante, ponto de estresse de Oito). Quando estressado, o Oito quer privacidade, e se espera que o Seis tenha bastante bom senso e não imagine que o afastamento do companheiro significa o término do relacionamento. O Oito aparecerá quando tiver vontade.

Encontro em Nove

Ativamente unidos. O Seis terá posto de lado a ansiedade pelo desempenho, mas pode ficar preso a coisas triviais e sem nexos (o aspecto desfavorável do Nove). Perambular pela casa, vigiar a panela da sopa, fazer pequenas coisinhas. Luxúria (asa de Oito e ponto de segurança de Seis). Se o Seis puder ser sexual sem sentir medo e sem se trancar, o Oito se adaptará ao Seis o tempo todo. Possibilidade de o Seis se sentir bastante relaxado para sentir sentimentos amorosos verdadeiros. Paradoxalmente, o Seis pode sentir raiva ao perceber que o parceiro Oito significa muito. Provavelmente, de início, a raiva será expressa por meio de uma projeção de que o companheiro está tramando alguma coisa. Se o Seis assumir o aspecto favorável de seu ponto de segurança, ela ou ele se permitirá ser afetado por amor pelo Oito.

O Oito se move para Dois, seu ponto de segurança

O comportamento do Oito passa do rígido controle para a expansividade. Uma espécie de vertigem de generosidade e o desejo de ter muito das boas coisas da vida. Tudo é perdoado. O Oito vai preferir que cuidem dele a ficar no controle. Pequenos gestos terão grande valor. Oitos têm uma sensualidade baseada no corpo; por isso, em Dois, são apreciadas boa comida, festas, banquetes e camaradagem afetuosa. Se o Seis tiver bom senso, ela ou ele participará da festa.

O Seis se move para Três, seu ponto de estresse

Nesta posição é provável que o Seis esteja bastante concentrado numa tarefa a ponto de ficar oscilando para dentro e para fora da zona da paranóia. Quando identificado com uma tarefa, a atenção do Seis vacila entre a excitação e o frenesi paranóico quanto ao êxito ou fracasso do projeto. Se o Oito tentar assumir o controle, ou forçar o Seis à ação, ou se ainda iniciar um sermão sobre os problemas do Seis em agir, este poderá rachar e fugir tanto do projeto quanto do Oito.

O Oito, porém, pode dar apoio ao parceiro controlando certa mecânica do projeto que faz o Seis protelar e se demorar. Se o projeto for mantido em andamento, então os obstáculos aparentemente intransponíveis para o amedrontado Seis serão vistos em sua justa perspectiva, e o Oito será a heroína ou o herói do dia. O Oito terá de atentar para a diferença entre tomar o controle à força a dar um apoio adequado. O Seis terá de distinguir claramente entre se submeter a delegar responsabilidades.

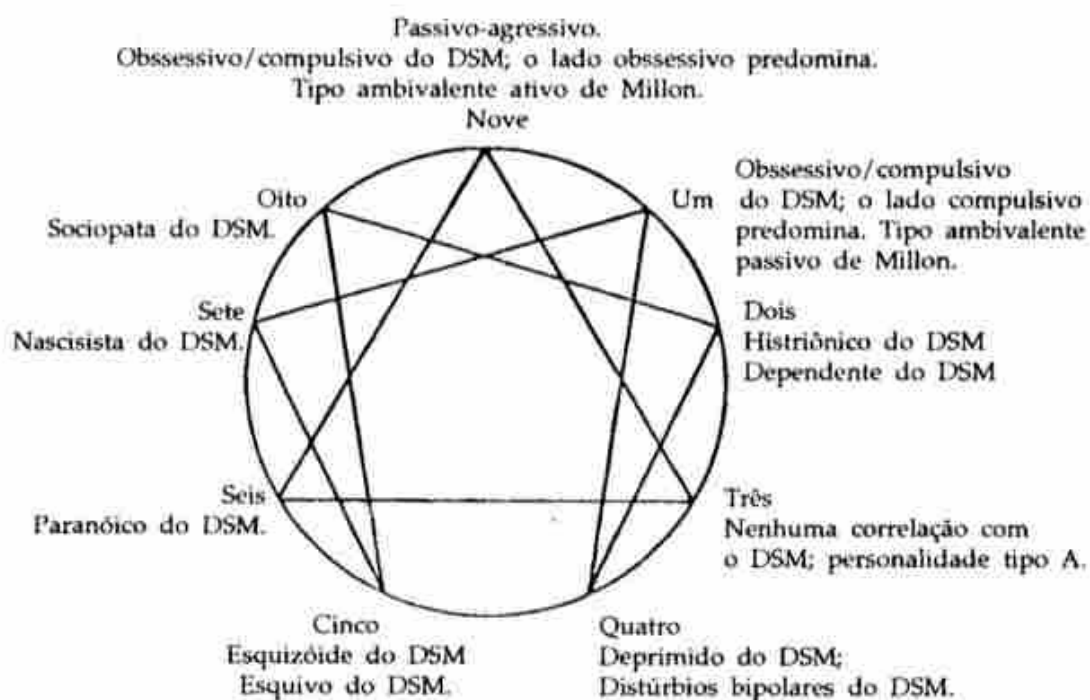
O Eneagrama das Categorias de Diagnóstico

O Eneagrama seguinte é um arranjo de categorias de diagnóstico que constam do Diagnostic and Statistical Manual III, Revised (Manual de Diagnóstico e Estatístico III, Revisto). Nos Estados Unidos, o DSM IIIR é usado em nível nacional para fins de seguro de saúde. O Apêndice deste livro contém um resumo das descobertas científicas que fundamentam essa disposição dos tipos.

Somente uma pesquisa muito meticulosa permitirá que o Eneagrama assuma seu devido lugar no pensamento psicológico do Ocidente. Eu, por exemplo, encontrei várias "concordâncias" do sistema do Eneagrama com testes e sistemas de medição sendo reivindicadas sem nenhuma base nem nas descobertas das pesquisas nem no tratamento fenomenológico do questionamento dos painéis dos tipos. Essas ditas concordâncias parecem promissoras e atraentes, mas não prestam nenhum serviço ao Eneagrama, porque não se baseiam em descobertas científicas. O Apêndice contém um sumário dos trabalhos em andamento visando à formulação de uma estrutura empírica para o Eneagrama e à elaboração de um teste por escrito para a determinação do tipo.

Baseado nos insights de Naranjo em relação aos mecanismos de defesa e nas inúmeras histórias que ouvi em painéis no decorrer dos anos, o Eneagrama que se segue é um arranjo que se encaixa mais intimamente com o conhecimento psicológico atual. Uma comprovação desse arranjo reside no fato de que ele é autoverificável. Isso significa que bons observadores de si mesmos saberiam se classificar a partir de uma descrição das questões de seu tipo e responder corretamente com relação à mudança de seu comportamento quando se movem até o ponto de estresse e até o ponto de segurança.

O ENEAGRAMA DA PATOLOGIA



As categorias do DSM descrevem patologias graves. Do ponto de vista da prática da atenção, isso significa que a capacidade de recuar e observar foi perdida. Sem a capacidade de desviar a atenção para a neutralidade da posição vantajosa do observador interno, nossos traços se tornam "aquilo que eu sou" mais do que "aquilo que eu faço". Na patologia, a atenção imerge nos pensamentos e sentimentos que são característicos de nosso tipo, e somos incapazes de adotar outro ponto de vista.

As linhas internas do diagrama posicionam os tipos em relações entre eles sob formas que só agora estão despontando na literatura psicológica. Por exemplo, o triângulo interno sozinho indica algumas correlações fascinantes. Insinua que as tendências compulsivo-obsessivas (Nove), paranóicas (Seis) e workahólicas (Três) coexistem num mesmo indivíduo e predizem as situações de vida específicas (de normalidade, de estresse ou de segurança) em que cada comportamento tem a chance de ocorrer.

Esclarecimento dos Diagnósticos

Tipos centrados no Corpo: Núcleo em Nove, Asas em Oito e Um

Ponto Nove

Compulsivo-obsessivo do DSM; predomina o lado obsessivo. Tipo ambivalente ativo de Milton. Ambivalência no processo decisório, preso entre o desejo de se rebelar e o de obedecer. Em termos do Eneagrama, o Nove vacila entre ser bom (Um) e ser desobediente (Oito).

O Nove tende a ficar no conflito em vez de tomar uma posição que provoque mudança. A questão interna é "Meu desejo é estar aqui?" mais do que a preocupação do Um de "Estou fazendo a coisa certa?". Uma postura não comprometida. A defesa contra a necessidade de agir em cima de uma questão de obediência/rebeldia é dirigir a atenção para tarefas não essenciais e secundárias. Narcotização e devaneios como principais defesas. A ambivalência pode ser afirmada ativamente, mas a raiva é expressa de forma passiva e indireta.

Alguns Noves admitem traços passivo-agressivos. Esses são os indivíduos mais queixosos, mais teimosos e que, na terminologia do Eneagrama, se inclinam para a asa do Oito (ativamente rebelde). O paradoxo dos Noves passivo-agressivos é que, embora compartilhem a mesma ambivalência a respeito da posição pessoal tais como os Noves com tendências mais obsessivas, não seguirão as agendas dos outros. Aqui a postura é se deixar absorver pelos desejos alheios e parecer seguir os outros, mas com o acréscimo de muita incriminação, emperramento e outras tendências de resistência.

Ponto Um

O lado compulsivo da postura do obsessivo-compulsivo do DSM. Internamente pode ser tão ambivalente como um Nove, mas isso não é expresso. Tipo ambivalente passivo de Millon. Polarizado para o lado "bom" do conflito obediência/ rebeldia. A formação reacional impede que a raiva e os verdadeiros desejos aflorem na consciência. Rígida aderência a códigos de certo a errado. Compulsão a fazer a coisa certa. Há apenas um caminho correto.

Ponto Oito

Tipo sociopata do DSM. Meu caminho é o caminho correto.

Tipos Centrados no Sentimento: Núcleo em Três, Asas em Dois a Quatro

Ponto Três

Nenhuma categoria correspondente no DSM. Tipo identificado recentemente no pensamento psicológico ocidental. Os sentimentos são suspensos no interesse do fazer. A atenção é na tarefa, não no eu. Embora Três admitam alguns traços de narcisismo, tais como acreditar na própria superioridade em áreas de realização e mérito, esse mérito é ganho com trabalho duro e não assumido como um título automático. Três preferem se sacrificar para manter uma imagem de vencedor a adotar a postura mais narcísea de substituir o trabalho duro do presente por idéias de êxito futuro.

Pontos Três e Sete se Assemelham

Ambos são extrovertidos cheios de energia. Ambos são otimistas, se autopromovem a quem querem aprovação. Ambos projetam a imagem de vencedor. Três, contudo, trabalham até o esgotamento, e Setes trabalham apenas enquanto o projeto permanece interessante. Três querem assumir o poder sobre os outros, ser líderes reconhecidos, se comprometer a fazer o melhor e o mais responsável dos trabalhos. São conformistas, se voltam para os outros em busca de aprovação e trabalham duro por um retorno imediato.

Setes querem uma prova de tudo o que é bom. Querem aventura mais do que poder. Não precisam se sujeitar para ganhar aprovação, porque se vêem acima das convenções sociais. Isentam-se de responsabilidades, se fiam na aprovação que dão a si mesmos e se arrebatam com uma visão positiva do futuro mais do que com um trabalho por objetivos imediatos.

Ponto Dois

Tipos de histriônico e do dependente do DSM. Ambos necessitam de constante confirmação e aprovação. O eu tem seu sentido numa relação com um parceiro. Ambos se adaptam às necessidades do outro como garantia do amor. "Me transformo naquilo que quer a pessoa que eu amo." O tipo dependente se adapta por dócil aquiescência, geralmente se apegando a um único relacionamento. O tipo histriônico assume postura agressiva e manipuladora para obter o controle do companheiro.

Ponto Quatro

Depressão e funcionamento bipolar no DSM. Em linguagem do Eneagrama, pode ocorrer uma apresentação pessoal agitada no ponto de estresse em Dois

(depressivo histriônico), ou devido a uma tendência para a asa em Três que leva a uma atividade impulsiva para lutar contra a depressão.

Tipos Mentalmente Centrados: Núcleo em Seis, Asas em Cinco e Sete

Ponto Seis

Paranóico do DSM.

Ponto Cinco

Tipos esquizóide e esquivo do DSM. Participantes de painéis de ambos os tipos admitem os mesmos traços centrados no desinteresse social. Alguns se dizem auto-suficientes e não preocupados em ter contato pessoal íntimo com outras pessoas (esquizóides, passivamente desprendidos), e outros admitem sentimentos de frustração pelo isolamento social (esquívos, ativamente desprendidos).

Ponto Sete

Narcisista do DSM. Atribuição de prerrogativas com base em dons superiores. Prerrogativas são assumidas mais do que adquiridas pelo esforço pessoal. Ver o item precedente "Ponto Três e Sete se Assemelham". A atenção é projetada para um futuro cheio de imagens de otimismo, o que previne a necessidade de engajamento ou trabalho imediato. "Acima de tudo tenho de ser fiel a mim mesmo."

II. OS NOVE PONTOS DO ENEAGRAMA

5. Introdução aos Pontos

A melhor forma de compreender como os tipos interagem entre si é ler primeiro os três pontos nucleares do triângulo interno Seis-Três-Nove e depois passar para as variações dos pontos nucleares, na seqüência Um-Quatro-Dois-Oito-Cinco-Sete. Nas aulas, fazemos os painéis nessa ordem de apresentação, porque, ao seguir as linhas, o espectador pode ver mais facilmente como cada tipo muda ao se mover rumo à ação ou ao estresse. Dispus os capítulos na ordem numérica de Um a Nove, simplesmente para facilidade de referência.

Cada capítulo começa com uma formulação do dilema psicológico, uma história de família típica e uma discussão sobre as questões básicas que preocupam o tipo. Incluí também um sumário de como o tipo tende a se comportar em relacionamentos íntimos e com autoridades.

As seções sobre como cada tipo presta atenção e sobre os estilos intuitivos comuns a cada um deles são de particular interesse para mim. As práticas de atenção me parecem uma ponte entre o intelecto e a intuição e um meio poderoso para nós no Ocidente começarmos a resgatar a conexão com aquilo que a tradição sagrada descreve como as características da essência. Entrevistei muitos indivíduos que tiveram experiências com a intuição, ou com sua própria essência, e que se fiaram em minha própria intuição como instrumento para penetrar nos mecanismos dessa área íntima da psique humana. Vejo as modestas seções sobre atenção e intuição neste livro como um trabalho preliminar rumo a um entendimento mais completo desses atributos de nossa natureza.

Embora cada tipo tenha uma predisposição específica para determinada faculdade intuitiva, é importante lembrar que cada um de nós tem a possibilidade de incorporar todos os estilos intuitivos. Você poderá descobrir, por exemplo, que recorre para o estilo mais comum ao seu ponto de segurança, ou ao estilo que é típico de pessoas que se identificam com seu ponto de ação (estresse). Cada um de nós é único na maneira como aprendemos a lidar com nossa vida, mas, examinando o modo como prestamos atenção e cultivando o observador interno, podemos descobrir que, muitas vezes, estamos em contato com a informação intuitiva que influencia nossas decisões e nossas relações, sob formas que não reconhecemos.

Os aspectos mais evoluídos de cada tipo são descritos num item sobre a capacidade mental superior e sobre a Virtude emocional. A dificuldade em descrever aspectos da essência da natureza humana está em que eles podem ser facilmente confundidos com idéias de como seria incorporar tais atributos, como se a essência fosse meramente uma extensão do eu pessoal. A realidade é que as qualidades da essência se tornam acessíveis quando nos encontramos num estado alterado da consciência que não seja dirigido pelo eu pensante/sensível. Essas características têm pouca relação com nossa consciência ordinária e, infelizmente, podem facilmente gerar conceitos banais sobre o provável comportamento de pessoas evoluídas.

O primeiro passo rumo a uma concreta incorporação de uma característica da essência é cultivar o observador interno; o segundo é dominar muitos níveis de meditação, de movimento e de práticas de energia; e o terceiro, integrar as características da essência a uma personalidade madura.

Acrescento ainda tópicos sobre o que ajuda os indivíduos de cada tipo a evoluir, questões especiais que devem ser percebidas e as variações do subtipo para cada tipo.

Todo esse material foi desenvolvido durante aulas e entrevistas aos painéis no decorrer dos últimos doze anos, o que faz do livro uma verdadeira síntese das histórias de milhares de alunos que participaram do trabalho.

Cada capítulo contém:

Síntese do dilema

História de família típica

As principais questões do tipo

Padrões de relacionamento íntimo

Um exemplo de relação de casal entre dois tipos

O relacionamento do tipo com a autoridade

Um exemplo de interação hierárquica entre dois tipos

Estilo de atenção

Estilo intuitivo

Ambientes atrativos para o tipo

Ambientes não atrativos para o tipo

Representantes famosos do tipo

A característica mental superior

A virtude

Méritos

Os subtipos

O que ajuda o tipo a evoluir

Coisas que o tipo deveria perceber.

6. Ponto Um: O Perfeccionista

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|------------------|----------------------|-----------------|------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | RESSENTIMENTO | Mente Superior. | PERFEIÇÃO |
| CORAÇÃO | Paixão: | RAIVA | Virtude: | SERENIDADE |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | CIUMENTO | | |
| | Social: | NÃO ADAPTÁVEL | | |
| | Autopreservação: | ANSIOSO (PREOCUPADO) | | |

O Dilema

Uns foram meninos e meninas bonzinhos. Aprenderam a se comportar de maneira adequada, a assumir responsabilidades e, acima de tudo, a ser corretos aos olhos dos outros. Eles se lembram de ter sido dolorosamente criticados e, em consequência, aprenderam a se monitorar com severidade, a fim de evitar erros que chamassem a atenção alheia. Supõem com grande naturalidade que todo o mundo compartilhe seu desejo de auto-aperfeiçoamento e, muitas vezes, ficam desapontados com aquilo que vêem como falha de caráter moral nos outros.

O ponto de vista do Perfeccionista está contido na imagem dos ancestrais puritanos dos americanos, que eram áduos trabalhadores, retos, ardorosamente independentes e convictos de que o pensamento e a bondade pura a simples prevaleceriam sobre o lado sombrio da natureza humana. Uns estão convictos de que a vida é dura e de que o bem-estar deve ser conquistado, de que a virtude é a sua própria recompensa e de que o prazer deve ser adiado, até que tudo mais tenha sido feito.

Em geral, Perfeccionistas não percebem que se negam prazer. Estão tão preocupados com o que "deveriam" fazer e com "o que deve ser feito", que raramente se perguntam o que querem da vida. Seus desejos naturais lhes foram proibidos quando eram novos, fazendo com que aprendessem a bloquear seus desejos, concentrando a atenção na coisa certa a ser feita.

Sempre há espaço para o aperfeiçoamento, e Uns extremamente compulsivos podem usar grande parte de suas horas de lazer trabalhando para se tornar pessoas melhores. Sentar no ônibus que os leva ao trabalho significa praticar uma série de exercícios posturais, almoçar é sinônimo de dez mastigações por bocado e hora de folga significa fazer algo construtivo e educativo.

Uns dizem viver com aquela espécie de crítico interno severo que a maioria de nós só conheceria se tivesse cometido um grave crime. Normalmente, ouvem uma voz julgadora como parte de seu próprio pensamento, e, embora saibam que essa voz tem origem dentro deles mesmos, ela pode parecer tão invasora, como se viesse de uma fonte externa. O crítico interno comumente julga qualquer pensamento ou ato do Um. Por exemplo, se um Um estiver dando uma preleção, o crítico interno poderia oferecer continuamente comentários sobre o desempenho: "Você poderia ter sido mais preciso ao dar essa opinião, sua voz é nasal, não fuja do assunto." O medo de ser criticado na infância fez Uns desenvolverem um sistema de vigilância interna que automaticamente controla pensamento, palavra a ação.

Uns associam seu exigente crítico interno a uma pane de si mesmos que é superior a, ou melhor que seus pensamentos comuns e, apesar de perceberem que o

crítico interno se origina dentro de seu próprio pensamento, tendem a ouvir esse comentário interno virtuoso, como se brotasse de algum plano de existência superior.

Uns afirmam, com frequência, que seus próprios pensamentos os julgam por sentirem raiva ou desejos sexuais e que, nas horas em que sua voz interior se torna excessivamente crítica, manifestam profundo ressentimento contra os que parecem estar violando as regras, sem nenhum indício de remorso. Na medida que Perfeccionistas procuram estar à altura da pressão gerada pela demanda de qualidade do crítico interno, se sentirão impelidos a ser bons, ao mesmo tempo em que estarão julgando intimamente aqueles que desobedecem às normas.

O crítico interno está tão integrado ao modo de pensar dos Perfeccionistas, que estes só podem supor que todas as outras pessoas também vivam com uma torrente de pensamentos julgadores. Quando os outros optam pelo prazer em detrimento da correção, a um Um só resta acreditar que estejam deliberadamente trapaceando.

A atenção de um Perfeccionista está tão concentrada na questão do que é conveniente fazer, ou do que deve ser feito, que não sobra espaço mental para que brotem na consciência os seus próprios desejos. Portanto, são ressentidos, palavra que descreve um sentimento crônico de irritação. O ressentimento poderia ser descrito como o grau de diferença entre desejos reais esquecidos ou preteridos e a compulsão de trabalhar duro para satisfazer às demandas do crítico mental.

Adiar o prazer gera uma sensação de estar agindo corretamente. A recreação e o divertimento serão considerados após se ter colocado a vida no rumo certo e se ter cumprido plenamente as obrigações. Os horários são programados e fechados com todos os ingredientes necessários a uma vida perfeitamente equilibrada: a hora da música, o período de exercícios, a visita ao amigo doente, o bloco de tempo para o estudo. O tempo é controlado pelas ranhuras de uma agenda, uma relação em celas fechadas de primorosos "devo" e "preciso", que elimina efetivamente o tempo livre, em que poderiam emergir as necessidades reais. Uma jovem Perfeccionista descreveu assim seu desejo de entrar numa escola de arte:

"Eu queria tanto aquilo, que fiquei dois anos atolada nas preliminares. Cada passo da decisão tinha de ser tão perfeito, que eu não conseguia me matricular. Primeiro, tive de ajustar meu desejo de pintar às minhas crenças políticas, porque, de um ponto de vista político, via minhas tendências expressionistas como socialmente reacionárias. Depois, tive de medir meu amor à natureza e ao ar livre em face de minha opção pela arte como uma ocupação sedentária e rever minhas convicções religiosas que me induziam a enfocar temas religiosos específicos. Toda a minha visão de mundo teve de ser reformada, antes que eu pudesse preencher a papelada da matrícula".

Esta estudante de arte teve de prestar contas ao seu crítico interno antes de poder se concentrar em sua emoção, em suas expectativas e no fato de que a pintura lhe dava prazer. No passado puritano dos Estados Unidos, dança e jogos eram proibidos por constituírem oportunidades de o prazer e a paixão escaparem à censura do crítico interno das pessoas.

A visão de mundo do Perfeccionista se origina de uma suposição de que, afinal de contas, existe apenas uma solução, uma saída correta para cada circunstância. Uns se consagram a esse caminho correto, como se ele fosse uma declaração de caráter, sem se importar com os muitos atrativos que outros caminhos possam ter. A noção de que pode haver múltiplos caminhos corretos, ou de que o correto para uma pessoa pode ser incorreto para outra, parece abrir as portas para o caos. Se as pessoas tivessem permissão de fazer o que bem entendessem, o que impediria o mal de destruir tudo o que houvesse de bom?

Os julgamentos de um Um se centram em geral na raiva e na sexualidade, porque esses impulsos foram punidos na infância. Normalmente, Uns não sabem quando estão com raiva. Mesmo com um aperto visível da mandíbula e uma contração

dos lábios, como se fosse para manter sob controle palavras de crítica, eles não percebem que estão irritados, porque, inconscientemente, bloqueiam a percepção de uma emoção "ruim". Um Um de faces rubras e ativamente crítico talvez não perceba que sua raiva está transparecendo durante toda uma discussão e é capaz de abandonar a interação, acreditando simplesmente que foram feitas algumas considerações importantes.

Vendo a raiva como um sentimento ruim, Uns só conseguem admitir seu próprio ressentimento depois de ter absoluta certeza de estar com a razão. Contudo, quando estão seguros de um ponto de vista, têm acesso a um enorme fluxo de energia física. O crítico mental recua, quando o Um tem a convicção de estar certo, e a ventilação da raiva contida parece deslanchar. Com Uns evoluídos, essa energia pode ser usada para fins altamente construtivos. Muitas vezes, estão na vanguarda de causas humanitárias, às quais servem de forma desinteressada, da mesma forma que outros trabalham por salário ou reputação. Com Uns imaturos, a mesma atração por uma causa justa serve ao propósito de criar uma tribuna de virtudes, de onde denunciam os outros por maus procedimentos.

O Um vive numa casa dividida. No andar de cima, vive um crítico, e esse crítico, em grande parte, não percebe as torrentes de sentimentos que, periodicamente, inundam os porões da casa. Se essa maré de paixões sobe abruptamente, é provável que o Um deixe vazar sentimentos insuportáveis, enfocando o mau procedimento de outra pessoa, ou se embebedando, ou se drogando para fazer adormecer o crítico interno. Bebedeira, acessos de raiva ou períodos de intensa atividade sexual são meios de o Um liberar a pressão que periodicamente se acumula, devido ao não-reconhecimento de suas próprias necessidades.

A imagem da casa dividida também se aplica a Perfeccionistas que estabelecem um relacionamento do gênero "alçapão" entre o crítico mental e a enxurrada de emoções, que ficam presas nas armadilhas do porão do inconsciente. Uns com alçapão são pessoas que desenvolvem uma solução de vida dupla para o problema de viver numa casa dividida. Desenvolvem dois temperamentos distintos, um para "onde sou conhecido" e outro para o "longe daqui". São responsáveis e respeitados no meio onde são conhecidos, mas se tornam mais relaxados e sexualmente sedutores num ambiente longe da família e dos amigos. A solução do alçapão pode ser encenada de forma tão inofensiva como ir passar férias num lugar, onde não sejam conhecidos nem tenham responsabilidades, ou pode ser encenada em combinações bizarras, tais como bibliotecária/prostituta, ou missionário/ladrão.

Outro meio de aliviar a tensão de viver numa casa dividida é perdoar. Se o erro puder ser admitido, então o crítico interno desaparece, e Uns são capazes de ver seus próprios pecadilhos numa luz mais clemente. O ponto central do perdão é admitir o erro sem a humilhação e a punição a ele vinculadas e que Uns estão condicionados a esperar. São as pessoas mais pacientes e construtivas do Eneagrama, quando se trata de reparar um erro, desde que possam admitir que o erro foi cometido. Também são capazes de sentir o prazer de um trabalho bem feito, com uma gratidão que eleva seus corpos como num vôo de anjos. O senso da perfeição pode ser estimulado por coisas simples: uma casa limpa, uma frase bem construída ou um momento numa conversa em que tudo está perfeitamente em seu lugar.

As preocupações do ponto Um compreendem:

- Padrões internos de correção que podem se tornar puritanamente exigentes. Fluxo de pensamentos autocríticos.
- Uma necessidade compulsiva de agir de acordo com o que parece correto.

- Fazer a coisa certa.
- Uma crença na própria superioridade ética moral. As melhores pessoas. Os dez por cento do topo, os que fazem a coisa certa.
- Dificuldade em reconhecer necessidades reais que não estejam em conformidade com os padrões de correção.
- Comparação mental com os outros: "Sou melhor ou pior do que eles?"
Preocupação com a crítica alheia: "Eles estão me julgando?"
- Adiamento da decisão por medo de cometer erros.
- Reformadores do mundo. Transferência da raiva gerada pela não-satisfação de necessidades para aquilo que parece ser um alvo externo legítimo.
- A emergência de duas personalidades: a personalidade séria, que vive em casa, e a lúdica, que desponta longe de casa.
- Um modo de prestar atenção que se baseia na correção de erros e que pode gerar:
 - uma magnífica capacidade de crítica e
 - uma consciência de fundo do potencial de perfeição em qualquer situação dada, contra a qual por comparação, o erro sobressai como percepção de primeiro plano. "Pense na perfeição que isso poderia ter."

História de Família

Uns normalmente relatam ter sido duramente criticados ou punidos quando pequenos, tornando-se por fim obcecados em tentar ser bons como forma de evitar problemas. Essa parece ser uma situação de família que produz filhos obedientes, mas que os força a controlar seu comportamento, internalizando a voz crítica dos pais.

De muitos se esperava que assumissem prematuramente a responsabilidade adulta, a eles, em muitos casos, passaram a ser como pais, a fim de equilibrar adultos imaturos dentro da família.

"Meu pai queria ser escritor, mas, em vez disso, era chefe de família e na verdade odiava sua vida. Eu achava que ele descontava em cima de nós por não ter seguido seu sonho e se sentia encurralado pelo que tinha arrumado na vida. Mamãe estava doente boa parte do tempo, e esperavam que eu tomasse conta das crianças menores. O ambiente em casa era tenso, com todo mundo andando na ponta dos pés para não irritar os pais, e eu sempre achando que tinha coisas demais que fazer.

Me lembro de um verão quando me mandaram lavar todas as paredes da casa a de repente dei por mim, com a corona da sala rasgada nas mãos, olhando pela janela as crianças brincando lá fora. Eu tinha ficado tão furioso por ter de cuidar de todo mundo que acabei arrancando dos ganchos uma corona pesada, sem jamais perceber quanta raiva sentia por dentro."

A atmosfera era de altas expectativas, sem recompensas. Acreditava-se que a virtude se recompensasse a si mesma, e, por isso, os Perfeccionistas eram repreendidos por maus procedimentos, sem ser distinguidos pelo sacrifício de serem bons. Ser uma pessoa perfeita requer muitas privações e exige um rigoroso controle interno. Por fim, o prazer das recompensas pode ser ofuscado em favor do prazer do autocontrole. Este contador muito bem-sucedido, mas cronicamente ansioso, descreve a maneira como controla seu próprio prazer.

"Durante meus anos de escola, eu me motivava a estudar prometendo a mim mesmo que, se desse duro religiosamente durante a semana, iria ao jogo de basquete

no sábado de manhã. Então chegava sábado e eu tinha terminado tudo, mas, em vez de ir jogar, eu pensava: 'Tudo bem, fiz o serviço, e esse era o objetivo de minha promessa. Então em vez do basquete, vou atacar duas outras tarefas que venho adiando há tempos. Se eu concluir essas tarefas, então irei ao jogo, caso contrário, não.' Eu fazia por onde merecer o meu lazer, mas muitas vezes não o gozava, apesar de tê-lo merecido."

Quando Uns se privam, forma-se um nível crítico de pressão que os faz liberar o ressentimento de uma forma tal, que sua própria raiva permanece oculta deles mesmos. Este arquiteto descreve como liberava sua agressividade reprimida.

"Em casa eu era um bom rapaz e não achava nenhuma boa razão para a raiva que sentia de meus pais ou da escola. Tinha um irmão retardado que me constrangia, mas que eu tentava proteger, e mamãe, que também era tida por frágil, acabou tendo um colapso. A verdade é que eu era grande, forte, saudável e me faziam sentir culpa por qualquer tipo de diversão que eu me permitisse."

Botei minha raiva pra fora me tornando um vândalo, mas eu nunca soube que tinha raiva. A vontade de destruir as coisas tomava conta de mim, e eu ficava me imaginando quebrando vidraças e acabava, tarde da noite, indo atrás se algum prédio abandonado, levando uma marreta comigo. A coisa era absolutamente fantástica."

Uma Paixão pela Raiva Justa

Muitos Uns não têm consciência de que estão com raiva. Suas mentes podem estar afiadas com pensamentos críticos, que são transmitidos através de tensa linguagem corporal e pelo fato de estarem ocupados corrigindo o comportamento de todas as outras pessoas, mas, a menos que cheguem ao ponto de ruptura, Uns podem se acreditar "esbanjando energia", "tendo um pequeno aborrecimento" ou "fazendo muito num dia só".

Há grande atração para expressar a raiva como veículo de uma causa justa. Se o ponto de vista for correto, a raiva pode ser expressa sem a auto-recriminação por abrigar sentimentos ruins. É por essa razão que Uns são atraídos por pontos de vista puristas que fornecem uma plataforma de lançamento segura para a raiva justa, em nome de uma causa meritória.

O fato é que causa terrível sensação forçar-se a ser bom, enquanto os outros permanecem ignorantes de seu sacrifício e empenho. Uns acham injusto que, na vida, haja poucas recompensas para a honestidade e para o esforço. Como seus próprios desejos foram punidos na infância, perderam o contato com o que querem de verdade, mas são profundamente sensíveis àquilo que acreditam que deveria ser feito. Por isso, podem sentir muita raiva de pessoas que violam as regras, mas não falarão abertamente, a menos que estejam plenamente convictos de estar com a razão. Esse gênero de raiva não admitida será retida interiormente, de modo que tão logo surja um motivo de queixa legítima, ela liberará muita fúria reprimida. Esta esteticista, de maneiras aparentemente delicadas, relata sua irritação com o trânsito.

"O trânsito me irrita incrivelmente. Se todo o mundo ao menos respeitasse as regras, daria para suportar, mas algumas vezes fiquei tão furiosa que parti para a ação. Minha sensação é que estamos todos presos no trânsito, e, se alguém leva uma vantagem, todo o mundo tem de sofrer por isso. A gota d'água pra mim é quando um motorista se esquelha numa rampa de saída, querendo passar antes da vez. Minha reação é sair da fila e ostensivamente forçar o carro para o acostamento."

Desarmando o Alçapão

A raiva e a dor do Perfeccionista se originam do fato de suas necessidades pessoais não estarem sendo satisfeitas. Desejos legítimos foram reprimidos e substituídos por uma lista de deveres. A privação resultante causa uma irritação crônica que fica requeitando sob o esmalte do comportamento polido. Uns se incomodam particularmente com aqueles que representam o lado sombrio da natureza humana, porque são desejos que não conseguem admitir como existentes dentro de si mesmos.

Lembre-mo-nos de que Uns vivem numa casa dividida. Sua atenção é dominada por um crítico mental, que bloqueia a percepção de sentimentos inaceitáveis. Se os verdadeiros desejos de um Um ameaçam transbordar do inconsciente, o crítico se tornará punitivo na tentativa de bloquear uma cheia de reações. De repente, qualquer pequeno erro assume uma importância esmagadora. A atenção é obsessivamente atraída para o erro que precisa ser corrigido. "Você deve fazer isso, ela deveria agir assim." Todo belo rosto tem sua mácula, todo recinto tem seu canto empoeirado e todo pôr-do-sol deixa algo a desejar.

De tempos em tempos, Uns acham um meio de igualar a pressão entre suas próprias necessidades e o crítico mental, ou seja, vivendo duas vidas. Haverá uma vida pública decorosa, na qual regras e normas serão seguidas, e uma vida privada, na qual são encenadas fantasias proibidas.

"Em minha adolescência na cidade de Nova Iorque, eu gostava de ir a bairros diferentes e ver se conseguia passar por italiana ou judia ou artista, no Greenwich Village. Gostava de ser outra pessoa, porque assim não me preocupava com o que pensassem de mim e poderia dizer coisas que em casa nem ousava pensar.

A primeira vez que fui à Europa, foi pura liberação. Ninguém me conhecia, meus pais estavam longe, os prédios eram pequenos palácios de pedra e a moeda parecia dinheiro do Banco Imobiliário.

Enquanto eu viajava, comecei a fazer o papel de diferentes personagens, igual a como fazia em Nova Iorque, no passado. Eu entrava sem destino num trem e deixava que uma de minhas personagens me absorvesse até me sentir pronta para representar. Então descia numa cidade e passava dias sendo outra pessoa. Minhas identificações mais fortes eram com uma jet-setter e com uma prostituta. Como jet-setter, eu me divertia conhecendo pessoas, falando três idiomas e conversando sobre todos os lugares que eu tinha visitado. Como prostituta, eu circulava em busca de dinheiro, usando salto alto e as roupas mais ordinárias que podia achar. O excitante era na verdade ser invisível, era ficar à vista, sentada lá no bar, deixando a prostituta me dominar, sem que ninguém soubesse meu nome verdadeiro."

Perfeccionismo

Uns dizem ser muito dolorosa a crítica alheia, porque já se sentem oprimidos pelo julgamento que fazem de si mesmos. É quase tão difícil para Uns distribuir elogios, porque isso os faz se sentirem menores por comparação. A preocupação com a correção se desenvolveu num período em que a criança se sentia obrigada a agir de acordo com os padrões de comportamento do adulto e se manifesta numa preocupação com a roupa e a conversa adequadas, numa atenção aos detalhes, num questionamento que dissecava os problemas até seus elementos básicos e numa tendência a achar defeito naquilo que outros aceitariam como trabalho bem feito. Do ponto de vista de um Um, cumprimentos só podem ser ganhos através do intenso escrutínio de si mesmo e da perfeita execução de cada etapa rumo a determinada meta.

"Durante a faculdade eu me sustentei como pintor de paredes. Meu dia era completamente agendado pra tudo o que eu precisava fazer. Eu estava sempre me

pressionando a fazer tudo e a fazer de modo certo. Não conseguia ir embora antes que a tarefa do dia estivesse feita com perfeição. Ao mesmo tempo em que refazia uma parede pela terceira vez, ficava odiando um erro que tinha cometido no teto de outra sala e a minha falta de não estar em casa a tempo com a família e ainda o fato de estar perdendo horas de estudo. Tudo parecia importante. Se a parede ficasse pronta corretamente, então, por outro lado, era o tempo com a família perdido e a hora para os estudos que chamavam minha atenção."

Como é possível Uns acharem correção em si próprios, se suas mentes comparam suas melhores realizações a padrões inatingíveis de perfeição? O jovem pintor compara uma atividade bem feita com todas as outras de que teve de abrir mão. Mesmo que tivesse podido atender a todas elas e com perfeição, provavelmente teria exigido mais de si mesmo.

Vez por outra, Uns dizem que o crítico interno se tornou tão estabelecido em seu processo mental que inspecionam os próprios pensamentos em busca de conteúdos e de erros desagradáveis.

"Durante alguns anos, fui noivo de uma mulher que queria ser curadora da Ciência Cristã. Esse sistema tinha um interesse peculiar para mim. Eu pensava ter achado um meio de espiritualizar nosso amor controlando o teor dos meus pensamentos. Comecei a alimentar pensamentos puros e fiquei bastante empenhado em vasculhar meus pensamentos para ver se tinham motivações ocultas. Era como se eu fosse um professor distribuindo medalhas de ouro: "Este é um bom pensamento, este outro é ruim." Não dava um passo sem examinar meus pensamentos e os motivos por trás deles. Todas as minhas atitudes com aquela mulher tinham de ser dignas e tinham de ocorrer na hora e no local certo, e sempre que estávamos em contato eu fiscalizava meus pensamentos para manter a pureza de minhas intenções."

A preocupação em ser bom implica uma obsessão de evitar o que é mau. O hábito desse jovem noivo de substituir seus pensamentos por pensamentos "melhores" lhe roubava, de fato, toda chance de descobrir o que realmente queria de seu relacionamento. Ao tentar achar uma maneira correta de se relacionar, ele não se permitia espaço mental suficiente para o afloramento de seus verdadeiros sentimentos.

Um Único Caminho Correto

Permitir que desejos reais ganhem acesso à consciência pode ser assustador para aqueles cuja segurança na infância dependeu de um rígido autocontrole. O perfeccionismo reside na hipótese de que há uma única solução correta para qualquer dada situação e que, uma vez achada esta solução correta, as pessoas de opinião diversa hão de ver a luz da razão e hão de querer concordar. É chocante para Uns perceber que outras pessoas não aderem a essa idéia, que vê uma única maneira correta de viver a vida, porque, para o Perfeccionista, a idéia de que há múltiplos caminhos corretos parece um convite à anarquia. É um insight fundamental para o Um quando ele ou ela percebe que as pessoas conseguem se comportar de maneira razoavelmente moral, sem ter seu comportamento supervisionado por um crítico interno; e que desarmar o alçapão para as emoções e para as sensações sexuais não significa necessariamente que as pessoas fiquem obcecadas pelo desejo, ou depravadas pelo excesso de permissividade.

"Durante anos reprimi meu senso crítico por medo de indispor as pessoas que fossem importantes para mim. Não achava nada construtivo apontar erros na conduta das pessoas; queria protegê-las do gênero de crítica que fazia a mim mesmo. Então comecei a perceber que não havia isso de absolutamente certo ou errado que valesse pra todo o mundo. Assim que entendi a idéia do certo relativo pude ver como as

peessoas se esforçavam para fazer o melhor que podiam, baseadas em sua visão pessoal das circunstâncias. Isso aliviou em muito meu julgamento das pessoas.

Se eu conseguia descrever o problema do ponto de vista de outra pessoa, eu podia usar de tanta crítica quanto quisesse, porque as pessoas percebiam que eu sabia ver as coisas pelo lado delas e que, apesar de críticas, minhas palavras eram também construtivas."

Protelação e Preocupação

Tomar decisões põe em evidência o conflito entre desejos não admitidos e a necessidade de ser correto. Tomar decisões é um dilema, onde a escolha do correto pode irritar Uns, porque não obtêm o que desejam, e a escolha do desejado os deixa preocupados com a possibilidade de cometer um erro.

A ansiedade do Um cresce à medida que metas prazerosas se tornem uma possibilidade. Há uma preocupação em estar comprometido aos olhos dos outros, em perder a virtude da ética do trabalho e em baixar ao nível da gentinha, que, para o Perfeccionista, toma o que não merece e o que não obteria por si mesma. Essas preocupações conflitantes se tornam mais poderosas quando um Um tem de assumir a responsabilidade por agir segundo um desejo que talvez não receba a aprovação alheia.

Quando a ansiedade cresce, Uns são passíveis de ouvir críticas implícitas onde de fato não há nenhuma crítica. Conversas inocentes parecem entrelaçadas de insinuações negativas, que os fazem sofrer em virtude da falsa crença de que os outros os estão julgando secretamente. Nesses momentos em que Uns estão mais convictos de estar sendo desprezados, é extremamente útil que façam uma checagem das opiniões alheias com a realidade.

Relacionamentos Íntimos

O desejo mais profundo de um Perfeccionista é se sentir amado, mesmo que seja imperfeito. O amor foi equiparado ao bom comportamento no passado, o que faz Uns se sentirem indignos de amor, se descobrirem imperfeição em si mesmos, e torna difícil acreditarem que um parceiro possa amá-los como eles são, aceitando tanto os aspectos bons, quanto os ruins de seu caráter.

Pequenas falhas são exageradas à medida que se aprofunda a intimidade. E se eu ficar com raiva? E se ela não aprovar meu gosto em arte? Perfeccionistas vivem na permanente suposição de que algo em seu modo, ou em seus hábitos pessoais, vai sem dúvida repelir o parceiro. Assim, chegam à intimidade com uma tensão gerada por se controlarem rigidamente, numa tentativa de manter oculto seu lado sombrio. Esse estado interior de tensão é agravado pela crença de que o prazer e a felicidade devem ser merecidos a ganhos e de que, se más qualidades forem reveladas, o parceiro se afastará.

No auge da tensão, Uns se tornam tão suscetíveis à rejeição que há chances de começarem a julgar o parceiro em autodefesa. Ocorrerão brigas alimentadas pela convicção de que o parceiro acabará mesmo se afastando, "então por que não acabar logo com isso antes que a gente se envolva?" Uns geralmente não percebem a intensidade da própria raiva nem as formas não verbais em que transmitem seus julgamentos não pronunciados nem o fato de proferirem sua crítica com uma veemência às vezes tão dolorosa quanto o próprio teor da crítica.

Uns estão na busca do relacionamento perfeito, o que dificulta a aceitação de que boas e más características devam coexistir na mesma pessoa. Querem se consagrar às excelentes qualidades que o parceiro traz para o relacionamento e tendem, assim, a colocá-lo num pedestal, a perdoar qualquer fraqueza de caráter e a se fazer de cegos à mistura de traços positivos e negativos do parceiro. Uma vez tenham visto o lado bom de alguém, Perfeccionistas são capazes de nunca abandonar a esperança de reformar o lado simplesmente não tão desejável do outro. Perfeccionistas contam que o muro defensivo dos julgamentos mentais desaparece por longos períodos quando estão apaixonados.

Se perdem o contato com o que querem do relacionamento ou se começam a se sentir ameaçados ou enciumados, Uns voltam a criticar intensamente os lapsos de caráter do companheiro. Precisando dar vazão a frustrações reprimidas, começam a controlar as ações do parceiro, fazendo tentativas coléricas de enquadrá-lo e forçá-lo a se comportar.

De negativo para os relacionamentos íntimos, se Uns percebem seu parceiro causando embarços ou claramente violando uma regra de comportamento, ficarão vivamente indignados, incapazes de resgatar a visão do outro como a de uma pessoa de bem. Antigos ressentimentos serão ressuscitados e manifestados repetidas vezes, permanecendo em evidência enquanto for necessária vazão para o alívio da irritação em curso.

De positivo para os relacionamentos íntimos, Uns reagem prontamente com pessoas capazes de admitir seu próprio erro. Seu hábito mental de julgar os outros deixará de existir, se o erro puder ser admitido, e eles serão particularmente fiéis, se perceberem empenho, esforço e boas intenções em seus parceiros.

"Minha maior preocupação é com o que outras pessoas pensam de mim. Quando encontro alguém pela primeira vez, são suas qualidades proeminentes que realmente me impressionam. Posso ver essa pessoa como alguém muito espirituoso, ou bem-informado, ou afável ou qualquer outra coisa. Desde que eu goste dela, então tudo bem que pareça assim. É quando sinto que preciso me defender, ou quando não me sinto à vontade por tê-la engrandecido tanto em comparação a mim, que começo a conferir as obturações nos seus dentes a fim de empatar o score."

Exemplo de Relacionamento de Casal: O Relacionamento de dois Uns, o Casal Perfeccionista

Com muita frequência, dois Uns formam casal, porque combinam no tocante à maneira perfeita de viver. Amam a ética e a capacidade de trabalho do outro; sabem a diferença entre a mera esperteza e as qualidades humanas básicas de honestidade e de força de vontade. O casal sabe desfrutar a satisfação de viver uma vida prática e independente, centrada no respeito pela saúde física, no ganhar a vida honestamente e no valor das conquistas realizadas. Sua capacidade de apreciar essas características básicas da sobrevivência lhes dá uma pedra de toque de estabilidade.

Se um dos parceiros se torna inseguro em relação ao que deseja, sentimentos de frustração inadvertidos começam a se formar. Uns não penetram com facilidade em suas próprias necessidades, sobretudo se essas necessidades não estiverem em sincronia com seus padrões incrivelmente altos de comportamento ético. Num relacionamento íntimo, isso pode resultar na repressão da raiva como sentimento ruim, na incapacidade de mencionar sentimentos de ciúme, porque são errados, ou simplesmente no reprimir conversas sobre coisas que precisam ser mudadas. Se tais sentimentos não puderem ser abordados, até mesmo Uns que se observam a si

mesmos saberão que estão com raiva suficiente para atirar pratos ao chão, mas não atinarão talvez a verdadeira circunstância que os deixa irritados.

Um Um não observador pode estar visivelmente irritado, mas não terá consciência de que seus comentários se tornaram pungentes e acusatórios. Será de enorme valia se qualquer um dos parceiros puder reconhecer os sinais do surgimento da raiva no outro e então intervir para localizar a fonte da frustração. É prova de intimidade se um Um aceita a ajuda de outro na identificação de necessidades encobertas. Simplesmente ouvir a enumeração daquilo que se deseja em lugar daquilo que se deve fazer é sentido como um voto de confiança por Uns, por aqueles que na infância foram punidos por ceder às suas necessidades pessoais.

Se a raiva não reconhecida tiver chance de se acumular, os parceiros ou se afastarão um do outro, concordando tácita mas constrangedoramente em não começar uma discussão, ou um dos dois provavelmente concluirá que a culpa é de algum hábito de longa duração do outro e o perseguirá. A raiva de um Um pode ser assustadora, porque é vulcânica e, em geral, desproporcional, em relação à situação real. A raiva também fica requeitando dissimuladamente mesmo após uma discussão, como um ressentimento amigo que nunca se esgota completamente com o tempo. A razão para isso é que uma queixa legítima supre a válvula de escape necessária para a ventilação de outros desejos frustrados. Até que esses desejos sejam satisfeitos, haverá sempre uma sensação de irritação com os pecados do mundo e, nos relacionamentos, um pequeno litígio se formando contra o outro, até que cada um dos dois seja tranqüilizado de que não será abandonado por querer algo que o parceiro acha repreensível.

A expressão direta de raiva é um sinal de segurança no relacionamento, porque a raiva é vista como um sentimento ruim e é em geral contida. Uns dizem se achar derrotados quando sentem raiva, porque isso significa perder o controle para uma emoção negativa. Dizem também que, se o companheiro ouvir um ataque de raiva até o fim e não se retirar, se sentem amados. Uma vez a raiva se tome aceitável, outros impulsos proibidos podem ser expressos, tais como a criatividade artística e o apetite sexual. Para Perfeccionistas, abrir-se às sensações sexuais pode anunciar uma abertura paralela à expressão criativa. Quando se suspende a proibição a determinada área interdita da vida emocional, o crítico mental recua, e todo o poder do inconsciente se torna mais disponível para eles.

Quando a raiva se torna aceitável, Uns muitas vezes dizem que podem se observar no ato de se enraivecendo e de iniciar a formação de um caso mental. Sabendo que, muitas vezes, o caso se forma por eles terem se descuidado de suas próprias necessidades, Uns conscientes de si mesmos estão em condição de usar a raiva como lembrete para localizar a satisfazer seus verdadeiros desejos. Quando estes forem satisfeitos, o caso em geral retrocede para o seu grau de importância real e deixa de dominar obsessivamente a atenção.

Relacionamentos Hierárquicos

Perfeccionistas estão buscando a autoridade que seja derradeiramente correta e, se uma autoridade competente pudesse ser encontrada, de bom grado transmitiriam o processo decisório para outra pessoa. No entanto, sua preocupação com a correção os torna sensíveis a erros e injustiças por parte das autoridades. Uns não de querer que a autoridade estabeleça diretrizes para que saibam exatamente o que se espera e se sintam mais seguros com uma denominação clara das responsabilidades. Se o líder é visto como alguém capacitado e justo, Uns assumem responsabilidades. Se não, tendem a agir com cautela e a transferir culpa para que não os achem em erro.

Uns criarão confiança numa organização por meio de uma série de críticas, sobretudo a respeito de detalhamento e de procedimentos. Esses pequenos pontos de crítica se destinam a configurar melhor a situação e a estabelecer áreas claras de responsabilidade, mas parecerão um desagradável controle de detalhes. Cumprimentos e empenho integral são retidos até total desaparecimento do último traço de erro.

É vital que as regras não sejam mudadas arbitrariamente. Uns operam segundo os regulamentos e, se os procedimentos são alterados, podem se sentir ardilosamente expostos à crítica. Eles devem apreciar e respeitar o nível de desempenho dos outros a fim de funcionarem bem. Eles recuarão se se sentirem comprometidos, ou se tiverem de dar o primeiro passo numa decisão arriscada. Trabalharão com muito empenho se acharem que os outros também estão dando o máximo de si mesmos, ou se puderem ser inspirados pela causa certa.

Poderá haver um acúmulo de frustração que será óbvio para colegas de trabalho, mas não para o Um. Se o bom desempenho não for reconhecido pela autoridade, então é possível que o Um se concentre em alguma área de erro legítima, mas irrelevante, a fim de descarregar tensão.

De positivo, Uns têm ótimas capacidades organizacionais e podem sentir verdadeiro prazer no desenvolvimento de suas destrezas profissionais. Se estiverem absolutamente convictos de que seu ponto de vista é correto, Uns saberão assumir uma postura solitária contra toda oposição. Uma vez convencidos de que estão corretos, tornam-se invencíveis, porque seu crítico interno recua, e eles deixam de se preocupar com erros ou com que os outros pensam. Firmemente assentados no único caminho correto, Perfeccionistas trabalham incansavelmente até a conclusão do serviço.

De negativo, Uns temem se opor abertamente à autoridade por medo da retaliação e da possibilidade de estar cometendo um erro de julgamento. Tendem a desconfiar da autoridade, mas esperam que os responsáveis reparem no bom desempenho e ofereçam recompensas merecidas. Criticarão pontos importantes de um programa, mas, devido ao risco de erro, terão dificuldade em propor uma solução. Não se sentem à vontade em interações que exijam grande tolerância para com diferenças de opinião, preferindo regras a estruturas previsíveis.

Exemplo de um Relacionamento Hierárquico: Um e Cinco, o Perfeccionista e o Observador

Se o Cinco for o chefe, é provável que supervisione de trás de portas fechadas, agindo como elemento de decisão e deixando o seguimento e a conclusão para os outros. Cinco são capazes de tomar decisões de alto risco, porque não se envolvem emocionalmente, mas têm dificuldade com as reuniões e confrontações necessárias para levar a cabo essas decisões. Cincos valorizam ligação com pessoas capazes de fazer as coisas acontecerem no mundo e ditarão a política se o Um a puser em prática.

Os dois tipos têm a tendência à autocrítica interior, e se pode tirar partido dessa característica para o refinamento da organização. Ambos compartilham uma aversão em ser dominados por relacionamentos hierárquicos injustos e promoverão ao máximo a libertação da organização do controle injusto.

Se o Um for o chefe, decisões importantes tenderão a ser adiadas, sobretudo se os riscos forem altos. A atenção se deslocará para tarefas secundárias, o tempo será preenchido por procedimentos extremamente complicados, e a tensão crescerá à

medida que os prazos se fechem. O empregado Cinco não se deixará enganar por qualquer complicação desnecessária, sentir-se-á esgotado pelo excesso de detalhes e resistirá a qualquer tentativa de supervisão e controle por parte do Um. Cincos ficam particularmente embaraçados com aqueles que usam a raiva para encaminhar uma situação. Poderá ocorrer uma crise se o Um ansioso pressionar para ganhar controle da situação. O Um quer regras e relatórios de andamento, e o Cinco se fechará, dirá muito pouco e se tornará tão inacessível quanto possível. Cada qual tentará controlar a situação estabelecendo limites, o Cinco minimizando contato e produção, o Um intensificando controles e atribuindo culpa.

A situação poderia ser imensamente facilitada se o Um pudesse abrir mão do controle e pedir ajuda. Colocado num papel de consultor, mas sem ser pressionado a produzir, o Cinco se abrirá. O Um poderia ser ajudado tendo um elemento exterior que reconhecesse a legitimasse suas ansiedades acumuladas e não reconhecidas. Se a preocupação puder ser admitida, sem que o Um se sinta errado, então a raiva desaparecerá, a natureza excessivamente complexa dos procedimentos se atenuará e as prioridades logo se tornarão claras.

Como Uns Prestam Atenção

O Perfeccionista é amparado pelo hábito de fazer comparações mentais. É uma forma de prestar atenção em que pensamentos e ações são automaticamente julgados segundo um padrão ideal de perfectibilidade da situação. O palco interno do processo de tomada de decisão de um Um porta a imagem de uma cena de tribunal. Cada opinião é mentalmente trazida perante a corte, onde é então atacada, defendida a por fim julgada por sua correção.

"Quando estou sentado meditando, logo percebo o vozerio do crítico em minha cabeça. Um breve intervalo de profunda tranqüilidade a então ouço: 'Está faltando profundidade' ou 'Foi melhor da última vez que você meditou'. Aí começa a disputa: 'Sente-se mais ereto.' 'Você não está se esforçando.' 'Estou.'"

Minha mente se divide entre o ataque e a defesa, como se eu não tivesse voz ativa na situação e só conseguisse ouvir as vozes em minha cabeça até a vitória de um lado ou do outro. Cada intervalo de tranqüilidade na meditação é interrompido por comentários mentais até eu poder felizmente me livrar de meus pensamentos."

Uns também sofrem com o hábito de comparar seus próprios níveis de realização ao longo do tempo. Essa meditação foi produtiva? Estou melhorando ou regredindo? Eles têm uma necessidade dolorosa de verificar o progresso pessoal a fim de se sentir tranqüilizados quanto à marcha continua rumo ao auto-aperfeiçoamento, o que também pode gerar a sensação de nunca estar à altura das metas.

Na prática da meditação, esse método de prestar atenção se torna drama de mente julgadora ou mente crítica. Até certo ponto, todos nós julgamos os nossos próprios avanços em comparação a padrões de alta qualidade, mas Uns vivem com uma vara de medição interna que também se estende para compará-los cronicamente a outras pessoas. É como uma gangorra de playground internalizada. Uma criança sobe, outra desce. Ela sobe por ganhar mais dinheiro, mas desce porque eu tenho mais status. Estou por cima neste ponto, mas por baixo naquele. O rosto dele é bonito, mas o meu corpo é melhor. Fazer comparações mentais é muitas vezes um fator automático e não reconhecido na percepção dos eventos da vida diária de um Um e é uma importante causa de sofrimento. Uns automaticamente percebem o que é certo ou errado em qualquer situação dada, e, partidários de um ponto de vista que vê apenas um caminho correto, a vitória de outra pessoa os faz se sentir perdedores.

Quando Uns começam uma prática de observação de si mesmos, percebem talvez pela primeira vez, quão impregnante pode ser o hábito de fazer comparações. Como a mente julgadora é sem dúvida fonte de sofrimento, Uns podem ficar altamente motivados a aprender a meditar para que os pensamentos críticos se afastem.

Uns podem começar a mudar o estilo de atenção do Perfeccionista, reparando no momento em que surge essa lousa mental. Toda vez que a atenção se desloque para uma avaliação detalhada dos pontos positivos e negativos de outra pessoa e haja a sensação de que, quando essa pessoa está por cima, o Perfeccionista está por baixo, tem-se uma chance de desviar a atenção para um terreno neutro.

Estilo Intuitivo

A intuição dos Perfeccionistas se origina da forma característica em que prestam atenção. Habitualmente percebem erros e desacertos em qualquer situação dada, o que implica terem também consciência de uma percepção de segundo plano da perfectibilidade da situação.

Reconhecem as condições mais perfeitas de qualquer situação, porque os pensamentos julgadores somem e "sentem a correção no próprio corpo". Há uma sensação física de desprendimento e de bem-estar quando na presença de uma solução definitivamente correta. Se houvesse palavras para descrever essa sensação, seria algo como "Não poderia ser mais perfeito". A sensação de desprendimento é perceptível naqueles que costumam ser fisicamente tensos e mentalmente críticos. A sensação corporal de correção é tão segura que, por comparação, os defeitos e erros da situação sobressaem em flagrante contraste. Uns dizem que, ao sentir a possibilidade de aperfeiçoar uma conjuntura, são capazes de ficar desesperadamente ansiosos para consertar erros. Dizem que são percebidos como sendo excessivamente críticos quando perdem o contato com esse senso de correção em segundo plano e se tornam ansiosos e preocupados em corrigir os erros no primeiro plano.

"Tenho momentos de pasmo no decorrer do dia e os chamo de minhas breves epifanias, são aquelas horas em que tudo é uma coisa só, e o juiz vai embora.

Podem ser tão simples quanto o perfeito equilíbrio numa folha de cálculos, ou o justo encaixe na definição de um termo, ou ainda uma súbita visão da natureza que corta meus pensamentos e me dá alegria. Os erros e defeitos deixam de existir, tudo está em seu devido lugar, e por horas a fio há uma liberação de bons sentimentos. Posso também sentir em meu próprio corpo a justeza de uma decisão. Posso ficar preocupado durante semanas tentando tomar uma decisão, mas por fim saberei o que fazer, porque o bem-estar do meu corpo vai me indicar o rumo, embora minha mente possa ainda estar confusa."

Ambientes Atrativos

Ambientes atrativos incluem empregos que requerem organização e detalhamento meticulosos. Ensino, contabilidade, organização de empresas e planejamento em longo prazo. Uns gostam de empregos que dependam de etiqueta, protocolos e procedimentos sociais formais. São pesquisadores, gramáticos e pregadores. São encontrados em religiões e sistemas que exijam estrita adesão a regras. Fundamentalistas religiosos, esquerdistas de linha de partido, defensores

extremados da Moral Majority.* Gravitam para empregos onde procedimentos precisam ser decretados. Comissários da Ética, árbitros, a Legião da Decência.

Ambientes não Atrativos

Ambientes não atrativos incluem empregos que requerem risco de erro na tomada de decisão ou alto nível de responsabilidade pessoal por decisões controvertidas. Interações que exijam a aceitação de pontos de vista múltiplos, ou que exijam grande tolerância para diferenças de opinião. Interações onde as decisões devem ser tomadas com base em informações flutuantes ou parciais, e não com base em diretrizes claramente enunciadas.

Uns Famosos

Uns famosos incluem Emily Post, a cronista de etiqueta e comportamento adequado. Sua audiência é composta por gente que cultiva hábitos elegantes e que sabe pôr de lado seus tumultos emocionais a fim de se preocupar com seus modos e apresentar um rosto feliz no jantar.

Ralph Waldo Emerson - Mary Poppins George Bernard Shaw - Charles Dickens -
Jerry Falwell - Martinho Lutero

A Perfeição como Qualidade Superior da Mente

Uns sofrem porque habitualmente comparam o modo como as coisas são com o "modo perfeito como poderiam ser". Estão permanentemente conscientes da discrepância entre o modo como algo é de fato e o modo como deveria ser. Vivem com um tipo de impulso irresistível de realinhar a realidade ordinária à perfeição. O mundo é branco ou preto. É perfeito, ou tem um defeito fatal. Uns sofrem por quererem uma perfeição fixa e permanente; como se crianças adoráveis de repente se tornassem indescritíveis porque correram para brincar na lama.

A verdadeira perfeição é composta pelo equilíbrio de elementos positivos e negativos que se combinam o tempo todo. Perceber que as condições de perfeição mudam a todo momento é um insight radical para Perfeccionistas, que operam a partir da idéia de que só há uma maneira correta de viver a vida. Todo produto perfeito e acabado teve de passar por estádios que pareceram situações de risco e má sincronização, sendo, portanto, de enorme benefício para Uns ver que o que talvez pareçam erros terríveis está na verdade ligado a um resultado por fim correto e que eles são responsáveis apenas por fazer o melhor trabalho que puderem num tempo dado qualquer.

A idéia de que a experimentação e os erros são trechos inerentes ao caminho até a perfeição corrói a base da visão de mundo do Perfeccionista. Permitir margem para o erro ou, pior ainda, para pontos de vista múltiplos parece um convite à loucura. Desde a infância, Uns vêm trabalhando sob a hipótese inadvertida de que o

* Moral Majority- Nome que descreve os fundamentalistas conservadores nos Estados Unidos. Equivale mais ou menos à sigla TFP (Tradição, Família e Propriedade) no Brasil. (Nota do revisor)

pensamento correto e o trabalho duro levarão a uma justa recompensa e que o mal será reconhecido e punido. O fato de o trabalho duro gerar mais trabalho duro não apenas parece injusto, mas também indica que outras pessoas trabalham a serviço de fins prazerosos na vida e não com o intuito de satisfazer às demandas repressivas de um severo crítico interno. Para que um Um consiga dizer "O que é certo para você talvez não seja certo para mim" é preciso um salto quântico em crescimento pessoal.

Uns normalmente se dizem chocados por ter de admitir que a virtude e o bom comportamento não levam necessariamente às recompensas e ao reconhecimento. E mais, abrir mão da idéia de que só se pode viver de uma maneira correta é tão assustador quanto perder uma última defesa contra as forças inconscientes da paixão a do ódio.

A Virtude da Serenidade

Uns se descrevem repletos de uma energia que não tem por onde escapar. Dizem que o ressentimento se parece com ondas de fogo varrendo seu corpo, que fica engasgado na garganta. Usam imagens tais como "uma garrafa que foi agitada e que está prestes a disparar a rolha" ou "estar sufocado por um grito que não se consegue soltar". Quanto mais o crítico interno julgar os reais sentimentos, tanto mais energia se formará no corpo buscando uma válvula de escape. Raiva engarrafada e arrolhada é uma forma de descrever o dilema, porque Uns podem se enrijecer fisicamente de energia ao mesmo tempo em que cerram a garganta e a mandíbula, incapacitados de falar, de pedir ajuda ou de liberar o grito de raiva.

O direcionamento óbvio para a meditação e para a terapia é para que Uns aprendam que, uma vez aceitas as assim chamadas emoções negativas, sua importância exagerada desaparece. Uns relatam que pensamentos julgadores ou críticos são uma excelente indicação de que algum impulso verdadeiro está sendo bloqueado à consciência. Outro indício é uma onda de ressentimento fluindo pelo corpo, sem que ocorra à mente a causa da tensão.

A serenidade é, de fato, o efeito colateral automático de permitir que todos os impulsos emocionais atinjam a consciência sem repelir os inadmissíveis. O equilíbrio de cada momento está em que a interação de todas as emoções e sentimentos positivos e negativos tenha permissão de se mover através do corpo sem ser inibida pelo eu pensante.

Quando Uns se permitem sentir raiva, têm à sua disposição uma enorme quantidade de energia que, normalmente, fica retida no corpo. A descarga da tensão faz com que se sintam temporariamente energizados e livres para provar tudo o que venha à mente, sem julgamentos. A raiva foi expressa e eles sobreviveram a isso, e por um tempo vigora a serenidade de permitir que sentimentos desimpedidos surjam e desapareçam em seguida, sem nada bloquear.

Méritos

Uns são dedicados a causas de valor. Uma vez convencidos da correção de uma causa ou das boas intenções das pessoas envolvidas, trabalharão pela recompensa da satisfação de um trabalho bem feito assim como outras pessoas trabalham pela recompensa da segurança e do poder. A necessidade neurótica de fazer o bem, que pode surgir como um reformismo irritante do gênero "Eu sou melhor do que vocês", pode também ser usada num esforço permanente rumo ao crescimento.

Come estão empenhados em fazer do mundo um lugar melhor, Uns dão professores dedicados. Atêm-se às virtudes e querem ensinar aos outros a reconhecer o melhor. Têm ânsia de explicar, de pesquisar e de transmitir informações precisas e têm a certeza de que as pessoas podem mudar radicalmente suas vidas através da informação correta.

Não cooperam se houver transigência nos padrões e, dependendo de que conjunto de padrões adotaram como o caminho perfeito, serão figuras proeminentes na extrema-esquerda ou na extrema-direita.

A tendência à crítica do Perfeccionista pode ser facilmente desarmada, se as outras pessoas envolvidas forem capazes de admitir suas próprias falhas, ou se tiverem uma posição claramente desvantajosa. Têm verdadeira paciência com aqueles que demonstram força de vontade, mas que são limitados não por culpa própria. São pródigos em paciência com os que lutam contra as disparidades. Também oferecem, de imediato, uma cota de boa-vontade a pessoas capazes de admitir erros e que se esforcem por se ajudar a si mesmas.

Subtipos

Igual a seu ponto nuclear Nove, o Um caiu no sono do esquecimento de si mesmo. O Nove esqueceu seus desejos reais desenvolvendo uma preocupação obsessiva em concordar ou não com a opinião alheia. O modelo do esquecimento de si mesmo do Um se centra na substituição de desejos reais por uma preocupação obsessiva com fazer a coisa certa. O rigoroso exame de si mesmo necessário para manter a correção cria um cisma entre os desejos pessoais renegados e a necessidade de fazer a coisa certa como declaração de valor pessoal.

Ciúme, inadaptabilidade e ansiedade surgem da tensão entre os desejos esquecidos e a necessidade de agir corretamente. Essas palavras descrevem preocupações dolorosas que, por serem desconfortáveis, podem funcionar com um dispositivo de enfoque de fácil leitura. Quando surgem esses sentimentos desconfortáveis, Uns podem usá-los para constatar que seus desejos reais talvez estejam em conflito com suas idéias relativas à correção.

Ciúme (Ardor) em Relacionamentos com uma Pessoa

O ciúme assume a forma de controle dos atos do parceiro e de julgamento crítico de tudo o que se interponha entre o Perfeccionista e o parceiro.

"É uma explosão no corpo e uma necessidade insana de pôr tudo em pratos limpos com minha companheira. O que ela vai fazer? Quem vai escolher? É onde perco minha cabeça. O que ele tem que eu não tenho? A coisa prossegue indefinidamente. Ele marca um ponto, eu fico por baixo; eu marco um ponto e fico por cima. Sinto uma raiva sanguinária e, ao mesmo tempo, fico me julgando por estar furioso. Seria errado descontar em cima dele a não posso deixar de fazê-lo porque estou morrendo por dentro."

Inadaptabilidade nas Relações Sociais

A inadaptabilidade surge com a confusão entre os desejos pessoais e a necessidade de se alinhar rigidamente a uma posição social correta. Por exemplo:

"Sou apóstata numa Ordem religiosa. Depois de cinco anos ainda não me sinto à vontade para me comprometer integralmente aos votos finais. Não tenho nenhum problema com a visão religiosa da Ordem, mas sou crítico em relação à hierarquia interna e a certas posições sobre a política mundial. Outros homens parecem capazes de aceitar essas discrepâncias sem questionar sua relação com a Ordem, mas, para mim, é como viver uma mentira, mesmo quando discordo de pequenas questões processuais".

Ansiedade (Preocupação) com a Autopreservação

Uns se preocupam com o fato de não ser perfeitos, de não merecer sobreviver e sobretudo de cometer erros que ponham em risco a sobrevivência.

"É uma voz importuna. O tempo todo torcendo as mãos, preocupada com o que pode sair errado ou com o que as outras pessoas estão pensando de mim. Ela pode gritar tanto por causa das pequenas coisinhas da vida como por causa das coisas realmente sérias. Há muita preocupação com dinheiro e com a sobrevivência. Trabalho como empreiteiro há mais de vinte anos, às vezes com muito dinheiro à vista, outras vezes por pura especulação. Essa preocupação financeira fala alto, mesmo quando há muito capital para concluir o projeto."

O Que Ajuda Uns a Evoluir

Muitas vezes Uns têm dificuldade de buscar terapia, porque, desse modo, têm de admitir que algo está errado e, às vezes, evitam praticar meditação por medo de perder o controle para um estado alterado da consciência. As razões típicas para buscar ajuda são crises de ansiedade, episódios de abuso de álcool ou drogas (para escapar ao crítico interno) ou um distúrbio físico com raízes na tensão psicológica. O problema que se apresenta é em geral uma máscara dos sentimentos reais. Uns podem se ajudar.

- Não partindo para a ação compulsiva; não assumindo responsabilidades consecutivas de modo a não ter como pensar em suas prioridades reais.
- Sentindo necessidade de modificar o rigor dos padrões internos. Sentindo necessidade de questionar as regras.
- Não transformando insights em ataques contra si mesmos. "Como pude ficar cego para os meus próprios erros?"
- Buscando um cotejamento com a realidade. Quando surgir a idéia de que outros estão julgando ou criticando, checar isso com as pessoas envolvidas. Quando houver preocupação, obter informação factual para eliminar ansiedade desnecessária.
- Percebendo quando a solução do gênero "um único caminho correto" limita as oportunidades de acordo ou outras opções.
- Atentando para o valor e para a consistência do sistema de valores de outras pessoas.
- Aprendendo a pedir e a receber prazer.
- Aprendendo a questionar a diferença entre o que "deve" ser feito e o que é de fato desejável.

- Usando a consciência da raiva contra outras pessoas "que estão se safando impunemente" como um indício do fato de que aquilo com que se safam é desejável.
- Necessidade crescente de atribuir culpa a outras pessoas a fim de contrabalançar a intensa crítica já dirigida a si mesmos.
- Rigidez de atenção. Focalizar intensivamente um setor da vida que precisa de correção e não prestar atenção a outros setores à medida que se desmantelam. Uma forma de seccionar e esquecer áreas de conflito.
- Intolerância para com pontos de vista múltiplos. "Pra mim as coisas ou são certas ou erradas."
- Percebendo a raiva não assumida: "fazer um rosto feliz" enquanto está louco de raiva por dentro; palavras gentis, mas uma agudeza crítica na voz; um sorriso e um corpo rígidos.
- Aprendendo a fantasiar emoções do lado sombrio do ser.
- Usando a imaginação para ventilar raiva. Imaginar o pior para um inimigo até que a raiva desapareça.

Coisas que Uns Deveriam Perceber

Raiva e críticas sobre o eu ou sobre outras pessoas se originam do fato de as necessidades pessoais não estarem sendo satisfeitas. Uns deveriam se esforçar por identificar e reconhecer suas necessidades reais e agir com base nelas, percebendo as seguintes questões que podem surgir durante a transformação:

- A sensação de dois eus, um lúdico e outro punitivo.
- Anulação de desejos pessoais.
- Ansiedade em desenvolver a consciência da própria raiva. "Eu tento proteger os outros de minha raiva."
- Amarração do tempo de modo a não haver sobra para o prazer.
- Protelação. Complicar demais procedimentos simples para adiar um compromisso final.
- Aumento na pressão de desejos inconscientes em busca de expressão, o que leva a um aumento da raiva mal direcionada.
- Necessidade de achar falhas no ambiente.
- "Política da terra queimada." Necessidade de refazer um projeto desde o início só porque se encontrou um erro. Derrubar toda a casa porque a escada está no lugar errado.
- Necessidade crescente de atribuir culpa a outras pessoas a fim de contrabalançar a intensa crítica já dirigida a si mesmos.
- Rigidez de atenção. Focalizar intensivamente um setor da vida que precisa de correção e não prestar atenção a outros setores à medida que se desmantelam. Uma forma de seccionar e esquecer áreas de conflito.
- Intolerância para com pontos de vista múltiplos. "Pra mim as coisas ou são certas ou erradas."

7. Ponto Dois: O Dador

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|------------------|----------------------------|-----------------|------------------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | ADULAÇÃO | Mente Superior. | VONTADE (LIBERDADE) |
| CORAÇÃO | Paixão: | ORGULHO | Virtude: | HUMILDADE |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| Sexual: | | AGRESSIVO/SEDUTOR | | |
| Social: | | AMBICIOSO | | |
| A Autopreservação: | | EU PRIMEIRO (PRIVILEGIADO) | | |

O Dilema

Dois se movem na direção das pessoas como se buscassem uma resposta à pergunta interior "Gostarão de mim?". Têm uma necessidade marcante de afeição e de aprovação; querem ser amados, protegidos, querem se sentir importantes na vida de outras pessoas. Foram crianças que ganharam carinho e segurança, satisfazendo os desejos alheios. Como fruto de sua busca de aprovação, Dois desenvolvem um sensível radar pessoal para a detecção de estados de espírito e de preferências.

Dadores dizem que adaptam seus sentimentos aos interesses alheios e que, ao adaptá-los, são capazes de assegurar sua própria popularidade. Dizem também que, se não estiverem obtendo a aprovação de que precisam, o hábito de se adaptar pode se tornar compulsivo, a ponto de se esquecerem de suas próprias necessidades, numa tentativa impulsiva de agradar aos outros, como forma de adquirir amor.

Como foram criados na compreensão de que a sobrevivência dependia da aprovação dos outros, os relacionamentos sobressaem como a área mais importante da existência. Dois relatam que se vêem, inadvertidamente, se alterando para ir ao encontro das idéias dos outros sobre o que é desejável e conveniente. Dizem saber como se apresentar para que gostem deles e que essa capacidade se torna opressiva, porque lhes permite amortecer possíveis rejeições, dando às pessoas aquilo que elas querem. O hábito de se alterar para agradar gera, muitas vezes, a sensação de ter logrado as pessoas, só lhes mostrando o que elas querem ver.

Dois se sentem como tendo muitos eus, se sentem capazes de mudar para se acomodar às necessidades das pessoas importantes em suas vidas. Um grau considerável de confusão pode surgir entre esses vários eus, a sensação de "Qual é meu eu verdadeiro?", de "Você me conhece mesmo se eu só mostrei a você um dos meus eus?". São particularmente propensos a se entregar a relacionamentos com pessoas poderosas e muitas vezes descrevem a sensação de perda da identidade pessoal como uma alteração de si mesmos, a fim de se tornar a personalidade que mais agrada ao parceiro. Setores inteiros da vida e dos interesses prévios de um Dois podem cair por terra, quando a atenção se desvia para os aspectos do eu mais compatíveis com aquilo que o parceiro deseja.

As fases iniciais de um relacionamento são dominadas pelo Dois vivenciando os aspectos de si mesmo que alimentam as necessidades do parceiro. As fases posteriores são dominadas pelo sentimento de ser controlado pela vontade do parceiro, aliado a um desejo opressivo de liberdade. À medida que o relacionamento amadurece, há freqüentes acessos histéricos de raiva, uma vez que os aspectos do eu

esquecidos durante o namoro começam a reaparecer. Dois sofrem o conflito entre o hábito de moldar sua apresentação pessoal, de modo a ser basicamente irresistíveis para um parceiro, e o desejo de ter a liberdade de fazer o que lhes aprouver.

Por terem suprimido as próprias necessidades no interesse de agradar a outros, Dadores tendem a se fazer indispensáveis ao parceiro, ou às pessoas no poder, como forma de obter a satisfação dessas necessidades esquecidas. A ligação com o poder garante sua sobrevivência como pessoas e, ao de pessoas que possam fazer esses desejos se materializar. O êxito no controle de um relacionamento não se dá por força ou por coerção aberta, mas sim pela prestação de ajuda. Se resultados não se materializarem, haverá muita queixa, porque o equilíbrio entre o dar e o receber não ocorreu. Queixar-se é também uma tentativa, por parte de quem ajuda, de fazer os outros reconhecerem quanto lhe devem.

Dois acreditam que os outros os busquem por suas características especiais de compreensão e que a família e os amigos são dependentes da ajuda que eles dão. Se seus esforços não forem reconhecidos, ou se aprovação lhes for negada, Dois se sentirão punhidos, como se seu valor dependesse de como são vistos pelos outros. Um tapinha de aprovação infla a presunção: "Sem mim, não podiam ter feito acontecer." Um olhar de desdém de alguém importante produz sensações dolorosas de esvaziamento. "Tenho de fazer essa pessoa gostar de mim novamente."

Esse é o tipo da "mãe judia", do assistente e do conselheiro. Se uma deferência especial deixar de se materializar, depois de tanta assistência de alto nível, quem surgirá é o manipulador, o operador por trás dos bastidores, a eminência parda.

As preocupações do Dois compreendem:

- Obter aprovação e evitar a rejeição.
- Orgulho pela importância de si mesmo nos relacionamentos> "Nunca teriam feito sem mim".
- Orgulho pela satisfação das necessidades alheias. "Não preciso de ninguém, mas todo o mundo precisa de mim".
- Confusão entre os inúmeros eus que se desenvolvem a fim de satisfazer nas necessidades alheias. "Cada um de meus amigos requer uma parte diferente de mim". "Quem é meu verdadeiro eu?"
- Confusão na identificação de desejos pessoais. "Posso me transformar naquilo que você quiser, mas o que é que eu realmente sinto por você?"
- Atenção sexual como garantia de aprovação. "Eu não quero dormir com você, mas quero saber que você gostaria de dormir comigo."
- Ligação romântica com "o grande homem, com a mulher inspirada".
- Luta pela liberdade. Sensação de ser controlado pelas necessidades alheias.
- Histerismo e raiva quando os desejos e as necessidades reais emergem e entram em conflito com os inúmeros eus que foram criados com o intuito de agradar os outros.
- Um estilo de atenção que consiste em se alterar para satisfazer as necessidades alheias e que pode levar a
 - Uma relação empática com os sentimentos de outras pessoas, ou a
 - Uma adaptação manipulatória aos desejos dos outros como forma de

garantir seu amor.

História de Família

Dois foram crianças amadas por serem agradáveis. Eles rapidamente identificaram as características em si mesmos que atraíam os diferentes adultos em suas vidas e aprenderam a simular uma representação que atendesse a essas necessidades. Foram crianças amadas, que aprenderam a manter o fluxo de atenção convergindo para elas.

"Meu pai era distante e difícil de alcançar, o que, de certa forma, tornava mais excitante o jogo de ganhar sua atenção, porque nenhum de meus irmãos era bom nisso. Eu me sentia um barômetro tentando descobrir qual era a dele. Chegava em casa e ia até seu escritório e lembro que hesitava antes de bater na porta, até descobrir qual era o seu estado de ânimo para saber como eu deveria ser naquela noite.

Era como imaginar qual de minhas personalidades eu devia usar naquela noite e, assim que eu tivesse assumido a que parecia mais adequada, então eu seria daquela forma para agradar a ele. Dei nomes a todas elas anos depois numa sessão de terapia, onde também me lembrei de repertórios inteiros de sentimentos que cada uma delas tinha.

A minha favorita era a Princesa. Ela era muito meiga e, quando eu era a Princesa, eu contava a meu Pai todas as coisas que tinha feito enquanto ele estava trabalhando. As vezes também fingia ser Princesa na escola, quando ele não estava lá, porque me sentia filha de um rei e o estava representando."

Outro cenário comum é relatado por Dois cuja sensibilidade às necessidades e aos desejos alheios se desenvolveu porque tiveram de dar apoio emocional aos próprios pais.

"Fui ao mesmo tempo uma criança carente e prestativa, que achava minha família um bando de incompetentes. Assim, cuidando de meus pais eu os fazia bastante fortes para cuidarem de mim. Eu fazia com que eles fossem à igreja nos domingos porque achava que isso lhes dava força e sabia que, por trazê-los para a fé, eu era a favorita de Jesus na escola dominical.

Como adulta, usei repetidas vezes esse padrão: de me entregar a um homem e, servindo a ele, fazer com que ele me servisse. Eu trabalhava e dava a ele o dinheiro para que nos sustentasse, para que ele pagasse as minhas coisas. Se eu pensasse que era eu quem de fato cuidava de mim mesma, era como se eu não fosse amada, por que não estava sendo cuidada por ele."

Outro protótipo da infância é descrito por Dois que perceberam as possibilidades manipulatórias de se tornar indispensáveis e amados e usaram suas capacidades de sedução para extrair de outras pessoas o que precisavam.

"Eu vivia uma espécie de triângulo amoroso. Meu pai era bondoso e muito divertido, minha mãe estava sempre atrapalhando. Então eu simplesmente a colocava em primeiro lugar e a mim em segundo e, não brigando com ela, sempre conseguia tudo o que queria dele.

A coisa era pura sedução, mas não de uma maneira física. Sempre houve esse vínculo forte entre nós. Ele queria me controlar, então eu o bajulava sendo boazinha, ou então lhe desobedecia na cara. Eu desobedecia não porque quisesse mesmo sair com o rapaz errado, ou porque quisesse chegar em casa tarde, mas porque, desobedecendo, eu recebia dele uma atenção possessiva que me fazia sentir quanto eu era importante."

Múltiplos Eus

Dois dizem que seu senso do eu se desenvolve a partir da forma como os outros reagem com eles. A consideração de outras pessoas pode lhes inspirar um melhor desempenho, mas eles também percebem que se adaptam às imagens do que convém aos outros, a fim de garantirem para si um suprimento de amor. Dois se sentem como se tivessem partes de si distribuídas a cada um de seus amigos, mas nenhum deles conhece a pessoa por inteiro.

Muitas vezes, o hábito de se alterar faz um Dois se sentir como se estivesse enganando os amigos, o que, como postura defensiva, significa que um Dois não tem de se arriscar a ser visto por inteiro nem a ser potencialmente julgado, mas isso também ressuscita a crença da infância de que se compra o amor, escondendo o que é inaceitável. Ao mudarem de identidade para se conformar ao aspecto de si mesmos que agrada a certos amigos, Dois correm o risco de perder contato com seus sentimentos autênticos. Seus próprios sentimentos e emoções são esquecidos à medida que o foco de sua atenção se confunde com os desejos dos outros.

"A aprovação dos outros não é algo que me faça pensar, assim como no presente vou dar à pessoa X. É mais uma forma de ser, na qual saio automaticamente atrás dos outros e me pego examinando as pessoas em busca de indícios de como elas funcionam ou do que precisam. Sinto muita insegurança, a não ser que eu saiba prever o modo como posso lhes ser útil.

Durante todo o ginásio foi assim: era acordar e decidir quem eu devia ser naquele dia. Eu tinha de fato conquistado diferentes tipos de amigos e para cada um deles eu tinha uma forma diferente de ser, e todas essas formas eu considerava muito autênticas e verdadeiras.

Mas tê-los todos juntos num mesmo ambiente podia ser muito incômodo, porque eu não saberia qual dos meus eus eu devia ser e, se uma pessoa nova se juntasse ao grupo, eu sentia que tinha de me readaptar, torcendo para que os outros não percebessem que eu começava a me comportar de modo ligeiramente diferente para o recém-chegado.

Mês passado foi meu trigésimo aniversário, que se transformou numa verdadeira prova por causa de todos os amigos diferentes que eu reuni e que não tinham absolutamente nada em comum, exceto o fato de me conhecerem. Acabou ocorrendo uma briga na cozinha entre uma enfermeira e um traficante que se odiaram à primeira vista. E, apesar disso, eu considerava cada uma das pessoas que lá estava um amigo pessoal e íntimo."

Há uma sensação precisa de que cada um desses eus tem sua própria integridade, embora possam ser radicalmente diferentes entre si. A apresentação do Dois pode diferir muito de amigo para amigo, mas cada amigo é sentido com franqueza, e alguns deles, de forma profunda. O fato de diferentes pessoas provocar o surgimento de diferentes aspectos do eu não implica necessariamente que esses eus estejam sendo falsificados, a fim de seduzir outras pessoas com uma falsa amizade. Contudo, há graves problemas que surgem do hábito permanente de buscar segurança na estima e na consideração positiva dos outros.

Um deles é que Dois são, em geral, bem mais conscientes das formas como servir e atender a outras pessoas do que de suas próprias motivações. Uma criança cuja segurança depende do ato de dar não só desenvolverá o orgulho de ser necessária aos outros, mas também certa relutância em reconhecer suas necessidades pessoais. Estas trazem à baila a possibilidade de desacordo com fontes potenciais de afeição. A atenção é, portanto, treinada a se concentrar externamente, de modo que as necessidades pessoais sejam negligenciadas, a fim de garantir o recebimento de amor.

"Trabalho como assistente odontológico, e para mim é vital que os pacientes gostem de mim. Se são clientes novos, fico totalmente inseguro até poder entabular uma conversa que me revele como eles são e quais são seus interesses. É como uma

pescaria, e acabo fisgando um assunto no qual estão interessados. Depois disso me sinto suficientemente seguro para decidir se gosto ou não deles, mas é quase impossível saber o que sinto antes de me ver coberto e protegido por um entendimento com eles.

Se é um paciente antigo, a coisa fica parecendo uma agenda Rolodex. Uma pessoa A significa que sou ficha A na Rolodex e a personalidade adequada se molda diretamente à conversa. É um procedimento exaustivo, esse de estar sempre atrás de um sinal de que estou me saindo bem."

Efeito de Guarda-Chuva: Dando para Receber

Muitas vezes, Dois alegam dificuldades em manter um senso permanente de identidade em diferentes relacionamentos. O eu "real" pode se perder no baralhamento das alterações que ocorrem no decorrer de um dia comum. Dizem ser fácil se sujeitar a ser o que os outros querem, mas ser difícil saber quais são seus próprios desejos.

Como Dois reprimem suas próprias necessidades no interesse de agradar aos outros, tendem a se tornar indispensável a um parceiro ou àqueles no poder, como forma de obter a satisfação daquelas necessidades esquecidas. Essa manobra tanto garante a sobrevivência pessoal quanto mantém sua postura de dador.

"A primeira coisa que procuro num lugar novo é saber quem tem peso, quem tem o poder no lugar. Faço isso ficando principalmente na retaguarda até ver como as pessoas estão reagindo entre si e até ficar claro para mim quem tem o respeito. Quando descubro, confrontar essas pessoas é um desafio. E como se todo o resto tivesse ido embora. Fico mais corajoso e tento manter contato visual. E, mesmo que seja uma sala lotada e eu não consiga, vou me sentir numa corrente de contatos e vou saber se elas estarão disponíveis para mim ou não. É a sensação de estar sendo atraído para elas e de elas parecerem estar cruzando a sala na minha direção, mesmo que não tenham feito sequer um movimento."

Dadores obtêm a satisfação de seus próprios desejos e necessidades através de pessoas capazes de fazer esses desejos e necessidades se materializarem. O êxito no controle de uma parceria não é obtido por ação frontal, mas pelo Dois oferecendo, metaforicamente, um guarda-chuva para proteger o companheiro da chuva e depois sendo levado pelo braço da outra pessoa.

É importante que Dois percebam que aquilo que dão aos outros é o que vão esperar em troca. Se é oferecido um guarda-chuva, então o Dois quer ser protegido da chuva. Se o aniversário for lembrado, então o Dois quer que o seu também seja lembrado. Quando Dois oferecem ajuda, provavelmente o fazem com a expectativa de serem incluídos se o empreendimento for bem-sucedido; e na hora que oferecem ajuda é provável que estejam tão identificados com o aspecto de si mesmos que será mais aceitável para o empreendimento, que talvez lhes seja difícil distinguir o desejo autêntico de ajudar do hábito de esperar ajuda em troca.

Muitas vezes, o hábito de dar para receber opera num nível profundamente inconsciente do comportamento e, tais como todas as formas obsessivas de ser, deve ser trazido ao nível consciente da atenção a fim de ser relaxado. Dois relatam vários padrões de dar para receber, os quais observam em si mesmos.

"É como se eu tivesse uma rede de sistemas de apoio à vida estendida a todos os meus amigos. A alimentação parte de mim para eles, mas por fim eu me canso de ter de mostrar entusiasmo por tudo aquilo em que eles se metam. Arrumo muitas atividades diferentes com várias pessoas diferentes e no final fico exausta de agir pelos outros e mostrar sempre uma fachada de entusiasmo até o ponto em que só quero ir embora e não fazer mais nada por ninguém."

Como a identidade dessa mulher depende imensamente da consideração alheia, ela se insere nas vidas de seus amigos, torna-se essencial para eles e depois se queixa de seu esgotamento se o retorno não se materializa. Há muita reclamação se o equilíbrio entre dar e receber não se estabelece e uma tentativa inconsciente por parte dessa ajudadora de forçar os outros a reconhecer quanto devem por ela tê-los assistido.

A síndrome da "mãe judia" não passa de uma tática inconsciente na qual uma pessoa dá a outra com o intuito de obter algo em troca. Outra tática é seccionar partes do eu para diferentes pessoas, como na fórmula de apresentação "madona e prostituta", onde a mesma mulher oferece aspectos radicalmente diferentes de si mesma para diferentes homens; ou, no caso de um homem, ele oferece diferentes aspectos de si mesmo para mulheres várias.

Outro exemplo do dar para receber aparece em certas apresentações flagrantemente sexuais dos Dadores. Muitos Dois relatam que não têm consciência das vezes em que passaram rapidamente para sentimentos de perder a identidade com outra pessoa, de se fundir a ela, e que não estão conscientes de que seu hábito de emanar as características desejáveis para o outro é bastante visível e obviamente sedutor.

Mesmo que a manobra sedutora seja inconsciente, Dois muitas vezes confrontam aqueles que se ressentem das implicações de uma forte presença sexual. Em tais casos, Dadores acabam se defendendo: "Não fui sedutor, não disse nada de impróprio, fui inocente." E podem verdadeiramente acreditar nessa história, porque simplesmente não percebem a força com que suas alterações internas se transmitem para outras pessoas. Um Dois sem percepção pode aparecer vestido com roupas reveladoras e levar uma conversa para considerações sobre o amor, sem fazer idéia da clareza com que ele ou ela está emitindo sinais sexuais a fim de obter a resposta de que é atraente ou amável.

Apresentação Pessoal Sedutora

Todos os Dois são sedutores, no sentido de serem hábeis em manobrar outras pessoas de forma a que gostem deles. Vivem na permanente suposição de que podem ter quase todo o mundo à disposição, bastando um tratamento adequado e a aplicação sutil, em dose apropriada, de uma atenção especial; e a maioria dos Dois são capazes, de fato, de se alinhar aos sentimentos de outras pessoas de modo que apenas a justa quantidade de contato pessoal se faça.

A motivação oculta por uma apresentação sedutora é ganhar atenção. Ser desejado em qualquer área da vida de outra pessoa dá uma sensação de segurança, mas sobretudo o que dá segurança é ser fisicamente desejado. Como Dois se conhecem por intermédio das reações que outras pessoas têm com eles, são extremamente tentados a se apresentar de forma propícia às fantasias de um parceiro, ao mesmo tempo em que suprimem seus próprios desejos sexuais. Aqueles Dois que contam a história de terem sido o homenzinho precoce da mamãe ou garotinha coquete do papai podem, como adultos, transpirar uma apresentação pessoal provocadora, mas muitas vezes dizem que sua imagem sedutora está associada a sensações sexuais embotadas.

"Meus devaneios são de amor e vingança. Ser a amante secreta de um grande homem, ser aquela a quem ele conta tudo e aquela que ele procura quando precisa de conforto. Recapitulo muito os momentos íntimos: como estava o rosto de certo homem quando ele me quis?, como me senti quando ele me disse que eu tinha sido a melhor amante de sua vida? E se a relação não dá certo, a questão é recuperá-lo, fingindo

não fazer muito caso, e ajustar contas com ele por ele me ter humilhado.

Sinto muito prazer em trazer um homem para uma conversa íntima, ou em fazer um homem interromper o que está fazendo para prestar atenção em mim. Essas pequenas seduções são tão provocativas que durante anos me achei muito sexy, mas eu me continha devido aos meus escrúpulos com relação a homens casados. Agora vejo que não é o sexo o que eu quero, mas sim a atenção que recebo por saber que poderia haver sexo e por selar essa promessa com um abraço especial ou ouvindo um deles me chamar pelo meu nome."

Dois contam normalmente que, embora queiram apresentar uma imagem atraente, estão mais interessados em receber atenção sexual do que em ser promíscuos. Muitas vezes, há um verdadeiro medo da intimidade, porque o contato íntimo expõe o fato de o eu ter sido traído e vendido com o fim de agradar a outros, e essa exposição pode ser aterradora para alguém cuja segurança pessoal depende de ser visto como profunda e intimamente ligado a outras pessoas.

Num nível psicológico, há muitas vezes o terror de clamores sexuais sentidos profundamente, porque essas sensações foram originalmente dirigidas a um dos pais, ou foram percebidas como provenientes de um dos pais e incestuosamente dirigidas à criança em desenvolvimento. A criança teve de abafar essas primeiras reações sexuais no interesse da sobrevivência emocional, mas, num nível profundo do ser, esses sentimentos entre um dos pais e o filho nunca foram abandonados. Nesse sentido, Dois podem temer a intimidade, mas usarão uma apresentação pessoal sexy como forma de conferir o clima sexual inconsciente numa nova situação. O que eles querem saber é quem está disposto a dar atenção sem fazer muitas exigências físicas reais e quem pode ser sexualmente "perigoso" para eles.

"Pra mim, sedução e desafio são a mesma coisa. Sou ótimo nisso desde que haja obstáculos no caminho e desde que ainda não tenhamos nos juntado. Eu curto a sutileza das aproximações, as insinuações e a excitação de mandar meus sinais até obter de volta um sorriso ou o tipo certo de reconhecimento. Assim que a química começa a funcionar, me deixo levar e largo todas as outras pessoas de minha vida.

Tenho uma percepção especial quando estou perto de mulheres. Não estou certo de que é sempre correta, mas tenho a idéia de que posso me deixar ser absorvido por elas e me transformar em qualquer tipo de homem que elas queiram. Tenho uma lembrança muito clara de mim mesmo quando pus em prática essa idéia pela primeira vez: foi numa festa no ginásio. Eu ficava encostado na parede e me transformava em alguém diferente para cada uma das garotas no salão de baile."

A Questão da Dependência-Independência

Dois são propensos a sentir muita confusão durante o período de uma relação quando precisam manifestar o eu real a fim de selar um compromisso verdadeiro. De certa forma, a confusão entre o eu alterado e os desejos reais emergentes é um sinal auspicioso. Indica o desejo de definir o eu real esquecido há muito tempo no intuito de agradar aos outros. Dois menos conscientes ou menos perceptivos são capazes de viver uma vida inteira dependentemente absorvidos pelos desejos do parceiro, ou convencidos de que são totalmente independentes do parceiro que pode ser controlado através da adulação.

"Meu desejo de liberdade tem sido a questão dominante num casamento ultralongo de mais de vinte anos. Nós dois fazemos parte do cenário musical de Los Angeles. Minha mulher é instrumentista, e eu faço adaptações e arranjos de trilhas sonoras de filmes.

Quando a vi pela primeira vez no palco, me senti derrotado. Ela era uma artista de influência e muito inacessível. Em parte, o golpe que sofri foi devido à impossibilidade da atração: ela era bonita, lésbica, tocava um tipo de música totalmente diferente e não tinha o menor interesse no que eu estava

tentando fazer. Por dois anos fiquei saltando obstáculos e por fim venci.

Quando a conquistei, comecei a sentir claustrofobia. Eu tinha me entregado a ela — tinha dado apoio à carreira dela, tinha orquestrado música e começado a fazer arranjos para ela — e agora queria me ter de volta. Eu me sentia preso e revoltado, queria recuperar minha liberdade. Uma parte de mim estava totalmente voltada para ela, mas outra não.

O tempo todo em que tentei me reafirmar, me senti bastante confuso. Lembro uma vez daquela época: eu estava sentado num drugstore, tomando café e me sentia bastante bem, na verdade. No meio de um artigo no jornal, levantei os olhos e vi uma mulher atraente passando na rua. Foi como se todo o meu corpo tivesse se levantado junto e ido embora com ela, mas eu ainda via minhas mãos segurando o jornal.

Quando a gente perde a identidade para alguém, como acontece de mim para minha mulher, e depois tenta se libertar, pode chegar à sensação de ter uma parte da gente presa na pessoa que a gente ama e outra parte solta no espaço, ou se desintegrando num banquinho de drugstore. Quando me levantei para pagar, não sabia dizer se a voz do caixa vinha dele, do teto ou de outra pessoa da fila.

Eu confundo minha pessoa com as pessoas que amo e, se eu achar que elas estão me julgando, então é como se os fios de minha vida comessem a se desligar e a minha energia estivesse vazando, e eu começo a desaparecer para mim mesmo e então tenho de olhar num espelho ou numa vitrina para ver se há ainda algum reflexo.

Me custou quase que os vinte anos de meu casamento para eu entender que não estou sendo dominado pelos desejos de minha mulher, que não preciso ser inspirado pela música dela nem ser carregado pelas suas opiniões pessoais dela para continuar apaixonado por ela."

Dois acabam percebendo que a luta por liberdade em relação a um parceiro não é mais livre nem independente do que o desejo desesperado de receber aprovação daquela mesma pessoa. O parceiro é ainda o ponto de referência, e, quer o Dois fique, quer se desligue, não se segue necessariamente que ele ou ela tenha se encontrado. Muitos Dadores assertivos parecem consumadamente independentes, mas, por dentro, eles sabem que exercem controle dando aos outros e que são dependentes da aprovação alheia para manter sua estabilidade emocional. Esta jovem mulher diz tudo:

"Durante um ano, gastei quatrocentos dólares por mês em telefonemas para que ele soubesse quanto eu não precisava dele".

Triangulação

O hábito de se adaptar a outras pessoas é prejudicado pelo fato de um Dois ser atraído por pessoas que incorporam características de valor para seu crescimento pessoal. Ao ajudar o outro, um Dois se ajuda a si mesmo por tabela, mas pode também se identificar tanto com as potencialidades de um parceiro que as fronteiras entre o eu e o outro se confundem. Um Dois pode estar tão habituado a verificar a condição emocional de um parceiro e a ignorar suas próprias necessidades emocionais, que os desejos da outra pessoa podem causar o surgimento de uma reação semelhante em seu próprio corpo.

"O contato erótico é muito importante para mim. Fico terrivelmente atraída, como se meu plexo solar e meu coração fossem fisicamente atraídos para alguém que tem o domínio sobre mim. A atração sexual não é tão genital a ponto de eu ter de dormir com esse homem, é mais como ser inundada por sensações e sentimentos que arrastam a gente para o domínio do outro. A gente se sente acarinhada porque percebe o que há de melhor no outro, e tudo isso traz à tona o que há de melhor na

gente mesma."

Dadores dizem que entram em casos de amor triangulares por duas razões. A primeira se deve às insinuações sexuais implícitas em seu relacionamento com um de seus pais, o que é carregado para a vida adulta como a atração de ser o favorito ou a favorita em segredo, aquele ou aquela que de fato compreende. Normalmente, o desejo é o de ser um amante especial para o parceiro casado e não o de fazê-lo romper seu casamento. Muitas vezes, o Dois é atraído pela indisponibilidade do parceiro casado, mas não tem nenhum desejo específico de magoar o cônjuge do parceiro.

A triangulação também pode se dar porque Dois acham que amantes diferentes fazem surgir aspectos totalmente diferentes de si mesmos, e a confusão se arma quando a questão é saber qual dos aspectos é autêntico. Eles podem encontrar dificuldade em escolher entre amantes

Orgulho

Nessa visão de mundo, a atenção se concentra externamente, em formas de agradar aos outros. Por isso, Dois têm uma tendência a acreditar que outras pessoas são dependentes do que eles decidem dar ou reter. Dois vivem com a idéia permanente de que o amparo e a assistência emanam deles para os outros e de que, sem eles, o resto do mundo ficaria empobrecido. Dois conscientes de si mesmos reconhecem a sensação de se inflarem de orgulho, sensação esta vinculada ao fato de se sentirem honrados por aquilo que deram: uma sensação de convencimento, que, por ser dependente da consideração alheia, pode ser facilmente desmontada, caso a atenção seja negada. O orgulho pode ser alfinetado porque o senso do valor pessoal depende das outras pessoas. Se a atenção é negada, é como se a pessoa fosse perfurada, é como ser esvaziada, reduzida de uma posição de importância.

"Quando ingresso num novo grupo, faço imediatamente uma avaliação das pessoas. Com quem vale a pena estar e quem me faria perder tempo?"

"É como se, periodicamente, durante a sessão da noite, meu periscópio mental se empinasse e eu explorasse os cantos para verificar como todos estão se saindo e para buscar a pessoa interessante cuja falta eu possa estar sentindo."

Relacionamentos Íntimos

Desafio é uma palavra-chave no relacionamento. Um sedutor experimentado precisa de desafios a fim de ser inspirado até o ápice de suas habilidades.

"Sempre vou atrás de pessoas que estão meio fora de alcance ou que são difíceis de encontrar. O excitante está em ir nessa busca, em sentir o que as pessoas podem extrair de mim. Quando estou ao lado de alguém extremamente excitante, simplesmente fico animado, e é maravilhoso me sentir tão inspirado. Quando a relação ganha força, é como um fluxo de sensações e sentimentos entre nós que não tem relação alguma com o que estejamos conversando. As palavras não contam, elas apenas enchem o espaço."

"O grande problema é quando a pessoa começa a gostar de mim, sinto que dei os cinco por cento de mim que ela queria e fico terrivelmente possessivo dos noventa e cinco por cento restantes. Parece que ela não me conhece absolutamente, e começo a sentir que perderei minha liberdade se me comprometer com alguém que provavelmente não poderia me aceitar por inteiro."

Dois mostram o melhor de si mesmos ao ingressarem num relacionamento desafiador. É uma posição protegida, porque o foco da atenção está em como obter uma resposta do parceiro em potencial e não na revelação de si mesmo. Eles também sabem se posicionar de forma a ser notados, se inserir nos momentos oportunos ou críticos da vida do parceiro em potencial e estar à disposição quando se precisa de ajuda. A fase mais excitante e vital de um relacionamento é quando ainda há obstáculos que superar e a caçada está em curso. Quando um parceiro é difícil de alcançar, um Dois tenta se aproximar, ignorando o fato de que sentimentos verdadeiros foram esquecidos e substituídos por um aspecto do eu que despontou para atender ao desafio.

"Para mim, investir contra alguém difícil de alcançar ajuda a manter a farsa. O sujeito ainda não sabe que não há ninguém dentro de mim, que há uma espécie de vácuo dentro de mim, nada em que me fixar. Caçá-lo mantém vivo o espetáculo. 'Deixe-me mostrar a você as coisas boas que eu tenho. Deixe-me entreter você.' No início não quero nada a não ser o amor dele de modo que só preciso ser a garota dos seus sonhos.

Uma alfinetada e a garota dos sonhos vai para os ares. Basta o sujeito fazer cara de cansado por um minuto, e eu passo do 'Que maravilha que eu sou' para o 'Pobre de mim, ninguém me ama', só porque meu namorado não parece mais a fim. Posso estar muitíssimo empolgada com algo que aconteceu durante o dia e ficar nas alturas, basta que ele pareça interessado, mas, se ele me passar a mais ligeira impressão de desinteresse, então saem pela janela todas as minhas boas sensações pelo que aconteceu."

Findo o desafio do relacionamento, a atenção de um Dois se desvia do modo como agradar ao parceiro para a sensação de como é estar com o parceiro. Dois são às vezes tão reprimidos com respeito aos seus próprios desejos que têm dificuldade de saber o que querem e assim se sentem limitados por aquilo que o parceiro acredite ser importante. Há uma sensação de lutar pela liberdade pessoal, de só investir uma parte de si mesmos no relacionamento e de se lembrar de repente de todas as outras partes que foram deixadas esperando à porta à medida que o relacionamento se arrematava.

"Tive três casamentos e praticamente fui uma personalidade diferente em cada um deles. Agora estou sozinha por opção pela primeira vez desde os catorze anos e quero me encontrar a mim mesma antes de me arriscar noutro relacionamento onde eu vá perder totalmente minha identidade na vida do meu novo marido.

Meu primeiro casamento foi com um músico de rock: três filhos, uma comunidade e uma confortável mansão vitoriana no bairro de Haight, San Francisco. O segundo casamento foi com um ativista dos direitos civis que odiava a imagem dos hippies. Vivíamos e trabalhávamos numa choça no Sul do país, carregávamos lenha e água, e eu nunca pensava em San Francisco nem no cenário do rock.

O último foi com um empresário. Uma vida completamente nova, com um estilo totalmente diferente. O pessoal do Sul não me reconheceu como a matrona de Saint Louis, e sou forçada a dizer que a melhor maneira de eu me lembrar deles foi através de meus filhos que tinham intactas na memória todas as vidas que tivemos juntos."

Por moldarem sua identidade através das formas de outras pessoas reagirem para com eles, Dois são sempre conscientes de sua dependência da aprovação alheia. Nas primeiras fases de um relacionamento tendem a se fundir aos desejos do parceiro, mas, uma vez o relacionamento esteja garantido, essa fusão de dependência começa a dar a impressão de um aprisionamento aos desejos do parceiro. Quase sempre há uma revolta frontal contra tudo o que o parceiro deseje, revolta esta alimentada pela suspeita emergente de que o verdadeiro eu foi vendido e liquidado a fim de adquirir a afeição e a boa-vontade do parceiro.

Dois dizem se sentir furiosamente independentes durante a fase em que lutam

por se libertar de um relacionamento que começa a se tornar extremamente limitador. Durante essa fase ficam exigentes e irritáveis e não estão dispostos a atender às necessidades do parceiro. Há um desejo de reativar os interesses do eu esquecido, de exercer atividades que o parceiro acha perturbadoras e de fugir pela porta dos fundos para outros casos de amor.

De positivo, Dois ficam profundamente comprometidos em ajudar a potencializar as melhores características dos outros: "Quando estou com pessoas evoluídas, elas despertam o que há de melhor em mim." Eles sabem pôr em evidência metas e estratégias para ajudar o parceiro a ter sucesso.

De negativo, Dois se tornam guardiões do parceiro, caso tenham grande necessidade de manter o controle do relacionamento: "O sucesso dele (ou dela) depende do meu amor". Um dar excessivo que cheira a emasculação e a necessidade de estar controlando o parceiro. Ter dificuldade em romper o relacionamento devido à necessidade de ser visto como o dador eficiente e o parceiro bem-amado.

Exemplo de Relacionamento de Casal: Dois e Sete, o Dador e o Epicurista

Dois sustentam o elevado senso de auto-estima de um Sete, e o casal florescerá desde que as metas pessoais de um estejam alinhadas às do outro. Dois podem se dedicar aos planos do Sete e se integrar à excitação e ao otimismo que os Setes dirigem aos seus interesses. O Dois vai querer ajudar a potencializar os talentos do parceiro e alinhar ambos à crença do Sete de que o casal rumará a um ponto futuro no tempo em que os planos comuns terão fruição completa. É provável que os dois saiam juntos muitas vezes, exibam uma imagem pública de bom gosto e compartilhem o que houver de melhor em entretenimento e eventos correntes.

Ambos os parceiros saberão dar espaço aos interesses pessoais. Setes são basicamente egocêntricos e preocupados com seus próprios projetos. Farão o que lhes agrada quer haja, quer não haja alguém com eles. Isso possibilitará ao Dois todo o tempo no mundo para se juntar ao Sete no intuito de fazer algo interessante e depois partir para atender aos interesses dos seus inúmeros eus. O Dois talvez se sinta ameaçado pela independência do Sete, mas se receber atenção em público e se for tranquilizado de que o Sete não está namorando durante o tempo em que estão afastados, haverá uma concessão mútua de liberdade. Nenhum deles se sentirá limitado, e ambos terão prazer em quaisquer interesses externos que o outro achar atraentes.

Ambos os partidos são naturalmente sedutores, o Dois de maneira mais declarada, porém menos propenso a ir até o fim. O Sete é menos aberto, porém mais propenso a ter romances casuais. Ambos apreciam atenção e insinuação sexual, e cada um é capaz de sentir certo orgulho em saber que outro tem parceiros em potencial à sua disposição. Uma vez o casal determine um nível de flerte aceitável para ambos, o casal poderá fazer concessões especiais para os gêneros de atenção externa de que cada um deles precisa.

Ambos os parceiros terão possibilidades limitadas para o contato íntimo continuado. O Sete desejará amortecer qualquer sentimento profundo prolongado encontrando outras coisas que fazer, e o Dois começará a se sentir controlado. Ao se distanciar da intimidade, é possível que o Sete faça o Dois querer se aproximar, o que mantém o casal unido; se o Dois quiser sair do relacionamento, o Sete também rumará para a opção de desaparecer. É improvável que ocorra um rompimento por falta de romance ou de coisas interessantes que fazer. A causa mais provável será o desejo do Dois se tornar mais central na vida do companheiro, mostrando raiva

e se tornando crítico, com o Sete esperando algo mais leve e desejando que o Dois volte ao bom senso. O Dois verá o Sete como emocionalmente inconseqüente, e o Sete verá o Dois como uma chatice sentimental.

Setes gostam de ser ouvidos e ficarão satisfeitos de receberem esse gênero afetuoso de atenção, desde que o Dois permaneça alinhado aos objetivos do Sete. Se o Dois absorver com muita intensidade o ponto de vista do parceiro e depois tentar manobrar o Sete induzindo-o a outro curso de ação, o Sete se afastará, se tornará reticente ou criará táticas diversivas a fim de tirar o Dois das verdadeiras prioridades do Sete. Se o Dois iniciar táticas de pressão visando a obter mais atenção, resultados imediatos nos projetos ou mais tempo para seus interesses pessoais, o Sete de novo se afastará, ficará reticente e criará interesses diversivos para desviar o Dois.

Outra versão para uma crise grave pode se formar caso o Sete comece a se sentir limitado, tornando-se então evasivo, ou deixando de corresponder à imagem feita pelo Dois de um parceiro poderoso. Quando desapontados, Dadores tendem a recorrer para a manipulação, o que, sendo percebido pelo Sete, levará a uma perda de confiança. Dadores relatam as seguintes manobras, que normalmente ocorrem quando se sentem desconsiderados num relacionamento: padrão duplo — "Tenho sido tão bom (boa) para você que você deveria continuar fiel a mim, mas você tem me ignorado tanto que tenho de buscar amor noutro lugar." Provas — "Mostre-me que você se importa comigo completando primeiro a minha agenda. Faça isso. Busque aquilo." Estados de espírito — "Me entenda. Eu não vou dizer, mas você devia ficar por perto e adivinhar." Acessos de raiva — A raiva surge do fato de ser ignorado.

Relação do Ponto Dois com a Autoridade

Dois são atraídos pelo poder e querem ser amados por pessoas poderosas. Sabem muito bem reconhecer vencedores em potencial e se colocar como ajudantes em pontos estratégicos da operação do líder. Entendem do status relativo e do grau de respeito entre as pessoas e se deixam absorver pelas tendências em voga dentro do grupo. Ao mesmo tempo em que não admitem precisar de alguma coisa das autoridades a quem dão ajuda, Dois são muito exigentes da presença e dos conselhos de uma autoridade. Com o passar do tempo, extrairão os benefícios do status, mas o maior benefício será sempre o de manter um relacionamento íntimo com uma elite de poder.

Dois confundirão identidades com uma autoridade adaptando-se ao que quer o líder considere desejável. Embora tenham as habilidades necessárias para a liderança, Dois geralmente preferem ser a eminência parda, o primeiro-ministro em vez do rei. Nessa posição estratégica, Dois identificarão sua própria segurança com a ascensão ao poder da autoridade. Protegendo a autoridade, Dois garantem seu próprio futuro e ao mesmo tempo ganham amor. É extremamente raro achar um Dador num cargo público impopular, a menos que também haja uma aliança com uma fonte de poder.

Dois não perdem seu tempo valioso numa relação com autoridades subalternas. A reação para com um fiscal de estacionamento, ou para com a secretária de alguém importante, é primeiro tentar manipular através da adulação, ou do fato de ser "conhecido". Isso não dando certo, o caso será o de passar por cima da autoridade subalterna, e o Dois avançará firmemente até a linha de frente. A reação para com uma autoridade punitiva ou indiferente é forjar nos bastidores a tomada do poder por um rival que provavelmente saiba apreciar melhor a colaboração do Dador.

De positivo, Dois vêem os potenciais nas pessoas. Estão dispostos a trabalhar em troca de pequenas recompensas materiais se a qualidade do contato humano for

boa. Capazes de ir na direção dos outros, de fazê-los se sentir à vontade, de fazê-los expandir-se. Sensibilidade para introduzir um elemento estranho no grupo. Adaptáveis a qualquer meio, sociáveis e socializadores.

De negativo, Dois têm propensão a manipular os outros através da bajulação. As pessoas são vistas ou como dignas de cultivar ou como indignas de atenção. Competitivos com iguais e com colegas por aqueles que "valem a pena". Sedutores para com os superiores e condescendentes para com os inferiores.

Um Relacionamento Hierárquico Típico entre Pontos Conexos: Dois e Oito, o Dador e o Patrão

Se o Dois for o líder, haverá a aparência de que as decisões são tomadas independentemente, mas internamente haverá um vínculo às opiniões e à benevolência das pessoas importantes no campo. O líder Dois estará trabalhando com igual empenho pela consideração íntima das pessoas significativas e por ganhos materiais. Se, por um lado, isso leva um Dador à associação com os mandachuvas no campo em questão, por outro contribui para um fraco comando no caso de ter de ser tomada uma ação isolada contra uma autoridade respeitada.

Mesmo nas melhores condições de trabalho, um Dois é propenso a exibir uma alternância de objetivos à medida que a atenção se confunde com as prioridades divergentes, representadas em qualquer decisão importante. O patrão Dois também alterará seu temperamento, às vezes querendo a estima dos empregados, outras vezes sentindo-se oprimido pela presença deles. Os estados de espírito do Dois serão irregulares, e ela ou ele terá propensão a acessos de raiva logo esquecidos por ela ou ele mesmo, mas não necessariamente pelos empregados. Um líder Dois tem também a propensão de formar um círculo fechado de relacionamento com "aqueles de meu estafe que compreendem".

O empregado Oito tenderá a ver a preocupação do Dois com pessoas importantes como uma forma de fraqueza e capitulação ao poder alheio. O Oito desejará saber sua posição na organização e ter princípios de conduta invioláveis e penalidades aplicadas de forma justa e uniforme. Qualquer privilégio especial a "caciques", a empistolados e à panelinha favorita do chefe tende a ser refutado com uma denúncia pública completa, sobretudo se o Oito não tiver sido informado, ou se sentir à margem da panelinha do chefe.

O Oito vai querer entrar para o círculo interno e em geral tem consciência de se sentir em desvantagem em relação a pessoas socialmente mais atraentes e diplomáticas. Um Oito usualmente tenta ingressar no círculo por ataque frontal, e ela ou ele tenderá a polarizar os membros do círculo para dois grupos: o dos que concordam com o Oito e o dos que discordam do Oito. Se o empregado Oito for rejeitado, haverá uma curta declaração irada de divergências, e o Oito mergulhará em pétreo silêncio, sentindo-se mais seguro porque partidos foram tomados e amigos e inimigos definidos.

Oitos detestam se sentir excluídos de qualquer grupo especial e preferem estar numa posição de controle. Isso os coloca numa posição precária em relação a um patrão que é capaz de usar de bajulação para fazer o Oito se sentir como conselheiro de um círculo interno. Se Oitos se sentirem aceitos e importantes, eles podem ser facilmente seduzidos a trabalhar além do chamado do dever. Oitos são também bastante cegos a nuances sociais para "não pescar" que estão sendo usados para lutar as lutas de outra pessoa ou para ser identificados dentro da organização como um vilão inflexível que o patrão pode desatrear a qualquer tempo

Se o patrão Dois for inteligente, o empregado Oito receberá um pequeno feudo dentro da organização. O Dois poderá reter o controle nominal e poderá se encarregar da estratégia global, desde que o Oito detenha o controle de um território particular e esteja livre para implementar os planos sem interferência nem supervisão do líder. Oitos se orgulham muito de fazer sua própria administração funcionar e são bem mais tolerantes quanto às condutas alheias se os limites do poder estiverem definidos com clareza.

Uma relação mutuamente respeitosa surgirá se o Dois puder confrontar abertamente o empregado Oito. Ambos os tipos gostam de uma boa luta, e cada um deles é capaz de entender o desejo de controle e de poder do outro. Confrontação e competição abertas levarão a soluções produtivas, desde que a disputa seja conduzida como uma luta justa, em que a posição de cada parte é discutida publicamente. Se, por outro lado, o Dois ficar intimidado, ou começar a manipular as opiniões alheias, o Oito se sentirá traído e pode se tornar publicamente não cooperativo, provocar uma revolução no escritório, ou deixar o emprego. A forma mais segura de indispor um Oito em discussão aberta é recorrer para uma elegante degradação. Oitos são extraordinariamente rudes e bastante cegos para nuances de apresentação pessoal quando estão concentrados em fazer uma observação importante. Se se fizer com que se sintam embaraçados, ou com que sintam que estão recebendo condescendência, eles se tornarão enfurecidos e inflexíveis. Sabendo disso, um Dois pode deliberadamente levar o empregado a parecer tolo ou deslocado, forçando uma demissão ou renúncia.

Se o Dois for o empregado, ela ou ele provavelmente compreenderá as necessidades do patrão quanto a controle, total exposição e abertura por parte dos subordinados. Se o patrão Oito for percebido como uma fonte de poder protetora, o Dois se tornará seu braço direito, assumirá muita responsabilidade, fará a organização funcionar sem entraves e prestará contas ao patrão sozinho.

Oitos são particularmente controladores se se acharem dependentes do desempenho de outras pessoas e provavelmente farão inspeções sem anunciar e afirmarão o controle tornando-se extremamente importunos quanto à exigência de pequenas regras. Regras processuais serão inflexivelmente enunciadas e então arbitrariamente violadas pelo próprio patrão, como meio de afirmar que o patrão está acima das regras. Trabalhadores poderão ser colocados uns contra os outros, uma vez que o patrão fará muito poucos cumprimentos, mas atribuirá culpa publicamente.

Se o empregado Dois for sensato, ela ou ele dirigirá a atenção do patrão para áreas de legítimo interesse como forma tanto de satisfazer as necessidades de controle do Oito quanto de fazer o patrão parar de importunar a equipe de trabalho. Se o patrão é mantido inteiramente informado e se é alertado para áreas de real ameaça ao trabalho, as linhas de combate serão claramente enfocadas, e o patrão passará com alegria para uma posição de liderança aliada a um desejo renascido de proteger o estafe.

Dois podem contribuir com seus patrões usando suas graças sociais superiores para ganhar acesso a informações especiais. O Oito pouco imaginativo verá nisso uma vantagem e, se como patrão for sensato, oferecerá proteção e status ao empregado. Se o patrão ficar preso a uma suspeita de que vai cair nas mãos de outras pessoas e se periodicamente se afirmar em relação ao Dois reivindicando controle, o empregado Dois tenderá a forjar uma derrubada, apoiando outro líder na organização.

Ambientes Atrativos

Ambientes Atrativos incluem qualquer posição de ajuda a ou de associação com um líder poderoso. Devoto de um guru exigente, groupie^{*} de estrela de rock, a mulher ou o homem braço-direito que dá conselhos ao chefe. A secretária do presidente que faz a companhia funcionar.

Defensor dos desvalidos, voluntário para causas sociais. As profissões assistenciais. Sopa dos pobres: "E para você, mas, muito obrigado, vou tomar um pouco também."

Casos de amor triangulados. O outro, a outra. Um emprego com conotações sexuais. Maquilador, vedete, consultor de cores.

Ambientes não Atrativos

Ambientes não Atrativos incluem empregos que não geram aprovação. Por exemplo, dificilmente se encontraria um Dois trabalhando num órgão de arrecadação, a não ser que estivesse apaixonada pelo chefe.

Dois Famosos

Madonna, cuja imagem de mulher explicitamente sexual apareceu pela primeira vez na sobrecapa do disco *Like A Virgin*.

Elvis Presley — Elizabeth Taylor
Maria Madalena — Jerry Lewis — Dolly Parton

Como Dois Prestam Atenção

A atenção é, por hábito, concentrada nas flutuações emocionais de outras pessoas significativas, guiada pelo desejo de se tornar o objeto de amor dessas pessoas. No nível dos sinais físicos, isso significaria algo como vigiar para ver a pessoa a quem o parceiro presta atenção, ou vigiar para ver se ele ou ela sorri ou franze o cenho quando um tópico específico de conversação é trazido à baila, e tentar então se unir a esses interesses numa forma que agrade.

Em outro nível de percepção, Dois dizem que se descobrem alterando-se para se tornar o que os outros querem, sem ter consciência de nenhum sinal facial ou comportamental que os tenha feito modificar sua apresentação pessoal. Dizem que, quando sua atenção é atraída para alguém, descobrem-se adaptando-se àquilo que imaginam ser os desejos mais profundos daquela pessoa e que seu hábito de concordar com desejos de outrem significa que podem se tornar o protótipo daquilo que o outro acredita ser desejável.

"Começa com o horror de ser rejeitada. O que a gente tem de fazer para nunca ser rejeitada é aprender a ser o mesmo que a outra pessoa. Aprender a olhar um estranho, perceber como vocês dois são o mesmo e então se

^{*} *groupie*: garota fã de cantores de rock que muitas vezes os perseguem com o intuito de fazer conquistas sexuais. (Nota do revisor).

introduzir aos poucos nesse sentimento. Pode acontecer na rua onde me descubro atraída por alguém e procuro me ajustar às nossas igualdades.

Na intimidade a coisa é bem mais intensa. É como se tudo o que você quer eu também quero. Tudo o que você deseja, é também o meu desejo. Tudo o que você queira em termos de sexo pode ser realizado comigo. Quando essa química funciona, é a forma mais maravilhosa de intimidade. Mas quando sinto que é como se eu estivesse à toa numa esquina, fuçando a vida de outra pessoa só porque me sinto insegura naquele dia, então toda idéia de me perder nessa pessoa é um fardo para mim."

Como a atenção se concentra exteriormente no que os outros desejam, há falta sistemática de atenção para as necessidades pessoais. Do ponto de vista psicológico, essas necessidades reprimidas são satisfeitas ajudando outros a viver uma vida que o Dois gostaria de compartilhar. Um Dois pode ser ajudado em terapia aprendendo não só a reconhecer necessidades pessoais, mas também a estabilizar um senso consistente do eu que não se altere a fim de satisfazer as necessidades alheias.

Do ponto de vista da prática da atenção, Dois podem aprender a intervir em seu hábito de perceber e pressentir sinais de aprovação oriundos de outras pessoas aprendendo a desviar a atenção de outras pessoas e reenfocá-la num ponto de referência dentro do próprio corpo. Com a prática, saberão reconhecer a diferença entre ficar presentes a seus próprios sentimentos e permitir que o foco de sua atenção saia na direção de outros.

A Liberdade como Característica da Mente Superior

Desviar a atenção interiormente produz freqüentemente muita ansiedade para Dois. Embora tenham muito mais chances de reconhecer suas próprias necessidades quando são capazes de prestar alguma atenção a si mesmos, desviar a atenção de outras pessoas interrompe um hábito com o qual garantem a segurança emocional. Dois comumente dizem temer não abrigar dentro de si nenhum eu verdadeiro, temem haver apenas um buraco negro na barriga com ninguém vivendo dentro dele. Que os sentimentos verdadeiros comecem a emergir quando a atenção é desviada dos outros não é necessariamente uma boa notícia para aqueles cuja segurança depende de agradar aos outros.

Dois podem se tornar tão habituados a reparar no que os outros querem, que não percebem o fato de que sofrem as conseqüências da ajuda que dão. Reconhecem sua dependência em relação aos outros nas ocasiões em que devem agir sozinhos. A ação independente é capaz de produzir uma angústia terrível, sobretudo se a ação for contra os desejos de alguém a quem um Dois gostaria de agradar. Por não aquiescer aos desejos de uma pessoa favorita, um Dois sente que se arrisca a sacrificar para sempre o amor da outra pessoa.

Muitos Dois dizem que é mais fácil saber o que querem e o que sentem quando estão sozinhos do que quando estão com alguém a quem se sentem ligados. Vêm como seu dever aprender a se lembrar de quais são suas verdadeiras necessidades e, ao mesmo tempo, ser capazes de perceber e pressentir o que o outro quer.

"Quando meu segundo casamento se acabou, mudei para bem longe nas montanhas, com a idéia de descobrir o que eu realmente queria da vida. Era como se eu não existisse agora que meu marido já não estava por perto o tempo todo. Era desconcertante e assustador ter de ficar sozinha comigo mesma, ter de decidir o que fazer para fazer companhia a mim mesma o

dia inteiro e enfrentar o buraco vazio na barriga quando eu tentava meditar. Tinha pavor de que aquele poço não tivesse fundo, de que, por mais que eu penetrasse em mim mesma, não encontraria ninguém lá dentro.

Por fim descobri a mulher, encontrei meu próprio ritmo e aprendi como dar a mim mesma o que eu queria. Vivi lá por mais três anos, depois voltei para a cidade e retomei minha vida antiga. A sensação mais surpreendente de voltar a viver com as pessoas foi a de ter plena certeza do que queria quando estava sozinha, mas bastava olhar no fundo do olho de uma pessoa e eu me descobria tão ligada ao que ela estava sentindo que me esquecia de mim mesma."

Estilo Intuitivo

Dadores acreditam compreender os sentimentos mais íntimos dos outros. Foram as crianças amadas por serem agradáveis e, como adultos, são levadas a acreditar ser especialmente sensíveis aos desejos alheios. Como ocorre com cada um dos nove tipos, o estilo intuitivo se origina de uma forma de prestar atenção que ajudou a criança a sobreviver emocionalmente. Como crianças, Dois desenvolveram uma preocupação em obter aprovação e, motivados por sua necessidade de amor, se convenceram de que eram particularmente capazes de perceber e pressentir os desejos mais íntimos dos outros.

Saber se o indivíduo Dois é objetivamente sensível às necessidades de outros ou se apenas é fantasioso, poderia equivaler a saber a diferença entre simplesmente imaginar o que seria estar na pele de outra pessoa e o que alguns Dois têm descrito como uma participação autêntica na vida interior de outra pessoa.

O depoimento que se segue ilustra a distinção entre pessoas que se acreditam sensíveis a outras e aquelas que são verdadeiramente empáticas.

"Quando estava com meus vinte anos, alimentava a idéia de que eu simplesmente amava todo o mundo e de que todo o mundo também me amava. Eu tinha a certeza de que era a garotinha favorita de todos e só queria retribuir às pessoas mostrando quanto eu sabia ser atenciosa. Depois que amadureci um pouco e que tive de sobreviver a algumas rejeições devastadoras de pessoas que realmente eu amava, vim a perceber que eu sabia manipular as pessoas para que elas gostassem muito de mim. O que eu fazia era imaginar o que elas queriam e então partia pra cima disso; ou então pensava como seria ficar no lugar delas e buscava imaginar uma experiência semelhante de minha própria vida.

Por exemplo, se uma amiga me confidenciasse o que sentia por certo rapaz, tipo "Quando estou perto dele, é como uma montanha russa, minhas emoções sobem e descem", então eu me imaginava numa montanha russa, tentando imaginar aquilo como uma forma de estar apaixonada.

Agora, muitos anos mais tarde, sou psicóloga e tenho tido experiências daquilo que eu chamaria de identificação projetiva. É sentir o problema do meu paciente de maneiras diferentes de qualquer aproximação íntima de minha própria vida. Passei a valorizar essas identificações intuitivas como o modo mais direto de compreender a crise de meu cliente.

Uma prova marcante de que o que sinto é pura empatia aconteceu quando um dos meus clientes tentava trabalhar um período esquecido de sua infância, quando o mandaram para uma família adotiva por algumas semanas. Sentado em minha sala, ele dizia que não conseguia se lembrar de nada do que tinha acontecido, ou do que tinha sentido naquele período, e, ao mesmo tempo, eu comecei a sentir uma forte quentura no corpo como se estivesse para desmaiar, embora eu soubesse que não estava desmaiando.

Quando disse a ele das minha reações, ele percebeu que seu corpo também

estava quente, e por fim aquela sensação corporal despertou as lembranças reprimidas, de acordar suando no quarto do porão que ele dividia com outra criança adotiva naquela casa. O quarto era superaquecido porque era próximo demais da caldeira principal, e ele ficava acordado na cama na hora da sesta, preocupado por não lhe terem dito quanto tempo devia ficar com aquela família e com medo de perguntar porque achava que podia ser ofensivo e o pessoal se voltaria contra ele."

A Virtude da Humildade

Todas as emoções superiores se baseiam em ações espontâneas do corpo que não são dirigidas pelo pensamento. Enquanto apreensão corporal, a humildade é uma reação que não é condicionada por obter algo em retorno. A falsa humildade de um dador iludido seria algo como: "Eu lhe dei meu braço direito, mas, por favor, não há de quê." Humildade não tem nenhuma relação com pensamentos virtuosos ou atos de abnegação, o que poderia facilmente mascarar desejos inconscientes de manter o controle sobre os outros, tornando-os dependentes.

Aqueles que encarnam a humildade talvez não percebam que são capazes de dar justamente a cota exata de ajuda e talvez tampouco percebam que existe qualquer coisa de especial no fato de serem gratos por aquilo que já têm e por não abrigarem nenhuma expectativa de retorno dos outros.

A humildade é o reconhecimento das necessidades exatas dos outros e a tendência natural a não tomar nem mais nem menos do que é necessário. Uma pessoa conhecedora de suas próprias necessidades provavelmente tenderá a estender exatamente a medida certa de ajuda aos outros. Além disso, a característica de dar de tal pessoa estará justamente na proporção exata do que é requerido. A humildade é como ficar nu diante de um espelho e ser grato por aquilo que é refletido com precisão, sem nenhuma propensão a inflar orgulhosamente seus sentimentos, imaginando o reflexo maior que a realidade, ou se desalentar e se sentir vazio por não aceitar o que de fato está lá. Igualmente, existe a capacidade de aceitar com gratidão seu relacionamento objetivo com outras pessoas em lugar de, por meio de manipulação, se colocar habitualmente numa posição de importância.

Uma prática útil de observação de si mesmo para o cultivo da humildade consiste em aprender a diferenciar reações objetivas que surgem no corpo como resultado do ato de dar aos outros e sentimentos que são governados por idéias a respeito de dar e receber.

Dois e Nove se Parecem

Igual a Noves, Dadores percebem mais aquilo que os outros querem do que aquilo que eles mesmos querem. Contudo, Dois se comportam de modo diferente de Noves, porque alteram a apresentação pessoal, com uma agenda voltada para garantir o controle sendo agradáveis. Noves não se alteram nem controlam através do ato de dar. Noves descrevem a forma de se fundir com os outros como "ser a imagem de um espelho", absorvendo e refletindo o ponto de vista que os outros lhes impõem. Noves dizem também que exercem controle reduzindo o ritmo, ou se desligando, e não através da manipulação. Outra diferença entre Dois e Nove é que Dois se movem ativamente na direção das pessoas, ao passo que Noves são lentos para se apresentar.

Os dois tipos descrevem sentimentos de perda de identidade com outras pessoas. Dois perdem sua identidade naquilo que é semelhante no outro, ou no

aspecto do outro que parece inspirador. Dois são seletivos com relação àqueles com quem perdem a identidade. Há de ser alguém que valha a pena. Noves descreveriam sua característica de perder a identidade como algo semelhante a "me transformar no outro e pegar tudo o que achar nele". Um Dois perde a identidade sentindo o que é desejado e se alterando para agradar.

Dois e Três se Parecem

Igual àqueles no seu núcleo (ponto Três), o Dois perdeu a conexão com seus verdadeiros sentimentos pessoais. Os três pontos agrupados do lado direito do Eneagrama, Dois, Três e Quatro, representam modos diferentes em que os verdadeiros sentimentos da infância foram sacrificados a fim de conciliar o conflito entre desejos pessoais e desejos dos pais. As questões do Dois com sentimentos se desenvolveram devido à adaptação que fizeram no começo da vida às necessidades de outras pessoas e persistem devido ao hábito de prestarem atenção à flutuação dos estados de espírito e preferências alheias. O êxito em se adaptar às necessidades alheias garante segurança e proteção.

Dois e Três podem se parecer no caso de o Dois ser um grande empreendedor. Seria de esperar que um Três subisse a escada do sucesso por ter sido premiado por desempenho mais do que por sua sensibilidade. Um Dois também pode ser dinâmico e ambicioso em termos profissionais, mas a motivação interna do Dois é a de ser amado por si mesmo mais do que por seus empreendimentos. A diferença entre um Três e um Dois com alto nível empreendedor é a diferença entre um executor que toca para o público a fim de impor um grande espetáculo e o bajulador que toca para o mesmo público a fim de impressionar uma namorada especial sentada na primeira fila.

Méritos

Dois sabem fazer as pessoas se sentirem bem consigo mesmas. Têm a capacidade de extrair o melhor dos outros e, com seu entusiasmo, sabem tornar mais fáceis mudanças difíceis de empreender. São mais felizes numa posição de apoio àqueles que buscam o poder e podem ser um trunfo importante para um amigo ou sócio que esteja enfrentando adversidades. O relacionamento sobressai como a faceta mais importante da vida de um Dador, e eles se comprometem a manter os relacionamentos vivos seja lutando, seja seduzindo, seja absorvendo as necessidades do parceiro, seja arrumando muita confusão. São também capazes de sentir raiva e não guardar nenhum ressentimento. Reservarão tempo para privilegiar as comemorações que unam as pessoas. Aniversários e férias serão lembrados com um presente especial que exigiu pensamento e empenho para preparar.

Subtipos

Os subtipos designam as preocupações que se desenvolveram durante a infância. Representam estratégias para as quais a criança recorreu ao tentar satisfazer necessidades pessoais por intermédio da instância de outras pessoas.

Sedução/Agressão no Relacionamento com Uma Pessoa

A sedução se baseia na preocupação de ser desejado como sinal de aprovação e requer a atração do outro para si. A agressão é a superação pelo confronto de todos os obstáculos de um relacionamento e significa um esforço para manter contato.

"Sou capaz de me concentrar em qualquer estranho numa multidão e descobrir se está disponível para mim ou não. É como se meu corpo quisesse se tornar o encaixe perfeito para ele e, se faço essa conexão, então percebo no meu próprio corpo. Quando a conexão parece segura, parto na direção dele, já sabendo que ele vai gostar de mim."

Ambição em Situações Sociais

A ambição envolve a associação com pessoas poderosas como fonte de proteção e como garantia de status dentro do grupo.

"Recentemente fui contratado para compor a equipe de psiquiatras de uma clínica. Nas reuniões de departamento me descubro fazendo o reconhecimento. Quem é que senta perto de quem? Quem recebe respeito dos superiores? Preciso conhecer os que vem crescendo em popularidade e fazer amizade com eles."

"Eu Primeiro" (Privilégio) na Área da Autopreservação

"Saia da minha frente" - é uma expressão chave. É um sentimento de fúria por ter de ficar em filas de Banco, ou no meio da multidão esperando a abertura da cantina. Não vai sobrar muito para mim depois que os outros apanharem o que querem, e a gente fica tão brava com a indignidade de ficar de fora, que faz uma manobra para chegar na frente da fila."

O Que Ajuda Dois a Evoluir

É freqüente Dois começarem terapia ou uma prática de meditação com o desejo de achar o verdadeiro eu. Isso significa aprender a reconhecer a diferença entre desejos verdadeiros e as acomodações que ocorrem a fim de concordar com ou de lutar contra aquilo que outras pessoas querem. Casos típicos incluem questões ou doenças de relacionamento, tais como enxaquecas ou asma, que podem ter sua origem na somatização de necessidades reprimidas. Dois precisam reconhecer os momentos em que a atenção se desvia dos sentimentos reais para se conformar aos sentimentos alheios. Dois podem se ajudar

- Detectando o desejo de manipular
- Admitir o seu real valor para os outros. Notando as oscilações que ocorrem entre um inflar-se de orgulho pela própria importância e um humilhar-se exageradamente.
- Reconhecendo a bajulação como um sinal da ansiedade crescente. Notando a tentação de ceder o poder aos outros.
- Encorajando algo mais do que a reação emocional inicial. As primeiras reações podem ser uma exibição superficial que mascara os verdadeiros sentimentos.

- Notando quanto de atração pode haver em receber total atenção durante uma hora completa de terapia. Querendo falar de si mesmos.
- Detectando o desejo de parecer desamparado, de manter a terapia confortável e de não trazer à baila material que macule o orgulho ou uma boa imagem.
- Vendo as prioridades conflitantes dos "múltiplos eus", e desenvolvendo uma apresentação pessoal consistente para as outras pessoas que não se altere a fim de agradar.
- Desenterrando a raiva como um indicador de sentimentos e emoções autênticas e como forma de desenterrar os conflitos subjacentes a sintomas psicossomáticos.
- Não atraindo os outros através da bajulação, e reconhecendo que a necessidade de retaliação é causada por orgulho ferido.

Coisas que Dois Deveriam perceber

- É útil para Dois perceber as seguintes questões que podem surgir durante a transformação:
 - Vontade de brincar de ser outra pessoa, de fantasiar diferentes formas de ser amado.
 - Confusão entre os vários eus: "Qual é o meu eu real?"
 - Opção pelo segundo melhor nos relacionamentos. Vontade de estar com o "melhor", mas, por temer a rejeição, ficar com "o que mais precisa de mim."
 - Medo de não ter um eu verdadeiro, de ser pouco original ou de imitar os outros. Em meditação, medo do buraco vazio na barriga.
 - Insegurança emergente quanto à sobrevivência sem a proteção de outras pessoas.
 - Medo de ter comprado relacionamentos, de ter iludido os outros a ser amigos.
 - A crença de que receber aprovação é igual a receber amor. A crença de que ter independência levará a nunca ser amado novamente.
 - Acessos histriônicos quando o hábito de buscar aprovação colide com os desejos reais emergentes. A crença de que os outros estão tentando limitar a liberdade.
 - Luta por liberdade. Recusa em assumir compromissos que pareçam limitar a expressão de seus múltiplos eus. Exigência de liberdade ilimitada.
 - Atração para relacionamentos difíceis. Triangulação. Afirmação do controle indo atrás do difícil de obter. Impedimento de uma verdadeira intimidade.
 - Inexperiência com a verdadeira intimidade. Sensações sexuais e emocionais verdadeiras não são familiares. Necessidade de tempo para reconhecer e aceitar sentimentos autênticos que não sejam influenciados pela consideração de outras pessoas. Necessidade de ver a diferença entre um gostar e um desgostar passageiro e um nível mais profundo de compromisso.

8. Ponto Três: O Desempenhador

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|-------------------|--------------------------------------|-----------------|-------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | VAIDADE | Mente Superior. | ESPERANÇA |
| CORAÇÃO | Paixão: | ENGANO | Virtude: | HONESTIDADE |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | IMAGEM DE MASCULINIDADE/FEMINILIDADE | | |
| | Social: | PRESTIGIOSO | | |
| | A utopreservação: | VOLTADO PARA A SEGURANÇA | | |

O Dilema

Três foram as crianças que eram apreciadas por suas realizações. Lembram-se de que, ao voltarem da escola, lhes perguntavam pelo seu desempenho, e não pelas sensações ou sentimentos que pudessem ter em relação àquele dia. Recomendavam-se o desempenho e a imagem mais do que as relações emocionais ou um envolvimento profundo com a vida de outras pessoas. Por serem amadas por suas realizações e conquistas, aprenderam a suspender as próprias emoções e a direcionar a atenção para a conquista do status que lhes asseguraria amor. A idéia era trabalhar duro pelo reconhecimento, assumir papéis de liderança e vencer. Era muito importante evitar o fracasso, porque só os vencedores eram dignos de amor.

Três parecem estranhamente modernos no contexto da doutrina esotérica. São grandes empreendedores que se identificaram com a imagem popular na América de juventude, energia e vida competitiva. Adotam a imagem arquetípica de qualquer grupo: o executivo com terno e gravata, a supermãe que faz o serviço andar, as crianças cheias de vitalidade dos anúncios da TV, o hippie com os cabelos até os calcanhares. Três são camaleões que se transformam nos executores e empreendedores valorizados por qualquer grupo do qual se descubram membros e, talvez involuntariamente, podem vir a acreditar ser a imagem que atrai aprovação daqueles que respeitam.

Por se ajustarem às características valorizadas na cultura americana, Três exibem uma fachada de aparente otimismo e bem-estar. Não parecem sofrer e podem viver toda a vida ignorando terem perdido uma conexão vital com sua própria vida interior. Três trabalharão por recompensas externas, muitas vezes sem examinar seus sentimentos em relação ao trabalho em si. Identificam-se com o nome prestigioso de uma firma, atribuem seu próprio valor pessoal ao número de zeros em sua renda anual. O trabalho pode ser terrivelmente enfadonho, mas um título impressionante pode ser uma compensação. Conforme disse um Três: "Não pense, simplesmente faça o trabalho". A atividade é também um antidepressivo natural; Três simplesmente permanecem tão ocupados que não têm tempo de deixar a vida deprimi-los.

O trabalho é a área preferida de atividade, e, como o valor de Três depende de que o trabalho saia bem, eles sabem se comprometer integralmente com uma tarefa. Passam sem pestanejar da idéia para a ação, com muito pouca demora entre o pensar e o fazer. A vida é dinamismo e alegria, com muitas atividades interessantes, mas uma vida que se concentra no desempenho pessoal sacrifica necessariamente uma vida interior, resultante da privacidade e do questionamento emocional.

A maioria dos Três não percebe que sua preocupação com a ação impede o surgimento daquele tipo de criatividade que só pode se desenvolver a partir de longos períodos de tempo dedicados ao ser e ao sentir. Três mantêm a programação atulhada. Há uma atividade contínua durante todo o dia, sem nenhum tempo livre para o afloramento de sentimentos e emoções. Três querem levar trabalho para fazer nas férias, preencher o tempo de lazer com uma viagem de estudos ou com uma maratona em cinco países que lhes garanta estar ativamente ocupados durante todo o período de descanso. Tempo livre sem a garantia de saber o que se fará em seguida é assustador para aqueles que foram condicionados a acreditar que o valor depende do que você faz e não do que você é.

O tempo livre é também evitado porque os sentimentos pessoais ganharão a consciência, e sentimentos podem interferir com a eficiência na execução do trabalho. Três raramente acham que doença ou vida particular atrapalhe a programação do trabalho em andamento e são intolerantes para com os que realizam abaixo de suas capacidades e para com os que se deixam abater pelas emoções.

A palavra *desempenhador*⁵ traz à mente uma pessoa que é particularmente vaidosa, e, de fato, Três sentem vaidade do que fazem. São pessoas cujo amor-próprio depende mais do reconhecimento de sua produção do que de serem adorados como pessoas. Três dizem que ficam tão concentrados na tarefa quando entram em ação que seus sentimentos são suspensos e que, se recebem um elogio, assumem que foi dado ao produto e não a eles mesmos.

Em relações íntimas Três descobrem que se alteram para assumir a aparência que teria uma pessoa íntima e dizem as coisas que diria uma pessoa íntima; mas, freqüentemente, percebem ao mesmo tempo que projetam uma imagem de como uma pessoa empática agiria em vez de estarem conectados a sentimentos que a intimidade implica. No meio de um momento emocional, a atenção de um Três pode se desviar para outras coisas. Quando se espera que os sentimentos venham à tona, de repente lhes ocorre o compromisso das nove horas ou o almoço de negócios. Durante anos, as emoções foram suspensas no interesse de um desempenho profissional eficiente até se tornarem incompatíveis com a realização do trabalho.

O amor é expresso através da ação, e a vida em família se desdobra numa série de imagens com a perfeição de uma pintura. "Viajamos juntos. Jogamos muito tênis. Conversamos sobre as crianças." A atenção está nas atividades e nas programações mais do que no tempo livre para nada fazer e ficar juntos. Um Três tem um relacionamento que flui com eficiência; um casamento "que funciona". Trabalhos e renda serão altamente considerados. É importante manter vivos projetos e expectativas; é primordial evitar o fracasso e maximizar o êxito.

Um senso de otimismo interior é muitas vezes alimentado pela atenção seletiva a realizações positivas. Os fracassos são reemoldurados em êxitos incompletos; mobilização para o cumprimento dos prazos e competição são preferíveis ao descanso. Com o tempo, um Três desenvolve a capacidade de se adaptar a papéis profissionais, de incorporar a imagem e as características a uma apresentação profissional. Essa capacidade semelhante à do camaleão, de assumir os maneirismos de um modelo com um papel de sucesso serve para impressionar as outras pessoas, levando-as a confiar nas capacidades do Três, mas pode também servir como fonte de profunda ilusão consigo mesmo para o próprio Três, que substitui emoções verdadeiras por sentimentos que supostamente são típicos de pessoas bem-sucedidas. Essa inadvertida ilusão consigo mesmo se aprofunda se um Três começa a se identificar com os maneirismos de um "líder efetivo" ou do "amante ideal para a minha parceira" ao ponto em que a imagem assumida é capaz de substituir necessidades e

⁵ *Desempenhador* em inglês é *performer*, que também tem o sentido de artista, ator. Dizemos em português "artista performático". (Nota do revisor)

desejos autênticos.

Três sofrem do hábito de se enganar a si mesmos e aos outros ao assumir imagens que garantam respeito. A palavra *workaholic*,⁶ por exemplo, traz à mente um superempreendedor alucinado, incapaz de parar, incapaz de descansar; e em seu extremo patológico essa imagem seria correta. Os Três citados neste capítulo se reconhecem impelidos pela necessidade neurótica de sobressair naqueles momentos em que sua atenção fica tão imersa na tarefa em curso, que parecem se tornar o protótipo ideal de seu próprio trabalho e já não sabem apontar a diferença entre essa imagem e eles mesmos. Esses Três sabem também observar e descrever como suas mentes funcionam durante seus períodos de calma, sem pulsões. Por serem capazes de desviar a atenção para um estado mental de observação e por serem capazes de refletir sobre os mecanismos de seus próprios hábitos internos, estão justamente no caminho de superar seu estilo neurótico.

As preocupações habituais do ponto Três incluem

- Identificação com realização e desempenho.
- Eficiência.
- Competição e impedimento do fracasso.
- A crença de que o amor vem daquilo que você produz e não daquilo que você é.
- Atenção seletiva a tudo o que seja positivo. Dessintonia dos negativos.
- Pouco acesso a sentimentos pessoais. Emoções são suspensas enquanto se está em atividade.
- Apresentação de uma imagem que é ajustada para ganhar aprovação. Personalidade pública muito visível.
- Confusão entre o eu real e as características adequadas a seu papel ou trabalho.
- Uma forma de prestar atenção denominada pensamento convergente, em que uma mente com múltiplas trilhas se concentra numa única meta.
- Ajustagem intuitiva da apresentação pessoal, muitas vezes ao ponto de acreditar que a imagem é o verdadeiro eu.

História de Família

Três foram premiados por aquilo que foram capazes de produzir e empreender mais do que por eles mesmos. Por fim, aprenderam que o meio de obter aprovação e amor era o sucesso no desempenho, tornando-se assim peritos em se autopromover e em projetar uma imagem que incorporava as características ideais de qualquer papel.

"Nunca houve época em que eu não estivesse medindo meu valor em termos de algo tangível que outras pessoas pudessem ver. Tive uma mãe muito interessada em

⁶ *Workaholic*: americanismo que teve como modelo a palavra *alcoholic* (alcoólatra) e que significa, portanto, viciado em trabalho. (Nota do revisor).

propaganda presidencial, e éramos quatro irmãos, próximos em idade. Tive uma criação convencional de classe média; se conversava muito sobre amor, mas não havia muito contato físico. Por isso é que empreender coisas se tomou como uma corrida de cavalo, e praticamente não havia o reconhecimento de que eu era especial, diferente dos demais. A maneira de eu ganhar esse reconhecimento era brilhar no recital de piano, ou preparar o calendário que seria escolhido para o mural da classe, ou qualquer outra coisa que chamasse a atenção das pessoas.

Enquanto eu fazia alguma coisa, eu estava sendo notado e me alimentava com aquela pequena reserva de amor. Acabou se formando um ciclo, qualquer empreendimento se tornava a referência para o sucesso seguinte. Meus feitos não eram cumulativos, era preciso continuar fazendo mais, de modo que meu valor pessoal passou a significar o que eu tinha feito naquele dia, naquele exame ou naquele encontro."

As características de um tipo alcançam o ápice no final da adolescência ou na casa dos vinte anos. A declaração seguinte foi dada por uma adolescente de dezessete anos, aluna do colegial, e é típica da preocupação de um jovem Três com empreendimentos competitivos e com a rejeição do fracasso aos olhos de outras pessoas.

"Além de só poder tirar nota máxima na escola, sou destaque no show de dança que vamos ter e dou duro para fazer sucesso em minha vida social. Estudo todo dia de uma às cinco da tarde, além de ter aulas de oito ao meio-dia. Vou para casa, faço meu dever e invento novos passos de dança e fico acordada até duas da madrugada. Faço tudo isso basicamente porque, se eu não fizer, ninguém vai gostar de mim. Quero me dar bem na escola, mas não posso dizer que é porque eu curta as matérias que estudo. O que eu quero mesmo é aparecer com um boletim de primeira, porque aí as pessoas vão achar que eu tenho tudo. Por isso, ir à escola é mais para ser reconhecida do que para atingir algum objetivo.

Fiz ginástica seis anos, quatro horas por dia, seis dias por semana, das seis às dez, todas as noites, e nos últimos três anos eu odiava aquilo. Na época eu não sabia que odiava ginástica, só saquei quando desisti. O negócio era apenas ir. Ir para casa, fazer a lição, ir para a academia, fazer mais lição, ir dormir, ir à escola, simplesmente ir, ir, ir. A gente não tem tempo de parar para pensar. Será que gosto mesmo do que faço? Eu participava de competições e na verdade não gostava delas, mas quem podia se dar ao luxo de ficar sentada reclamando? E se eu ganhasse, meu pai e minha mãe achavam um barato, e eu dizia a mim mesma: Mais, mais e mais, realize mais.

Cheguei ao ponto de ter problemas em assistir aos Jogos Olímpicos na televisão. A coisa ficou tão séria que era parar ou pirar. Finalmente o que me fez parar foi uma amiga que também parou, e ficou tudo bem com ela, ninguém a odiou por isso. Aí, um dia, eu simplesmente parei. Aí eu não tenho nada pra fazer e como tenho de fazer alguma coisa com esse tempo extra, saio, arrumo um emprego, começo a dançar, me torno monitora de classe e todas essas coisas. Agora tenho de ir para Stanford.

Por isso não digo a ninguém que estou me candidatando para Stanford, ou pelo menos para ninguém que esteja muito perto para saber se eu não conseguir entrar. Só sei dizer que é um horror ir atrás de alguma coisa e não conseguir; aí, se não dá certo, até minhas melhores amigas vão saber que eu fracassei, e eu vou fazer qualquer coisa para esquecer. Estou perdida, tenho sempre outra coisa para fazer."

Três se tornam o protótipo ideal de qualquer grupo por eles valorizado. Se foram criados numa família que dava alta cotação ao desempenho público, então se esforçarão nessa área. Se a família valorizar outros tipos de empreendimentos, então uma criança Três se esforçará por se adequar à imagem em questão. Uma mulher que foi criada no interior descreve a sua situação familiar:

"Desde que eu era pequena, minha mãe dizia que eu ia fazer algo de especial. Não que eu era especial, mas eu ia fazer algo realmente especial. Ela era mãe solteira e muito instável emocionalmente, então a maneira de eu lhe agradar era praticamente criar meu irmão e minha irmã mais novos. Não fui estimulada para os estudos, mas sim

para ajudar em casa, para cuidar das pessoas. Abri minha própria boutique e a vendi com lucro após seis meses. Foi um sucesso desde que abrimos as portas. Meus negócios nunca tiveram problema porque sei exatamente o que as pessoas querem e lhes dou isso.

Em termos de produtividade, me bastavam duas ou três aulas sobre um tópico empresarial, e eu já podia me empregar como instrutora. Assim que eu assimilava os elementos superficiais, sentia o desafio de dominar a coisa e de ser aceita como autoridade, de ser respeitada por pessoas que a gente admira. Quando eu era criança, não me sentia amada pelo que eu era, mas recebia um carinho por um trabalho bem feito. E um dos meus pontos fracos, a que devo prestar atenção. Quase todo o mundo rouba meu tempo se, no meio, houver carinho e reconhecimento.”

Atividade Polifásica

Como o amor foi dado pelo que se produziu mais do que pelo que se era, a atividade e a produção evoluem por fim para uma forma de controle. Manter-se ocupado garante um fluxo constante de produção, além de absorver com eficiência qualquer tempo vago em que possam aflorar sensações de ansiedade sobre fracassos eventuais. Um Três está acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo e será partidário de manter abertas o maior número possível de frentes como forma de usar o tempo eficientemente. Quem, porém, está de fora tende a ver essa necessidade de uma atividade polifásica contínua como uma forma de não ter tempo para uma vida emocional.

"Posso falar ao telefone, dar comida à minha filha, marcar um compromisso, ouvir uma conversa, tudo ao mesmo tempo e não perder nada. É uma consequência de ter dois ou três trabalhos sendo feitos ao mesmo tempo, por isso há sempre a próxima coisa a fazer antes de terminar a tarefa do momento. É só tendo todo o meu tempo preenchido, sem nenhum espaço morto, que me sinto realmente em segurança.

Relaxar serve para eu me preparar para o próximo round. O banho quente está programado porque preserva meu corpo e, enquanto estou lá, ponho o gravador funcionando na borda da banheira, e minha mente já está no dia seguinte, na entrevista seguinte, no negócio seguinte. Se perco o contato com as pessoas que elogiam meu desempenho e se deixo de receber qualquer feedback positivo, então fico altamente tentada a correr para a academia ou para algum lugar onde haja gente que me faça um pequeno elogio.”

Imagem

Como a aprovação depende do sucesso no desempenho, é provável que Três exerçam uma atenção tão intensa na mecânica de uma tarefa que se esqueçam de seus próprios sentimentos e comecem a projetar uma imagem que seja propícia à tarefa em curso. Três modificam facilmente sua apresentação exterior e descobrem muitas vezes que se ajustaram intuitivamente a fim de incorporar uma imagem que transmita sua mensagem, ou que ajude a promover visibilidade profissional no campo de trabalho que escolheram.

Na medida que Três percebam que a imagem por eles projetada não representa necessariamente seu ponto de vista emocional, eles são capazes de alterar sua imagem sem o perigo de se identificar com alguma fachada de prestígio que chame a atenção dos outros. Três cômicos de si mesmos sabem que suspendem suas emoções enquanto trabalham e que podem renunciar a si mesmos se tornando o que outras pessoas querem que eles sejam. Dizem também que devem policiar sua

capacidade de enganar os outros projetando uma imagem que faça as pessoas acreditarem em tudo o que eles dizem.

Na medida que Três não percebiam seu hábito de suspender os sentimentos pessoais enquanto é feito o trabalho, eles são passíveis de acreditar que eles e a imagem que projetam são a mesma coisa. Pode ser doloroso para Três reconhecerem que têm necessidades e desejos que vão contra uma imagem pública muito visível que maximiza a eficácia de um papel.

"A coisa muda com qualquer grupo onde eu esteja. É como um prestidigitador, sinto que me transformo naquilo que o grupo gostaria que eu fosse. No nível da aparência, a gente tem três ou quatro mudas diferentes de roupa no guarda-roupa, de modo que a gente se adapta a qualquer lugar aonde tem de ir. Mais ou menos por dez anos, no decorrer de um único dia, eu saía de um terno e gravata para um traje de couro completo de motoqueiro e depois para um traje de noite. E mudava interiormente igual número de vezes, de acordo com o grupo onde me achava.

Sei de imediato a impressão que causo em outras pessoas. Sinto uma espécie de vibração no corpo, como se estivesse vivo apenas quando estou fazendo contato. Se não estou em contato, se não marquei ponto de uma maneira ou de outra, me sinto desenergizado como se estivesse vazio. Sei quando sou aceito porque sinto no corpo que estou correspondendo às expectativas e estou causando boa impressão."

Agências de publicidade incorporam as qualidades clássicas do Três. A classe dos publicitários conhece as imagens que os outros valorizam e sabe embalar e promover essas imagens de forma atraente. Três, porém, são peritos em assumir e se tornar a imagem mais valorizada por seu grupo social específico. O profissional competente, o líder político ideal, o parceiro perfeito. O trabalho é a área preferida de interesse, mas, se um estilo de vida de menor exposição for aceito, então um Três provavelmente adotará esse estilo e poderá levar anos vivenciando uma imagem sem entrar em contato com suas verdadeiras preferências emocionais.

"Vivo distante do centro da cidade com meus dois filhos e meu trabalho de terapia de meio período, num cenário ideal que eu sempre soube ser o que eu queria da vida. Mas é difícil dizer o que estou sentindo a maior parte do tempo. O que eu mais percebo é a aparência das coisas. Meus filhos estão limpos e parecem felizes? É difícil simplesmente estar com eles e passar o tempo sem transformar tudo isso numa atividade. O que descobri é que estou cultivando a imagem da perfeita terapeuta alternativa da Nova Era que vive com os filhos num bairro tranqüilo."

Um Desempenhador se tornará o protótipo de qualquer norma cultural que seja valorizada. Um surfista terá uma prancha incrementada e o bronzeado perfeito; um gerente exibirá um estilo carismático de liderança. A atenção se concentra no exterior, em qualquer indício que acuse atenção positiva de outras pessoas, a ponto de um Três não admitir à consciência sentimentos pessoais e trabalhar duro no interesse de projetar um estilo pessoal impressivo. O engano de si mesmo é completo se os sentimentos reais submergem e são substituídos por um falso eu que assume posições de liderança adotando um estilo de apresentação em que outras pessoas confiem.

"As decisões mais importantes de minha vida foram tomadas à luz da imagem. Decidir me envolver em determinado relacionamento pela imagem que a mulher projetaria. Escolher uma faculdade, o tipo de trabalho a fazer, o grêmio, etc., tudo com base no prestígio.

Essas decisões também foram tomadas pensando numa reação à imagem, porque não quero ser visto como um estranho, como contracultura, não quero passar esse tipo de imagem. Por isso estar com a mulher mais atraente do baile, ou ter a maior parte das honrarias em determinado grupo, pode se tornar uma compulsão."

A substituição dos sentimentos reais por uma personalidade de desempenho adequado ou satisfatório pode ser particularmente dolorosa para Três quando eles

descobrem que são capazes de assumir compromissos honestos e duradouros com pessoas íntimas, baseados em todas as nuances adequadas e num estilo de apresentação envolvente, sem estar verdadeiramente conectados às emoções que se ouvem descrever. Pode ocorrer uma crise pessoal se um Três desperta para a disparidade entre sentimentos reais e o fato de que estiveram enganando os outros projetando uma fachada atraente. Um Três pode se sentir um impostor, alguém que tem se safado impunemente com uma história fraudulenta sem ser descoberto. A percepção de que os verdadeiros sentimentos nem sempre combinam com os papéis que os outros valorizam pode ser acompanhada por uma verdadeira ira. Três sentem raiva do fato de os outros se deixarem levar com tanta facilidade por uma bela fachada e por não terem sido valorizados por si mesmos.

"Se você está numa situação que o faça se sentir desconfortável, você pode mostrar emoção, mas não porque está sentindo alguma coisa, e sim porque esperam que você sinta alguma coisa. Como se alguém dissesse que gosta de você e você respondesse o mesmo, porque é assim que fazem seus amigos, e isso funciona como a coisa certa, quer você sinta, quer não sinta alguma coisa. Você passa a imagem de ser emotivo quando na verdade sua cabeça pode estar a milhares de milhas dali, pensando noutra coisa.

Você poderia estar morrendo e mesmo assim tem de se conter. Se eu estivesse morrendo de fome e você estendesse uma tigela, seria um risco para mim se eu apanhasse e você estivesse olhando. Você tem certeza que é rejeição imediata se você parece inferior ou necessitado aos olhos de alguém que você respeita."

Três estão identificados com as imagens que projetam: belas imagens de juventude, inteligência e produtividade. Pode ser um choque quando um jovem Três descobre que estranhos sabem a diferença entre o que ele realmente é e a pseudo-personalidade que acredita. Lhe granjeará um pouco de amor. Vindos de uma infância onde só os bem-sucedidos eram tidos em alta estima, os adultos Três vivem com a compulsão de correr na dianteira, de ser o vencedor digno de ser amado. Quem está de fora pode também perceber Três como seres pressionados, em luta, como se tivessem se vendido em troca de ganhos pessoais.

A atenção dos Desempenhadores se concentra no status comparativo e na aquisição de símbolos de status que sejam a evidência tangível de sucesso. São vaidosos de suas realizações, das honrarias recebidas e da vitória total sobre os concorrentes. Esforçam-se por estar em posições onde tenham poder sobre a vida de outras pessoas. São narcisistas no sentido de que estão convencidos de sua própria competência e superioridade e estão egocentricamente concentrados nos projetos que, a seu ver, lhes darão valor. Sua vaidade, porém, se baseia antes em sua capacidade de desempenho, de ganho pelo trabalho, e não exatamente numa sensação ilusória de um valor inato. Três trabalham pelo que obtêm; seu poder está em ser capaz de sobreviver à competição e em concluir o projeto. Ao contrário dos verdadeiros narcisistas, Três estão bem cômicos de que o mundo não lhes deve um meio de vida e sentem uma angústia extrema se são incapazes de ganhar status e respeito. Vivem com um senso de confiança em suas aptidões, mas não com a crença de que não precisam lutar para conquistar seu próprio caminho.

Tanto é investido no sucesso que, se ocorre um fracasso real, Três redefinem o fracasso como um sucesso parcial, ou então põem a culpa em outros. Há uma premência de escapar de projetos duvidosos ou de relacionamentos que estejam afundando e se dirigir sem demora para algo melhor.

Não haverá nenhum sentimento de fracasso se outra oportunidade promissora puder ser mobilizada com bastante rapidez. Três sabem mudar de emprego e de identidade num só fôlego, e, desde que haja bastante atividade e bastante esperança de um futuro melhor, os sentimentos negativos podem ser mantidos em xeque. Sua extrema adaptabilidade é tanto uma bênção quanto um fardo. Bênção pela

capacidade de movimento rápido e eficaz sob pressão. Fardo pela suspensão dos verdadeiros sentimentos no interesse de fazer o trabalho e porque, em consequência de sua capacidade de colher novas oportunidades e de se tornar a imagem que o novo papel sugere, são percebidos como pessoas capazes de trocar de camisa por interesses pessoais.

Enganando a Si e aos Outros

Vemos exemplos do poder da imagem adequada na arena política, por exemplo, no apelo pessoal de Ronald Reagan e no bem-estar conquistado pela nação ao ser tranquilizada e conduzida por um homem que emana características de sinceridade e boas intenções. Desempenhadores talentosos são capazes de assumir as características específicas a um papel, tornando-se a identidade que escolheram. No filme *Pumping Iron*⁷ Arnold Schwarzenegger, o muitas vezes campeão mundial de fisioculturismo e um provável Três, descreve seu trunfo competitivo como uma técnica de intimidação: ele projeta a imagem de si mesmo como um vencedor imbatível aos outros concorrentes antes que eles posem juntos no palco.

Três normalmente dizem perceber as possibilidades manipulatórias de projetar deliberadamente uma imagem geradora de confiança. Dizem também que ficam tão imersos em seus papéis que se enganam a si próprios prestando atenção seletiva a fontes de aprovação e descartando o *feedback* negativo, como se este fosse as uvas verdes de maus perdedores. Desde que as necessidades de uma imagem estejam sendo satisfeitas, Três não de querer avançar com excitação rumo a uma vitória.

"Vou atrás da pessoa que corresponda ao meu interesse específico. Pode ser qualquer assunto, desde política latino-americana, um tema acadêmico, até qualquer coisa nas artes plásticas. Pessoas públicas muito vistas que, de fato, parecem formar uma casta. Gente bem-sucedida que resolveu todos os problemas externos. Dinheiro, posição e poder são coisas muito atraentes. É maravilhoso prosseguir na marcha rumo à sua imagem ideal, e dói muito perceber a falsidade das imagens, ver que você trabalhou tanto para se manter na frente e que talvez, no final da linha, não haja aquele emprego ideal à sua espera, ou ver que nem todo o mundo ama os perdedores. E como um biscoito finíssimo que acaba se tornando feito palha pelo preço que você teve de pagar.

A gente acorda e descobre que está concentrada na coisa da imagem com uma sensação de ter-se traído a si mesma. A gente se trai fazendo malabarismos para sobressair no grupo em que a gente está. É super doloroso perceber quanto terei de me ajustar para ser a mulher mais perfeita que já existiu ou para ser uma líder admirada pela massa. Justamente agora é mais importante para mim fazer as pazes com antigos namorados e saber que eles gostam de mim pelo que eu sou e não tentar tirar alguma coisa deles com a imagem fantasiosa que eu pensei ser quando nos relacionávamos."

Relacionamentos Íntimos

O cisma entre o eu real e o eu desempenhador que se desenvolveu na infância é particularmente visível nos relacionamentos íntimos.

⁷ *Pumping Iron*: filme que documenta a vida dos halterofilistas. (Nota do revisor)

"Sentimentos e emoções sempre pareceram incompatíveis com o trabalho. Ou a gente fica sem fazer nada, tomada pelas emoções, ou a gente vai à luta. Por isso é que muita gente diz que as trato mal, que tudo o que me preocupa é produção, e não o que elas sentem. Isso é verdade, de certa forma, porque uso com todo o mundo o mesmo padrão que uso comigo mesmo. Por exemplo, foi difícil para mim reconhecer que outras pessoas se tornam mais lentas quando sob pressão, ou que ficam sem rumo se sua vida particular não estiver indo bem.

Quanto tento ficar com meus sentimentos, é pura confusão. Penso: Será que estou com o sentimento certo? Como vou saber a diferença entre meu sentimento verdadeiro e os que minha imagem acha que eu deveria estar sentindo? Quando a gente vive uma vida inteira se adaptando às expectativas dos outros e de repente apanha da própria experiência, é um terror. As coisas de que a gente gosta e as coisas que a gente detesta de fato começam a pintar. A gente tenta usar um barômetro diferente para sentir as coisas e não apenas para ver sua aparência. Ficar centrada na gente mesma e não nas outras pessoas é aterrorizante, porque a gente não tem idéia do que vai encontrar dentro da gente, ou mesmo se há alguém dentro da gente para ser encontrado."

Três são capazes de projetar a imagem de um parceiro íntimo e ao mesmo tempo perceber que estão desempenhando um papel. Se for preciso sensibilidade, sensibilidade será apresentada, mas não necessariamente sentida. Eles têm um fraco por "desempenhar" papéis íntimos, por se tornar aquilo que, em sua opinião, deveria ser um parceiro potente, ou por "fazer" o par perfeito. Quando surgem emoções verdadeiras, há uma sensação de inexperiência: "Tenho apenas uma ou duas emoções claras. Onde estão as restantes?" Ou então uma sensação de esmagamento: "Se eu deixar meus sentimentos brotarem, ficarei subjugado e imobilizado." As perguntas mais freqüentes de um tipo *workaholic* que está se abrindo para os sentimentos e emoções pela primeira vez são: "Estou com o sentimento certo?" e "Ficarei preso às minhas emoções e incapaz de produzir?"

"Lidar com raiva é a coisa mais difícil. Fiquei sumido durante meses e depois percebi que foi porque eu estava com muita raiva, e precisei de todo esse tempo para acobertá-la. É a emoção que estraga a imagem e espanta todo o mundo, e a lidar com ela é preferível mudar de emprego, mudar de imagem e criar um mundo novo que me proteja novamente desse tipo de situação.

Neste ponto de minha terapia, de meu trabalho sobre mim mesmo, fico grato a alguém que me faça entrar em contato com minha emoção. Quando revejo o passado, descubro muitas situações que teriam sido resolvidas de modo diferente se eu tivesse lidado com os sentimentos daquele momento. Parece que sou incapaz de entender o que estou sentindo no momento, parece que preciso de tempo e espaço para encontrar uma resposta. Mas, se me dão muito espaço, então sei que terei tempo para criar um script que vai soar autêntico até para mim mesmo. No meu caso, a estratégia mais segura parece ser pedir tempo para entender o que estou sentindo e combinar uma troca de pontos de vista em algum ponto definido no futuro próximo."

De positivo para os relacionamentos, Três dão um apoio extraordinário às metas e aspirações de membros da família. Esforçam-se por prover o sucesso daqueles com quem se identificam e se regozijam com ele. São ótimos em tirar outras pessoas do isolamento ou de emoções negativas e levá-las a atividades emocionalmente construtivas. Se se identificam com a vida em família, investem tempo e energia na família. Se se identificam com a idéia de intimidade, se esforçam por ser um parceiro íntimo. Contudo, se se identificam com o trabalho, não haverá muito tempo nem para a família nem para o amor.

De negativo, podem ser facilmente desviados dos sentimentos por projetos que Três assumem com o espírito de trabalhar pela família, mas que se traduz para outras pessoas como uma ânsia de sucesso pessoal.

São extremamente preocupados com a aparência física e com os empreendimentos visíveis de um parceiro, o que pode substituir a profundidade de sentimentos.

"Me acho ótimo no primeiro impacto, um grande encontro, admiração mútua, mas o melhor de mim é quando se acende o foco da atenção. Assim que a relação se firma, quero começar a trabalhar, e minha namorada se sente ignorada. É um problema sério o de querer vir tarde para casa por estar trabalhando para ganhar dinheiro e fazer sucesso por nós dois e, ao chegar, descobrir ressentimentos.

Quando há sentimentos que são demais para mim, acho meios de interrompê-los que enlouquecem minha namorada. Quando as emoções pegam fogo, eu simplesmente me controlo com o trabalho, ou então me descubro refazendo mentalmente um projeto enquanto a gente faz nosso acerto de contas. Ou então sinto que é hora de ir embora. Quando digo 'Me deixe', é a pura verdade, não suporto ser pressionado. Preciso de tempo sozinho pra amortecer qualquer opinião ruim ou qualquer sensação de fracasso e, quando sei que vou sobreviver e que ainda poderei encarar a mim mesmo, então sentirei vontade de voltar."

Exemplo de Relacionamento de Casal: Três e Cinco, o Desempenhador e o Observador

Tanto o Três quanto o Cinco têm problemas com a intimidade sentimental: para o Três, o problema é de ser visto pelo que é e não pelo que realiza; para o Cinco, a intimidade traz à tona o medo de se expor e de ser humilhado. No início, há uma perspectiva limitada para o contato sentimental. Três amortecem a intimidade com um excesso de atividade, e Cinco amortecem a intimidade se retraindo. O cenário de costume coloca o Três como perseguidor e o Cinco como perseguido. O Três faz a coisas acontecerem, e o Cinco não resiste.

Um Desempenhador buscará a intimidade quando as necessidades de uma imagem estiverem sendo atendidas e se afastará quando a amor-próprio estiver em baixa. Um Observador buscará a intimidade em curtas eclosões, sob garantias de não-envolvimento. Ambos têm uma reação retardada a interações emocionais repentinas e precisam se afastar para ter um entendimento das coisas. Ambos devem ter sensibilidade para saber quando o outro está disponível. O Três deve respeitar a privacidade e não assumir o controle tornando-se diretivo. O Cinco deve desenvolver tolerância para contatos espontâneos sem precisar se afastar.

Um Três fica buscando atividades com o intuito de fazer o relacionamento funcionar, e nisso ele ou ela não é impedido por nenhuma reação contrária do Cinco. Como não há nenhum problema de controle pelo qual lutar, o Três é muitas vezes atraído a estabelecer um estilo de vida digno de um álbum de fotografias e a começar a assumir projetos. Se desenvolverem uma rotina doméstica, então o Três e o Cinco vão muitas vezes conspirar para levar vidas separadas em outras áreas. O Observador compartimentaliza: ele ou ela mantém atividades e amigos separados uns dos outros, põe a intimidade numa caixa e se afasta imediatamente em seguida. Se o ambiente doméstico se tornar tenso, o afastamento do Cinco pode se transformar em longos períodos de portas fechadas e mínima comunicação. Se o Três estiver muito ocupado, talvez não perceba. Se as atividades do Três interferirem na rotina doméstica e nas refeições, o Cinco reagirá com amuo e, se sentir muita segurança, com uma raiva violenta, típica do Oito (seu ponto de segurança). Raiva partindo de alguém íntimo é mortal para um Três e causará um afastamento rápido.

Em termos de vida social, o Três quer projetar uma imagem atraente, gosta de sair e se sente seguro e amado quando tem um desempenho. O Cinco é mais retraído, gosta de ficar sozinho e não acompanhará o Três em situações públicas im-

previsíveis. O Cinco quer conhecer o programa do concerto e saber quem dirá o quê a quem. O Três organizará eventos sociais e ficará à frente deles, muitas vezes cobrindo o Cinco em encontros públicos. Uma relação associada a um projeto comum coloca o Cinco como o pensador invisível que opera através do Três por controle remoto. O Desempenhador faz todo o contato público, negocia os acordos e faz relatórios de andamento pelo telefone ao Observador que nunca saiu de casa.

Relacionamentos Hierárquicos

Três querem ser a autoridade. Sabem priorizar e competir bem e desfrutam o reconhecimento do sucesso. O mais comum é competirem por um ganho pessoal, por exemplo, eles talvez criem estratégias para assumir a liderança de um grupo. Contudo, se se identificam com o empenho de uma equipe, Três não medem esforços em unir o grupo e assumem um papel de liderança não reconhecido. Um Três na equipe garante o movimento de avanço.

De positivo, são um exemplo da autoridade pessoalmente comprometida e um ponto de reunião para os outros. São capazes de oferecer compromisso irrestrito para com a tarefa e otimismo quanto ao sucesso futuro. Passam diretamente da idéia para a ação e estão dispostos a aceitar outras autoridades com visões opostas.

Três sabem se mover com rapidez em meio a interações difíceis com uma postura do tipo "da próxima vez a gente conserta" e sabem dar apoio aos outros, quando estes partem para posições de exposição e de alto risco, sem ficar atolados em medos premonitórios.

De negativo para as interações hierárquicas, Três tendem a assumir o controle trabalhando em oposição às autoridades existentes. Fazem o serviço andar cortando gastos ou cuidados na execução, com uma perda apreciável do controle de qualidade. Há probabilidade de autopromoção exagerada ou de uma tendência de se relacionar com os outros através de um papel profissional mais do que através dos sentimentos: "Minha imagem fala com suas credenciais."

Exemplo de Relacionamento Hierárquico: Três e Seis, o Desempenhador e o Advogado do Diabo

Num bom relacionamento, o Seis será o cérebro, o experto, e o Três promoverá o projeto e fará o acompanhamento até o fim. Se o Seis puder lançar a idéia e aperfeiçoar os planos, dando plena expansão ao seu hábito de Advogado do Diabo de questionar e identificar falhas ocultas, então o Três estará na posição perfeita para promover um produto ético e de bases sólidas. Se o Seis se sentir respeitado por suas idéias, então o Três poderá desfrutar a maior parte da apresentação e da notoriedade públicas.

Entretanto, se o Seis se sentir ignorado, surgirão suspeitas sobre uma tomada do poder pelo Três. O Seis vai admitir como certo que o Três percebe quando uma apresentação é fraudulenta ou exagerada e vai suspeitar que o Três deliberadamente trama obter vantagens pessoais em vez de agir para o bem comum. Isso coloca o Seis numa posição de vítima, e o Seis pode então buscar aliados sem que o Três saiba. O Três estará concentrado em alcançar os objetivos por quaisquer meios necessários e ignorará as preocupações do Seis. Uma vez concentrado numa meta, o Três tem suas emoções suspensas, e ele ou ela é insensível ao que os colaboradores estejam sentindo. Um Três é tão identificado com a imagem composta pelas melhores

características de uma autoridade bem-sucedida, que ele ou ela não percebe que os outros estão ficando exaustos. O Três ignora comentários negativos, interpreta o questionamento do Seis como interferência e tenta assumir o controle: "Atenção aos meus rastros às suas costas."

Se um projeto estiver com problemas, o Três vai querer trabalhar mais duro, e o Seis vai querer conversar. Se o projeto continuar incerto, o Três vai querer partir para um trabalho com melhores perspectivas. O Seis verá nisso uma traição e vai querer se manter firme para redirecionar o projeto. Se um projeto for bem sucedido, um Três vai querer expandir e ceder franquias, ao passo que um Seis, numa posição de sucesso, tenderá a ser cauteloso e a protelar. O Seis se preocupará com possíveis ameaças advindas do ciúme alheio e enfrentará a ameaça tornando-se preocupado com os valores e com a ética do sucesso.

Se o Três for capaz de compartilhar o poder de tomar decisões e mantiver os outros totalmente informados antes de agir, o nível de paranóia do Seis diminuirá consideravelmente. E também de grande ajuda que o Três forneça uma visão de longo alcance toda vez que o Seis se deixar levar pela dúvida e pela indecisão. O relacionamento hierárquico será muito melhorado se o Seis aprender a questionar abertamente em vez de permitir a formação de suspeitas que podem se basear em informações equivocadas.

Méritos

O ponto Três personifica um entusiasmo contagiante por projetos e metas futuras. Munidos de imensas capacidades para trabalhar duro, seus exemplares podem inspirar outras pessoas a atingir altos níveis de qualidades pessoais. Há um desejo vitalício de aprender e um talento antidepressivo para achar coisas interessantes que fazer. Três possuem um talento natural para se apresentar e apresentar seus projetos de modo convincente. Há um interesse em apoiar programas sociais que ajudem às pessoas a ascender materialmente por seus próprios esforços e em desenvolver líderes para o futuro.

Ambientes Atrativos

Ambientes atrativos incluem pequenos negócios estabelecidos graças a esforços pessoais e longas horas de trabalho. Gerentes. Vendedores. Mídia. Publicitários e produtores de imagens. Empregos que exijam a consolidação de idéias conhecidas em sistemas trabalháveis. Embalagem, promoção, Marketing e vendas.

Três se tornam o modelo de seu hábitat: o protótipo radical de esquerda, o protótipo conservador de direita. Gravitam para ambientes onde possam sobressair e evitam aqueles onde não possam empreender. Empregos de alta visibilidade com margem para promoção. A escada da empresa. Políticos que recebem votos por sua imagem na mídia e pelo estilo pessoal.

Ambientes Não Atrativos

Ambientes não atrativos incluem empregos com futuro limitado. Trabalho que não seja prestigioso. Qualquer coisa que vincule uma imagem pública que vá contra a esfera social de um Três. Projetos de criação que exijam introspecção ou períodos

de tentativa e erro antes que surja alguma produção.

Três são jornalistas mais do que romancistas, diretores de arte de revistas mais do que pintores sérios que precisem de meses para produzir uma peça.

Três Famosos

Três famosos incluem *Werner Erhard*, o supervendedor de consciência, que embalou o movimento de crescimento pessoal sob o lema "*est works*" (est funciona).

Ronald Reagan — Walt Disney
Farrah Fawcett — John F. Kennedy

Como Três Prestam Atenção

Para um observador, um Três parece um empreendedor altamente concentrado; Três, contudo, dizem que estão apenas tentando manter o passo. Se alguém é bom, o Três tem de ser melhor, porque sua auto-estima depende de uma vitória. A atividade é uma forma de controle, e o valor e a segurança pessoais dependem de quanto você é capaz de fazer. Um Três faz habitualmente várias coisas ao mesmo tempo, uma forma de prestar atenção que é denominada pensamento polifásico.

"Estou dirigindo o carro e estou com um pequeno atraso. Ao mesmo tempo em que dirijo, converso com o passageiro no banco de trás, vigio os espelhos atrás de guardas, ultrapasso o limite de velocidade e depois reduzo, como um sanduíche e fico trocando as estações no rádio. É uma sensação de bem-estar com tudo isso acontecendo de uma só vez; é como estar por cima das coisas."

A atividade polifásica tem sua contrapartida num hábito interno de atenção que está em grande parte voltado para a

realização de tarefas. A atenção raramente fica com o projeto em curso, mas passa rapidamente para a coisa seguinte que fazer. Praticamente não há espaço entre os pensamentos para a reflexão, para a reconsideração de prioridades, para prestar atenção aos sentimentos pessoais sobre o trabalho.

"Você tem de ser o melhor, senão você não existe. A sensação é de que você passou a vida toda no segundo lugar, tentando ser o primeiro. Há sempre três ou quatro projetos a caminho, e você executa os movimentos físicos de um pensando na mecânica do seguinte. Quando estou terminando o primeiro trabalho, já estou tão envolvido com o segundo que mal percebo que o primeiro terminou. É como se o presente não existisse, porque estou sempre à frente, envolvido com o que tenho de fazer a seguir."

Uma forma de compreender essa postura de atenção seria você se imaginar sempre em alta velocidade, direcionado para o estresse e para a competição, como seu estilo de vida predileto. Você é sensível a qualquer coisa no ambiente que contribua para o seu objetivo no momento e você vê as pessoas em termos do que elas possuem ou do que podem fazer para ajudar seu projeto a se concretizar.

À medida que os objetivos se tornam mais bem focalizados, seu interesse aumenta e também a velocidade com que você quer trabalhar. A atenção se restringe àqueles indícios no ambiente que darão impulso ao seu projeto, e as pessoas começam a parecer autômatos que estorvam o avanço do processo ou que têm algo de útil para o projeto. Se forem autômatos obstruindo o caminho, você os ignora ou os contorna. Se forem autômatos úteis ao projeto, você os procura por aquilo que podem

dar.

Obstáculos só servem para reforçar seu foco de atenção. Sob pressão, o enfoque é reforçado, porque, se você não conseguir atingir seu objetivo ou se outra pessoa passar a sua frente, você se sentirá ansioso porque é um fracassado, de quem ninguém gosta. Ninguém ama o segundo lugar. Ou você fica com o primeiro, ou não tem nenhuma outra classificação.

Se os obstáculos continuarem, então você se recolherá e examinará mentalmente todas as situações similares de que é capaz de se lembrar, esmiuçando todas as soluções relevantes do passado que tenham alguma relação com o problema atual. Esse estreitamento da atenção para todos os fragmentos de indícios no ambiente, para velhas memórias e soluções passadas relacionadas com o objetivo presente é denominado pensamento convergente. É um estado mental ao qual Três estão particularmente adaptados e que os ajuda a achar soluções criativas após fracassarem as rotineiras.

"Mexi em vários negócios até o ponto em que se tornaram altamente lucrativos. Algumas de minhas melhores salvaçãoes se deram quando trabalhei com um limite de tempo, usando todas as idéias parcialmente aplicáveis tiradas de vários outros projetos do passado. Salvei muitas empresas com uma estranha combinação de idéias que deram certo noutros contextos."

Identificação

Quando um projeto tem um êxito tal que mantém o interesse de um Três, todo o seu esforço mental converge para a meta, e ela ou ele começa a incorporar as características específicas do trabalho. Esse encontro de imagem e atenção é chamado de identificação; é um mecanismo de defesa por meio do qual nos tornamos iguais às pessoas ou aos protótipos a que somos expostos quando pequenos. Para a maioria de nós, identificação psicológica significa algo como "Sou igual a minha mãe" ou "Sou americano". Para um Três, identificação pode significar "Tornei-me o protótipo daquilo que faço." Quando ocorre a identificação, um Três tem dificuldade em separar valor pessoal do valor da produção do Três, e, se o produto vier a ser questionado, então o Três se sentirá pessoalmente atingido.

Três têm um hábito vitalício de desviar a atenção de sentimentos reais no interesse de ser eficientes e de "fazer" a imagem que o serviço requer. São particularmente suscetíveis à identificação, porque buscam nos outros aprovação e são capazes, portanto, de mobilizar grande soma de energia para se transformar naquilo que os outros desejam. Muitas vezes não percebem que não interrompem o trabalho tempo suficiente para se perguntar como se sentem a respeito do que estão fazendo, ou se prefeririam estar fazendo outra coisa.

Uma vez se dê a identificação, um Três pode ficar persuadido de que ela ou ele foi sempre aquele agente ou executante ideal. Essa ilusão é apenas parcial se o Três se sentir fraudulento, como uma pessoa que se esconde atrás de uma máscara, representando um papel com o intuito de causar boa impressão. A identificação, porém, pode ser suficientemente penetrante para fazer com que um Três assuma um papel e o viva por muitos anos; talvez até que uma doença ou uma crise de meia idade force uma interrupção do trabalho, dando tempo para que aflorem sentimentos. Se houver um título, uma imagem impressiva, ou muito dinheiro em jogo, Três são capazes de trabalhar até cair "pela firma", "pela empresa", por qualquer função com a qual tenham se identificado, sem jamais parar para se perguntar se suas vidas estão preenchidas.

Exercício de Identificação

Eis aqui um exercício que pode ajudar você a compreender o desvio de atenção sofrido por Três quando sua atenção se confunde com uma imagem.

Sente-se em frente a um parceiro. Designe um de vocês dois o observador e o outro o Três. Se você for o Três, você será o elemento ativo do exercício, por isso feche os olhos para não ser distraído pelas reações do observador. De olhos fechados, escolha uma característica com a qual você queira se identificar. Escolha uma característica que você acredite não possuir de fato. Por exemplo, você poderia optar por se identificar com a característica da graça, da beleza, da inteligência, da compaixão ou da alegria; mas tente escolher uma que lhe pareça estranha em você.

Imagine estar sentindo essa característica dentro de você. Para ajudar no reconhecimento do sentimento associado a essa característica, você poderá se lembrar de uma época em que realmente se sentiu dessa maneira. Perceba as alternâncias de sua atenção que você atravessa à medida que você "forma essa característica". Perceba que a característica vai e vem. Quando ela estiver presente, você estará se sentindo como um Três no processo de se identificar com ela, e quando você tiver de se esforçar para mantê-la presente, estará se sentindo como um Três sustentando uma imagem.

Com olhos ainda fechados, concentre-se inteiramente na característica imaginada e deixe-a impregnar o seu corpo. Quando você for capaz de estabilizar sua atenção nas sensações ou nos sentimentos que a característica desperta em seu corpo, abra sua atenção de modo a incluir o parceiro observador e faça de conta que ela ou ele é uma pessoa importante em sua vida; alguém como chefe ou cônjuge que tenha o poder de afetar você e que você vai imaginar ser suscetível à característica que você está incorporando.

Agora abra os olhos e, ao mesmo tempo em que mantém a atenção concentrada inteiramente na presença da característica, tenha uma conversa simples com o observador. Perceba os desvios de atenção que ocorrem à medida que você tenta se identificar internamente com a característica à qual seu parceiro é suscetível. Três reconheceriam nessas flutuações internas da atenção a diferença entre os momentos em que estão simulando uma imagem impressiva e aqueles em que ficaram tão imersos numa imagem que são a própria característica valorizada pelo parceiro. Três habitualmente modificam sua atenção de modo a se identificar com imagens culturalmente valorizadas e começam a projetar essas imagens como se fossem eles mesmos, sem se lembrar de questionar a diferença entre uma imagem adotada e seus próprios sentimentos interiores.

Quando um Três é capaz de personificar uma imagem com sucesso, ela ou ele ficará altamente perceptivo das reações de outras pessoas. Se a imagem for convincente, o Três permanecerá identificado com ela. Se o público não aprovar, a apresentação pessoal tenderá a se modificar inconscientemente.

Estilo Intuitivo

Quando criança, a segurança de um Três dependia de ele ou ela ser o melhor em atividades valorizadas pelos outros. Uma criança cujo bem-estar esteja vinculado à imagem e ao desempenho, provavelmente também desenvolverá sensibilidades para elementos que alimentam essas necessidades emocionais.

"Quando entro numa situação nova, fico imediatamente consciente do modo

como estou impressionando os outros. Me descubro tentando agradar o maior número de pessoas possível, não importa como me sinta em relação ao grupo. Não é tanto que eu sinta uma emoção, é mais uma percepção daquilo que o grupo vai aceitar, e então começo a me comportar dessa maneira.

Isso foi muito importante para mim no meu trabalho promocional. Eu visitava vários grupos de clientes com a mesma linha de produto, e cada vez a história saía algo diferente. Eu me levantava para fazer meu discurso e às vezes me ouvia mudando o tom de minha voz no meio de uma frase, sem saber exatamente por que fazia aquilo. Ou então sentia meu corpo assumindo um desempenho próprio diferente daquilo que eu tinha planejado."

Se esse representante de vendas não soubesse que seu verdadeiro ponto de vista era substituído quando ele se inseria num estilo de apresentação, ficaria bastante confuso com os dois. Várias conseqüências interessantes poderiam se desenvolver se ele aprendesse a diferenciar seus próprios sentimentos das acomodações a que se submete ao tentar fechar uma venda. Provavelmente a primeira seria de ordem emocional. Ou ele ficaria preocupado por estar mentindo à sua audiência, ou poderia querer enganar com mais eficácia, desenvolvendo sua capacidade intuitiva de fazer as pessoas se interessar pelos produtos que tem para vender.

Outra conseqüência poderia ser um avanço na capacidade de diferenciar seus desejos pessoais e o impulso de fazer algo que não sirva às suas necessidades pessoais. E ainda outra conseqüência poderia ser seu autotreinamento para reingressar voluntariamente no estado mental em que é capaz de ajustar sua apresentação de forma intuitiva a fim de corresponder aos desejos de um grupo e de descobrir quais são as outras informações disponíveis nesse estado mental.

Esperança como Característica da Mente Superior

Desempenhadores medem seu próprio valor em termos daquilo que impressiona os outros. São vaidosos de seus empreendimentos, mas acreditam ter pouco valor à parte daquilo que fazem. Quando Três começam a trabalhar compulsivamente, quando arrastam montanhas para lançar um projeto, é porque se esqueceram de si mesmos dirigindo a atenção para um hábito neurótico de buscar sua identidade através de um trabalho.

O aspecto positivo da atividade compulsiva é que Três se sentem vivos em meio à atividade e se tornam peritos em perceber quanto se requer de energia em diferentes trabalhos. Nossos depoentes sem dúvida se lembram de períodos em que ficaram exaustos e esgotados pelo hábito da pressa; mas também descrevem períodos em que trabalharam e se sentiram afinados ao ritmo e ao fluxo naturais a uma tarefa específica.

Três dizem que é como estar suspenso em meio a uma energia inesgotável; você percebe que o trabalho está fluindo sem que você tenha de direcioná-lo. Dizem que o tempo anda mais devagar, embora possam estar trabalhando à velocidade máxima; que a ansiedade desaparece e que entram numa estrutura mental onde o que precisa ser feito se apresenta sem pensamentos contrários nem questionamentos. Nesse estado mental, o resultado positivo de qualquer projeto parece garantido. A ansiedade com o projeto se desfaz porque você percebe que cada fase do trabalho levará inevitavelmente a uma conclusão acertada.

Este depoimento, dado por um gerente de restaurante em San Francisco, que se vê como um verdadeiro *workaholic*, descreve uma experiência de esperança:

"Muitas vezes trabalho com gente que tem a metade de minha idade, mas ainda sinto muito prazer em trabalhar assim e em trabalhar bem. Há momentos na cozinha de

tanto frenesi e tanta pressa que você praticamente fica acotovelado entre duas pessoas, num tipo de movimento ritual, num espaço exíguo onde você pode se ferir, ou acabar com todo o prato do menu da noite. Nessas horas tudo o que eu penso é: 'Meu Deus, espero que tudo acabe bem.'

Há horas em que eu luto para trabalhar e outras em que tudo vai tão bem que minha mente se tranqüiliza mesmo à alta velocidade. Então eu podia ficar horas naquela fila e me sentir ótimo, porque sei que vai dar tudo certo."

A Virtude da Honestidade

Três recebem muita valorização na cultura americana. Na verdade, recebem tanta valorização que podem facilmente confundir um estilo neurótico de ser com saúde. Para que estabelecer metas pessoais quando você pode se enganar a si próprio que as metas da sociedade são realmente as mesmas que as suas? Por que correr o risco da rejeição quando a aceitação pode ser comprada projetando uma imagem que lhe traga respeito? Para que ter um eu que vai sofrer? O modo mais sadio de viver deve ser se identificar com os padrões culturais, suspender suas emoções e se deixar levar.

Com frequência, Três estão convencidos de sua própria solidez psicológica. O desarranjo emocional é para perdedores, para os que não têm nada que fazer, ou que não sabem acompanhar o passo. Três neuróticos podem ter perdido toda a consciência de que há uma diferença entre seu pseudo-eu altamente empreendedor e seus desejos emocionais. Provavelmente terão consciência de que não gostam de emoções pegajosas, ou de que não gostam de sentir a existência de suas necessidades emocionais; mas o fato de sua gama de sentimentos ser muito restrita será provavelmente ignorado, porque Três são energéticos e têm necessidade de projetar uma imagem de otimismo e sucesso.

Desempenhadores comumente encaram seus verdadeiros sentimentos quando forçados a uma redução no ritmo. Em geral, param devido a uma suspensão do trabalho, ou a uma doença, ou à intervenção do cônjuge, mais do que por uma decisão voluntária de reduzir o passo. A inatividade imposta pode ser terrível para alguém cuja visão de mundo repousa em conquistar mérito através do trabalho e tipicamente traz à baila dúvidas quanto ao valor pessoal e a percepção de que as emoções inevitavelmente dominarão a consciência assim que a atenção for removida da atividade.

"Se você não estiver em ação, terá a pura sensação de que não existe. Se não sei o que devo fazer a seguir, começo a sentir a angústia de que estou vazio, de que não há ninguém em casa. Ano passado fiquei seriamente doente, sem dúvida por excesso de trabalho. Tinha só quarenta anos e tive um problema nas coronárias. Fiquei lá no hospital, deitado numa cama, olhando para o teto e contando os dias até poder me levantar e ir embora.

Aquele repouso forçado foi pior que o ataque cardíaco em si. Pensei que ia perder todo o pique naquela cama, com medo de não voltar a ser fisicamente capaz. Eu mal pude entender o que estava acontecendo comigo quando as emoções começaram a vir. As vezes não havia mesmo nada, e em seguida eu pirava porque havia demais e depois me entorpecia de novo."

Desempenhadores estão acostumados a agir, não a sentir, e habitualmente suspendem suas emoções enquanto está em curso uma atividade. Os sentimentos terão de ser trazidos vagarosamente até a consciência, porque sua presença é sentida como uma ameaça ao estilo de vida que consiste em produzir como uma máquina.

Três que se comprometem a apresentar sentimentos honestos terão de aprender

a reconhecer a discrepância entre o que seu corpo realmente está sentindo e o hábito de alterar a apresentação a fim de obter um ganho. Sua questão existencial se torna então: Devo seguir o que sinto, ou devo ficar com meu hábito de saber o que fazer? O risco em seguir os sentimentos é que Três inevitavelmente perdem o reconhecimento garantido de quando realizam coisas; e o risco de não seguir os sentimentos é o de viver a vida como uma mentira.

Para Três, a mudança na consciência da ilusão para a honestidade (veracidade) poderia ser descrita como o efeito colateral que, aos poucos, desponta quando se aprende a diferenciar sentimentos verdadeiros e a necessidade de se sair bem aos olhos dos outros. Nesse processo de mudança, Três estão propensos a vivenciar um período de sofrimento voluntário em que renunciam ao hábito de se proteger, desenvolvido na infância, a fim de se tornar então psicologicamente livres. O seguinte depoimento foi dado por uma profissional muito bem-sucedida:

"No início da minha terapia, eu me achava ótima. Era meu marido que tinha problemas por não estar interessado como eu em progredir na vida. Meu primeiro impulso era fugir, não sentir nada, porque, assim que eu tivesse muito tempo livre, a única coisa que eu sentia é que eu tinha medo. Domingo era o pior dia. Um dia inteiro sem ter nada que fazer. Era passar roupa, dar telefonemas e reunir forças para a semana, mas nesse meio tempo eu sentia medo.

Tive de fazer uma programação para minhas 'lições de emoção'. No meio de uma atividade eu tinha de me lembrar de parar e me perguntar o que me agradava e o que me desagradava; e tinha ainda de descobrir se estava sentindo alguma coisa. A parte mais difícil desses exercícios era não abandonar o sentimento quando eu retomava o trabalho, porque, assim que eu começava uma atividade, meus sentimentos desapareciam totalmente.

Com o tempo criei um repertório de emoções autênticas, do qual muito me orgulho. Eu posso ser tocada pelas pessoas, minhas reações têm importância para mim. Posso dizer se estou contente e se gosto do que estou fazendo, e estou vivendo numa dimensão de vida que estava totalmente oculta de mim".

Subtipos

Os subtipos são preocupações geradas na infância como meio de reduzir a ansiedade. Para crianças Três, qualquer situação capaz de prover dinheiro, posses (segurança), prestígio, ou uma imagem feminina ou masculina realçada, ajudava a diminuir o medo de não ter valor aos olhos de outras pessoas. Com a experiência e a observação de si mesmo, essas mesmas preocupações são vistas como úteis para a formação de imagens mais do que como fiéis aos sentimentos do verdadeiro eu.

Quando Três percebem que seus sentimentos sentidos honestamente talvez sejam diferentes das normas socialmente apreciadas, pode-se estabelecer uma crise de decisão. Que caminho seguir? O do sucesso ou o da descoberta do eu? Com frequência, Três admitem esse dilema quando são confrontados pela aposentadoria, quando imobilizados por uma doença, ou quando dispõem daquilo que parece um excesso de horas vagas. Uma decisão consciente de abrir mão de uma imagem, ou do prestígio social, ou de uma base financeira segura, pode pôr em risco a vida, porque o eu não parece separado desses esteios.

Imagem Masculina ou Feminina em Relacionamentos com uma Pessoa

Três tendem a adotar uma imagem sexualmente atraente e muitas vezes

percebem estar desempenhando um papel. Ser reconhecido como fisicamente atraente ou sexualmente potente é visto como uma prova de valor pessoal, e Três sabem competir por ser atraentes aos olhos de outras pessoas. Alguns deles dizem que a necessidade de projetar uma imagem sexual vencedora mascara uma profunda confusão entre seus aspectos masculinos e femininos. Essa confusão normalmente assume a forma de se sentir divididos entre um "eu dirigido pelo masculino e 'outro' eu mais feminino". Uma imagem exageradamente feminina pode, portanto, mascarar a confusão de "agir tão competitivamente quanto qualquer homem". Nenhum dos Três que relatam essa confusão de características sexuais são homossexuais nem pensam que sua preocupação em ser vistos como atraentes seja uma máscara da ambivalência sexual.

"Foi em meus relacionamentos íntimos onde mais me enganei a mim mesma. No final de um casamento de dez anos, percebi que eu sentia as características que acreditava ser próprias de uma mulher perfeita e que não era capaz de dizer se também eram minhas. Se meu marido tivesse se apaixonado por uma modelo de propaganda, eu teria adotado a aparência, o jeito e as roupas que ela usasse."

Prestígio em Grupos Sociais

Três têm a preocupação de apresentar uma boa imagem social. Sua apresentação pessoal vai se modificar para assumir as características apreciadas do grupo. Três querem conduzir o rebanho.

"No princípio, o que me importava era ter o maior número possível de afiliações listadas debaixo do retrato no anuário do colégio. Mais tarde, me tornei clínico e estou sempre de olho em quem está dando seminários na minha região para saber se é respeitado ou não, embora eu talvez não tenha a mínima idéia do que tratam esses seminários."

"Vim a perceber também que a razão de eu me esforçar por ser bem conhecido vem do sentimento de ser apagado como pessoa se alguém que eu considero influente e de valor discorda de meu ponto de vista."

Segurança na Área da Autopreservação

Três estão envolvidos com dinheiro e posses materiais como forma de reduzir a angústia quanto à sobrevivência pessoal. Trabalham duro para produzir o dinheiro e o status que lhes dão segurança.

"É uma espécie de terror que não vai embora mesmo que você esteja trabalhando para fazer o máximo de que é capaz. Você pode ter cinquenta mil dólares no Banco e ainda estar preocupado que não é bastante, ou que devia arrumar um emprego que pague mais, ou que devia ter algumas reservas no caso de haver necessidade. Se alguém critica seu desempenho profissional, há uma sensação de que sua vida está sendo ameaçada."

O Que Ajuda Três a Evoluir

Um Três com frequência entra em terapia, ou começa a praticar meditação, porque um esgotamento físico ou uma perda pessoal tornou impossível manter o passo que impedia os sentimentos de se aproximar. As emoções emergentes como resultado dessa redução de ritmo forçada podem a princípio ser sentidas como

ameaçadoras. Sentimentos reais muitas vezes interferem com a capacidade de desempenhar e podem ser confusos para uma pessoa que nunca percebeu em si a existência de uma vasta gama de sinais internos.

Contato com reações físicas e emocionais deve ser encorajado, especialmente com as repudiadas por Três, tais como a fadiga, o medo e a confusão sobre o quê fazer a seguir. Desempenhadores precisam identificar os momentos em que os compromissos e as tarefas começam a controlar os sentimentos e precisam aprender a aguardar o afloramento de reações autênticas.

Eles podem ser ajudados:

- Aprendendo a parar. Reservando um tempo para o afloramento de emoções e de opiniões autênticas. Entrando em contato com o medo dos sentimentos que cria o desejo de estar sempre em atividade.

- Notando quando as ações se tornam mecânicas, quando trabalham feito robôs enquanto as emoções estão suspensas.

- Reconhecendo quando as verdadeiras habilidades são substituídas por fantasias de sucesso pessoal.

- Não se desviando de problemas, iniciando novas atividades, reestruturando o fracasso em sucesso, ou desacreditando fontes de crítica.

- Reconhecendo o adiamento da felicidade emocional. "Serei feliz depois da próxima promoção."

- Identificando uma profunda diferença entre um eu privado e emergente e o eu público, desempenhador. Percepção de estar separado da imagem.

- Notando os sentimentos de ser uma fraude, de fazer encenação. "Ninguém olha atrás da máscara. Não sou visto; só é visto aquilo que eu faço."

- Vendo a própria responsabilidade em ter tanto que fazer; em se sentir cercado por incompetentes e preguiçosos.

- Notando o desejo de ser o cliente perfeito da terapia. De revelar sonhos freudianos para o analista, de esmurrar o travesseiro para o terapeuta de Gestalt. De relatar experiências energéticas ao guru. A terapia se torna um trabalho para dominar. A meditação se torna uma tarefa. "Quantos minutos fiquei sentado perfeitamente imóvel? Quantos mantras recitei hoje?"

- Reconhecendo a existência de sentimentos, primeiro descobrindo e depois nomeando as sensações subjacentes a eles. Por exemplo, se for difícil identificar uma emoção, comece dando nome a qualquer sensação física que sinta no seu corpo. "Meu rosto está quente" ou "minha barriga parece tensa". Dar nome a sensações físicas ajuda você a reconhecer o que está sentindo.

- Aprendendo a dizer a diferença entre fazer e sentir. Lembrando-se de desviar a atenção do trabalho para os sentimentos a respeito do trabalho.

- Começando práticas de meditação e de atenção numa base programada, com um limite de tempo definido. Meditar durante quarenta e cinco minutos e então voltar para o trabalho. O "não-fazer" da meditação gera resistência que precisa ser tratada na terapia. Não forçar os resultados da meditação, a não ser os benefícios para a saúde.

- Notando quando a meditação se torna uma atividade tal como uma perfeita pontuação do número de respirações. O controle da atividade de uma prática meditativa impede que se seja influenciado pelo estado mental evocado pela meditação. Aprender a se deixar emocionar, a ser afetado, a ser trabalhado.

- Dando apoio a si próprios na opção por sentimentos em detrimento do status.

Coisas que Três Deveriam Perceber

À medida que a atenção é redirecionada de preocupações relacionadas à imagem e a um estilo de vida *workaholic*, Três deveriam perceber reações como as seguintes:

- Confusão a respeito de sentimentos. "Possuo o sentimento certo?" "Qual é o verdadeiro?"
- Confusão de uma idéia sobre uma emoção com a coisa em si.
- Uma vida de fantasias superativa. Imaginar o sucesso quando a ação direta é bloqueada, ou quando desponta a negatividade.
- Fabricação de uma imagem fantasiosa de ser iluminado ou "ser um exemplar evoluído do Três". Passar por fora do estado emocional por acreditar que essas características já estão presentes. "Já estou lá."
- Desejo de resultados rápidos, sentindo-se melhor quando substitui sentimentos por trabalho, desejo de abandonar a terapia antes que possa ocorrer uma verdadeira mudança.
- Necessidade de provas de sucesso. Desejo de se tornar o instrutor a fim de se sentir como o meditador.
- Hábito de se separar dos sentimentos quando falam sobre questões pessoais, ou quando essas questões surgem na meditação. Crença de que essas questões foram resolvidas assim que se deu nome a elas e se conversou sobre elas, sem ter de sentir emoções.
- Tendência a tomar um terapeuta ou mestre espiritual onipotente, alguém que incorpora valores externos atraentes para um Três. Identificação com os valores do terapeuta sem encontrar os seus próprios.
- O medo de se esvaziar durante a meditação, de que o verdadeiro eu não exista.
- Sentimento de como se fosse um santo quando os outros criticam: "Já realizei tanto que não preciso ouvir."

9. Ponto Quatro: O Romântico Trágico

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|------------------|------------------------|-----------------|---------------------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | MELANCOLIA | Mente Superior. | A FONTE ORIGINAL |
| CORAÇÃO | Paixão: | INVEJA | Virtude: | EQUANIMIDADE (EQUILÍBRIO) |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | COMPETITIVO/ODIOSO | | |
| | Social: | SENTIMENTO DE VERGONHA | | |
| | Autopreservação: | INTRÉPIDO /IMPRUDENTE | | |

O Dilema

Quatros se lembram de abandono na infância e, em consequência, sofrem de um senso de perda e de privação. Sua condição interior se reflete no protótipo literário do romântico trágico que, tendo obtido reconhecimento e sucesso material, permanece firmemente focado no amor perdido, no amor inalcançável, num amor futuro e numa imagem de felicidade que só o amor pode trazer. Para compreender essa visão de mundo você precisa se projetar num estado mental onde as decisões se baseiam na química cambiante do humor tanto quanto na percepção de fatos reais; e onde as conversas são lembradas tanto por seu tom emocional e insinuações quanto por quaisquer palavras que realmente tenham sido expressas.

A depressão é um humor freqüente. Ela pode levar a vida a um tipo de paralisação em que os dias são passados na cama, a mente lamuriosamente atada a algum erro inalterável do passado. "Se ao menos, se ao menos." A atenção se trava como a agulha de um toca-discos emperrada num sulco cerebral profundo. "Se ao menos eu tivesse agido de forma diferente. Se ao menos houvesse mais uma chance."

Quatros são unânimes na compreensão do humor sombrio da depressão. Alguns o aceitam fatalisticamente, sucumbindo a longos períodos de isolamento. Outros combatem a depressão com hiperatividade contínua. Outros ainda canalizam suas emoções para uma profunda exploração artística do lado sombrio da experiência humana. Os Quatros citados neste livro conheceram a depressão, mas descrevem também um humor chamado de melancolia que os atrai, como um refúgio emocional distorcido, que se origina da perda e da dor.

A melancolia cria uma atmosfera de doce pesar. Tal como a depressão, origina-se da percepção de perda, mas aqui a tristeza é transformada num humor de névoa ao longo de praias desoladas. Quatros se sentem intensamente vivos nessas cambiantes névoas emocionais; nada é permanente, porque o humor pode mudar amanhã.

A questão central é a perda e uma conseqüente baixa da auto-estima. "Se eu tivesse mais valor, eu teria sido abandonado?" Quatros vivem com a convicção de que havia uma fonte original de amor que foi levada embora. "Um dia eu fui amado, para onde foi esse amor?" Muitas vezes há uma história de abandono puro e simples e a necessidade de lamentar uma perda prematura; no entanto, esses sentimentos de abandono são dolorosamente recriados na vida adulta por meio de uma atração

compulsiva pelo inalcançável e pelo hábito (em geral não reconhecido) de rejeitar tudo o que seja fácil de obter.

Inconscientemente, Quatros concentram a atenção nos detalhes mais refinados daquilo que falta, de modo que, por comparação, o que está à mão parece sem atrativos. Em particular, aspiram a um relacionamento apaixonado que os preencha; assumem a postura do amante que anseia pelo ente amado. Um dos matizes mais suaves da melancolia é a associação da tristeza pela perda do amor com a expectativa romântica de um futuro parceiro ideal. Há a sensação de que o presente é apenas um ensaio para o futuro, quando "meu autêntico eu vai ser despertado novamente através do amor".

Quando começam a se materializar ganhos da vida reais, mesmo que sejam o fruto de anos de expectativa e de esforço, a atenção de modo previsível se voltará para o que falta na vida. Se você ganha o emprego, vai querer o homem. Se ganha o homem, vai querer estar sozinha. Se está sozinha, vai querer de novo o emprego e o homem. A atenção circula atrás do melhor naquilo que está faltando, e por comparação tudo o que esteja disponível parece sem interesse e sem valor.

Românticos têm propensão a sabotar ganhos reais. Quando a atenção é trazida para eventos cotidianos de um caso de amor da vida real, Quatros podem se tornar furiosamente desapontados ao ter de catar as meias do parceiro e de tolerar as idiosincrasias de outra pessoa. A imagem de um futuro esplêndido que deveria surgir por intermédio do amor é ameaçada pelo fato de que um relacionamento real contém alguns momentos aborrecidos. Pequenas falhas na apresentação de um parceiro se tornam motivos de importante irritação. "Ela é politicamente analfabeta." "Ele não tem ouvido para música." "Que falta de tato deixar a escova de dentes dentro do copo!" Há uma raiva por ter de se adaptar à falta de gosto de alguém e uma necessidade impetuosa de se preservarem para o futuro despertar através do amor.

Quando parece que a intimidade vai exigir um sacrifício de seus padrões elitistas, Quatros vão querer afastar seus parceiros, forçá-los a partir antes que a imagem de um autêntico e consumado relacionamento seja corrompida por uma influência negativa. Torna-se claro que a culpa é do outro. Sentindo-se amargamente frustrados, Quatros vão querer dizer as coisas que mais firam o parceiro a fim de deixar perfeitamente claro quanto foram traídos.

Assim que o relacionamento for rechaçado para uma distância segura, o Romântico tornará a sentir sua falta. Nos relacionamentos há um padrão de vaivém: afastar o que está disponível e atrair o que é difícil de obter. A grama é sempre mais verde à distância; é quando a atenção se desvia para os pontos altos de uma parceria ausente.

Quatros mantêm a vida à distância segura do comprimento do braço. Não longe demais por medo de que a familiar intensidade da nostalgia se torne negro desespero; mas, sem dúvida, tampouco perto demais. Pois, embora haja muita ânsia por intimidade com o outro, a intimidade efetivamente desencadeia o medo de ser considerado imperfeito e de ser potencialmente abandonado de novo. Se o parceiro se cansar de ser mantido à distância de um braço e ameaçar partir, poderá se seguir uma doença repentina ou uma intensa recriminação, pois o Quatro mais uma vez anseia pelo contato. Quatros apelam para todas as emoções quando assoma o abandono. Haverá cenas teatrais e violentas acusações, gestos suicidas e profundo desespero, à medida que a perda original estiver sendo recriada numa maneira altamente dramatizada.

Quatros dizem que os altos e baixos de sua vida emocional descortinam um plano exaltado da existência que transcende a felicidade comum, um plano muito mais rico do que aquele que outras pessoas parecem dispostas a aceitar. Há uma sensação de ser forasteiro, de ser estranho à realidade comum, de ser único e singularmente

distinto, de ser um ator que percorre as cenas da própria vida. Renunciar ao sofrimento de uma vida emocional exaltada significaria sacrificar a sensação de ser especial, coisa que o drama tende a gerar. Para um Quatro, a perspectiva de se tornar feliz talvez ameace fechar também o acesso a um mundo emocionalmente profundo. Pior de tudo, há o risco de se contentar com uma visão prosaica e com uma vida comum.

As preocupações do ponto Quatro incluem

- A sensação de alguma coisa faltando à vida. Outros têm o que me falta.
- Uma atração pelo distante e pelo inalcançável. Idealização do ser amado ausente.
- Humor cambiante, boas maneiras, luxo e bom gosto como sustentáculos exteriores da auto-estima.
- Um vínculo com o humor da melancolia. Ter como meta a profundidade do sentimento mais do que a simples felicidade.
- Impaciência com a "vulgaridade dos sentimentos comuns". Necessidade de reintensificar os próprios sentimentos através da perda, da imaginação exaltada e dos atos dramáticos.
- A busca da autenticidade. A sensação de que o presente não é real, de que o verdadeiro eu vai emergir no futuro através da experiência de ser profundamente amado.
- Uma afinidade com o que é essencial e intenso na vida. Nascimento, sexo, abandono, morte e eventos cataclísmicos.
- Um hábito oscilatório de atenção. O enfoque se alterna entre os traços negativos do que se tem e os traços positivos do que está distante e é difícil de obter. Esse estilo de atenção reforça
 - Sentimentos de abandono e perda, mas também se presta a
 - Uma sensibilidade à emocionalidade e à dor de outras pessoas. Uma capacidade de dar apoio aos outros em crise.

História de Família

O tema subjacente é a perda na infância. Quatros descrevem muitas versões de ser abandonados por alguém importante no início da vida. Muitas vezes descrevem um abandono puro e simples, sendo o exemplo mais comum o divórcio, no qual foi embora a mãe ou o pai por eles amado. Outro tema é o de ter nascido numa família pesarosa, em que a criança era valorizada por sua identificação com o sofrimento de um adulto próximo. A declaração seguinte foi feita por uma talentosa bailarina que passou a maior parte da vida adulta sem se relacionar, inteiramente dedicada à sua arte.

"Fui bebê de incubadora, e eu era tão frágil que disseram a meus pais ser pouco provável que eu sobrevivesse. Acho que eles se afastaram de mim a fim de proteger seus próprios sentimentos, porque, embora eu não tenha sido literalmente abandonada, essa imagem me serve corretamente. Quando eu ainda era bebê, meu pai começou a morrer. Sempre penso em mim mesma como alguém com um caixão

na sala de estar e perfume de flores na casa. Sinto atração por pessoas que estão próximas de uma crise ou da morte, porque têm um contato muito mais íntimo com seu eu profundo e estão dispostas a ser honestas de maneiras integral."

Outra situação da infância é descrita por Quatros que se sentiam abandonados porque um dos pais ia e vinha, ou era alternadamente cruel e bondoso. A criança se apegou à promessa de afeição e de amor e ficou com raiva quando esta não era cumprida.

"Quando eu nasci, meu pai levou minha mãe numa viagem ao redor do mundo em comemoração ao êxito do meu nascimento e me deixou para trás com uma babá. Eu o adorava e fazia tudo o que podia para lhe agradar. Ele era vistoso, popular e difícil de alcançar, a não ser quando minha mãe também estava lá. Ele partia em longas viagens, e, antes de ele chegar, eu ficava louca pela idéia de fazê-lo ficar. Parecia minha única chance de ficar com ele. Ele trazia presentes e contava histórias e então partia de novo ou, pior ainda, partia com ela, e lá ficava eu novamente me preparando para próxima vez."

Há várias teorias sobre a depressão fundamentadas na idéia de que a raiva gerada na infância se voltou para dentro, contra o próprio eu. Românticos comumente descrevem sentimentos prematuros de perda que resultaram em depressão recorrente durante a vida adulta.

Esta declaração foi feita por um homem que viajou pelo mundo durante dez anos em busca da companheira perfeita. Em diferentes pontos de sua viagem, idealizou tipos radicalmente diferentes de mulheres, tanto por sua atração física quanto por certas qualidades de ser que ele atribuía à cultura em que se encontrava. Como era de esperar, assim que se apaixonava por uma dessas mulheres, começava também a sentir falta das características especiais das outras. Na época em que fez esse depoimento, ele já tinha ganho milhões de dólares como importador, mas estava ainda inteiramente envolvido em sua busca contínua de uma esposa.

"Um dia perguntei à minha mãe se ela tinha me amamentado no peito, e ela confirmou que sim, por algum tempo: Meu palpite é que me satisfizeram como bebê, mas um dia tudo se acabou. Aliás, é dessa mesma forma que me sinto ter sido tratado por ela: uma hora ela está lá pra mim, mas depois já não está. Isso se tornou uma postura de vida: 'Eu fui feliz um dia, para onde foi essa felicidade?' Toda a minha vida tenho estado procurando — para onde foi?"

Mas quando as pessoas perguntam o que está me faltando na vida e o que é isso que eu acho que estou procurando, não respondo que estou procurando 'aquela coisa, ou aquela pessoa, ou aquele dinheiro'. Estou em busca disto: aquele sentimento de conexão com algo maravilhoso que está sempre oculto e sempre fora de alcance."

Raiva e Depressão

Há com freqüência um sentimento de raiva de ter sido privado de alguma coisa, de raiva contra o pai ou contra a mãe que abandonou o Quatro e que causou tanto pesar, enquanto outros receberam mais. É provável que essa raiva apareça como um sarcasmo mordaz, como uma necessidade de reduzir os outros verbalmente, de igualar o placar por ter sido tão duramente ferido. O mais das vezes, não há na prática nenhuma chance de demonstrar raiva contra alguém que desapareceu, ou que tende a se retirar sob fogo. Em consequência disso, a raiva de um Romântico em geral se volta contra ele mesmo, na forma de intensa autocrítica por não ter sido digno bastante de merecer amor.

Essa crítica dirigida internamente faz Quatros se sentir desamparados e produz longos períodos de inércia, durante os quais não parece haver nenhuma linha de ação possível que leve à felicidade. A depressão é baseada em sentimentos de tristeza por

ter perdido uma conexão humana básica e valiosa. É a postura do amante separado ansiando por uma forma de se reunir.

Depressão e Melancolia

Quatros comparam a depressão a estar aprisionados em um poço negro. Eles se retiram para dentro de si mesmos, vão para um canto solitário da casa e eliminam aos poucos o contato externo. Há a sensação de que a vida nunca foi tão ruim assim antes e uma convicção de que a situação não vai mudar. Se a depressão se aprofunda, ofertas de ajuda começam a soar absurdas em face das dificuldades. A ajuda é recusada e a pessoa é impotente para agir em seu próprio favor. A atividade pára, e por fim se perde a esperança de que alguém possa compreender a situação interior.

Românticos não estão sozinhos em vivenciar a tristeza. Todos nós lamentamos nossos próprios fracassos, ou nos afligimos ao perder alguma coisa preciosa. A depressão é diferente do pesar por algo que foi tomado, no sentido de que sempre há estádios de aceitação no pesar, onde por fim a dor diminui, e a atenção pode se voltar para a reconstrução de uma existência viável. Numa depressão grave, tudo o que vale na vida é substituído por uma tristeza penetrante e o percurso dos estádios de aceitação é extraordinariamente lento.

"Ainda estou vivendo o divórcio de dezoito anos atrás, porque na minha cabeça persiste a idéia de que cometi um erro irreversível que mudou o curso de minha vida. A sensação é como se a gente tivesse queimado a única chance de ser feliz e está desesperada atrás de um fio de razão para poder encontrar um retorno.

E assim a gente fica repassando a coisa várias vezes, tentando entender o intrincado de todas as fases que a gente atravessou, e isso me faz tão preocupada com os erros do passado que venho ignorando alguns casos de amor bastante promissores."

O humor melancólico se origina da mesma sensação de perda que produz uma depressão desconfortável. É uma sensibilidade que transforma a convicção de que se foi privado de alguma coisa num anseio agriado por coisas impossíveis ou que nunca poderão ocorrer. Quatros dizem preferir a riqueza da melancolia àquilo que outras pessoas descrevem como felicidade. É um sentimento de tristeza que evoca fantasias e metáforas e a percepção de estar ligado a coisas distantes. A melancolia é um humor que promove a vida daquele que não foi aceito, ou que foi abandonado, a uma postura de sensibilidade temperamental única.

"É como ser personagem de uma história, uma personagem que foi colocada sob condições adversas. Estou nesse mundo como um forasteiro, e ninguém compreende quem eu sou, o que me faz sentir diferente e mal compreendido. Isso também traz uma espécie de desespero contido. Ninguém me entende, sou um elemento estranho e por isso atormentado por não pertencer a parte alguma, mas também, por ser atormentado, tenho uma intensa vida interior. Vivo nos limites extremos de tudo o que os seres humanos podem suportar no tocante aos sentimentos. Continuo um mistério para mim mesmo e sou, com toda a certeza, diferente de qualquer outra pessoa."

É muito fácil localizar um Quatro que tenha entrado em depressão. Há uma lamentação contínua por tudo quanto falte na vida. Essa lamúria se tornou uma preocupação consigo mesmo tão intensa, que é impossível desviar a atenção para coisas mais produtivas.

A melancolia, porém, embora também esteja baseada no anseio, projeta

eventos ordinários nas dimensões do estético. O anseio assume a característica de busca, e a depressão é transformada numa apreciação poética da condição humana.

"A melancolia evoca a sensação de ser jovem e de estar envolto num manto de drama invisível. Você nunca andou simplesmente, você andou com o farfalhar desse manto. Você não andou por prazer, foi pela sensação física da roupa e da eletricidade no ar e do estranho que estava andando na sua direção e que mudaria sua vida para sempre.

Em casa, eu me sentia uma vítima, mas essa sensação de ser maltratada foi enobrecida quando criei uma personagem dramática fictícia. Ela sabia colocar seu manto e sua mágica e não estava interessada em brincadeira nem em ser feliz, porque, em lugar disso, ela buscava o extraordinário.

Me lembro de caminhadas onde a imagem de um pássaro em vôo ficava dentro de mim por uma milha, ou então uma flor molhada se tornava razão bastante para prosseguir por mais um dia. A melancolia é o lugar onde eu decidi ficar, é o lugar para transformar sua vida numa experiência artística, e, embora ela gire em torno da busca de algo ainda por vir, é essa busca que me faz feliz."

Dor e Criação

Há uma linha tênue entre viver a vida como expressão artística a se envolver com a dor como forma de criar uma imagem estética de si mesmo. A relação entre a privação e a expressão artística é tão antiga quanto a imagem do artista que prefere morrer de fome numa mansarda a comprometer sua vida criativa vendendo para ter uma subsistência lucrativa. A vida como arte e a vida como dor estão com frequência entrelaçadas, visto que o sofrimento pode sensibilizar nossa apreciação do que é mais essencial na vida e pode mobilizar uma atmosfera de tensão interior passível de se tornar significativa quando expressa através de um ato criativo.

O depoimento seguinte foi feito por uma jovem e ambiciosa pintora que se reconheceu como um Quatro quando ficou incapacitada de comparecer à inauguração de sua própria galeria por uma questão amorosa.

"Quando vem a depressão, ela toma o lugar de qualquer coisa que eu esteja vivendo. A vida simplesmente pára. Não há nenhum objetivo, nenhum propósito, nenhuma esperança. Minha salvação é o passar do tempo. Tudo passa com o tempo, e com o tempo vou ficar livre, talvez apenas por ter esperado que ele passasse. Quando o pesar tomar conta de você assim como aconteceu comigo, todo o seu corpo parece um brinquedo nas mãos da pessoa por quem você está sofrendo. É como se você se abandonasse a essa outra pessoa. Depois de uma experiência desse tipo, é como se você tivesse acabado de se recuperar de uma longa doença. Você passa a apreciar coisas simples, como a chuva e o sol, as cores que você quer usar. Você se sente privilegiada por ter passado por tanta coisa. A tragédia vai colocar você à parte; de certa forma vai destacar você, porque você viu a morte de perto e sobreviveu."

As perdas destacam a pessoa da massa comum. Provisoriamente a tornam um ser trágico e diferente e, de certo modo, especial, visto que nesse período de tempo, ela sente de forma mais profunda que as outras pessoas. A experiência de seu eu como extraordinariamente sensível também pode se transformar numa ligação obstinada à variação do humor pessoal, sobretudo se acontecer de os seres amados dessa pessoa serem atraídos por intensas demonstrações de sentimentos, ou se expressões genuinamente criativas brotarem durante períodos de sensibilidade emocionalmente carregada.

O dilema de uma criatividade que é incitada pela dor é exemplificada pela vida do poeta Rilke, que sofria de profunda angústia psicológica, mas que permaneceu relutante em fazer análise. Ele tinha a certeza de que, se seus demônios fossem

expelidos, seus anjos também receberiam um choque.

Quatro é o lugar do artista no Eneagrama, o que literalmente significa que muitos artistas em atividade são Quatros, mas o que também indica um temperamento que prefere o estado de evocação sentimental e emocional. Crises de nostalgia e desespero forçosamente produzem uma intensificação de

climas emocionais habituais. Essa intensidade e a sensação de desígnios especiais por ela gerada podem tornar os humores cambiantes da melancolia muito mais atraentes que a gama de sentimentos comuns.

Oscilações do Humor

Românticos vivem nos pólos extremos da vida emocional. Há uma tendência a oscilar entre a depressão num extremo e a hiperatividade no outro. Quatros se descrevem como gravitando para um dos pólos emocionais, ou como tendo vivido a vida oscilando entre dois extremos. Há três tipos de Quatros: os basicamente deprimidos, os basicamente hiperativos e os basicamente oscilantes no humor entre os dois extremos emocionais. Todos os três tipos sentem que algo vital da vida foi levado embora e estão buscando recuperar o que foi perdido, mas os diferentes tipos de Quatros partem nessa busca por meios radicalmente distintos.

O Quatro basicamente deprimido tende a se recolher interiormente absorvido em si mesmo na busca de um significado. O basicamente hiperativo não tem absolutamente a aparência de deprimido e sabe entrar e sair com rapidez de atividades e de casos de amor, tentando extrair um sentido das mesmas fontes externas que parecem tornar outras pessoas felizes. O Quatro cujo humor oscila entre os pólos de depressão e de hiperatividade exibe a imagem mais fiel da emoção interior descrita por todos os Românticos. Há mudanças radicais na emoção: o amor se transforma em ódio, e a paixão em apatia. É provável a atração por amores impossíveis ou destrutivos, acompanhada de cenas dramáticas e o descargo de intensos sentimentos sob a forma de fantasias suicidas.

Quatro normais dizem que o suicídio surge em suas mentes como uma "opção" no caso de a vida começar a ficar muito ruim. Quatros estão propensos a um humor sombrio mordaz e sarcástico, que revela sua raiva interior. Descrevem o suicídio como "algo com que se pode contar se a vida exigir demais". O que querem dizer com isso é que pensam em "saltar de pára-quedas, em se safar" como uma opção, assim como um Dois poderia pensar na sedução como uma opção, ou um Oito poderia imaginar destruir alguém como uma opção, sem nenhuma intenção firme de colocar isso em prática.

Vida Emocional Dramatizada

Quatros dizem que os outros acham suas emoções muito intensas, que têm de reprimir seus sentimentos porque suas paixões são muito fortes. Magoam-se quando são esquecidos socialmente: um aniversário ignorado causa profunda frustração, um comentário casual leva à indisposição contra os amigos.

"Um simples telefonema atrasado pode se associar ao sentimento de abandono de forma muito dramática, e minha reação é exagerar a importância das coisas e alienar as pessoas com quem mais quero estar. E como se essa dor trouxesse de volta todas as minhas dores do passado, e a sensação é pura opressão. Um telefonema tardio pode se transformar num profundo sentimento de abandono que

me fará odiar meu amigo na hora em que ele fizer a ligação, porque fui muito magoada."

Por intensidade, um Quatro quer dizer viver nos extremos da reação emocional. Um desses extremos é o sofrimento, o outro é a fantasia da total satisfação. Não há muita experiência com a gama de sentimentos intermediários.

Um pensamento do tipo "Será que o amo?" pode se associar tão velozmente à imaginação de como seria ser completamente amada que não há tempo de captar a verdadeira resposta à pergunta. Uma mulher Quatro, sozinha num recinto, pode ficar tão absorta em seus próprios devaneios a respeito de "como me senti quando ele me feriu", ou "como será quando ele me amar", que ela pode perder a noção de como se sente em relação a "ele" no momento presente.

Quatros não estão sozinhos em sua propensão de amplificar os sentimentos e as emoções. Por exemplo, todos nós tendemos a imaginar o pior quando sentimos dor.

No parto natural e no treinamento do controle da dor, pacientes aprendem a dirigir a atenção exclusivamente para as sensações físicas concretas que estão tendo e não devem se permitir imaginar o grau de intensidade da dor seguinte, ou como seria a dor na sua pior condição possível. Infelizmente, qualquer dor real que é sentida concretamente no corpo pode ser transformada em insuportável desde que reforçada por uma memória ou imaginação sensorial.

Eis aqui um depoimento dado por um homem que descreve seu estado de espírito durante um grave acidente. Seu modo de reagir durante o momento crítico não indica necessariamente que ele seja um Quatro. Românticos, porém, estão particularmente sujeitos, numa base diária, ao desvio inconsciente de atenção que ele descreve.

"Sou experimentado em esqui desde minha adolescência e nunca tinha tido nenhum acidente até um dia em que, numa pista que eu conhecia muito bem, derrapei e quebrei uma perna. Quando cheguei ao hospital eu estava fora de mim, sem saber. Eu tinha muita dor, mas achava que podia suportar, só que, quando tocavam minha perna, a dor aumentava tanto que eu comecei a repelir todo o mundo à força.

Cheguei a morder uma enfermeira que tentou me anestesiá-la. Tudo o que eu vi foi a seringa na mão dela e então senti quanto ia doer quando ela me enfiasse a agulha. Quando meu patrão chegou, já havia um impasse entre mim e a equipe de emergência. A perna precisava de cirurgia, eles estavam prontos para operar, mas eu não deixava. Ele me fez um grande favor me agarrando pelo cabelo e me ameaçando dar um murro se eu não tomasse o medicamento.

Acho que aquele soco no rosto foi o que de repente me trouxe de volta à consciência. Não importou que ele tivesse apenas erguido o punho sem me golpear, ou que eu visse claramente a agulha que se cravava em minha nádega do outro lado da sala. Senti um golpe no rosto mesmo não tendo sido atingido e senti a agulha quando ainda não tinha sido tocado. Na verdade, tive essas sensações com tanta intensidade que esqueci a dor que sentia na perna, achando que ambas as coisas estavam sendo feitas em mim. Quando voltei aonde eu realmente estava, na sala de emergência, foi como escapar de um lugar onde qualquer toque era pura dor e voltar a mim mesmo, à minha própria razão, com uma dor infernal na parte inferior de minha perna."

Quatros têm a propensão de intensificar suas emoções do mesmo modo que esse jovem esquiador amplificou sua dor física. O hábito de exagerar conscientemente sentimentos concretos alija com efeito uma vida emocional autêntica em favor da intensidade emocional. O acesso a sentimentos verdadeiros fica bloqueado na medida em que um indivíduo Quatro se identifica com os sentimentos exacerbados oriundos de um excitamento do humor.

Às vezes podemos observar as horas em que Quatros perdem a noção dos verdadeiros sentimentos, prestando atenção às mudanças em seus rostos quando se agitam ou se emocionam. Se fizerem a um Quatro uma pergunta como "Como vai você?", a primeira reação, talvez a mais autêntica, é contornada à medida que o Quatro passa por uma série daquilo que parece ser considerações internas de como ele ou ela realmente se sente. A resposta é o resultado de uma série de idéias recordadas e associadas a diferentes maneiras de se sentir que encobrem a reação espontânea. Esse hábito pode transformar uma resposta simples tal como "Estou bem" em "Bem, tenho atravessado muitas mudanças difíceis."

Relacionamentos Íntimos

Uma quantidade tremenda de atenção interna é dirigida para a preparação da chegada do ser amado. É como se o presente existisse como um tempo para se aprontar para o futuro despertar através do amor. Se não estiver havendo nenhum relacionamento real, então o encontro futuro é imaginado com grande sentimento. Se um relacionamento concreto estiver ocorrendo, então é necessário se afastar a fim de saborear a idéia do encontro com o ser amado. A seguinte declaração foi feita por uma professora primária da cidade de Nova Iorque.

"Meus melhores relacionamentos foram romances à longa distância. Fiz a rota Nova Iorque-Boston e Nova-Iorque-San Francisco e tive alguns casos de amor de longa duração a algumas horas de carro do centro da cidade. A melhor parte do tempo é o intervalo, quando você consegue ser dona da própria vida e espera impaciente rever seu namorado, já antevendo o encontro especial que vocês vão ter.

A preparação dos dias anteriores é como se vestir para a cerimônia do próprio casamento. É como se você pudesse derreter só pelo clima de romantismo das horas antes de receber um telefonema. Por fim, vocês se encontram, põem em dia as novidades, têm um jantar adorável e ficam juntos alguns dias.

A coisa mais estranha é que, embora eu tivesse sonhado com o nosso encontro, na verdade não estou presente quando ele se dá. Parece que minha mente vai para longe quando estamos juntos porque quero poder imaginá-lo de novo; por isso posso estar na cama com ele e ignorar que estou lá.

Em pouco tempo, começo a me sentir desgastada. Pequenos detalhes a respeito dele começam a me incomodar. Se ele deixa a gaveta da cômoda aberta, isso me mostra seu relaxamento. A gaveta fica aberta na minha mente como símbolo de todas as outras formas em que ele deve ser relaxado. Aí eu penso: Como poderia eu viver com um homem relaxado?

Mas tudo o que tenho de fazer para amá-lo novamente é imaginá-lo indo embora, pensar que logo nos separaremos e que poderei estar junto com ele de novo."

Os relacionamentos são prejudicados pelo hábito do Quatro de concentrar a atenção nos aspectos negativos de tudo o que esteja presente. Quando a atenção se concentra numa situação atual, os aspectos negativos inesperados sobressaem, aquelas características nada aprazíveis da personalidade do ser amado que simplesmente não existiam quando ele ou ela está romanticamente distante.

"Estou casado há alguns anos com uma mulher que parece difícil de alcançar e sempre um tanto descompromissada. Estar com ela é como estar olhando um esplêndido pôr-do-sol, sabendo ao mesmo tempo quanta nostalgia ele deixará em mim depois que terminar. Sinto que ela é minha cara-metade, que através dela algo fundamental vai por fim me acontecer. Ao mesmo tempo sei que, quando ela quer estar perto de mim, pequenas coisas que antes não eram aparentes começam a se tornar visíveis. Seu modo excêntrico de falar começa a irritar e suas características

ganham uma nova forma menos interessante. Tudo parece perder um pouco de sentido, tudo parece de algum modo depredado. Tenho a compulsão de endireitar as coisas, de impedir que tudo se estrague; por isso a gente briga, e ela se afasta, e então eu sofro ao perceber quanto eu sinto sua falta e quanto eu a quero de volta."

Existe a crença de que o verdadeiro eu surgirá por intermédio do recebimento do amor, de que o drama interior se amenizará e de que nascerá uma pessoa simples e contente que vai se sentir inteira e completa, sem a necessidade de ansiar por mais nada. Contudo, a fim de que tal sentimento de inteieza se expanda, a atenção deveria primamente se estabilizar no presente. O Quatro teria de encontrar o que de bom existe e aceitá-lo como suficiente.

"Uma vendedora atraente veio algumas vezes ao escritório semana passada. Minha fantasia logo criou um enredo, as vibrações eram ótimas, minha energia começou a circular, mas, graças a Deus, já tive bastante experiência para perceber que eu estava numa fantasia e para não começar a investir meu futuro nela.

Dez anos atrás eu teria acreditado nessas vibrações, eu teria acreditado que eram recíprocas, que essa era a pessoa da minha vida. Sua ladainha sobre o produto teria soado como promessas de duplo sentido. Teria me levado à loucura até eu me sentir na obrigação de conquistá-la. Questão de vida ou morte, mais importante do que qualquer outra coisa.

Agora já sei o bastante para dizer como eu teria me sentido se a tivesse ganho. Ela teria defeitos, não se vestiria da forma correta, não seria muito inteligente, teria sido um choque ver o erro que eu tinha cometido. A fantasia sumiria como fumaça, e eu ficaria me lembrando das coisas ótimas que teria perdido das outras mulheres se tivesse me comprometido com ela.

Atualmente tenho bastante discernimento para perceber quando começo a achar defeitos numa pessoa que eu ame e por isso tenho medo de duas coisas. Primeiro, sem dúvida, tenho medo de me amarrar a uma mulher que não esteja à altura e odeio que ela possa ser a única em minha vida, mas também começo a sentir que tenho pavor de me aproximar mais porque ela começa a ver o que há de errado comigo e talvez se livre de mim primeiro.

Então desbundo e rompo. Destruo a coisa toda, e então ela fica à distância novamente e parece maravilhosa, e eu preciso tê-la de volta. É tudo como um elástico: ela recua, e eu avanço."

Esse padrão de relacionamento tipo elástico coloca um Romântico na posição de ser abandonado repetidas vezes, mas de uma forma controlada. Se a intimidade se torna assustadora demais, então o parceiro começa a parecer um pouco excêntrico, o que justifica uma briga e a fuga para a conhecida postura da separação. Com a distância, as qualidades do parceiro sobressaem de novo, e o Quatro fica outra vez atraído para o relacionamento. A possibilidade de receber amor está tão vinculada à possibilidade de abandono que é mais seguro rejeitar do que correr o risco de outra perda.

Manter a intimidade a uma distância segura é uma forma de arte para Quatros. Nem longe nem perto demais. Suficientemente longe para observar seletivamente as melhores características de um parceiro e suficientemente perto para desejar mais. Uma distância intermediária segura, onde seja possível manter o interesse, manter a esperança de que, com o tempo, alguma coisa nascerá, mas sem nenhuma pressão para se comprometer com o presente.

De positivo, Quatros querem manter a intensidade do relacionamento. Eles são idealmente talhados para assistir outras pessoas nas crises e não se curvarão nem sob uma emocionalidade feroz nem sob o pesar de outra pessoa. Valorizam a estética de um relacionamento: o amor da beleza, das insinuações, do ambiente e da apresentação pessoal. Sabem que as pessoas mudam com o passar do tempo e são capazes de permitir que um relacionamento se desenvolva atravessando várias fases.

São capazes de começar tudo de novo e sabem enterrar um passado negativo.

De negativo, Quatros fazem comparações invejosas entre sua pessoa e o que os outros parecem estar tirando de seus relacionamentos. Sua tristeza os leva a acreditarem que o pouco caso dos outros foi a causa dessa tristeza. Ficarão à espera da desforra por terem sido magoados.

Exemplo de Relacionamento de casal:

Quatro e Três, o Romântico Trágico e o Desempenhador

Ambos os tipos compartilham uma fixação pela imagem, e por isso o casal se apresentará bem em público: o Quatro como uma figura dramática, o Três como uma figura bem-sucedida. Se o Três se fiar muito numa imagem conformista, é provável que o Quatro frustre essa imagem apresentando publicamente uma atitude controversa ou extravagante, ou se tornando sombriamente emocional em face da necessidade do Três de uma apazível fachada pública. Três são propensos a respeitar a indisposição do Quatro em ser controlado pela opinião pública e terão mais tolerância para com a exibição emocional do Quatro se outras pessoas parecerem impressionadas.

Quatros querem ser essenciais na vida emocional dos filhos e parceiros. Gostam de falar sobre experiências e sentimentos e de ser procurados e consultados sobre questões de família. O parceiro Três tem uma orientação muito mais voltada para o trabalho e prefere ser essencial a uma atividade a ficar preso por exigências emocionais.

A preocupação de um Três com o sucesso mundano pode, por um lado, fazer um parceiro Quatro se sentir abandonado em favor da profissão do outro ou, inversamente, pode contribuir para criar a distância necessária a garantir o interesse contínuo do Quatro. A discrepância entre a orientação para o sentir e a orientação para o agir será compatível se o Três estiver disposto a periodicamente se desembaraçar de compromissos a fim de passar algumas horas a sós com o Quatro. Dessa forma, o Três consegue trabalhar bastante, e o Quatro consegue antegozar as horas íntimas que passarão juntos e avaliar o parceiro em breves e agradáveis episódios que não são tão longos a ponto de estimular a necessidade de rejeitá-lo.

Se o Três *workaholic* ficar muito ocupado ou emocionalmente muito distanciado, o Quatro pode se recolher atravessando longos períodos de depressão, ou então irromper em dramáticos acessos de raiva por estar abandonado. O parceiro Quatro pode facilmente cumular atenção tornando-se produtivo numa área que o Três considere valiosa, sobretudo se o Três estiver investido num cargo de consultor especializado e protetor. Se o Três for suspeito de "se desvencilhar" do Quatro usando os negócios como desculpa de fachada, o Quatro se tornará competitivo a fim de recuperar o parceiro. A competição poderá incluir cenas teatrais, ameaças contra o parceiro e gestos suicidas. Se essas táticas não funcionarem, o Quatro pode se tornar deprimido e vingativo por muitos anos. O parceiro Três tenderá a buscar sem demora outro relacionamento.

É provável que os filhos do casal vejam o genitor Três como o empreendedor ambicioso, que se orgulha dos êxitos dos filhos, mas que tem tempo e disposição limitada para ficar com a família. Se o genitor Quatro se relacionar bem, os filhos o verão como emocionalmente dedicado e disposto a passar tempo com eles. Se o Quatro se relacionar de forma neurótica, os filhos se sentirão exauridos pelas exigências do Quatro em ser compreendido emocionalmente e provavelmente dirão

que o genitor Quatro compete com eles pela atenção do Três difícil de alcançar.

Relacionamento do Ponto Quatro com a Autoridade

Quatros tendem a ignorar autoridades subalternas e a conceder enorme soma de respeito às "grandes" autoridades. Autoridades subalternas — o policial ou o comerciante que faz você esperar numa fila — devem ser ignoradas ou contornadas; mas grandes autoridades, tais como reis e rainhas ou pessoas aclamadas pela crítica, devem ser encaradas com respeito. Quatros tendem a acreditar que regras e regulamentos ordinários não se aplicam a eles. São rebeldes no sentido de que não obedecem, mas agem assim por se esquecer desdenhosamente de levar a sério as regras e as regulamentações mais do que pela necessidade de humilhar a autoridade. Se a autoridade for punitiva ou restritiva, o Quatro tenderá a quebrar todas as regras de comportamento e a escapar tanto quanto possível.

A grande autoridade, por outro lado, é muito admirada, sobretudo se a situação der suporte a uma imagem de Quatro de singularidade e de apresentação de elite. Um Quatro quer ser selecionado por seus talentos únicos e quer ter por mentores e estimuladores as melhores pessoas ao redor. Tornam-se pacientes de analistas de renome mundial e confidentes de gênios excêntricos. Há uma necessidade de ser reconhecido por pessoas eminentes e de ser amado por aqueles que um Quatro acredita estarem em contato com a real profundidade das coisas.

De positivo, Quatros sabem perceber talentos genuínos e tonalidades de sentimento em outras pessoas. Não se deixam iludir por uma apresentação imitativa ou derivativa. Sabem distinguir "o melhor" do "mais bem conhecido". Transformarão uma apresentação sem gosto e sem estilo em algo belo e singular e são capazes de ver possibilidades extraordinárias numa situação comercial comum. Buscam unir forças com as melhores pessoas na área em questão.

De negativo, Quatros competem com colegas pelo respeito das grandes autoridades. Tornam-se rancorosos quando não reconhecidos e não gostam de estar em posição servil nem de trabalhar num ambiente comum, a menos que seja a serviço de "meu verdadeiro trabalho como artista" ou de "minha verdadeira vocação como místico".

Um Relacionamento Hierárquico Típico de Pontos Afins: Quatro e Dois, o Romântico Trágico e o Dador

Se o Quatro for o patrão, ele ou ela estabelecerá um modelo de estilo pessoal inconfundível, tanto numa imagem física impressiva quanto na aparência e no clima emocional da empresa ou negócio. Isso provavelmente receberá o suporte do empregado Dois que se adaptará bem às exigências da imagem do patrão. O Dois tentará agradar, imaginar o que é desejado e se alinhará a isso. Num nível, o Quatro apreciará o apoio e, noutro, poderá sutilmente começar a sabotar as coisas quando o empreendimento passar a funcionar regularmente. Ao Dois caberá se ocupar do negócio à medida que a atenção do patrão se desviar dos setores da vida bem sucedidos e começar a enfocar o que estiver faltando. O patrão poderá ficar emocionalmente envolvido com algo totalmente alheio ao serviço, deixando o Dois sem o contato pessoal que o ajuda a funcionar bem.

Se o empregado Dois gostar do patrão pessoalmente, ou se acreditar em seus planos, ele ou ela assumirá a brecha para a tomada de decisões como o poder

invisível, a eminência parda. Contanto que o Dois esteja pessoalmente comprometido com o emprego, seja por afeição, seja pela crença de que o trabalho é importante, dará boa cobertura e proteção ao patrão. Ocupando a segunda posição de comando, o Dois talvez tenha melhor capacidade de delegar e organizar do que se colocado como o cabeça no mesmo posto.

Se o empregado Dois perder o contato pessoal com o patrão, ou se este começar a criticar os empregados, o Dois se sentirá desconsiderado, e poderá se instalar uma séria disputa pelo poder. Por exemplo, o Dois poderá querer assumir o posto do patrão, ou ajudar outra pessoa a se tomar o novo líder do empreendimento, e o Quatro se sentirá traído. A situação pode receber uma boa ajuda se ambos puderem admitir a base emocional para ter magoado o outro. Tanto Dois quanto o Quatro se abrirão se forem capazes de entender a ferida emocional subjacente ao comportamento defensivo.

Se o Quatro for o empregado, a situação correrá bem, desde que o patrão Dois ofereça reconhecimento especial. O patrão não deveria contar com a boa vontade de um empregado Quatro que foi levado a se sentir privado. Se Românticos Trágicos se sentirem colocados em papéis servis, ou se se descobrirem trabalhando numa situação em que os outros têm mais vantagens, eles poderão tentar "flagrar o outro" em termos de uma vitória competitiva, ou então tramarão para humilhar o outro publicamente, ou ainda se esforçarão por ganhar os favores de alguém de fora que tenha poder em potencial sobre a situação.

Pode-se promover um equilíbrio competitivo se cada uma das partes reconhecer as razões da outra. Uma luta competitiva de um par Dois-Quatro pode muito bem se dar numa discussão quanto a métodos empresariais, mas provavelmente tem sua origem em sentimentos feridos. Cada um precisa se sentir respeitado pelo outro. Ambos os tipos florescem se têm importância na vida alheia, e, se a cada um deles forem dados deveres e atenção especiais, haverá muito mais probabilidade de ambos se apoiarem mutuamente em suas distintas áreas de especialização.

Padrões de Elite

A idéia de ter sido vitimizado por perdas contribui para uma baixa na auto-estima. Há a sensação de crianças pequenas que, tendo sido desamparadas, sentem que não teriam sido abandonadas se tivessem tido atrativos ou mais valor. Há um sentimento de ter perdido na vida por causa de algum defeito fatal na personalidade que torna um Quatro menos valoroso do que os que receberam amor. A opinião da infância de se acreditar o estranho não amado dentro da família se transforma numa mística de ser o estranho, de ser diferente, de desenvolver um estilo pessoal único.

Com freqüência, Quatros desenvolvem uma imagem pessoal dramatizada como forma de compensar sentimentos de baixa auto-estima. Há uma elegância singular na apresentação pessoal; uma expressão do fato de que se é diferente por meio das roupas e maneiras e por estar à frente do estilo corrente.

"Quando estou na casa de uma amiga, fico mentalmente redecorando os aposentos e refazendo a maquiagem e a roupa das pessoas, buscando uma aparência de maior distinção. Nas duas ou três semanas após eu me mudar para um novo lugar, faço pouca coisa além de encontrar a disposição adequada dos objetos no espaço. O vaso fica aqui ou ali? Dou muita importância à ritualização do espaço; parece um cenário em que estou ensaiando para os acontecimentos futuros. A idéia é de que estou compondo e preservando minhas forças para o amanhã; os suportes materiais e o humor apropriados a um evento de importância máxima na vida. Tudo

começa a parecer uma preparação mágica para os encontros especiais por acontecer, e o símbolo disso tudo é uma disposição crítica dos focos de luz, dos sofás e das cadeiras."

As páginas das revistas de alta costura estão repletas de Quatros dramaticamente na moda. São elegantes e esguios e estão arrumados e vestidos por criações exclusivas que nunca foram destinadas à massa comum. Apresentam uma imagem exterior que é muitas vezes diametralmente oposta aos sentimentos íntimos de vergonha por terem sido desamados e abandonados no passado.

Há uma necessidade urgente de achar um estilo que seja bastante singular para transmutar emocionalmente esse excluído rejeitado num indivíduo prestigiado e que não esteja sujeito às regras comuns. Questões de bom gosto e distinção podem se tornar essenciais para a sobrevivência. Você cometeria suicídio antes de aparecer usando calças de poliéster cor-de-rosa. Se você possui apenas uma blusa ou camisa de seda, então ela se torna o seu uniforme até que você tenha condições de comprar outra. O toque dos tecidos comerciais é inaceitável; seja o que for que esteja em liquidação não é o que você vai usar. A compulsão de ser extraordinário pode facilmente ser confundi-

da com refinamento de gosto e sensibilidade estética, e o medo do abandono pode ser contornado subestimando a importância daqueles cujo gosto é menos refinado. Uma versão extrema da preocupação com a imagem estética aparece na anorexia nervosa e em outros distúrbios psicológicos onde haja uma tentativa inexorável de forçar o corpo a se adequar a um padrão de elite.

A Não-conformidade Elitista

"Tenho talento para escapar das coisas comuns. De certa forma, transformei isso na tarefa de minha vida. Nunca tive um emprego maçante em toda a minha vida, principalmente porque eu lhes dava um retoque, e eles deixavam de ser comuns. Se eu tinha, por exemplo, um emprego de vendedor de livros, eu ficava com tantos quantos me atraíssem. Então eu já não era empregado, mas sim um criminoso, algo bem mais interessante de ser. Eram sempre livros de arte, inúteis de certa forma, mas tão maravilhosos que valia a pena se arriscar por eles. Desenvolvi um método tão perfeitamente seguro, que adorei quando fizeram uma festa para mim quando eu deixei a firma e nela me deram de presente um livro que eu já tinha levado para casa."

Uma espécie de amoralidade pode se desenvolver à medida que a auto-imagem de um Quatro evolui do excluído rejeitado para alguém que se coloca à parte e ligeiramente acima da massa comum. Existe uma atração para quebrar as regras sociais, o que, de acordo com a adesão de um Quatro a padrões de elite, pode ser encenada como criminalidade de luvas de pelica, por exemplo, furtar nas butikques apenas suéteres de lã angorá branca.

Quatros se deleitam em "escapar impunemente". Gostam da emoção dos delitos secretos e de atuar nos limites do escândalo. Há uma excitação em cortejar a desgraça, em ser excêntrico ou difícil e, portanto, em receber tratamento especial. Ser difícil também satisfaz uma necessidade masoquista de se revelar aquela criança cheia de defeitos e desprezível e que ainda não merece ser amada. Esses sentimentos de indignidade se aliam a um desejo raivoso de se desferrar das pessoas que parecem estar tirando mais da vida. A associação do masoquismo e da raiva poderia estar encapsulada na imagem da matrona da sociedade que serve um jantar perfeitamente cronometrado e fica à espera do momento certo para anunciar que está apoiando uma causa controversa que a maioria de seus convidados despreza.

A declaração seguinte foi feita por uma socialite de San Francisco que declarou ter se tornado totalmente absorta na tarefa de atrair as melhores pessoas para as suas festas só para se sentir imediatamente desinteressada assim que seu convite era respondido e aceito.

"Não tolero ser ignorada. Isso me traz sentimentos terríveis de ser deixada de fora, que logo se transformam em ódio. Ser humilhada em público dá vontade de apagar a vergonha achando um modo de se vingar. Ou eu anulo a importância das pessoas e saio, ou percebo que vou me tornando sarcástica e descubro que no fundo estou terrivelmente aborrecida porque a atenção me foi negada.

A situação também fica crítica para mim quando as coisas se tornam previsíveis ou tranquilas demais. Me dá vontade de alterar o clima dizendo algo chocante que dê a entender que estou achando a conversa uma chatice. É também minha maneira de provocar algum estranho que seja especial e que instintivamente perceberia que estou tentando elevar o nível de uma conversa ruim."

Inveja

A inveja é alimentada pela crença de que os outros estão desfrutando uma satisfação emocional que vem sendo negada à própria pessoa. Quatros sem percepção tentarão minorar sentimentos de privação alterando o cenário, usando ornamentação, ou se cercando de coisas atraentes. Quatros também disputam as atenções de uma pessoa popular na esperança de se sentirem mais dignos se possuírem o que parece ter feito a felicidade de outras pessoas.

"Momento a momento é a sensação de que algo está faltando. 'Isso é tudo o que existe?' Tudo começa assim: 'Se eu ao menos tivesse aquela pessoa, aquele lugar para morar ou aquela obra de arte', e você fica um tempo enorme atrás dessas coisas e mal você consegue, já está atrás de outra conquista.

Quando você envelhece, é olhar a realidade e descobrir com tristeza que ela é deficiente. Mas o que está faltando? E como é que as outras pessoas parecem se dar as mãos e sorrir o tempo todo? 'O que elas têm entre si que eu não tenho?' É como se fosse a busca do Santo Graal, você atrás de algo mais; correndo atrás de algo que preenche meus amigos, mas que me falta totalmente. Percebo os bons sentimentos que outras pessoas têm entre si, e isso me faz sentir que eles não existem em mim.

O ponto mais fundo de minha depressão é quando perco a esperança de algo mais. É muito duro abrir mão do desejo de ter mais e me acomodar no 'Isso é o bastante'."

A inveja é também um motivador poderoso. Quando Quatros descrevem seus sentimentos de desespero pela perda de algo que parece encerrar a promessa de felicidade, dizem que é como ficar espremido entre o "Não posso ter essa coisa" e o "Preciso ter essa coisa". A pressão da inveja pode transformar o desespero numa forma de ação que atravessará qualquer obstáculo a fim de alcançar a felicidade. Há uma disponibilidade de andar para frente até que o sucesso comece a se materializar. Paradoxalmente, quando os resultados começam a surgir, a atenção com frequência se desvia para interesses diferentes.

"Toco numa banda que fez sucesso depois de vários anos. No início, antes de gravarmos nosso primeiro disco, eu ouvia outras bandas no rádio e ficava furiosa porque não estavam ouvindo a gente. Fiz o impossível para conseguir fazer aquele primeiro disco. Assim que nós gravamos, coloquei a música em segundo plano. Comecei a perder o interesse e retomei um antigo relacionamento. A gente se separou e reatou várias até que a banda começou a decair. E então fiz outro disco acontecer. E como se eu nunca estivesse satisfeita onde estou. Quando a banda está junta, existe

um cara que eu estou esperando. Se ele começa a se aproximar, começo a me perguntar se não estarei cometendo um erro."

Méritos

A vida toda passada junto ao sofrimento torna os Românticos particularmente aptos a colaborar com pessoas atravessando crise ou em aflição. Têm um vigor incomum para ajudar os outros a atravessar episódios emocionais intensos e disposição de ficar com um amigo durante longos períodos de recuperação. Quatros muitas vezes dizem que, ao se concentrar nas necessidades de outra pessoa, são capazes de desviar a atenção de suas próprias necessidades.

"Luto e abandono são as teclas que organizaram minha vida, mas não são experiências deprimentes para mim. O humor tristonho é o que mais me interessa e foi ele que me deu esse verdadeiro talento para detectar o sombrio nas mentes das pessoas. Se alguma coisa dramática ou perigosa ou profundamente perturbadora acontece, então logo me sinto presente."

"Meu marido teve uma assistente por vários anos, e eu era gentil com ela, mas nunca senti vontade de conhecê-la. De repente, seu casamento se acabou, e ela estava grávida de cinco meses. Com essa notícia ela se tornou uma figura central em minha vida. Sou muito mais propensa a ficar preocupada quando a vida é previsível demais do que quando ocorre alguma coisa preocupante."

A busca de um significado profundo nas coisas leva um Quatro a acreditar erroneamente que relacionamentos despreocupados são levianos e, portanto, indignos de consideração. Há grande atração por pessoas envolvidas nas experiências humanas mais intensas, tais como nascimento, morte e encontros com o obscuro inconsciente. Quatros se sentem bem mais reais nos momentos em que a vida e a morte os acompanham de perto, porque tais eventos exigem tanto que toda a sua atenção se volta para o momento presente. A seguinte declaração foi dada pelo organizador de um C.V.V. (Centro de Valorização da Vida).

"A felicidade é um acidente. A chama torna feliz a mariposa? Sou orientador psicológico e fiz análise durante anos. Tentei sinceramente me ver como tal, mas criei aos poucos uma suspeita de meus próprios insights e um impulso de reagir contra o que as outras pessoas vêem em mim. Sinto que a paixão dispõe de possibilidades maiores e que eu só existo de fato no centro dos meus sentimentos mais profundos."

"Como orientador, tenho uma atração por trabalhar com crises: mulheres espancadas e pessoas no limite da sanidade mental. Comecei uma hot line em nosso município e estabeleço uma relação instantânea no telefone com algum estranho que esteja por um triz, com um revólver ou frasco de comprimidos na mão."

Ambientes Atrativos

Quatros normalmente têm dois empregos: "o emprego que me dá dinheiro e o meu verdadeiro emprego como artista". São atraídos para ambientes que exigem disciplina física, como meio de se conformar a padrões especiais. Bailarina, cantora da noite, modelo fotográfico. São donos de ateliês, decoradores de interior, colecionadores de antiguidades e donos de excelentes lojas de artigos de segunda mão.

São metafísicos e psicólogos das profundezas humanas; buscam uma conexão com planos superiores da mente. São conselheiros e orientadores psíquicos, feministas, ativistas dos direitos dos animais. São atraídos para a religião, para o ritual

e para a arte.

Ambientes não Atrativos

Ambientes não atrativos incluem empregos mundanos em ambientes comuns. "Trabalho num escritório, mas aquele não sou eu." Trabalho íntimo com pessoas que ganham mais ou que têm mais. Serviços administrativos, prestação de serviços, anonimidade. Um emprego onde talentos específicos não sejam vistos.

Quatros Famosos

Martha Graham, o nome mais famoso no movimento da dança moderna, é um Quatro. Dedicada à expressão de temas místicos e do inconsciente humano em apresentações de grande escala. Iniciou uma escola de dança organizada em torno das contrações corporais que transmitem visualmente o drama interior.

Keats — Shelley — Alan Watts — Joni Mitchell
Orson Welles — Bette Davis — Joan Baez — Marlon Brando

Como Quatros Prestam Atenção

Quatros raramente vivem no presente. Seu foco de atenção viaja: para o passado, para o futuro, para o ausente, para o difícil de obter. Há uma preocupação subjacente com tudo o que pareça estar faltando: o amigo ausente no banquete, as associações perdidas numa conversa íntima.

A preocupação com coisas ausentes é temperada por uma lembrança altamente seletiva dos aspectos positivos de tudo o que esteja faltando. "A noite teria sido completa se John estivesse lá." Os melhores aspectos de John são lembrados quando ele está à distância, e se arma uma tênue rede de anseios que age de modo a desviar a atenção de um Quatro do que está realmente ocorrendo no presente. Se John estivesse presente e marcasse presença, seus aspectos menos interessantes começariam a vir à tona, e a atenção do Quatro tenderia a se deixar levar por uma das outras partes que parecem estar faltando à vida.

Românticos dizem que sentem um elo íntimo com amigos ausentes e que, na verdade, seus sentimentos de afeto podem se fortalecer com uma separação forçada. Dizem que em qualquer relacionamento deve haver um período de afastamento a fim de despertar o verdadeiro vínculo sentimental que só ocorre com a distância e com a separação.

Quando um Quatro é forçado a se concentrar no que está ocorrendo no momento atual, há uma sensação de estar sendo desapontado, de estar vendo os aspectos negativos da situação, talvez pela primeira vez. Pode parecer uma bordoadá na cara, porque há tantas decepções, e elas vêm todas de uma só vez. E como se a luz se apagasse no rosto da pessoa amada e só restasse um punhado de traços desconexos.

Involuntariamente Quatros empenham a imaginação de tal forma que os aspectos positivos ausentes se tornam um desejo opressor e, usando o mesmo desvio da atenção, amplificam na imaginação os aspectos negativos presentes de modo a parecerem muito menos atraentes do que são na realidade.

Esse desvio da atenção pode ser ilustrado pela falsa imagem que as pessoas podem criar do próprio rosto, dependendo de como se sentem a respeito de si mesmas quando olham num espelho. O mesmo rosto pode parecer bem diferente, dependendo de como dirigimos a atenção seletivamente aos pontos fortes e aos pontos fracos dos traços e de como imaginamos os pontos fortes serem mais ou menos do que aquilo que existe na realidade. Um rosto comum pode se tornar positivamente radiante se, com imaginação, acentuarmos as cores dos olhos e suavizarmos a textura da pele, e esse mesmo rosto pode parecer grotesco se nos concentrarmos nos seus aspectos mais comuns, amplificando-os com a imaginação.

Um exemplo infeliz de amplificação negativa pode ser extraído de depoimentos de Quatros predispostos à anorexia nervosa. É espantoso notar que uma alta porcentagem de Quatros relata ter o que poderia ser chamado de auto-imagem anoréxica, na qual, ao se olharem num espelho, seus corpos parecem disformes e obesos, quando, de fato, são relativamente magros. Alguns contam ter criado aversão pelo próprio corpo de modo que seu físico objetivamente atrativo se tornou fonte de preocupação mental e de repulsa.

O mesmo desvio inconsciente da atenção que serve para alterar imaginativamente as aparências físicas, também pode agir como amplificador das reações emocionais. Esse desvio da atenção serve para exagerar as respostas emocionais autênticas de um Quatro do mesmo modo que a imaginação visual pode encobrir ou acentuar a reflexão num espelho.

Por exemplo, a lembrança de um amigo distante pode rapidamente convocar sentimentos maravilhosos, uma réplica emocional da idéia de estarem juntos de novo. Se então a atenção se desviar da reação autêntica que se desenvolve a partir da lembrança do amigo para fantasias sobre o grau mais elevado de calor humano de que os humanos são capazes, a resposta autêntica se perdeu atrás de uma capa imaginativa e irrealista de falsos sentimentos. Do mesmo modo, uma pequena omissão desse mesmo amigo poderia despertar fortes sentimentos de rejeição e ódio que logo cobririam a reação autêntica e de pequena monta que a omissão teria de fato autorizado.

Para que emergjam sentimentos verdadeiros, é preciso primeiro estabilizar a atenção num ponto de referência neutro e aprender a prestar atenção às verdadeiras sensações físicas que estão sendo sentidas no momento presente.

Estilo Intuitivo

Pelo seu lado neurótico, Quatros tendem a exagerar seus dilemas emocionais; contudo, o hábito de concentrar a atenção numa pessoa distante e de ansiar por sentimentos de união e conexão pode também ter alguns efeitos colaterais notáveis. Quatros dizem que se sentem tão próximos de alguém à distância como no momento em que a pessoa está fisicamente presente no recinto. Acreditam também que seu próprio humor se ajuste a fim de ressonar com os sentimentos da pessoa ausente.

Quatros dizem que assumem as emoções alheias, que sua vasta experiência com humores cambiantes lhes permite se adequar à tonalidade emocional das outras pessoas como forma de se manter ligados a elas. Há muitas lembranças de Quatros que queriam estar com um dos pais ausentes e que passaram a acreditar serem capazes de sentir de que modo esse pai ou essa mãe se sentia em relação a eles à distância. Temendo o abandono e detestando ser ignoradas, crianças Quatros aprenderam a internalizar uma conexão sentimental com pessoas amadas que, temia-se, poderiam ir embora.

É como se se desenvolvesse um mecanismo sensor na criança em crescimento, através do qual fosse possível se adequar aos estados de espírito de pessoas significativas como forma de manter a ligação e de nunca ser abandonada. A tarefa intuitiva de Quatros que acreditam poder registrar com precisão sentimentos alheios, seria aprender a diferenciar uma projeção, baseada em temores neuróticos de serem abandonados, e possibilidade de uma relação genuinamente harmônica.

Quatros propensos à intuição se sentem muitas vezes oprimidos pelo hábito de assumir as emoções alheias. Dizem-se vulneráveis a captar a dor e a depressão sem perceber e dizem também que podem passar um dia inteiro sem se dar conta de que o humor que carregam talvez não seja o deles. Contam que, uma vez feita a ligação sentimental, não sabem dizer se o humor se origina no outro ou neles mesmos.

O lado positivo dessa forma de prestar atenção é que Quatros têm uma sensibilidade infalível para se igualar à qualidade emocional ou sentimental de clientes, membros da família e amigos. Isso é muito mais do que uma idéia ou hipótese sobre o que um amigo ou amiga possa estar sentindo; é um verdadeiro acompanhamento das flutuações do humor de outra pessoa dentro de nosso próprio corpo. Quatros altamente intuitivos são capazes de ressonar com o estado emocional de outras pessoas a ponto de saber quando o outro está disponível para uma discussão intelectual ou para o amor, ou quando é seguro expressar emotividade ou falar de todos os problemas. A declaração seguinte foi dada por um Quatro que soube usar seu talento intuitivo na prática da psiquiatria.

"Durante toda a minha vida me senti atraído pela intensidade de sentimentos em outras pessoas. Era como se eu sentisse a centelha de minhas próprias emoções quando alguém tivesse se emocionado, ou se afetado profundamente, ou se desesperado de alguma forma. Eu chamo isso de o salto do meu coração e aprendi a ser grato a ele, embora, no início, ele parecesse me acometer de maneira irracional. Por exemplo, entrar num recinto, tomado por certo tipo de humor, e de repente perceber que meu verdadeiro sentimento era outro e não ter nenhuma idéia do porquê aquilo estava acontecendo comigo. Eu também podia ficar engasgado por aquilo que eu pensava ser minha própria emocionalidade só para descobrir depois que alguém na consulta ou na sessão de terapia familiar tinha acabado de passar por uma emoção idêntica.

Acabei descobrindo que esses sinais eram às vezes projeções e outras vezes tiros certos. Muitas vezes eu sabia dizer quando se tinha dado o salto do meu coração. Outras vezes estava redondamente enganado, porque estava apenas confirmando através dos meus sentimentos o que eu supunha intelectualmente ser o sentimento de outra pessoa."

A Conexão Original com a Mente Superior

Como ocorre com cada um dos tipos, a preocupação neurótica dominante pode ser vista como indicadora da busca de determinado aspecto da essência. De uma perspectiva puramente psicológica, o conceito do retorno de um indivíduo deprimido à essência é algo como a conclusão do pesar e da dor e um amadurecimento que permite ingressar numa vida feliz. Do ponto de vista de um sistema psicológico/espiritual como o Eneagrama, o retorno de um Quatro à essência implica algo bem diferente da satisfação emocional.

A sensação de perda na infância de um Quatro prossegue na vida adulta na forma de uma consciência de fundo de que está faltando certo fator crucial para a felicidade. O leite original foi perdido e substituído por algo sem valor. As recompensas que efluem da vida material não recriam aquela conexão original para um Quatro. O Romântico pode ter de tudo e saber que algo está faltando.

Como a vida objetiva não produz satisfação, há em geral a sensação de duas realidades: o mundo objetivo e o que está por trás do cenário. A realidade objetiva não contém a promessa de satisfação, mas há indicações para os Quatros de que outras realidades da experiência eventualmente coexistem com o mundo real. Há a idéia de um plano de existência além da realidade comum e que pode ser particularmente sentido nas conjunturas mais intensas da vida emocional; naquelas conjunturas onde a tragédia força um extravasar de sentimento inconsciente ou, em assuntos do coração, onde o amor é perdido ou ganhado. Quatros dizem que, em tais momentos, pode ser sentida e percebida uma conexão àquilo que está faltando; que vivenciam uma conexão sentida com uma fonte inesgotável de sustento.

Pelo lado neurótico, Quatros são ferozmente determinados a se agarrar ao lado negro do sentimento. Querem permanecer únicos e resistem em ser remoldados como pessoas felizes comuns. Pelo lado maduro, eles estão bastante corretos na percepção de que sua natureza é mais do que simplesmente psicológica; e, graças à sua tenaz resistência em se ajustar à vida comum, eles fazem o resto de nós se lembrar daquela conexão sentida com a nossa própria consciência superior.

Uma pessoa que se sente cronicamente privada poderia inicialmente sentir a conexão com a essência como um momento de completa integração, momentos que fazem lembrar a sensação de segurança dos braços da mãe ou da rendição do próprio ser à esperança de um amor duradouro. Essa conexão com o que Quatros descreveriam como "meu eu verdadeiro" é muitas vezes sentida em momentos não verbalizados de devaneios artísticos, ou de prática de meditação, ou de paixão amorosa, aqueles mesmos estados para os quais os Quatros habitualmente se sentem atraídos.

A Virtude da Equanimidade (Equilíbrio)

A inveja descreve uma atração compulsiva para o indisponível ou inexistente. Quatros podem empregar muito tempo e energia tentando obter algo atraente apenas para achar defeito quando ele estiver ao alcance. Para Quatros gravemente obcecados, o desejo de possuir e a necessidade de rejeitar podem surgir quase ao mesmo tempo. Eles admitem se sentir atraídos por pessoas indisponíveis que eles sabem de imediato que não lhes farão bem, ou por pessoas relutantes em se comprometer num relacionamento. E assim vai a dança: "Você dá um passo para trás, eu dou um passo para frente. Se você se move para frente, eu vou para trás."

O equilíbrio é a resolução do sofrimento causado pela atração por aquilo que você não pode ter e pela rejeição daquilo que veio até suas mãos. É o reconhecimento de que você possui bastante daquilo de que você realmente precisa. Como todos os impulsos superiores, o equilíbrio é uma qualidade sentida no corpo mais do que um pensamento ou idéia de como seria estar plenamente satisfeito. Depende da capacidade de estabilizar a atenção no presente e de sentir a satisfação de ter o bastante.

O processo de encarnar a virtude da equanimidade começa com o fortalecimento da capacidade da observação de si mesmo até o ponto em que sejamos capazes de reconhecer os momentos em que a atenção se desvia para o passado, para o futuro, para o distante ou para o difícil de alcançar. Quatros sentirão equanimidade quando forem capazes de reverter sua consciência suavemente para o presente e prestar atenção à satisfação corporal que está aqui.

Subtipos

Competição nos Relacionamentos com uma Pessoa

Quatros muitas vezes competem devido a uma necessidade de ter valor aos olhos de um parceiro desejável. Num relacionamento heterossexual, isso com frequência se realiza na forma de uma mulher competindo com outra por um homem, ou um homem competindo com outro por uma mulher.

Num relacionamento não sexual, a competição é encenada como "o desejo de ter o respeito das melhores pessoas".

"Fui advogado forense durante seis anos antes de minha carreira deslanchar. O que me inspirou foi um comentário que ouvi por acaso às minhas costas, um dia, na sala do tribunal. O sujeito disse que eu era um defensor medíocre, e aquilo me enfureceu tanto que eu deslancei. O que antes tinham sido meros processos se transformaram em teste de masculinidade. Não me cansei de esperar por ele durante meses, mas por fim acabei com ele no tribunal."

Vergonha nos Relacionamentos Sociais

Vergonha de não corresponder aos padrões grupais.

"É que todos os olhos estão em cima de você quando você entra numa sala. Não são olhos de adoração. Não é nunca que você está fazendo alguma coisa imprópria, é que podem ver que você está errada por dentro."

Intrepidez (Imprudência) no tocante à Sobrevivência Pessoal

Recrutar a possibilidade da perda por meio de ações imprudentes. A excitação de jogar no limite do desastroso.

"Estive no ramo imobiliário durante anos com meu marido. Minha estratégia era tomar emprestado até o limite de tudo o que possuíamos e arriscar a sorte de expandir nosso patrimônio. A estratégia dele era mais cautelosa e, quando ele optava pela segurança, minha vontade era de baralhar toda aquela papelada e ir adiante sem ele, porque me parecia que nossa melhor chance estava indo por água abaixo e que, mesmo que algo saísse errado, valeria a pena e poderia ser resolvido quando chegasse a hora."

O Que Ajuda Quatros a Evoluir

Quatros com frequência começam terapia ou uma prática de meditação a fim de superar uma depressão ou estabilizar intensas oscilações de humor. A questão apresentada é tipicamente a relação fundamental, primária. Românticos Trágicos precisam reconhecer os momentos em que a atenção se desvia dos sentimentos verdadeiros para a idealização do inalcançável ou para a busca de defeito naquilo que é possível ter. Quatros podem se ajudar

- Aceitando o fato de que a perda na infância foi real; que precisa ser pranteada e finalmente posta de lado.

- Reconhecendo a absorção em si mesmos que ocorre durante profundas mudanças de humor. Rompendo essa absorção em si mesmos através de um movimento em direção aos outros e da concentração naquilo que é importante para outra pessoa.

- Formando o hábito de concluir projetos. Vendo as formas pelas quais projetos benéficos são sabotados ou abandonados.

- Vendo como os sentimentos de vitimização são perpetuados através da rejeição de tudo o que seja fácil de obter.

- Encontrando em si mesmos uma versão das qualidades invejadas nos outros.

- Tentando permanecer consciente do hábito de atrair os outros para explosões dramáticas. Admitindo a atração secreta por aqueles que não se deixam levar.

- Aceitando a tristeza mais do que tentando fazer a felicidade acontecer. Sabendo que o humor vai mudar.

- Informando aos outros que a intimidade produzirá um ataque raivoso ao longo das linhas do não serem compreendidos. Pedindo aos outros que mantenham uma posição firme sob ataque. Sabendo que uma presença constante dá a garantia de que os outros não abandonarão sob ataque.

- Honrando a capacidade de sentir empatia pela dor alheia, mas aprendendo a desviar a atenção voluntariamente.

- Redirecionando a atenção para a situação atual. Notar quando a atenção flutua. Notando como se presta atenção especial a aspectos negativos da situação presente.

- Formando interesses e amizades múltiplas como meios de intervir na depressão.

- Construindo o hábito do exercício físico como forma de alterar o humor.

- Notando quando sentimentos verdadeiros ficam enterrados no hábito de dramatizar emoções. Acima de tudo, notando quando uma emoção sentida no momento se transforma no "vai ficar horrível novamente."

Coisas que Quatros Deveriam Perceber

É possível que a jornada rumo à felicidade seja lenta. A satisfação com um relacionamento real no presente significa abrir mão da conexão com o ser amado original que foi mantida viva e que vem sendo recriada através das perdas. Quatros deveriam tentar sentir satisfação com a vida no presente e prestar atenção especial à diferença entre sentimentos reais e emoções dramatizadas. À medida que os padrões mudem, Quatros deveriam perceber que as seguintes reações podem ocorrer.

- Querer examinar detalhadamente um milhão de ângulos e abordagens do mesmo problema como forma de não sair do lugar.

- Não querer ser categorizado nem ser visto como alguém que tem um problema comum. Sentir que os outros não compreendem a singularidade e a gravidade da situação psicológica. Temer que se possa alterar uma pessoa erroneamente através da terapia.

- Querer uma cura mágica. Querer ser "levado a algum lugar" pela meditação.

- Impaciência com a vulgaridade de sentimentos comuns. Querer reintensificar

as emoções através da perda, da fantasia e dos atos dramáticos.

- Lamentação. "É tarde demais para mudar." Ou "Se eu ao menos tivesse agido de outra forma."

- Pensamentos e gestos suicidas. Um grito de socorro. "Se apenas soubessem como me sinto." Ou "eles verão como sofri depois que eu me for". Essa reação deve ser checada com cuidado para ver se contém sinais de uma tentativa em potencial.

- Desejo de luxo. "Lavar roupa está abaixo de mim."

- Comparações invejosas com outras pessoas. "Ela é mais bonita." "Ele se veste bem."

- Seduzir e rejeitar. Achar defeitos nos outros antes que eles rejeitem você.

- Intensa autocrítica. Percepção equivocada de si mesmos e do próprio corpo como sendo de certa forma repugnante. Às vezes uma imagem anoréxica de si mesmo é percebida como obesidade quando não é objetivamente assim. Anorexia ou bulimia como sintomas.

- Sarcasmo mordaz, diminuir os outros. É por culpa deles que você está sofrendo.

- Pedir conselho e depois rejeitá-lo. Não ser capaz de abrir mão da intensidade do sofrimento.

10. Ponto Cinco: O Observador

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | ESSÊNCIA | | |
|--------------------------|------------------|---------------------------------------|----------------|-------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | MESQUINHEZ | Mente Superior | ONISCIÊNCIA |
| CORAÇÃO | Paixão: | AVAREZA | Virtude: | DESAPEGO |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | COMPARTILHAR CONFIDÊNCIAS (RESERVADO) | | |
| | Social: | BUSCAR TOTENS | | |
| | Autopreservação: | BUSCAR O CASTELO (LAR) | | |

O Dilema

O ego do Observador é como um castelo, uma estrutura alta e impenetrável, com minúsculas janelas no topo. O ocupante raramente deixa seus muros, observando em segredo quem vem até a porta e evitando ao mesmo tempo ser visto. Observadores são pessoas muito privadas. Gostam de viver em lugares ermos, longe da tensão emocional. Com frequência estão em casa com o telefone desligado e observam a ação à margem da multidão, fazendo uma tentativa exploratória de tomar parte.

Cincos se sentiram incomodados quando eram crianças; as paredes do castelo foram rompidas e sua privacidade roubada. Sua defesa estratégica é a retirada, minimizar o contato, simplificar suas necessidades, fazer todo o possível para proteger o espaço privado. Cincos dizem que inventam formas elaboradas para criar uma distância segura, porque, assim que alguém se aproxime demais, eles perdem sua defesa fundamental. O mundo exterior parece intrusivo e perigoso. Em consequência, Observadores preferem acolher o pouco que encontram pelo caminho a se arriscar a deixar os muros seguros do lar.

Podem ser ermitões, levando uma vida reclusa e em geral mental, dentro dos limites de uma casa pequena, se aventurando a sair apenas até a biblioteca e até o mercado. Podem ser também bastante públicos, mas numa posição de controle remoto, onde as interações da linha de frente são feitas por outros que provavelmente farão relatórios por telefone. Quando Cincos aparecem em público, é provável que estejam se escondendo numa pose, o que significa que minimizaram seus sentimentos antes de entrar em cena.

Cincos preferem não se envolver. Transações financeiras têm a sensação de perigo. Compromissos são coercivos. A raiva e a competição devem ser controladas, e os vínculos emocionais são sentidos como se fossem um dreno. Cincos também podem se sentir coagidos pelas expectativas positivas das pessoas. A distância segura significa não se envolver, e, a menos que se trate a intimidade e a afeição com garantias de continua independência, Cincos encontrarão meios de se esconder ou de isolar o contato íntimo num setor regularizado de sua vida global.

Cincos são particularmente sensíveis a interações que os tornem visíveis aos outros. A autopromoção, a competição e as demonstrações de amor ou de ódio, tudo isso faz Cincos se sentirem como se estivessem dando vantagens a outras pessoas. Cincos se mantêm afastados de interações em que possam ser julgados; um hábito de autoproteção que muitas vezes é mascarado por sentimentos de superioridade em

relação àqueles que suspiram pelo reconhecimento e pelo sucesso. Acreditam que os desejos e a emocionalidade intensa denotam falta de controle e que, quando os sentimentos são dolorosos, deveriam ser tirados da mente. Há uma sensação de realização por serem capazes de se livrar tão facilmente das necessidades que dominam a vida de outras pessoas.

É bem verdade que Cincos são pessoas independentes. Podem viver felizes na solidão, têm necessidades muito modestas, sentem grande prazer com a fantasia de sua própria vida e não se desviam de seus objetivos para gastar tempo e energia com interesses triviais. Sua independência, porém, se baseia em sua capacidade de afastar a atenção de sua vida emocional e instintiva, o que tem o dispendioso efeito secundário de forçá-los a viver em suas mentes.

O amor à privacidade se transforma em solidão quando um Cinco se isola e não consegue alcançar os outros. Quando a fome de contato é despertada, Cincos percebem que é muito difícil ir até as outras pessoas e que é muito freqüente ficarem observando a própria vida passar. Vivem numa atmosfera de escassez, preferindo a "independência" à satisfação, vigilantes de seus próprios desejos que podem levá-los a se ligar a outras pessoas. Vazios por dentro e incapazes de pedir mais, tornam-se extremamente apegados ao pouco que têm: algumas lembranças para preencher o espaço vazio e algumas idéias incalculavelmente preciosas para a mente faminta. "Quando quero fazer contato, é como morrer de fome num banquete. Suspiro pelos sentimentos que vejo nos outros. Não posso avançar nem posso retroceder. Minha mão é uma pedra de gelo no meu colo debaixo da mesa." Desconectados da emoção e ansiando por uma conexão, Cincos investirão tempo e esforço infundáveis para reencontrar um vínculo mental que os traga de volta à sua própria humanidade. Tendo centrado sua existência na mente, Cincos buscam uma conexão por meio do conhecimento especializado.

Observadores são fortemente atraídos por modelos e sistemas que expliquem os princípios universais das interações, e particularmente do comportamento humano. Dominando um sistema tal como a Matemática, ou a Psicanálise, ou ainda o Eneagrama, eles são capazes de formar um conceito mental sobre como ocorrem as interações e de se situar dentro do sistema de uma maneira emocionalmente desligada. Raras vezes seu interesse é atraído pela riqueza ou pelas coisas materiais. Dinheiro é bom apenas pela privacidade que compra e pela independência de ter tempo livre para estudar e seguir seus outros interesses. Cincos não gastarão sua limitada energia na aquisição de grandes quantidades de coisas mundanas. Se herdarem dinheiro, é provável que o acumulem pela independência que garante, mas continuarão a viver num luxo modesto. Se nascerem sem dinheiro, não trabalharão para outras pessoas a fim de acumulá-lo. No entanto, destinarão tempo e esforço intermináveis para o estudo e para outras atividades mentais.

Cincos dizem que têm mais acesso aos seus sentimentos quando não há ninguém por perto para ver. Dizem que é difícil liberar o eu verdadeiro com outras pessoas por perto, que a solidão é a plataforma para as fantasias de sua vida privada. Dizem que se desligam de seus sentimentos durante a maior parte do tempo, que precisam ficar sozinhos para "separar as coisas e descobrir o que realmente estou sentindo". Dizem que se sentem mais ligados às pessoas quando estão sozinhos, recordando o que foi dito, do que durante uma conversa ao vivo. Seu prazer pela vida surge mais facilmente quando estão a sós e livres para saborear retroativamente o que se deixou de sentir no decorrer do dia.

Um rápido encontro pode significar muito para um Cinco que desfrutará a interação mais tarde, na privacidade do lar. Cincos têm queda por compartilhar interesses especiais ou certo vínculo especial de entendimento com cada um de seus diferentes amigos. Os amigos talvez nunca sejam apresentados entre si nem

informados das outras coisas que estão ocorrendo na vida do Observador, mas sua presença será muito apreciada dentro dos limites do vínculo especial de confiança. Cinco são capazes de se sentir intimamente ligados de uma maneira não verbal, precisando apenas de um contato mínimo para manter vivo um relacionamento. Pequenos rituais de amizade serão reverenciados, e, se os amigos forem inteligentes, farão de um Cinco seu conselheiro-observador em vez de esperarem que ele ou ela demonstre emoção ou que seja o iniciador de um relacionamento.

As preocupações habituais de um Cinco incluem

- Privacidade.
- Manter o não-envolvimento; retirar-se e apertar o cinto como primeira linha de defesa.
- O ponto do medo. Tem medo de sentir.
- Supervalorização do autocontrole. Desviar a atenção dos sentimentos. "O drama é para seres inferiores."
- Emoções retardadas. Sentimentos retidos enquanto há outras pessoas presentes. As emoções aparecem mais tarde quando sozinho e em segurança.
- Compartimentalização. Os compromissos na vida são mantidos separados uns dos outros. Um compartimento por compromisso. Um tempo limitado para cada compartimento.
- Desejo de previsibilidade. Querer saber de antemão o que vai acontecer.
- Interesses por conhecimentos específicos e por sistemas analíticos que possam explicar como as pessoas funcionam. Querer um mapa para explicar as emoções. Psicanálise. Eneagrama.
- Confusão entre o desapego espiritual e um prematuro bloqueio emocional para afastar o sofrimento. O Buda não iluminado.
- Um estilo de atenção que consiste em focar a vida e a si mesmo a partir do ponto de vista de um observador exterior, o que pode levar
 - a um isolamento em relação aos sentimentos e aos eventos de sua própria vida, e
 - à capacidade de manter um ponto de vista isento de influências emocionais.

História de Família

Há dois padrões de família que normalmente fazem as crianças querer se retrair. O primeiro é descrito por aqueles que se sentiram tão completamente abandonados que aceitaram seu destino, mas aprenderam a se desligar dos sentimentos a fim de sobreviver. O segundo, e o relato mais freqüente sobre a infância, é aquele em que a família era tão psicologicamente intrusiva que a criança se fechou emocionalmente com o intuito de escapar.

A seguinte declaração foi dada por um homem com o perfil clássico do Cinco. Ganhou muito dinheiro numa obscura modalidade comercial em que é o único especialista no campo, mas prefere viver num bairro precário de San Francisco, por-

que o aluguel é barato e o restaurante chinês onde faz todas as refeições fica à meia quadra de distância.

"Lembro-me é do silêncio e do prazer de ficar sozinho. Éramos cinco pessoas girando em órbitas separadas em partes diferentes da casa. Não havia muito diálogo e absolutamente nenhum toque. Nossos pais nasceram surdos e, igual a todas as pessoas surdas, não sabiam modular a voz. Então, ficar em público com eles era suportar aquela gritaria estranha que atraía muitos olhares e dava em você vontade de se esconder dentro de uma ervilha no seu prato.

O que eu mais sentia era o desejo de não ser visto, e assim me tornei perito em me camuflar atrás do pé de palmeira no vaso, ou a me distrair me deixando absorver pelos quadros nas paredes, sempre que eu saía com eles, tentando o possível para desaparecer de cena."

O segundo modelo de infância foi exemplificado por um operador de computador que gosta de trabalhar à noite quando não há ninguém no escritório, exceto, ocasionalmente, o pessoal da limpeza, e há mais de uma centena de máquinas silenciosas.

"Cresci convivendo com sete pessoas numa casa de sala e dois quartos. Não havia jeito de ficar sozinho, a menos que a gente saísse ou fosse para o banheiro. Aí eu inventei meu cantinho privado no alto de uma árvore. Subia para me desligar, para ler e espiar as outras pessoas.

Sempre que meus irmãos descobriam meu esconderijo, eu tinha de mudar de árvore. Eu tinha uma necessidade desesperada de ficar sozinho, porque era a única ocasião em que eu podia estar a sós comigo mesmo e não precisava tentar escapar das pessoas que me obrigavam a fazer o que era bom para elas.

Então, comecei a crescer, e o meu terror eram festas ou qualquer outra coisa que significasse encontrar pessoas e ter de me vestir todo. Eu simplesmente não chegava a tempo para não ter de ficar conversando à toa, dizendo coisas previsíveis. A primeira coisa que eu fazia ao chegar era descobrir onde ficavam as saídas e traçava meu plano de deslizar da frente até ficar em posição perto de uma delas. O pior era ficar preso numa conversa, especialmente com alguém que quisesse tirar algo de mim."

Distância Emocional

Crianças que sentem que têm de escapar vão achar maneiras de se distanciar. Uma forma é ficar no quarto e fechar a porta. Outra é erguer um muro de distanciamento emocional, separando-se de seus sentimentos. Você poderá com o tempo aprender a suportar diretamente o olhar de alguém que esteja tentando se intrometer em sua vida e não sentir nenhuma reação contra sua intromissão. Como disse um exemplar do tipo: "Eles podiam tentar me controlar, mas nunca puderam chegar até mim."

"Nós estávamos no restaurante, e minha mãe começou a ler o cardápio em voz alta: 'Eles têm filé com purê de ervilhas, berinjela picante, etc.' Ela sempre fez isso, e sempre achei isso doloroso. Para me decidir por um prato no cardápio, eu mesma tinha de ler cada item e checá-lo com minha reação interna, o sabor, a textura; mas, quando sou bombardeada por mamãe sobre as opções de uma forma que não combina com meu ritmo interno, é perder tempo.

É preciso muita concentração interna para criar a distância, a parede atrás da qual você pode ler em paz o cardápio e tomar sua decisão. Ao mesmo tempo, há uma sensação de invasão, de impotência. Mais tarde estamos no zoológico e no Jardim de Rosas, e mamãe está descrevendo e interpretando tudo: 'Olhe aquilo. Oh, como é lindo. Veja, há uma rosa de Joseph Coat. Aquela lá se chama de Pink Peace.' Mais uma vez, nenhum espaço para você sentir as rosas sem ser direcionada.

Acabei agindo como fazia no primário, ficando para trás ou andando na frente, tentando manter distância dela e mesmo assim não conseguindo porque fico observando como ela reage, esperando a qualquer momento que ela me interrompa a concentração. Estarei fazendo uma cena? Será que ela vai achar isso uma grosseria? Estou tão tensa por causa dela que parece que não estou no jardim e sinto que tenho de ficar sozinha para poder apreciar as rosas."

A melhor forma de manter autonomia em relação a uma influência coerciva é na ausência de conexões fortemente sentidas. A versão de um Cinco para controlar uma situação é parar de reagir a ela em vez de tentar se encarregar do problema ou tentar controlar as outras pessoas envolvidas. Controlar reações pessoais, em geral, significa suspender os sentimentos enquanto se dá uma interação e selecioná-los mais tarde, na privacidade do lar.

"Quando eu era mais novo, eu me transformei num solitário de tal forma que, sempre que tinha de ficar entre pessoas, eu imitava os rostos e maneirismos delas a fim de me ajustar à cena. Eu gostava de ficar sozinho e não achava nada dentro de mim que quisesse companhia; por isso criei um sistema para quando tivesse de ficar no meio de gente, que consistia em observar como elas agiam e tentar me comportar do mesmo modo. Eu via pessoas se acariciando nas ruas, e às vezes aquilo me fazia sentir sozinho, pensando no que se passava dentro delas."

Mais tarde comecei a odiar esse isolamento. Eu queria compartilhar algo do que tinha descoberto enquanto estive sozinho, mas o verdadeiro prazer de estar com alguém só viria depois, quando eu ficasse sozinho de novo. Era como se lembrar o encontro fosse bem mais intenso do que o fato de estar juntos. Eu ficava combinando os sentimentos que surgiam com a lembrança para descobrir quais deles encaixavam."

Passaram anos até eu sentir alguma coisa na hora em que algo intenso está acontecendo em vez de me deixar levar por uma mancha interessante na parede e começar a desaparecer dentro dela."

Cincos comumente relatam um artifício perceptivo que mantém pessoas à distância. Há uma sensação de observar os outros, como se houvesse um vasto espaço vazio entre eles e as outras pessoas no recinto, ou como se eles estivessem engajados numa conversa a partir da perspectiva de estar do lado invisível de um espelho de manejo.⁸ Estando invisíveis, podem observar com imparcialidade sem ter de se inserir na conversa nem de reagir de forma apropriada. De vez em quando Cincos relatam que, ao serem forçados a conversar, não apenas vêem os outros fisicamente distantes, mas também como "caricaturas, como alienígenas de outro mundo".

"A coisa acontece sob a pressão de não querer ser visto. Se não consigo escapar nem me distrair com livros de arte na mesa do café, então me misturo ao ambiente e removo minha presença para que ninguém saiba que estou lá. Tenho conseguido entrar na parede tão bem que um amigo pode vir à minha procura e passar direto sem me achar."

Entrar na parede funciona melhor se você tem uma bebida ou uma bolacha na mão e se puder se misturar ao ambiente como um todo. Mas o principal é desviar toda a atenção para trás de você mesmo, até saber que não pode ser visto."

Dessa perspectiva, as coisas parecem bem mais interessantes. Você fica vendo uma sala cheia de indivíduos grotescos andando ao redor, como na cena do bar em Guerra das Estrelas, ou noutra estranha fita de alienígenas."

A tática defensiva de não se envolver em embaraços emocionais se estende tanto para emoções positivas quanto para negativas. Querer alguma coisa é abrir a

⁸ *Espelho de manjamento*, em inglês *one-way mirror*. Tipo de espelho (usado em celas ou cadeias especiais), onde o observador de um lado vê uma cena do outro, sem ser visto. (Nota do revisor)

porta para a perda, e querer muito significa sofrer as conseqüências de se permitir se apegar a outros e deles depender.

"Minha idéia de segurança era desligar meus sentimentos antes que eles me dominassem. Sempre pude me arrumar sozinho, então por que deixar as coisas chegar ao ponto de eu ter ciúmes ou me sentir traído? Assim a idéia era nunca pegar cartas em número suficiente para ficar preso no jogo.

Há quatro anos, depois de quase dez anos de um relacionamento em que nos víamos numa base de três vezes por semana, minha namorada declarou que seu relógio biológico estava se esgotando e que, a menos que nos casássemos e formássemos família, ela me deixaria para encontrar outra pessoa.

Comecei a sentir falta dela mesmo quando estava sozinho. Eu não podia me casar com ela nem deixá-la ir embora. Enfim concordei porque pareceu que, de qualquer forma, eu ia perder alguma coisa. Nos meses antes da chegada do bebê, eu entrei em pânico. Não sabia se poderia assumir as constantes interrupções e solicitações de tempo.

Mais ou menos um mês após o nascimento, percebi que eu tinha mudado. O bebê chorava, e eu simplesmente ia e o tomava no colo em vez de ficar brigando comigo mesmo por querê-lo fora do quarto. Mas meus sentimentos não se desligaram. Consegui ficar sentindo o que quer que fosse na hora em vez de me desvencilhar e resistir até que eu pudesse estar sozinho."

Prevendo e Revendo os Sentimentos

Cincos normalmente relatam que tentam obter de antemão informações completas sobre um evento a fim de poder se preparar prevendo tudo o que possa ocorrer. A vontade é de serem prevenidos acerca de qualquer encontro imprevisível ou potencialmente constrangedor. Qualquer coisa inesperada ou qualquer exigência forte por parte de outros tende a pôr em pânico um Cinco por ele ou ela ter de se sentir numa situação não desejada.

O hábito de prever uma interação permite a um Cinco permanecer relativamente à parte durante a ocorrência do evento. A estratégia é examinar um evento secretamente e com antecedência, imaginando a melhor forma de se comportar, e então se desligar dos sentimentos enquanto transcorre o evento, muitas vezes com a sensação de "Já passei por isso antes". Quando, de novo, na segurança de sua solidão, o Cinco vai então organizar o evento e os sentimentos a ele relacionados a fim de calcular uma postura emocional.

"Estar despreparado é assustador. Sempre me muno de detalhes sobre um jantar e sobre quem vai estar lá. Aí me vejo fazendo a minha parte, qual será o cardápio e os antecedentes de quem foi convidado. Em geral me empenho tão bem na coisa que, quando chega a hora de vivenciar, não estou realmente dentro de mim mesmo.

Leciono línguas antigas na universidade local. No princípio foi ao mesmo tempo excitante e assustador, mas, assim que me acostumei com o material e com as aulas, vi que me desligava mentalmente, muitas vezes a ponto de ficar pairando nalgum ponto acima e por trás de mim mesmo e dali me observando dar minha aula.

Seria preciso qualquer coisa totalmente inesperada, tal como um aluno de repente gritando 'Fogo!' para que eu voltasse a mim mesmo e percebesse que de fato estava sendo visto por vinte pessoas numa sala de aula. Quando saio para fora de mim, a sensação é de que meu eu verdadeiro está pairando acima de tudo, observando meu outro ser professoral e respeitável sendo divertido, dizendo coisas inteligentes ou qualquer outra coisa que eu tenha ensaiado.

Me sinto realmente irritado por tudo isso ser tão previsível, e vem o desejo de

que alguém perceba que não estou onde pareço estar, ou que alguém seja terrivelmente brilhante e me faça uma pergunta que interrompa a monotonia de eu me observar a mim mesmo, como um curioso que observa a vida alheia."

Observadores ficam mais disponíveis emocionalmente quando os limites de uma interação são claros. Quando conhecem os limites da agenda e o tempo de duração do encontro, ficam libertos para se expressar plenamente e apaixonadamente de acordo com o tópico e com o prazo de tempo. Podem estar bem ensaiados, mas é mais provável que estejam em contato com os sentimentos no local e no momento quando estão inteirados do que se vai fazer, e é mais provável que se desviem para observar quando ocorre qualquer coisa imprevista. Vão querer ir para casa quando a agenda estiver concluída e quando chegar a hora da conversa fiada.

Muitos Cincos relatam que são muito mais extrovertidos e que têm facilidade de ir ao encontro dos outros quando estão viajando. É a situação ideal para que eles se expandam, porque existe a idéia de ser observador de uma cultura diferente e porque eles podem controlar o tempo da permanência. Em consequência, podem desfrutar uma situação única plenamente e vão querer condensar tanta experiência quanto possível numa pequena porção de tempo e armazenar lembranças para saboreá-las mais tarde.

"Fui botânico e ensinei vários anos nessa área. Um dia simplesmente abandonei tudo e desde então tenho viajado sem parar. Há em mim uma compulsão de existir com um mínimo, uma grande excitação em entrar num local desconhecido, com uma linguagem mínima e cerca de vinte dólares para sobreviver. Tenho feito isso constantemente, forçando o tempo a me dar alguma coisa. Preciso me virar ao máximo para chegar ao fim do dia."

"Depois que eu faço amigos, aprumo uma garota e encontro sustento, começo a querer ir embora. Há uma enorme intimidade num período intenso de tempo, e então vou embora de novo. Logo que eu saiba em que pé estou com as pessoas, há o desprazer de saber o que elas esperam de mim. Quando me afasto, tudo isso desaparece, e fico com certa saudade do que me aconteceu por lá, e essa saudade não me larga e fica comigo pra sempre."

Compartimentalização

A primeira linha de defesa de uma tentativa elaborada de criar uma distância segura é se retirar fisicamente, desligar o telefone e ficar incomunicável. Uma forma mais interna de manter distância envolve o desligamento da atenção de modo que experiências potencialmente intensas sejam emparedadas e separadas umas das outras. Cincos separam os diferentes setores de sua vida. Há amigos diferentes para diferentes setores que nunca serão apresentados e que nunca saberão a respeito das outras pessoas na vida do Observador. Cincos sabem construir interesses apaixonados dentro de limites específicos de tempo e de espaço, interesses estes que serão então postos de lado até chegar de novo "aquela hora". A compartimentalização da vida em setores isolados significará para um Observador privacidade mais do que uma aversão a ser conhecido totalmente. É como se Cincos tivessem tão pouca defesa contra outras pessoas numa arena aberta de negociação ou conflito, que a defesa preferida é não chamar a atenção de modo algum.

"Sinto que se alguém entra pela minha porta, é capaz de me tirar a camisa. É como a defesa de um gato sem garras; você sai e tem de fechar a porta para tudo porque não tem os recursos para encarar uma briga. Em vez de lutar bato em retirada, o que significa que vão levar tudo e mais uma vez terei de me privar."

O outro problema de eles me tirarem a camisa é que eu tenho tão pouco que essa talvez seja a única que eu tenho. Mas prefiro tirar a camisa do corpo a ter de

disputar com alguém sua posse."

Outra forma de criar uma distância segura é seccionar as lembranças de modo que aquilo que você fez de manhã pareça desconectado do que vai fazer à tarde. A memória descontínua não significa que você não possa se lembrar do que disse de manhã; é antes como se os eventos de sua vida parecessem ocorrer em pequenos capítulos sem que haja uma disposição psicológica contínua para ligá-los como um todo.

"O topo de minha lareira está repleto de suvenires, e a razão de eu me apegar a essas pequenas coisas é que elas acumulam uma grande quantidade de lembranças num objeto diminuto que me traz de volta todo um período de minha vida. Tenho uma caixinha com alguns fios do suéter que usei durante quatro anos na faculdade. Tenho ainda a ponta do taco de sinuca que usei para me ajudar o tempo que fiquei naquela escola apostando em mim mesmo; e tenho os cordões umbilicais dos nascimentos de meus filhos. Há também algumas lembranças das viagens que fiz, o que me ajuda a recordar aqueles tempos maravilhosos.

Também coleciono fatos. Chamo minha mente de papel mata-moscas: uma coleção impressionante de fatos desligados uns dos outros sobre tudo o que possa me interessar. Amontoaram-se feito pontinhos, e cada vez quero mais, mas posso perder o fio de como eles deveriam formar um todo."

As Alegrias da Privacidade

Cincos ganham vida quando estão sozinhos. Com frequência precisam se afastar de pessoas a fim de recarregar suas baterias e liberar os sentimentos que foram contidos enquanto estavam na presença alheia. O tempo privado de um Cinco é preenchido por devaneios e por pensamentos sobre coisas de interesse. Eles gostam muito da companhia de suas próprias mentes e, a menos que sua privacidade se aprofunde e se transforme em sentimentos de isolamento, raramente estão deprimidos ou aborrecidos por não ter nada que fazer.

Embora Observadores possam parecer solitários e socialmente isolados, do ponto de vista de tipos mais extrovertidos, Cincos por si próprios preferem estar sozinhos. São, de fato, extraordinariamente independentes. Não se voltam para outros em busca de aprovação, preferem ser economicamente auto-suficientes, insistem no poder ir e vir conforme lhes agrada e querem permanecer livres das exigências emocionais dos relacionamentos de dependência. Como Cincos não buscam reconhecimento, uma vida plenamente autônoma pode ser construída dentro de casa, onde Observadores podem viver felizes na companhia de seus próprios projetos e fantasias. A declaração seguinte foi dada por um jovem cineasta que, no início, trabalhou com fotografia por se sentir à vontade em público por trás das lentes de uma câmera.

"Sou tido como um sujeito expansivo e social, o que é totalmente diferente de como eu me sinto por dentro. A expansividade é porque, quando estou filmando, fico completamente apaixonado pelo meu script e sei exatamente o que quero que todos na cena façam a fim de captar aquela visão na celulóide. Como tudo é premeditado e controlado com toda a rigidez possível, as pequenas improvisações por parte dos atores, ou as improvisações visuais inesperadas que surgem quando o filme é revelado, têm grande valor para mim. As horas mais felizes da minha vida são quando estou sozinho na sala de projeção assistindo à minha própria imaginação ganhar vida."

Formas de se Esconder em Locais Públicos

Pessoas que preferem estar sozinhas, mas que têm necessidade de aparecer em locais públicos, criam formas engenhosas de desviar a atenção de si mesmas. Uma tática óbvia é mudar a conversa para um tópico de interesse mútuo, ou desviar o foco de luz para o trama de outra pessoa. Cincos podem dar o apoio de sua amizade, desde que estejam na função de conselheiros de pessoas que busquem a própria independência em suas vidas e que não esperem extrair um vínculo emocional do Cinco.

Outra forma de Cincos desviarem a atenção é se familiarizarem com um método que encerre a complexidade do comportamento humano num sistema mental abrangente. Cincos podem se relacionar com outras pessoas em profundidade e compreender a perturbação emocional de um ponto de vista puramente mental, estudando um sistema tal como a Psicanálise ou a Astrologia. Ao aprenderem como as pessoas funcionam emocionalmente, eles são capazes de falar com desenvoltura sobre padrões de sentimentos, sem ter medo de se envolver pessoalmente. Alguém de fora pode ver a preocupação de um Cinco com a abstração sistemática como uma forma de se subtrair aos vínculos pessoais, substituindo sentimentos por idéias de como devem ser os sentimentos de uma pessoa.

Cincos são especialistas em outra forma de se ocultar publicamente: desaparecer por trás de uma pose apropriada. A pose é ajustada conforme as circunstâncias. Por exemplo, um tipo Cinco que era um excelente músico de rock conseguia se apresentar com muitas bandas de nome posicionando a atenção ligeiramente fora de si mesmo e executando uma rotina bem ensaiada. A pose a ser adotada num coquetel poderia compreender uma roupa, uma bebida e o posicionamento correto do joelho ao cruzar as pernas. Sua esperança era que, se ele fosse capaz de desviar bastante atenção para a casca, não precisaria habitar a casca por toda a duração da festa.

Relacionamentos Íntimos

A questão central para Cincos é o medo de sentir. A intimidade é uma pressão na defesa básica de desviar a atenção de emoções intensas; o que significa que um Observador apaixonado está pego entre a influência de fortes sentimentos positivos e o hábito de não querer sentir nada absolutamente.

Cincos lutam com o fato de ser mais emocionais em relação às pessoas quando estão sozinhos e quando estão recriando um encontro do que quando essas mesmas pessoas estão fisicamente presentes. Dizem que muitas vezes ficam congelados durante um encontro face a face e que precisam ficar sozinhos para descobrir o que estão sentindo. O fato de serem capazes de sentir mais em retrospectiva, quando estão livres de intrusão, fica patente ao procurarem o isolamento logo após um encontro profundamente íntimo. Facilmente esgotados pelo contato intenso ou contínuo, Observadores vão se recolher para descobrir em que pé estão. O recolhimento imediato após a intimidade com certeza afetará o parceiro, que talvez não tenha a mesma capacidade de se desprender. Como Cincos raramente falam sobre isso, em geral, seus amigos não têm consciência de quanto eles se concentram nas pessoas significativas em suas vidas durante seus períodos de isolamento, ou de quanto tempo é gasto prevendo ou revendo seus encontros com pessoas que são importantes em suas vidas. Um poderoso vínculo mental pode ser formado por parte do Cinco, sem que a outra pessoa envolvida tenha consciência de como se tornou central na vida interior do Cinco.

Quando um relacionamento é mentalizado, ele pode ser desfrutado um pouquinho a cada vez, de maneira abstrata. Observadores tentam combinar seus sentimentos aos seus pensamentos quando estão sozinhos de modo que possam finalmente se reconciliar com aquilo que sentem. Como desviam a atenção de emoções intensas e como mentalizam suas afeições, Cincos com frequência são vistos pelos parceiros como permanentemente retraídos e, portanto, como emocionalmente frios.

De positivo para o contato íntimo, Cincos apreciam as pessoas em muitos níveis abstratos de relação. O comprometi

mento é primeiro assumido mentalmente e depois emocionalmente. Uma vez assumido, o comprometimento pode ser duradouro, embora sempre com limites claros de tempo e energia.

De negativo, a cisão entre querer sentir e querer se desprender se torna extrema numa relação íntima. Decididamente evitarão situações que produzam sentimentos espontâneos, especialmente a confrontação. Por fim, qualquer parceiro se sentirá no papel de agente ativo; aquele que tem de iniciar, aquele que tem de partir na direção do Cinco.

Exemplo de Relacionamento de Casal: Cinco e Nove, o Observador e o Mediador

Ambos os tipos compartilham a consciência de uma comunicação não verbal. Haverá muitas noites em casa em que os parceiros se sentirão seguros e compreendidos reciprocamente, mas sem ter de dizer isso diretamente. Cada um dará naturalmente ao outro o espaço privado necessário para tomar decisões e chegar a uma posição pessoal autêntica.

A sexualidade pode se transformar em outra importante comunicação não verbal para o casal, com a probabilidade de o Nove se deixar absorver inconscientemente pelo estilo sexual do Cinco. O Nove buscará o Cinco numa tentativa de absorver os desejos do parceiro, o que (num interessante entrosamento de energias) transforma os desejos não expressos do Cinco, por natureza retraído, num ponto focal para a ação. A rotina doméstica também será uma área de contato verbal, com cada um valorizando os encontros familiares do dia-a-dia na cozinha e à hora do jantar como um meio familiar e seguro de passarem algum tempo juntos.

É improvável que um interfira nos interesses do outro. Se o Nove quiser desviar energia para atividades múltiplas, isso não incomodará um Cinco, a menos que atrapalhe a rotina doméstica. Se o parceiro Cinco quiser compartimentalizar atividades, isso também será aceito, a menos que o Cinco comece a fazer segredos e abandone o elo de confidências. Desde que cada um deles saiba dizer ao outro o que está ocorrendo em sua vida, os parceiros podem se dar mutuamente bastante espaço com um mínimo de interferência. Os dois tipos, contudo, tendem a reter informação como autodefesa e ambos podem se tornar extremamente ciumentos. Dificuldades surgirão se um dos parceiros criar distância recusando sexo ou informações pessoais ao outro.

Se o Nove aplicar energia a projetos pessoais, o Cinco assumirá uma posição de aconselhador e começará a ver as atividades do Nove como pontes interessantes para o mundo exterior. Se o Nove, porém, começar a ficar dependente demais do apoio do Cinco, ou se tentar arrastá-lo a participar de atividades, poderá surgir um grave racha, em que o Cinco se sentirá abarrotado pela dependência do parceiro, e o Nove se sentirá abandonado com o afastamento do Observador. Noves podem se

tornar dependentes de aprovação e de demonstrações de afeto, e nesse caso o Cinco será inflexível em afirmar que o parceiro deveria saber que ela ou ele é importante, sem precisar ouvir isso com muita frequência, e começará a impor limites ao tempo gasto com um parceiro emocionalmente carente. O Nove se sentirá duplamente abandonado se o Cinco começar a negar tanto sexo como provas de afeto. A saída do Nove é se concentrar em interesses externos como forma de devolver vitalidade ao relacionamento. Uma vez a atenção direta seja desviada do Observador, ela ou ele se sentirá menos pressionado e começará a se concentrar de novo nos interesses do casal.

O tédio pode ser outra armadilha para o casal. Cada um busca no outro energia e animação, e cada um se preocupa com a falta de energia e de animação. O tédio despertará a crítica: o Nove vai criticar por ter se deixado absorver pelos desejos do parceiro e por não encontrar neles nenhuma inspiração; e o Cinco vai criticar porque a raiva desponta intensamente sempre que o ambiente doméstico parece dar segurança bastante para a expressão de emoções negativas. A raiva de um Cinco geralmente se expressa pelo amuo ou então por um silêncio pétreo, negativo, que fará um Nove se sentir muito constrangido.

Se um deles ameaçar abandonar o relacionamento, ou se começar um caso por fora, surgirá muito ciúme inesperado. Se o Cinco tiver se afeiçoado ao parceiro, embora isso possa ser negado intelectualmente, então perder o relacionamento será como perder a própria vida. Do mesmo modo, o Nove sentirá que os aspectos de seu eu que se fundiram ao parceiro serão decepados e perdidos para sempre. Em outro interessante entrosamento de emoções, uma briga ou o ciúme salvará o casal do tédio, levando-o a se conscientizar de como o relacionamento se tornou importante.

Pode ser doloroso tanto para um Nove quanto para um Cinco ser arrastado até o ponto de um compromisso efetivo. Quando um Nove resolve se comprometer, e quando um Cinco desenvolve um sentimento contínuo por outra pessoa, a ligação pode se solidificar dando-se e reiterando-se pequenas demonstrações de afeto. O Nove precisa de uma fusão emocional e erótica, e o Cinco precisa de confiança quando aparecem sentimentos.

Relaciamentos com a Autoridade

Cincos têm aversão a colocar seu tempo e sua energia à disposição de outras pessoas. Vivem com a sensação de possuir recursos limitados de energia e de se esgotar facilmente com as interações pessoais. Sentem-se especialmente esgotados se não têm certeza do que os outros vão esperar deles, ou se suas obrigações profissionais estão sujeitas a mudanças rápidas.

Motivados pela relutância de ter seu suprimento limitado de energia usado pelos outros, Observadores resistem afastando-se do controle autoritário. Preferem um mínimo de supervisão e detestam sobretudo a supervisão de um chefe que aparece sem avisar e que deseja estar constantemente informado. O contato com estranhos dá a impressão de invasão, a menos que os limites do que vai ser discutido possam ser estabelecidos claramente de antemão. Geralmente vêm em recompensas, tais como títulos e salários, armadilhas que a autoridade usa para persuadir empregados a permitir que lhes esgotem o tempo e a energia. Cincos preferem passar sem esse tipo de reconhecimento, na condição de serem capazes de estabelecer as condições sob as quais vão trabalhar.

Cincos, porém, estarão dispostos a trabalhar duro sob um sistema autoritário que lhes permita estabelecer seu próprio horário e que lhes dê liberdade de escolher as condições sob as quais vão interagir com as pessoas. Eles podem ser expansivos

e amistosos desde que informados com antecedência sobre o que vai ser esperado deles. Por exemplo, Observadores costumam querer saber alguma coisa sobre as pessoas que vão comparecer a um encontro e quais serão os prováveis tópicos de discussão a fim de se preparar.

Autoridades subalternas tendem a ser vistas como uma extensão dos controles que os Observadores gostam de evitar. Seu nível de preocupação em ter sua privacidade potencialmente invadida por parte de fontes de autoridade subalterna varia de uma relutância neurótica em atender ao telefone a esforços elaborados e demorados para evitar interação com vizinhos, senhorios e órgãos públicos, tais como o Fisco.

A razão subjacente para evitar contatos é que Cincos não têm praticamente nenhuma defesa contra a confrontação. Uma vez a autoridade lhes envie diretamente uma carta, ou, pior ainda, solicite um encontro frente a frente, Cincos se sentirão duramente pressionados a negociar contra o que quer que a autoridade possa exigir. A linha preferida de ação é se afastar da esfera da influência da autoridade e renunciar àqueles luxos que requeiram envolvimento com o sistema de pagamentos, hipotecas e dívidas da sociedade.

De positivo para os relacionamentos hierárquicos, Cincos são freqüentemente capazes de se concentrar claramente em decisões difíceis porque sabem desviar a atenção de medos e desejos que possam intervir. Muitas vezes, eles são o cérebro por trás da cena, aquele que fica frio enquanto os outros se afligem. Têm uma propensão natural para o planejamento fracionado e para projetos em longo prazo que exijam uma pesquisa teórica de base ampla. Têm disposição de iniciar projetos importantes, embora obscuros, e para trabalhar por trás dos bastidores em projetos que nunca lhe trarão o reconhecimento público. São bem mais eficientes quando protegidos do confronto e quando usados como cérebros do que quando recebem a responsabilidade de acompanhar o projeto até o fim ou de fiscalizar os detalhes.

De negativo para os relacionamentos hierárquicos, podem ser evasivos quando se sentem supersolicitados, e vão se tornar indisponíveis fisicamente. Podem anunciar férias de repente, justamente quando o projeto começa a se aquecer, ou então programam barreiras de tempo e de pessoas entre si mesmos e o aquecimento.

Um Relacionamento Hierárquico Típico de Pontos Afins: Cinco e Quatro, o Observador e o Romântico Trágico

Se o Cinco for patrão ou chefe, ela ou ele se sentirá mais à vontade trabalhando num espaço privado, com uma limitação clara de tempo para todas as interações pessoais: a hora de cinquenta e cinco minutos, a reunião com a agenda estabelecida, a convocação programada para a reunião. Do empregado Quatro vai se esperar que filtre todas as intrusões desnecessárias e que lide diretamente com fregueses ou clientes sempre que possível. Desde que o empregado estabeleça prazos e aja como uma interface eficaz, o patrão não terá nenhum desejo de supervisionar. O empreendimento tenderá a funcionar sem problemas se o Quatro gostar de assumir responsabilidade e só conferir quando necessário. O patrão ficará feliz em deixar que o empregado se torne indispensável desde que não surja nenhum conflito.

Se surgir algum problema e este chamar a atenção do patrão, um patrão Cinco tenderá a recuar em lugar de confrontar. O Quatro pode interpretar isso mal, como se fosse falta de atenção pessoal, sobretudo se o chefe fizer uso de memorandos ou de intermediários para lidar com o empregado em vez de tratar o problema pessoalmente. Uma situação crítica poderá ocorrer se o empregado Quatro se sentir ignorado e se o

patrão se recolher, com o empregado ou se tornando deprimido e negligente, ou intensificando o comportamento problemático a fim de forçar uma reação. O patrão pode preferir despedir o empregado a negociar, o que tende a fazer o Quatro firmar posição e lutar contra o que é percebido como uma demissão injusta.

Pode-se evitar esse tipo de impasse se cada uma das partes revelar solicitude. O Quatro quer o reconhecimento de uma fonte especial, e o Cinco quer ser o cérebro nos bastidores de uma operação que funcione regularmente e que não dependa da presença pessoal. Se o patrão demonstrar interesse em investigar as causas do desacordo, o Quatro se tornará mais cooperativo. Se o empregado for capaz de oferecer sugestões viáveis para remediar a situação, sugestões que não requeiram confrontação nem conflitos emocionais, o Cinco será compreensivo. O empregado terá de partir de uma postura fundamentalmente emocional para uma mais lógica, e o chefe terá de abandonar uma postura fundamentalmente mental a fim de prestar atenção aos sentimentos do empregado em relação ao trabalho.

Se o Cinco for empregado, ela ou ele terá mais dificuldade em se contentar com os colegas de trabalho do que com as tarefas envolvidas. É difícil para alguns Cincos ocupar uma mesa de trabalho sem repartições, na presença de outras pessoas, e é difícil para todos os Cincos manter contato com seus sentimentos se não estiverem protegidos pela privacidade. Muitos Cincos relatam que se escondem por trás da pose do empregado de aparência apropriada quando internamente se sentem desconectados de suas emoções. Uma linha direta de comunicação com o patrão ajudaria para que as instruções não sofressem interferências de fontes externas.

Empregados Cincos podem desenvolver uma pose apropriada que lhes permita assumir trabalhos tais como o de recepcionista ou de animador, em que têm de lidar com o público em geral. O mecanismo-chave para a pose profissional de um Cinco é que ela é ensaiada e presume-se que ela lhe forneça um esconderijo seguro em locais públicos. A pose é segura apenas na medida em que um Cinco possa prever como outras pessoas reagirão a ela. Trabalhos que requeiram uma verdadeira habilidade para lidar com o público — tal como o de vendedor ou político — e que dependam de encontros espontâneos e mudanças de apresentação pessoal não atrairiam um Cinco, que prefere deparar com situações novas a partir da segurança de uma pose fixa.

Se o patrão Quatro tiver confiança na competência do Cinco, ela ou ele deveria tentar estabelecer um relacionamento privado que coloque o Cinco numa posição consultiva. Cincos apreciam um relacionamento privado com alguém cuja competência possam respeitar e contribuem livremente quando a atenção se volta para um projeto objetivo e não para eles mesmos. O patrão Romântico Trágico seria sensato em assumir a responsabilidade de apresentação pública e o acompanhamento do trabalho, deixando o empregado Cinco com a função de consulta e estratégia. Quando protegido do confronto direto, o empregado Cinco será capaz de pensar com clareza durante as fases difíceis de um projeto e de auxiliar um patrão Quatro, que atravessará períodos alternados de depressão, euforia e tendência à destruição no que se refere a projetos pessoais.

Como Cincos Prestam Atenção

O isolamento de um Cinco não depende apenas de seu recuo para a privacidade nem mesmo da construção de paredes emocionais. O isolamento psíquico do tipo pode ser visto como o hábito de se desvencilhar de sentimentos a fim de observar. Esse hábito de atenção pode se tornar particularmente óbvio em situações de estresse, de intimidade ou em situações imprevisíveis que exijam uma resposta

espontânea. Em casos extremos de desprendimento, um Cinco pode tentar desaparecer congelando a atenção num ponto situado no exterior imediato do corpo físico.

"Fui praticamente um ermitão a maior parte de meus vinte anos. Sem telefone, poucos amigos e uma casa aonde se chegava após longo percurso de carro numa estrada ruim. Na época em que resolvi estudar fotografia, não sabia como manter o fio de uma conversa. No primeiro ano de escola comecei a fazer terapia. Me recomendaram trabalho com o corpo. Eu ficava tão bloqueado durante os exercícios respiratórios que não conseguia sequer sentir meu corpo.

Numa sessão tive uma convulsão completa e descobri que eu tinha me colocado à parte observando todo o processo de convulsão, sem nenhuma sensação no corpo. Desde então, tenho regularmente a consciência de estar do lado de fora do corpo me observando. Isso acontece quando tenho de 'entrar em cena'. Mesmo que eu tenha ensaiado, de repente posso me descobrir separado observando meu corpo fazer os gestos daquilo que esperam que eu faça."

Além de fornecer um amortecedor para a experiência imediata de uma emoção forte, o hábito de se desprender de sentimentos a fim de observar pode produzir um exemplo dramático daquilo que os meditadores reconhecem como a separação entre o objeto de atenção e o observador interior.

"Às vezes me sinto como uma de minhas velhas bonecas de papel, com um belo vestido pendurado na parte da frente, com pequenas dobras sobre os ombros. Ninguém me vê, só vêem a frente do vestido e meu rosto de boneca de papel. Enquanto isso, estou atrás de mim mesma, como a terceira pessoa em minhas conversas, olhando o rosto das pessoas com quem falo e o meu próprio rosto, lá atrás do vestido.

Quando eu tinha dezessete anos e comecei a fazer sexo, minha mente dava saltos, e eu ficava do lado de fora, me observando. Fazer amor é o exemplo mais claro do lugar aonde eu vou quando estou sob pressão. No fundo, quero evitar a pressão, mas, se tenho de enfrentá-la, me vejo me desligando do sentimento. Quanto mais difícil fica minha vida, mais fascinada fico em me observar. Fico imaginando o que vou fazer a seguir. Me casei porque queria ver o que eu ia fazer e deixei o lobo chegar bem perto da porta porque queria ver como me livraria dele."

Prática de atenção

Esta prática pode dar a não-Cincos uma amostra do que é se desprender e observar um objeto de atenção interior. Este é o modo de prestar atenção que Cincos aprenderam na infância como forma de se sentirem seguros em situações ameaçadoras. Há *diferenças* entre o hábito de um Cinco separar a atenção de objetos que o assustam, como pessoas intrusivas ou fortes emoções sexuais, e a consciência que um meditador tem sobre a separação entre o eu observador e o objeto que é contemplado. Uma *diferença* significativa é que um Cinco se congela na postura de desprendimento,⁹ compelido pelo hábito de observar um evento assustador se realizar e constrangido a manter a atenção separada dos sentimentos associados àquilo que ele ou ela vê. Se o Observador se deixasse absorver pelos sentimentos gerados pelo

⁹ *Detachment* em inglês, palavra de tradução precisa difícil em português. O Guia Prático de Tradução Inglesa, de Agenor Soares dos Santos, dá as seguintes opções; isenção, indiferença, desinteresse, desapego, desprendimento, imparcialidade, independência de julgamento. Num contexto psicológico, preferimos a versão do autor Fernando Pessoa: "*detachment* — o poder de afastar-se de si mesmo, de dividir-se em dois..." (Alguma Prosa, pág. 118, ed. Nova Aguillar, 1976). (Nota do revisor)

evento assustador, Cincos perderiam sua defesa que consiste em manter a mente e as emoções separadas. O Cinco então estaria vulnerável a ser afetado por outros e a sentir seus próprios desejos.

Em contraste com a observação congelada de um Cinco, que evita o sentimento, o observador interno de um meditador é capaz de se fundir e se tornar um só com objetos internos de atenção, tais como sensações físicas, a ressonância de cantos, imagens e emoções puras.

Imagine-se de pé em frente a alguém que tentou se intrometer em sua vida. Pode ser a mãe que mexeu em suas gavetas quando você não estava em casa, ou o irmão que apanhou seu diário e o leu meses a fio antes que você percebesse. Capte em seu corpo o sentimento que você tinha de estar sendo violentado de uma maneira que você não podia controlar e imagine também como seria ter de conviver com esta pessoa em sua casa dia após dia.

Agora ache um meio de se isolar da influência daquilo que a pessoa fez. A ênfase neste exercício está em se proteger contra a necessidade de sentir isolando-se do intruso mais do que em se segurar para conter a emoção. Cincos relatam uma sensação de controle e até mesmo de prazer em ser capazes de se desprender e de não ser afetados por influências externas.

Alguns Cincos dizem que se movem para as profundezas de si mesmos onde não há nenhuma emoção. Outros dizem que se separam de um intruso se deslocando para trás de um muro ou de um espelho de manjamento, ou que desviam a atenção para um local seguro imediatamente fora da interação. Daquele ponto favorável podem observar o que está acontecendo sem se envolverem emocionalmente.

Estilo Intuitivo

Quando Cincos são levados à meditação, quase invariavelmente descobrem uma inclinação natural para a prática do desprendimento. Vipássana* e Zen são exemplos de tal prática, e ambos enfatizam o poder da observação interna pelo soltar-se de pensamentos e outras intrusões numa mente vazia. A atração para um Cinco pode, infelizmente, ser o desejo de se tornar um mestre do não-envolvimento e de se proteger de jamais ter de sentir os medos e desejos da vida comum. Em virtude desse desejo de um desprendimento mental prematuro, o Cinco tem sido chamado de o Buda não iluminado.

Considere a diferença entre o desprendimento prematuro de um Cinco que medita a fim de se tornar mais imune a sentimentos e este depoimento de um Cinco que sempre usou o estado mental do desprendimento como forma de se tornar mais consciente daquilo que sente.

"Sempre fui corredor e durante muitos anos considerei a corrida uma metáfora do desejo de ir o mais longe possível de casa com minhas pernas. Não importa o que estivesse acontecendo em casa, eu podia ter a certeza de mandar tudo para os ares assim que eu estivesse a meia milha de distância. Meus pensamentos sumiam, e eu ficava livre de tudo exceto da natureza passando rápido e meu corpo em movimento que parecia seguir sem nenhum esforço de minha parte. A distância é o meu elemento. Me preparar para uma corrida de cinquenta milhas e fazer isso todo ano é um ponto de honra em minha vida.

Também uso a corrida como forma de chegar a meus sentimentos. Tenho a

* Vipássana, forma de meditação do hinduísmo. (Nota do revisor)

certeza de que uma corrida vai me aliviar de qualquer coisa que esteja me oprimindo, e quando as coisas estão mais claras tento me conscientizar do problema e deixo meus sentimentos ir e vir. Chamo isso de correr com um problema e aprendi muita coisa sobre mim dessa maneira.

Em várias ocasiões tive estalos intuitivos sobre uma questão com a qual eu estivesse correndo; como uma vez em que me vi desembestado entrando num cânion, na direção de um parceiro promissor em minha firma e me afastando de outros dois rivais fortes, embora, é lógico, não houvesse ninguém no cânion exceto eu mesmo.

Noutra ocasião achei que ia ter dor no tornozelo, mas sabia que alguém ia me ajudar e me carregar de volta, e isso foi uma representação exata daquilo que ocorreu mais tarde na negociação com a qual eu estava correndo."

Este corredor encontrou um meio de permitir o afloramento de seus sentimentos e suas impressões, enquanto se acha num estado mental de desprendimento. Não corre nenhum perigo de ser "prego" por suas emoções, no sentido de não conseguir soltá-las. O que é incomum para um Cinco é que ele é capaz de se permitir sentir, de deixar surgir suas emoções espontaneamente antes de estar preparado para elas.

Quando está correndo, sua atenção está sintonizada com o observador interior, e, como está disposto a lidar com seus problemas em vez de tentar colocá-los de lado, ele se concentra em suas dúvidas em vez de se desprender delas durante a duração da corrida.

Avareza

Durante épocas difíceis, um Observador prefere se arrumar com menos a se arriscar a buscar outras pessoas para obter mais. A reação preferida é se afastar, instituir um movimento de economia, reduzir as necessidades pessoais ao estritamente necessário e minimizar a dependência em relação aos outros. Há um sentimento de independência quando um Cinco diz mentalmente: "Não preciso disso, posso passar sem".

"Há mais prazer em sobreviver com o mínimo do que em acumular um monte de supérfluos que não têm nenhum uso. Meus objetos portáteis são uma cama de vento, um gato, alguns livros muito importantes e algumas mudas de roupa. O café da manhã é sempre o mesmo: uma barra de granola e uma xícara de chá. Há muito prazer no pouquinho que uso, uma gratidão verdadeira por ter ar suficiente, comida suficiente e tempo suficiente para ficar sozinho.

Não me sinto carente por viver com tão pouco. Estou fora da competição que governa a vida de meus amigos. Mais dinheiro significa mais impostos, uma casa grande significa estar preso como um escravo. Para mim, luxo é algo como ter sobremesa após o jantar, mas comer sobremesa toda noite me faria sentir como se eu fosse governado pela sobremesa; então eu abriria mão dela e faria jejum."

Cincos abastados também gostam de prescindir. Muitas vezes há o sentimento de ser empobrecido; uma atmosfera interior de vazio, como se tudo o que é oferecido não fosse nutritivo e pudesse ser prescindido. Cincos abastados adotam a mesma forma minimalista de vida que seus compatriotas mais pobres e sofrem do mesmo senso de empobrecimento interior, mas a recusa em colocar sua energia à disposição de outras pessoas ou de se esforçar para ganhar dinheiro para extras não é tão óbvia quanto o Cinco com seus preciosos livros e sua cama de vento.

Howard Hughes, o bilionário que vivia sem luxos e que por fim se afastou de quase todo contato humano, é um exemplo de Cinco exibindo características

esquizóides patológicas. Chefiava seu império por controle remoto, através de intermediários e do telefone. Conseguia evitar os contatos e os conflitos, mas não desfrutava o luxo que adquiriu. Era seu hábito se sentar à mesa, mas não estender a mão para comer.

Como, então, os Observadores podem ser atormentados pela avareza? Se prescindir dá uma sensação de prazer e até mesmo de superioridade em relação àqueles que dão duro para obter as riquezas materiais, como poderiam aqueles com necessidades materiais mínimas algum dia sentir as pontadas da ganância? O fato é que o desprendimento de Cincos é mais compulsivo do que optativo. Está baseado no medo de perderem o pouco que têm, de sacrificarem a independência através do envolvimento com aqueles que querem se apoderar das fontes de suprimento, de serem invadidos por pessoas, conforme foram no passado.

É como se a independência de um Cinco repousasse em ser capaz de registrar mentalmente: "Posso passar sem isso". A situação se torna insuportável quando um Cinco se torna dependente de algo sem o que não pode passar. Quando algo se torna tão valioso que permeia o espaço privado do Cinco, quando o Cinco é pego pelo desejo de possuir uma pessoa ou uma coisa, então essa pobreza interior é intensificada pela invasão do desejo.

Como Cincos dependem muito de conhecimento prévio para se proteger, seu vínculo principal é com o conhecimento mais do que com as pessoas e com as coisas. Relatam que sua sensação interna de isolamento é aliviada quando se sentem próximos de saber como funciona o universo ou de compreender o comportamento humano. É como se pudessem se incluir no mecanismo do mundo sem ter de se envolver emocionalmente e como se, ao obterem as chaves dessa máquina, pudessem observar os outros sendo pegos pelos perigos do amor e do ódio sem se sentir excluídos.

"Segui um guru durante os meus vinte anos e me entreguei ao estudo da ioga. O ascetismo tinha para mim uma grande atração. Eu acordava às quatro da manhã, mantinha uma dieta vegetariana, jejuava regularmente e fui também celibatário durante sete anos. Acho que fiquei vendo um filme só o tempo inteiro em que estive no ashram. Eu gostava muito da rotina e descobri em mim certo poder para sobreviver com alegria e para renunciar.*

Aí, meu mestre me mandou sair e reingressar no mundo. Eu não devia voltar por dois anos no mínimo. Saí do ashram com mais ou menos quinhentos dólares no bolso, procurei emprego e comecei a viver sozinho. Tenho de admitir que meu mestre estava na pista certa: a Laundromat, minhas contas, ter de ser entrevistado por estranhos com vistas a um emprego, despertaram em mim tamanha reação que me lancei na ioga a fim de sobreviver."

A Virtude do Desapego

O desapego é sem dúvida o oposto do apego, e o apego provém da sensação de desejos frustrados. Quando podemos obter tanto quanto necessitamos de alguma coisa, podemos abrir mão dela, sabendo que, se necessário, podemos tê-la de volta. O falso desprendimento de um Cinco se baseia numa aversão à possibilidade de sentir desejos e não numa sensação de plenitude por ter o bastante. Com muita propriedade, Cincos mostrarão que a maioria de nós se vicia em ter bem mais do que precisa para sobreviver confortavelmente e que gastamos uma quantia enorme de energia na busca de status e de riqueza material, porque nos emaranhamos em

* *Ashran*: hinduísmo, lugar em que as pessoas se encontram para instruções religiosas ou exercícios em comum. (Nota da tradutora).

nossos próprios anseios e desejos.

Porém, a necessidade compulsiva de *não* se envolverem, de *não* se sentirem conectados e de *não* serem coagidos, pode levar Cincos à crença em sua própria superioridade, porque sabem prescindir, mas não a um sentimento de satisfação em obterem aquilo que desejam. O verdadeiro desprendimento, naturalmente, requer que você tenha toda uma gama de sentimentos à sua disposição e que saiba aceitar quaisquer impressões que precisem aflorar à consciência, antes de deixá-las partir. O próprio Buda passou por muitas experiências diferentes de vida antes de se sentar* e de ter sua percepção do vazio natural da mente. Começou a ensinar a prática do desprendimento só após ter tido uma fartura de prazeres e de sofrimentos e a satisfação de alguns desejos maravilhosos.

A Característica Onisciente da Mente Superior

O que aplaca o medo de quem tem medo de sentir? O que saciaria a necessidade de estar prevenido, de se salvar de um mundo potencialmente intrusivo? Para um tipo de personalidade que abandonou o corpo em favor da mente, a melhor defesa é o conhecimento.

Igual a todas as capacidades superiores indicadas pela doutrina do Eneagrama, o acesso à onisciência é ganho através de um estado mental não pensante. Não se trata de conhecer todos os fatos relativos a determinado assunto nem de se desenvolver uma brilhante estrutura conceitual dentro da qual se vão dispor os fatos. É antes você ser capaz de empregar o observador interior de tal maneira a fundir a sua própria percepção sensorial com impressões do passado, presente e futuro de todos os eventos possíveis.

Méritos

Observadores são capazes de cultivar interesses pessoais sem o apoio de outras pessoas. A capacidade de reduzir a um fio o contato com o sentimento lhes possibilita assistir os outros em períodos de estresse. A mesma capacidade para o distanciamento emocional os torna bons no processo decisório, porque sabem pensar com clareza sob pressão. Cincos fazem amigos para toda a vida se as condições de amizade lhes possibilitar uma independência completa e a liberdade de se recolher quando necessário. São capazes de expressar muita afeição de forma não verbal e apreciar os outros em muitos níveis abstratos e não verbais de amizade.

Ambientes Atrativos

Cincos são com frequência especialistas em ramos de estudo obscuros, mas importantes; o círculo interno dos que sabem. O psicólogo do psicólogo. O xamã do xamã. Um livro fino de dados, mas que levou uma vida inteira para ser concluído.

* Consta que Buda teria se sentado sob uma árvore para meditar. Foi quando se tornou um Iluminado.
(Nota do revisor)

O dicionário definitivo de uma língua tribal remota. Cubículos acadêmicos, as estantes da biblioteca. Programadores de computador que preferem trabalhar no turno da noite. Aqueles que administram o almoxarifado nos fundos da loja.

Ambientes não Atrativos

Ambientes não atrativos são tipos de emprego que exigem competição aberta ou confrontação direta: vendedor, debatedor público, o candidato político sorridente.

Cincos Famosos

O bilionário J. *Paul Getty*, famoso por multiplicar sua riqueza em lugar de usá-la para o seu prazer. Getty tinha um telefone público em casa e era conhecido por sua disposição de esperar uma hora por uma carona no carro de alguém em vez de gastar dinheiro num táxi. Testemunhas oculares afirmam que ele habitualmente punha a mão no bolso depois do almoço e só a tirava de lá depois que a conta estivesse paga.

Emily Dickinson — Jeremy bons — O Buda
Meryl Streep — Franz Kafka

Subtipos

Os subtipos descrevem preocupações que surgiram da necessidade de proteger a privacidade pessoal contra influências externas.

Confidências no Relacionamento com Uma Pessoa

Cincos sentem a privacidade de um vínculo no relacionamento com uma pessoa através da troca de confidências. O subtipo sexual sente mais confiança na comunicação sexual não verbal do que em formas mais públicas de relacionamento. Ele ou ela sente a intensidade de um vínculo secreto.

"A sexualidade tem sido o setor mais livre de minha vida. Você não precisa falar, ninguém mais tem de saber, há uma pronta intimidade, e o quarto era o único lugar onde minha mãe não me invadia."

Totens na Arena Social

Cincos sentem necessidade de se alinhar com as pessoas que são fonte de informação da tribo, de dar conselho ao círculo interno e de receber conselho dele. Totens também podem ser estendidos à busca do conhecimento contido em símbolos dominantes, tais como fórmulas científicas ou paradigmas esotéricos.

"Ensino matemática numa escola de Engenharia e teria pedido demissão há alguns anos se esse emprego não alimentasse meu verdadeiro interesse, que é editar uma revista acadêmica. Temos no mundo todo um número de leitores menor do que cem, todos matemáticos teóricos. A maioria de nós nunca se encontrou; contudo, sou pessoalmente devotado a todos eles através de nossa paixão mútua."

Castelo (Lar) na Área de Autopreservação

Cincos vêem o lar como a proteção segura contra um mundo invasor. Há uma preocupação com o controle do espaço privado e pessoal. "Um útero com uma janela."

"Não consigo me recolher em mim mesmo se houver um amigo na sala. Tenho tanta percepção do que as pessoas estão fazendo que, se estiverem fazendo a leitura silenciosa de um livro, é como se fosse o barulho de uma banda tocando polcas. A única esperança de eu me concentrar é fazer com que elas saiam, ou então eu mesmo sair para um café, onde ninguém me conheça e eu não seja perturbado."

O Que Ajuda Cincos a Evoluir

Freqüentemente Cincos entram em terapia, ou iniciam uma prática de meditação, porque começam a se sentir isolados e solitários. Desconectados dos sentimentos e, no entanto, cômicos de que os outros são capazes de sentir, Cincos se colocarão em situações em que possam ser provocados. Apresentações típicas incluem dificuldades com relações sociais, a perda de uma pessoa ou de um objeto a que o Cinco se tornara apegado e fobias que restrinjam a liberdade de movimento. Cincos precisam aprender a tolerar seus próprios sentimentos sem se desprender.

Cincos podem ajudar a si mesmos

- Notando o desejo de se conter quando outros esperam uma reação. Abrindo mão do controle de se retirar e de dar estrategicamente como forma de manipulação. "Vou me dar bem quando eu quiser, mas não quando vocês tiverem a expectativa."
- Notando os momentos em que as emoções são substituídas pela análise, ou quando sínteses mentais se tornam substitutos da experiência.
- Percebendo que o acesso aos sentimentos nem sempre equivale a ser magoado.
 - Notando o desejo de ser reconhecido sem exercer esforço.
 - Notando como é fácil desistir. "Tentei uma vez e não funcionou."
 - Trabalhando com os três ss: segredo, superioridade e separação.
 - Aprendendo a tolerar acontecimentos espontâneos. Arriscar-se, expandir-se, ativar sonhos privados.
- Vendo a discrepância entre quanto pode ser sentido quando outros estão presentes e o que se pode sentir quando seguramente a sós.
- Reconhecendo as intensas necessidades de controle do espaço pessoal e de controle do tempo gasto com pessoas íntimas.

- Aprendendo a concluir projetos importantes e a permitir que se tornem públicos. Deixar-se ser vistos.
- Percebendo que os sentimentos e a revelação de si mesmos podem realmente efetuar uma mudança.
- Percebendo o pouco com que estão dispostos a se contentar.
- Questionando a forma minimalista de viver.
- Vendo as formas como os outros são forçados a ser os agentes ativos. As formas em que a sua inação força outros a dar o primeiro passo.
- Aprendendo a capitalizar a busca de conhecimentos específicos e o pensamento simbólico.
- Aprendendo a tolerar as necessidades e as emoções alheias.
- Dispondo-se a trazer as emoções para o momento atual com métodos tais como a Gestalt, o trabalho corporal e a arteterapia. *Mas, ao mesmo tempo*, não buscando um alívio catártico prematuro. Dar tempo para que as reações emocionais retardadas se conectem aos *insights*.

Coisas que Cincos Deveriam Perceber

Cincos deveriam perceber os seguintes comportamentos durante os períodos de transformação:

- Saída do corpo e refúgio na mente.
- Desejo de acumular tempo e energia. Economizar em vez de consumir.
- Dificuldade com a revelação de si mesmos. Censura de conversas que revelem o eu. Retenção de informações.
- Relutância em dar; sentimento de estar sendo explorado pelas necessidades de outras pessoas.
- Intensificação da necessidade de auto-suficiência. "Posso passar sem você" — dirigida ao terapeuta, aos amigos, à família.
- Sensação de esgotamento pelo ato de se comprometer. Permissão que os outros só tenham um pouquinho.
- Retraimento causado pela mentalização de experiências. Intensificação da postura do solitário. Inserção de pessoas numa vida de fantasias em vez de enfrentar a vida real.
- Fantasia de ser especialmente eleito, de ser reconhecido sem precisar se apresentar. "Se Deus me quiser, Ele virá até mim."
- Dissimulação numa pose. Maneiras adequadas ao consultório do terapeuta como máscara para evitar colocar a atenção em sentimentos imediatos.
- Crença de estar acima da necessidade de sentir. "A raiva é para seres inferiores. "Por que eles não sabem se controlar?"
- Paralisia da ação concomitante ao surgimento de desejos. Impossibilidade de avançar, impossibilidade de recuar.

- Seccionamento da vida emocional. Segredo. Ninguém vai conhecer o todo.

Confusão entre desprendimento espiritual e a necessidade de se afastar da dor emocional.

11. Ponto Seis: O Advogado do Diabo

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSENCIA | |
|--------------------------|-------------------|--------------------|-----------------|---------|
| CABEÇA | Traço Principal: | COVARDIA | Mente Superior. | FÉ |
| CORAÇÃO | Paixão: | MEDO/DÚVIDA | Virtude: | CORAGEM |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | FORÇA/BELEZA | | |
| | Social: | CUMPRIDOR DO DEVER | | |
| | A utopreservação: | CÁLIDO/ AFETUOSO | | |

O Dilema

Seis perderam a fé nas autoridades quando pequenos. Lembram-se de que tinham medo dos que tinham poder sobre eles e de que não eram capazes de agir em benefício próprio. Essas lembranças foram trazidas para a vida adulta na forma de suspeita dos motivos de outras pessoas; Seis tentam atenuar essa insegurança, ou buscando um protetor forte, ou agindo contra a autoridade na postura do Advogado do Diabo. Há tanto o desejo de achar um líder, de ser leal a uma organização protetora, tais como a Igreja, a firma ou a universidade, quanto um igual descrédito pela hierarquia autoritária. Tanto a postura do cumpridor do dever quanto a do Advogado do Diabo se originam da desconfiança em relação à autoridade.

Como têm medo de agir em seu próprio interesse, Seis têm problemas em finalizar tarefas. O pensamento substitui a ação, porque a atenção se desvia do impulso de agir sobre uma boa idéia para um intenso questionamento dessa mesma idéia do ponto de vista daqueles que poderiam discordar. O motivo por trás dessa dúvida penetrante é a necessidade que Seis tiveram na infância de repelir a interferência de pessoas poderosas. A dúvida leva à protelação, a qual previne o ressurgimento do medo de punição que a criança Seis suportou por agir contra a autoridade.

Uma vez que assumem uma atitude mental do tipo "Sim, mas..." em relação às suas próprias idéias, Seis se movem rumo ao sucesso aos trancos e barrancos. Há em geral uma história de mudanças de emprego e de projetos inacabados. A ansiedade tende a chegar ao máximo à medida que os objetivos se materializam, o que significa que a falta de confiança em si mesmos e a protelação se intensificam quando Advogados do Diabo começam a se expor e a se aproximar do sucesso. Vacilam não por estar confusos quanto à sua tarefa, mas por questionar a própria capacidade, e porque estão convencidos de que um sucesso notório vai chamar a atenção de poderes hostis que tentarão deter seus esforços.

A postura antiautoritária faz Seis gravitarem para causas de oprimidos. Eles se põem à frente quando as chances estão contra eles, e são capazes de se sacrificar heroicamente por uma causa ou por um amigo em apuros. São muito fiéis na posição do *nós-contra-eles*, porque o dever exige uma ação bem definida e, uma vez estejam tomados os partidos, as intenções de uma autoridade se tornam perfeitamente claras.

Advogados do Diabo estão convencidos de que têm a capacidade de desmascarar imagens engenhosas e apresentações falsas. Temendo ser prejudicados por outros, têm o cuidado de não ser tapeados por cumprimentos nem seduzidos por

elogios calculados. São propensos a se tornar mais vigilantes se forem tratados com afeto, porque, no passado, quando confiaram, foram feridos assim que relaxaram a vigilância. Sua forma de prestar atenção é sondar o ambiente em busca de sinais de qualquer coisa prejudicial e observar atentamente as pessoas à procura de indicações do que se passa em suas mentes. Seis querem estar prevenidos e preparados, e essa necessidade os faz querer descobrir o que se encontra debaixo de uma imagem e o que pode ser oculto por um sorriso agradável. Seis podem muitas vezes localizar os pontos fracos de um argumento e identificar um jogo oculto de poder.

Quando Seis ficam alarmados, ou se sentem internamente ameaçados, o hábito de olhar externamente se intensifica. Quanto mais aflição sentirem interiormente, tanto mais tenderão a olhar para o exterior, com o resultado de que Seis podem facilmente se equivocar quanto à fonte de seu alarme. Sempre há coisas que temer, e os predispostos a pensar que sua inquietação é causada pelas más intenções dos outros são vulneráveis a ouvir insinuações em conversas inocentes ou a acreditar que conhecem as verdadeiras intenções dos outros, apesar do que estes possam dizer. A declaração seguinte, feita por um Seis extremamente amedrontado, descreve a maneira habitual de prestar atenção que perpetua as preocupações de um paranóico.

"É difícil para mim trabalhar no meio de pessoas que não conheço. Desde o ginásio, trabalho como garçone e ainda me sinto incomodada pela sensação de olhos perfurando as minhas costas. O pior é quando tenho de servir chope de barril no bar. Os clientes passam um a um, e eu fico imaginando o que eles pensam de mim.

Se levanto a cabeça para olhar os rostos deles, estou perdida. Cada um deles parece estar pensando algo, ou escondendo o que realmente gostariam de dizer. Tenho de dizer a mim mesma que está tudo bem, que essas pessoas não estão com raiva de mim, que de fato não estão pensando mal de mim. Mas já me deixei levar tanto pelo que vejo nas pessoas que perco a noção do que estava fazendo, e a cerveja entorna, ou me esqueço de posicionar o copo bem embaixo da torneira."

Essa garçone, sem dúvida, atribui à sua clientela motivos que têm pouca probabilidade de ser verdadeiros. Sua atenção não está na realidade concreta do restaurante com as pessoas conversando e tomando cerveja. Ela está mais preocupada com a realidade dos pensamentos e das intenções ocultas das pessoas e acredita poder reconhecer essa realidade interior através do que vê no rosto de um cliente. Em virtude do seu estado mental de medo, esse Seis é mais do que propenso a ter uma leitura equivocada dos outros, mas talvez tenha na verdade desenvolvido uma sensibilidade aguçada à pequena gama de informações que alimentam sua preocupação neurótica. Ela sempre viveu a experiência de procurar nas pessoas as suas intenções negativas ocultas e, dentro dessa pequena fatia da realidade, ela pode de fato ter achado meios de identificar discrepâncias entre a imagem projetada pelas pessoas e o modo como realmente se sentem por dentro. Infelizmente, ela pode estar tão preocupada em procurar aquela pequena discrepância que esta pode dominar suas percepções como se fosse um fato estabelecido.

Tipos Fóbico e Contrafóbico

Há dois tipos de Seis ou duas visões de mundo paranóicas. Um Seis fóbico parece evasivo e amedrontado em relação à vida. Tal como a caracterização que Woody Allen fez de si mesmo, um tipo fóbico vai vacilar, substituindo a ação pela análise, cheio de contradições e dúvidas a respeito de si mesmo. A garçone é um Seis fóbico porque prefere se colocar nas laterais a desafiar seus próprios medos. Se fosse contrafóbica, seria mais propensa a cativar os clientes, a conversar, a examiná-los, a reduzir sua ansiedade fazendo-os gostar dela.

Um Seis contrafóbico também pode deixar os clientes pouco à vontade ao querer sondar suas verdadeiras intenções. Em geral, as pessoas se sentem malentendidas quando estão sob o olhar fixo da atenção paranóica, e, se ficarem irritadas, o Seis "saberá" que não foram dignas de confiança do princípio ao fim.

Quando a garçonete divide sua atenção entre seu serviço e seus medos, às vezes comete erros. Como um tipo fóbico, provavelmente continuará a imaginar o que os clientes estão pensando a seu respeito sem ousar conferir a realidade. Um Seis contrafóbico, igualmente aterrorizado, diz que correu diretamente para a boca do dragão tornando-se campeão de pára-quedismo em queda livre a fim de dominar o medo de altura. Tanto o estilo fóbico quanto o contrafóbico provêm das mesmas raízes psicológicas.

As preocupações habituais dos Seis incluem

- Protelamento da ação. O pensar substitui o fazer.
- Problemas com trabalho e não-acabamento.
- Amnésia com respeito ao sucesso e ao prazer.
- Problemas de autoridade: submeter-se à autoridade ou rebelar-se contra ela.
- Desconfiança dos motivos de outras pessoas, sobretudo autoridades.
- Identificação com causas de opressão.
- Fidelidade e responsabilidade em relação à causa, ao oprimido e ao líder forte.
- Medo da raiva direta. Atribuição da própria raiva aos outros.
- Ceticismo e dúvida.
- Prestar atenção esquadrinhando o ambiente em busca de indícios que possam explicar a sensação íntima de ameaça.
- Um estilo intuitivo que depende de uma imaginação poderosa e da atenção dirigida a um só ponto, ambas naturais à mente medrosa.

História de Família

Seis relatam ter sido criados por autoridades ou responsáveis que não eram dignos de confiança. A falta de confiança normalmente girou em torno da punição ou da humilhação por parte dos pais, sobretudo quando estes eram imprevisíveis e desregrados na forma de lidar com a criança. Aqui e ali, um Seis relata que a família vivia com um segredo que precisava ser mantido oculto. Crianças seis tinham de prever o comportamento de adultos propensos a se enfurecer sem nenhuma clara indicação do que a criança fizera.

Os Seis mais hiperalertas dizem que eram muitas vezes punidos porque seus pais eram indivíduos perturbados e não porque tivessem feito algo errado. Dizem que tinham de observar atentamente os outros porque eram tratados erradicamente; e que, se não percebessem de antemão a ameaça, poderiam ser pegos de surpresa. Seis aprenderam a hesitar, a verificar sinais de perigo, a calcular o ponto de vista da autoridade antes de dar um passo. Temendo ser feridas ou embaraçadas, crianças Seis tinham de saber o que os outros tencionavam fazer antes que elas mesmas

tomassem uma posição. É este enfoque de atenção dirigido para o exterior, aliado aos sentimentos de crianças que eram impotentes para agir em defesa própria, que perpetua o estilo neurótico do Advogado do Diabo.

"Meu pai era o tipo de homem com quem você não sabia se era para rir ou se para calar. Se você risse quando deveria ter se calado, então era a última vez que você tinha feito aquilo. Aprendi a sacá-lo quando eu era pequeno: um olho em meu dever de casa e o outro em seu humor do outro lado da porta.

Se as coisas não estivessem muito boas do seu lado da porta, então eu tinha uma abertura para fugir. Eu saía pela janela e atravessava as saídas de incêndio até o telhado do prédio vizinho. Acabava fazendo no telhado o dever de casa, imaginando se ele não estaria dormindo quando eu tivesse de voltar para casa."

O tema comum é o de uma criança que se sentia desprotegida, sem um lugar seguro aonde ir. O nível de apreensão subjacente com que adultos Seis convivem provém diretamente desta sensação de estar do lado perdedor, sem uma figura forte que ofereceria proteção.

"Meus pais eram alcoólatras e se tinham por fracassados na vida. Havia muito movimento furtivo de bebidas, garrafas escondidas e mentiras a respeito. O negócio era guardar as notícias ruins com você mesmo, porque elas só seriam um peso para eles, e de qualquer forma eles não poderiam ajudar.

Vivíamos em bairros da periferia, e fui muitas vezes a criança nova das redondezas, porque mudávamos muito. Eu estava saindo de casa e, de repente, era abordado por causa do dinheiro do leite, ou então meu almoço era tomado por alguém muito maior do que eu. Sempre que eu saía de casa, ficava procurando lugares onde alguém podia estar escondido me esperando. Não conseguia relaxar nem na rua nem na escola por ter de ficar de guarda contra quem estivesse por perto."

A criança Seis perdeu a confiança em figuras de autoridade. Isso resultou numa dependência da autoridade "para cuidar de mim porque me sinto fraco e com medo" ou numa rebelião contra a autoridade "que está tentando tirar vantagem da minha fraqueza me fazendo sentir medo".

"Eu tinha três irmãos e fui o primeiro menino. Meus pais eram ambos altamente competitivos, pessoas fortes com muitas expectativas para com seu primeiro filho. Eu também era o queridinho da mamãe; então, quando alguém fazia algo que não correspondia às expectativas, muita fúria era absorvida pelo seu pára-raios, ou seja, por mim. Então fui para uma das faculdades da Ivy League e nem é preciso dizer que vi no governo dos Estados Unidos algumas das mesmas características punitivas que via em meus pais.*

Minha família era muito conservadora, como a (maior parte da) segunda geração de imigrantes judeus, e minha mãe ficou horrorizada ao descobrir que uma das primeiras causas a que aderi foi a Liga da Liberdade Sexual no Campus. Se, na época, alguém tivesse dito que eu estava apenas tentando irritar meus pais, é lógico que eu teria discordado, mas, depois de certo amadurecimento, posso ver que aquilo em parte teria sido verdade.

Recentemente voltei para a universidade num curso de graduação em Economia e sou obrigado a dizer que ainda mantenho meus pontos de vista, mas espero ter tirado de minhas opiniões muito daquela rebeldia reflexa."

* Ivy League: grupo de universidades norte-americanas (Yale, Harvard, Princeton, etc) que têm a reputação de exigirem alto rendimento escolar e prestígio social. (Nota do revisor).

Problemas de Autoridade

Por terem se sentido impotentes como crianças, Seis têm problema de tomar iniciativa como adultos. Temendo ser prejudicados por pessoas poderosas, tendem a supervalorizar aqueles que tomam iniciativa, que prosperam e que avançam na vida. Essa supervalorização toma a forma de buscar um líder forte para seguir ou de suspeitar daqueles que assumem papéis de liderança.

Com uma percepção requintada do potencial de abuso do poder, Seis vão procurar as intenções não declaradas de um líder e ficar alerta para planos manipuladores. Pode-se desenvolver uma precisão incomum de atenção em torno da necessidade de "descobrir o pior". Essa precisão, porém, é utilizada muitas vezes de maneira tendenciosa: descobrir as características negativas de pessoas poderosas e procurar as características redentoras em oprimidos. Em outras palavras, os providos são postos sob atenta vigilância, mas os desprovidos, com que Seis se identificam, são considerados prejudicados pela vida e são portanto examinados numa luz mais amena.

Duvidando da própria capacidade de tomar iniciativa, Seis projetam muito de seu próprio poder para líderes. Qualquer pessoa que assuma um papel de autoridade parece irrealisticamente dogmática e desproporcionalmente forte. A raiva aberta é particularmente assustadora, e aqueles que a expressam facilmente parecem bem mais ameaçadores do que talvez sejam na realidade.

A atribuição exagerada de poder a autoridades acontece em geral na forma de:

- 1) idealizar e seguir um protetor forte: meu guru, meu mentor, meu *führer*;
- 2) unir-se a um grupo de opiniões afins: nós contra eles ou contra o mundo;
- 3) rebelar-se: questionamento da autoridade.

Seguir um líder protetor só funciona enquanto se percebe o líder como alguém justo e no rumo certo. Se o líder começar a titubear no trono, o discípulo Seis volta a ser presa da angústia da desconfiança. Seguidores ou discípulos Seis têm a propensão a reagir de maneira extrema, adotando uma postura antiautoritária e atacando o líder.

A união a um grupo da mesma opinião despista a pressão da paranóia. Um grupo não competitivo de amigos ajuda a dissolver uma atmosfera mental de suspeição para o Seis, porque ele ou ela sabe a posição de cada um. Se você não é um Seis, talvez possa captar a sensação de segurança de um grupo do tipo nós-contra-eles (ou contra-o-mundo), imaginando que trabalha com outras pessoas a fim de apoiar uma causa de oprimidos, na qual você acredita apaixonadamente.

A postura do rebelde obviamente se liga a sentimentos de opressão. Se essa postura se tornar compulsiva, no sentido de ter o hábito de procurar uma causa externa para explicar um medo interno de agir, então os sentimentos de impotência só podem crescer. Muitos Seis, porém, acreditam que ganham certo tipo de poder pessoal se colocando estrategicamente contra as desigualdades, contra o sistema, contra os caminhos fáceis.

Para Seis, há uma força a ser ganha colocando-se a si mesmos contra a parede, porque a situação os força a agir. Em consequência, Seis são muitas vezes atraídos para esportes perigosos ou muito competitivos, porque a situação exige reação imediata. O fazer tem de substituir o pensar numa crise de ação. Eles também são atraídos para causas perdedoras ou para reviravolta em empreendimentos, situações em que sua rebelião contra a opressão encontra um escape natural e construtivo.

"Eu tinha medo do meu pai e, para diminuir o terror que eu tinha dele, eu o

provocava, levava-o a fazer coisas erradas para que ele se sentisse sem graça, e assim o medo passava e eu me sentia seguro por algum tempo.

Não consigo me lembrar de uma só ocasião em que a autoridade estivesse do meu lado. As lembranças que tenho da escola são de faltar às aulas, assinar meus próprios boletins e levar uma vida secreta, onde eu podia fazer o que eu queria. Nunca achei que o sistema fosse justo; por isso nos meus vinte, trinta anos, não tive nenhum desejo de entrar nessa corrida louca e ter de competir por status, algo que eu via como falso e que não respeitava.

Em vez disso, adotei o automobilismo como meio de vida. Entrei nisso ainda jovem. Na verdade, apaixonei-me pela coisa. Não há nada no mundo como sair de uma reta, seis carros se amontoando numa curva, afastados apenas por polegadas, a cento e setenta milhas por hora. Você pode morrer ali mesmo. Era incrível sentir aquela vertigem no meu corpo, sentir que a vida estava em minhas mãos. Eu me sentia intensamente vivo por chegar tão perto da morte. Não sentia nenhum medo nas corridas nem em outras determinadas ocasiões em que ia contra a lei. Costumava sentir medo é quando as coisas ficavam tranquilas."

Como antiautoritários Seis são atraídos para os dois lados da lei. Eis aqui o depoimento de um Seis que trabalha na área policial. É detetive de carreira e diz ter sido criado em Chicago num bairro dominado por gangues de jovens e foi sistematicamente intimidado a se juntar aos *Blackstone Rangers*. Construiu sua carreira em torno de um projeto de "trazer os valentões para a justiça" e é motivado exatamente pelas mesmas preocupações que fazem muitos Seis se rebelar contra a lei.

"Sempre odiei o abuso do poder. Minhas próprias experiências com pessoas sem lei me fizeram perceber até que ponto vão os seres humanos para se degradarem uns aos outros. Muitos vezes tenho medo de retaliação quando prendo, ou quando sou testemunha. E, mesmo que o réu não procure vingança, há ainda o fato de eu ser contratado para entrar e testemunhar num tribunal, onde tenho de aturar um interrogatório cruzado de advogados depravados que querem manchar minha credibilidade.

Fico apavorado com antecedência, como se eu fosse a pessoa a ser julgada, mas, depois que fiz o juramento, há um momento cristalino para mim quando os tremores desaparecem e sinto que estou no meu caminho."

Seis trabalham bem numa cadeia de comandos definida com clareza. Prestar contas e delegar responsabilidade diminuem a paranóia. Eles fazem excelentes líderes na posição leal de oposição, mas tendem a se sabotar a si mesmos se os esforços são aceitos pela maioria no poder. Eles são leais ao grupo enquanto este estiver sob pressão e podem fazer sacrifícios heróicos pela causa. Tensão, porém, pode se acumular se não houver oposição alguma contra a qual se mobilizar, e a atenção paranóica pode se voltar contra os membros do grupo quando a crise passar.

É difícil elogiar Seis. Exercem grandes esforços para ter reconhecida uma causa de injustiça, mas têm dificuldade em aceitar o reconhecimento quando ele foi ganho. Atenções positivas podem deflagrar pensamentos duvidosos: "Isso é uma armação" ou "O que eles esperam além disso?". Eles são rápidos em localizar inépcia ou jogos de poder por parte de líderes, e acreditam que serão submetidos ao mesmo escrutínio rigoroso se forem colocados num papel de alta visibilidade.

De positivo para os relacionamentos hierárquicos, os mesmos comportamentos que atrapalham um Seis - suspeita, protelação e busca de motivações ocultas — podem se tornar instrumentos úteis. A suspeita em relação à autoridade pode se transformar em crítica construtiva; a protelação pode permitir tempo para a reformulação e reavaliação de idéias; imaginar o pior pode criar uma credibilidade tão forte que substitua a realidade num episódio paranóico, mas essa mesma imaginação poderosa pode gerar soluções originais.

De negativo para os relacionamentos hierárquicos, Seis podem ser excessivamente cautelosos, sobretudo em situações vencedoras, protelando e buscando motivações ocultas na ação de outros. Além disso, há problemas com dar continuidade e concluir projetos, mesmo com uma vitória garantida. A suspeita em relação aos outros e a sensação de estar ameaçado se intensificam com o êxito e com o reconhecimento público.

Exemplo de um relacionamento hierárquico:

Seis e Um, o Advogado do Diabo e o Perfeccionista

Se Um for o patrão ou o chefe, ele ou ela supervisionará bem quando as diretrizes forem claras e delegará e organizará, desde que o risco de erro seja baixo. O empregado Seis respeitará o senso de justiça do Um e se sentirá seguro com procedimentos conhecidos, mas secretamente vai se rebelar contra uma sobrecarga de detalhamento de um Um compulsivo, e vai começar a economizar esforços, a quebrar as regras e a encorajar os outros a fazerem o mesmo. Se, porém, uma decisão arriscada tiver de ser tomada, um patrão Um, em geral, se sente assoberbado pela responsabilidade e começa a acreditar que os outros se tornam críticos de suas capacidades administrativas. O Perfeccionista vai então delegar menos, vai dispensar a atenção para as tarefas secundárias e vai deslocar sua raiva para discussões com empregados sobre questões que não têm nenhuma relação com a decisão do momento. A decisão muitas vezes terá um prazo apertado, porque o Um protelou gastando uma enorme soma de tempo em detalhes.

A interação mais estressante ocorre quando o Advogado do Diabo acredita que a raiva deslocada do Perfeccionista é na verdade dirigida contra ele ou contra ela e, não tendo informações, pressupõe um desenlace muito ruim para a questão. O Seis então vai começar a reunir aliados e a criar um caso contra as supostas manipulações do Um. A fim de tornar públicas as intenções secretas do Um, é provável que o Seis cometa erros no trabalho, o que vai enfurecer o Um e validar as suspeitas do Seis. Testar a realidade é de enorme valia tanto para o Um quanto para o Seis durante um período de severa desconfiança mútua. Testar a realidade pressupõe que o Um tem percepção de si mesmo suficiente para admitir ter cometido erros. Pela mesma medida, o Advogado do Diabo precisa acreditar no fato de que talvez não haja nenhuma intenção oculta envolvida.

Se o Seis for o patrão, o mesmo problema de protelação entra em jogo, mas por razões diferentes. Quando defrontado por uma decisão difícil, o Seis se torna mais lento e deixa os detalhes passar drasticamente. Isso significa inépcia para o empregado Um que não dará cobertura ao Seis e que também se tornará mais lento em virtude da falta de uma supervisão estruturada. O Um julgará o desempenho do Seis e talvez se sinta superior ao patrão atrapalhado. Quando o Seis detectar esse julgamento, sua atenção se deslocará da decisão do momento para se concentrar na ameaça percebida do Um. Se o Seis for maduro, conferir a realidade poderá entrar em jogo, com o Seis pedindo opiniões do Um, em vez de permitir que o hábito de julgamento do Um se torne o pivô de uma fantasia paranóica que coloque o Um no centro de uma conspiração para desalojar o patrão.

Nem o Um nem o Seis são particularmente confiantes nas boas intenções de outras pessoas: o Um tem medo da crítica, e o Seis teme ser atacado por um grupo ou ser molestado. Se, da crítica em potencial, puder se retirar a intenção de prejudicar, o Um se abrirá; se o medo de ser atacado for aplacado, o Seis se abrirá. Uma interação positiva poderia começar com o Seis admitindo cometer erros. Tendo pouca imagem

que defender, Seis podem se expor em alto grau na admissão de erros. Uma vez o erro tenha sido admitido, o Um se torna bem menos defensivo e mais apto a revelar fraquezas pessoais. Também ajudaria o Seis a dar início e levar até o fim se o Um pudesse admitir sua ansiedade e sua confusão. Na mente de um Seis, as tarefas seriam então empreendidas para outra pessoa que também tem medo. Para um Seis, proteger outra pessoa é uma postura mais fácil do que agir diretamente e com êxito para si próprio. Uma vez a tarefa seja deslanchada, o Um sabe prover um excelente acompanhamento e sabe estabelecer uma programação que levará o Seis até o fim.

O Hábito de Pressupor o Pior

Seis são ao mesmo tempo abençoados e castigados por uma imaginação poderosa. Essa imaginação é intrínseca à visão de mundo paranóica, devido à necessidade durante a infância de prever o comportamento alheio e de imaginar resultados futuros a fim de repelir danos. Seis são sensíveis quanto à possibilidade dos piores resultados nas situações e assim tendem a imaginar o pior, sem perceber que não dedicaram igual atenção a imaginar o melhor. Examinam com tanta frequência e minúcia o ambiente em busca de indícios que expliquem a sensação interior de ameaça, que muitos Seis consideram imaginar o melhor uma forma ingênua de fantasia baseada em anseios infantis.

É mais fácil compreender a reação do Seis fóbico a imaginações cheias de medo do que a do Seis contrafóbico. O tipo fóbico imagina perigo, ou pensa que o perigo está por perto e sensatamente foge. A reação contrafóbica seria sair atrás do perigo. Tipos contrafóbicos que buscam a opção do perigo se aparecem com os Oitos (o Patrão) no sentido de que podem ser muito agressivos naquilo que percebem como uma situação de acuação, em que têm de enfrentar uma ameaça. Contrafóbicos dizem que têm de se mover na direção daquilo que temem, senão se descobrem imaginando a questão sem cessar.

Esse hábito de atenção é o significado interior da crença de que o covarde morre mil vezes: por exemplo, se um tigre ameaçador aparecer na rua, um Seis fóbico sensato correrá e subirá numa árvore. O tipo contrafóbico tenderá a se precipitar sobre o pescoço do tigre em vez de se empoleirar numa árvore e vivenciar uma noite de lúgubres fantasias mentais.

"Lembro-me no Vietnã; quando escrevi para minha garota depois de um mês de combate, eu dizia que o que mais me amedrontava era o escuro à noite quando me mandavam sair. Eu simplesmente tinha medo do escuro. Se alguém tivesse saltado à minha frente dando tiros, eu teria me sentido melhor. Minha imaginação simplesmente me fazia pirar. Eu via monstros, via gente que não estava lá e, quanto mais eu via, mais eu procurava por elas, até ficar rastejando em posição de ataque sem saber ao certo se estava ou não sendo vigiado."

Esse é o soldado que atira em sombras, o medroso. É alguém identificado com o Seis que teve a rara experiência de observar como sua mente funciona sob pressão. Podia atirar no escuro porque as sombras o ameaçavam. Sua necessidade de descobrir o pior a fim de se preparar o faz imaginar o que poderia estar à espera no escuro, e suas imagens podem ganhar uma credibilidade tão profunda, que começam a se sobrepor às formas de penedos e árvores e a coexistir com elas.

"A guerra trouxe minha paranóia para o primeiro plano. Eu não sabia com certeza, antes de ir, que no fundo eu tinha medo. Não me acovardei sob o fogo e imaginei que todos os outros se sentiam mais ou menos como eu. Mas, quando voltei, comecei a ter crises de angústia e não conseguia tomar uma ducha sem levar a faca comigo para o box."

O barulho da água não me deixava distinguir os sons da casa, e lá ficava eu, com o rosto cheio de sabão, ouvindo coisas. Pensava que havia alguém no banheiro e empurrava a porta do box para olhar e uma vez saí do chuveiro completamente molhado e fui até a porta da frente verificar.

Eu não tinha medo de nada em especial, não havia nenhum inimigo conhecido e as portas estavam trancadas, mas às vezes eu precisava ter a faca comigo para me proteger."

O hábito antigo desse veterano de guerra de imaginar o pior já é parte tão integrada de seu modo de perceber o mundo que, para conseguir tomar uma ducha completa, ele teria de reconhecer que, ao desviar seu enfoque para a água quente e para o sabão, seu hábito de vasculhar o ambiente a fim de se proteger é momentaneamente interrompido por alguns instantes, fazendo-o responder bruscamente e imaginar o pior, que pode ter se rastejado até ele enquanto estava distraído.

É pouco provável que ele tenha consciência de seu hábito imaginativo ou do fato de não querer imaginar o melhor. Se essa predisposição da atenção fosse apontada, ele provavelmente veria na imaginação do melhor um tipo de substituição ingênua da realidade. Seis são impacientes e ansiosos como crianças que temem alguém maior do que elas, porque podem ser atacadas se desviarem o olhar.

Seis se preocupam tanto com o script da pior situação, que a atenção se prende a imagens mentais suficientemente poderosas para parecer reais. São viciados em imaginar os piores possíveis resultados, porque isso parece criar uma fonte legítima de informações corretas. Parar de imaginar possibilidades e conseqüências tornaria Seis apreensivos de ser pegos de surpresa. A imaginação faz parte da defesa de atenção de um Seis. Abrir mão dela seria relaxar a própria guarda, enfrentar a vida despreparado.

De positivo, esse hábito de imaginar as possibilidades ocultas em situações comuns induz Seis a serem excelentes expertos na solução de enguiços, impasses e crises e também eficientes advogados do diabo.

Projeção

O ponto cego no modo de um Seis prestar atenção é que um ponto de vista deve ter primeiro surgido em sua mente a fim de lhe autorizar a busca de provas e indícios que lhe dêem suporte. Do ponto de vista de um Seis, é muito difícil diferenciar o hábito geral de vasculhar o ambiente para fazer com que ele ou ela se sinta em segurança do vasculhar o mesmo ambiente porque ele ou ela está à procura de sinais que confirmem um ponto de vista. Por exemplo, se uma mulher Seis acreditar que John gosta dela, então vai procurar sinais na apresentação pessoal de John que confirmem que é assim. John poderia perceber que o Seis está projetando nele, porque ela talvez diga que ele está pensando algo que não está. Ela poderia dizer que os sentimentos de ternura dele estão sendo apreciados quando, na verdade, ele não está se sentindo terno. Ou ela poderia dizer que ele está irradiando raiva quando de fato ele está se sentindo ótimo.

"Eu tinha mais de dez anos de casada e de vez em quando acreditava que meu marido estava ocultando um caso e planejando uma desculpa para me deixar. Eu ficava convencida e passava a acusá-lo e então descobria que tudo era infundado. Me fazia sentir louca ter estado tão certa e ter estado tão errada.

Então passei por uma fase só minha quando fiquei atraída por relações fora do casamento. O modo de eu me saber atraída por alguém é que eu começava a sentir a ameaça de meu marido estar prestes a ir embora e a inventar toda uma história de

como seria melhor para nós dois que ele se fosse. Agora tenho quinze anos de casada e estou plenamente certa de que, quando acho que estou sendo abandonada, sou capaz de ter olhos para outra pessoa."

Eis outro depoimento sobre projeção. Foi dado por um homem de negócios que identificou o fato de que atribui sua raiva não reconhecida e inaceitável a outras pessoas.

"Minha mãe maltratava as crianças. Durante quatro anos ela me espancou quase diariamente, e a terrível lembrança disso não me sai da cabeça. Quando saí de casa para cursar a faculdade, levei comigo uma raiva terrível das mulheres, coisa de que não me dava conta, mas estava lá, fervilhando debaixo da pele. Fui para Berkeley. Início dos anos setentas. Movimento de liberação feminina. Eu tinha raiva o tempo todo. As mulheres falavam da opressão que sofriam, e eu me sentia oprimido pelas mulheres.

Sempre que eu me metia naquelas situações de vida coletiva dos anos setentas, cedo ou tarde arrumava problemas com as mulheres. Começava com uma, e depois todas elas caíam na minha pele, me chamavam de chauvinista. Aquilo me machucava, e eu me sentia no direito de ter raiva delas, o que sempre tinha sido o caso, só que eu não sabia. Eu tinha medo de sentir minha própria raiva e a atribuía aos outros e, para provar toda aquela hipótese, eu fazia coisinhas que deixavam as mulheres loucas. Como namorar todas de uma só vez, o que aliás funciona que é uma maravilha. E lá estava eu de volta à minha mãe a quem eu via basicamente como alguém disposto a me bater para me tornar obediente."

Como Seis Prestam Atenção

Se você não é um Seis, este exercício vai ajudá-lo a compreender as mudanças inconscientes da atenção que fundamentam a visão de mundo do Seis. Você vai precisar de um livro para ler como parte do exercício. Achado o livro, sente-se e mantenha-o fechado sobre as pernas.

Agora lembre-se de alguém que fez você sentir medo durante sua infância. Visualize essa pessoa à sua frente, o rosto, a postura, as roupas, e lembre-se sobretudo do modo como ela olhava para você quando você se sentia intimidado.

Agora imagine que você esteja morando com essa pessoa no dia-a-dia por um longo período, numa casa muito pequena. Seu intimidador tem acesso a todos os lugares na casa e pode aparecer a qualquer hora.

Agora abra o livro e comece a ler e, ao mesmo tempo, lembre-se de ficar atento à pessoa dentro da casa. Divida a atenção entre a leitura das linhas e o controle dos movimentos do intruso em potencial. Ou você conseguirá prestar atenção às duas tarefas ao mesmo tempo, ou então sua atenção ficará num vaivém entre a leitura e a percepção do paradeiro do outro. Seja qual for o caso, você adotou o estado mental de uma pessoa que foi levada a ser medrosa.

A prática seguinte deveria ser feita diante de um amigo bastante afável para deixar que você olhe para o rosto dele enquanto pratica os desvios da atenção.

Agora forme a idéia de algo que esse amigo possa pensar a seu respeito, mas que nunca tenha expressado. Pode ser uma opinião positiva ou negativa, mas você deve acreditar que seu amigo muito provavelmente tem essa opinião, cujos sinais de confirmação você vai procurar.

Agora mantenha uma conversa normal em voz alta com seu amigo ao mesmo tempo em que examina o rosto dele em busca de sinais do ponto de vista oculto. Todos os elementos do estilo paranóico estão agora presentes: uma hipótese interior

(neste caso fabricada) e uma divisão da atenção entre a conversa de vocês dois e a necessidade de procurar sinais de confirmação da opinião oculta. Para o verdadeiro paranóico, a hipótese interior é realmente uma convicção. Ele ou ela sabe que a opinião dolorosa é verdadeira e procura provas corroboradoras nos maneirismos e nas insinuações faciais que o outro tem de apresentar no decorrer de uma conversa comum.

Procrastinação da Ação

Seis demoram a entrar em ação porque os perigos envolvidos são vistos como bem mais reais do que a promessa de êxito. "O que pode sair errado" tem a sólida aparência de um fato, enquanto que "Como ficaremos orgulhosos ao vencer!" produz o medo da exposição aberta à inveja e à malevolência. O hábito acautelatório é mais evidente nos tipos fóbicos, onde o movimento para agir é acompanhado por correntes de questionamento interno. "Duvido que isso funcione", "Sim, mas...", "Parece arriscado; precisamos aguardar até que haja garantia." Até mesmo os tipos contrafóbicos de aparência agressiva estão preocupados com imaginar os piores resultados e dizem que protelam até que a paranóia os instigue a enfrentar seus medos, o que é preferível a ter de viver com um filme mental daquilo que os tornou amedrontados.

A procrastinação é estimulada pelo hábito, em grande parte não assumido, do intenso questionamento interno. A atenção se desvia de uma boa idéia e do impulso de agir para pensamentos contrários igualmente poderosos e que põem em dúvida a correção do movimento. Pensar em agir contorna habilmente o momento em que a ação traz o Seis para o campo aberto, expondo-o ao ataque daqueles que têm autoridade.

Há comumente uma história de coisas incompletas: um grau não concluído, um projeto importante não realizado. Há sempre um problema de passar diretamente da idéia para a ação, o que, do ponto de vista de um Seis, não é interpretado como procrastinação tanto quanto uma tentativa lógica de estar preparado.

"Levei dez anos para concluir minha tese. Abandonei, voltei e mudei diversas vezes o tema. Cada tema se apresentava em termos das questões não respondidas que levantava. Eu sempre podia discuti-lo do ponto de vista oposto.

Chegou ao cúmulo uma noite quando me sentei diante da máquina de escrever e comecei a introdução do meu argumento pelo menos de meia dúzia de perspectivas diferentes e a cada vez tive de voltar ao início porque tinha ido contra o meu próprio argumento assumindo a posição de alguma autoridade no assunto."

Para um Seis, esses desvios debilitantes de atenção parecem uma legítima coleta de dados. O ponto de vista de cada especialista tem de ser levado a sério, e as objeções em potencial não devem ser esquecidas antes que a tese possa avançar. Isso significa que Seis acabam por questionar sua própria posição mais do que por defendê-la, o que garante que o progresso será lento. O motivo por trás dessa dúvida penetrante é a necessidade familiar de contrapor objeções em potencial a fim de repelir o mal.

Paradoxalmente, se a tese de repente tivesse confirmado o seu êxito com todas as objeções legítimas honestamente descartadas, seu autor poderia sofrer com a angústia do bom desempenho mais agudamente do que na época em que o projeto estava cheio de dúvidas. O sucesso e a exposição geram medos de ser vitimizado por um ataque não provocado; esses medos são mitigados e suavizados quando o movimento é lento e feito com dúvidas.

A procrastinação de um Seis pode ser interpretada por outras pessoas como qualquer coisa entre a preguiça e a inépcia e, sobretudo em projetos profissionais, ou quando decisões devem ser tomadas, pode provocar sentimentos de impaciência e raiva, os mesmos que Seis levam boa parte do tempo tentando evitar.

Seis têm bom desempenho quando há definição clara das responsabilidades, ou quando colocados na posição de advogados do diabo com um adversário digno de enfrentar. O hábito mental de imaginar o pior logo se interrompe quando surge um verdadeiro oponente. Paradoxalmente, pessoas medrosas são capazes de pensar com clareza e de se tornar corajosas na posição de oprimidas e em grande desvantagem, porque, ao encontrar oposição, sua atenção se concentra vivamente no que fazer. Seis sentem grande diferença entre a luta pela sobrevivência e a competição pelo sucesso. Muitas vezes têm um desempenho brilhante sob pressão, ao passo que são menos produtivos sob condições ótimas de trabalho.

Medo do Sucesso

"Minha família esperava que eu me tornasse cientista igual a meu pai, e assim aspirei a me tornar químico com uma excentricidade. Escolhi fazer parte de um grupo de ação ambientalista, porque nele eu trabalharia por uma causa objetivamente válida e ao mesmo tempo assumiria uma posição de rebeldia criticando a grande indústria e o Governo.

Meu primeiro round de sucesso foi escrever um livro popular, e de fato me tornei o palco das atenções. O final da história veio quase de imediato. Eu tinha realizado minha ambição, era alguém bem sucedido aos meus próprios olhos, mas, ao mesmo tempo, já não tinha oposição à minha frente.

Minha rebeldia e meu trabalho estavam entrelaçados como uma coisa só, e eu estava feliz por ter chegado ao topo, mas achei também que eu tinha me perdido a mim mesmo. Não havia mais nenhum estímulo. As pessoas me procuravam para fazer conferências quando eu já não tinha nenhum interesse nessas coisas. Então deixei o sucesso para os seus próprios ardis e me mudei para outro país. Pareceu um ato de heroísmo. Mostrei a meus amigos: 'Vejam, é assim que se lida com a fama, a gente se afasta dela.' Nenhum deles teria sido capaz de fazer aquilo.

No final, tenho de lamentar. Não lamento ter ido embora, porque uma nova causa popular me encheu de vida. Lamento não ter esgotado todas as oportunidades que teriam surgido se eu tivesse ficado mais tempo."

"Lutar contra as adversidades" define uma identidade. Quando você é desajustado em termo do ideal americano de desempenho e popularidade, então você tem uma identidade, e sua tarefa é lutar contra a oposição maciça a fim de ser ouvido. Se você estiver na posição de oprimido, há uma pilha de chances contra o sucesso. Você tem de enfrentar um adversário de valor, o que libera a energia para lutar e para vencer.

Se o sucesso começa a se materializar, aquela resistência maciça é removida, e uma verdadeira paranóia pode surgir. "Em que confiar agora que estou por cima?" "Por onde é mais provável que os problemas apareçam?" Seis antiautoritários só sabem acreditar que, uma vez se distingam, os outros os verão como opressores e duvidarão de suas boas intenções. Uma suspeita das boas intenções dos outros aumenta à medida que metas prazerosas se tornem realidade, e os velhos hábitos de procrastinação e dúvida de si mesmos voltam com força quando desejos são despertados.

"Tenho lecionado em várias áreas durante toda a minha vida: Dança, Inglês, Psicologia e, mais recentemente, Inglês numa universidade do Exterior. Minha fórmula é atingir certo nível dentro do sistema e então começar a questionar a estrutura política

do lugar onde estou trabalhando, ou se quero realmente estar lá. Quase ao mesmo tempo, desenvolvo um novo interesse, pelo qual descubro realmente certa paixão e parto então para seguir minha nova direção.

É também doloroso ver que sentimentos de sucesso não passam de uma cadeira para outra. Existe uma amnésia em relação ao sucesso, de modo que a gente se esquece do registro de sua própria trajetória e é capaz de apagar fatos concretos como se tivesse chegado lá em cima pela primeira vez. Posso me esquecer com facilidade de que tive um ótimo desempenho no dia anterior, e basta o bocejo de um aluno e eu fico tão tensa por estar dando uma aula chata que me esqueço do que ia dizer."

Seis são hábeis em encontrar formas de despistar o sucesso. Os relatos mais comuns são de que perdem o interesse, de que lançam a vitória para alguém que parece precisar mais dela, de que, de repente, descobrem um defeito fatal em todo o processo, de que ficam doentes, ou de que subitamente ficam reenergizados com uma tarefa previamente descartada. Há uma lista interminável de soluções criativas para adiar o confronto com o conflito em torno do sucesso, que incluem dar contribuições verdadeiramente criativas na posição do advogado do diabo e tornar-se bem sucedido e ao mesmo tempo se sentir ainda um fracassado.

Uma das tarefas psicológicas mais difíceis que Seis enfretam é primeiro obter um grau modesto de sucesso que seja visível e depois aprender a se sentir seguros com o que tenham obtido.

"Sou advogado criminalista e trabalhei anos como defensor público. Adorava as pressões de minha função desde que eu estivesse indo contra o sistema e a favor do meu cliente e estivesse motivado, até que pressões financeiras me levassem a praticar uma advocacia de muito dinheiro.

A roupa, o meio social, a cena e o fato de ter de recusar clientes mais pobres eram coisas totalmente detestáveis. Não suportava o modo como achava que as pessoas me viam. Fiquei com a idéia de que parecia um traidor e me convenci de que certas pessoas gostariam de me derrubar. Ao final das contas foi a ansiedade que me derrubou com uma úlcera. O momento da verdade surgiu quando, para me salvar, entrei em terapia e fui aconselhado a pedir aos amigos que eu realmente valorizava uma verificação da realidade. A verdade era que eles ou não sabiam o que eu tinha sentido, ou aprovavam muito a mudança que eu tinha feito."

Uma última forma pela qual Seis evitam reconhecer o próprio sucesso é estabelecer requisitos sobre-humanos para si mesmos. Ao requererem tanto, torna-se impossível caminhar rumo a ganhos razoáveis e, ao exigirem de si mesmos uma contribuição que mudará o curso da História, já não são capazes de medir sua própria competência de uma maneira razoável. A megalomania do Seis se desenvolve a partir do desejo de fazer uma contribuição seminal, de controlar os poderes das leis universais, de decifrar o código que faz o mundo girar. A preocupação com poder e força encobre uma fraqueza interior. A necessidade de fazer uma contribuição vital e surpreendente torna difícil a apreciação honesta do sucesso.

Relacionamentos Íntimos

Seis têm com frequência casamentos de longa duração, porque estão dispostos a assumir "o problema do casamento" e sentem o dever de "desvendar o problema". A fidelidade pode ser expressa através de compromissos de contingência: "Vou ficar até a formatura do meu marido/ da minha esposa" ou "Vou ficar até as crianças crescerem."

Um relacionamento de compromisso possibilita também o desenvolvimento de confiança no decorrer de um período de tempo e reduz qualquer suspeita que possa surgir na mente de um Seis de ser colocado em situação desfavorável, se ela ou ele,

parecer muito disponível ou muito carente sexualmente. A formação da confiança é lenta devido à vulnerabilidade do Seis à dúvida. Um pequeno problema é capaz de pôr em questionamento todo o relacionamento. O compromisso básico do parceiro é posto em dúvida e tem de ser restabelecido após uma briga. Um Seis questionará premissas básicas repetidas vezes. Nada é permanente. Será que confio em meu parceiro? A questão fica em aberto.

Advogados do Diabo podem aceitar a felicidade e o prazer sexual com mais facilidade quando o casal é visto em conluio contra um mundo ameaçador. Seis são companheiros fiéis quando o casal se une contra um elemento externo gerador de estresse, numa postura de relacionamento tipo "nós contra eles, nós contra o mundo". Planejar um futuro feliz causa boas sensações a um Seis, mas, ao surgir a oportunidade, não é tão fácil aceitar o lazer e o prazer. Um futuro prazeroso é definido como algo para depois do cumprimento dos deveres familiares, ou para quando o pagamento da hipoteca tiver sido feito.

Confiança é um fator chave, e, em geral, Seis se sentem mais amados quando no papel de dadores, daqueles que dão. Sentindo medo, Seis acharão um lugar no relacionamento ajudando o parceiro a alcançar as metas dele ou afetando-o sexualmente. O parceiro é visto como digno de confiança porque o Seis sabe que tipo de ajuda deve dar e porque o Seis pode dar prazer ao parceiro. Não há nenhuma manipulação específica no ato de dar de um Seis. Um Seis não dá para obter algo em troca. O objetivo de afetar o parceiro é se sentir seguro, e Seis sabem tolerar extremos de comportamento neurótico sem ter de fazer o parceiro mudar. Uma reação diferente começará a surgir quando Seis perceberem que podem ser afetados pelo parceiro. Seis ficam com raiva ao descobrir que podem ser feridos, que aquilo que o parceiro faz pode ter uma importância terrível e que, quando seus desejos de prazer são despertados, o parceiro tem controle sobre a satisfação desses desejos. Há o impulso de repelir o prazer, de ceder a temores de abandono, de deixar o relacionamento ou de separar cabeça, coração e corpo em relacionamentos diversos.

Leva bastante tempo para Seis criarem confiança. Em geral, eles percebem muito bem os defeitos de caráter do parceiro, o que impede um compromisso sem contingências, e normalmente suspeitam de elogios, imaginando se não estão sendo preparados para ser rejeitados, ou temendo que o parceiro espere muito deles. A dúvida em relação a si mesmos pode ser facilmente projetada de modo que Seis acreditam que o parceiro duvida deles. Por exemplo:

"Elogios é uma coisa muito difícil. Você nunca pode confiar muito neles, porque você também fica alerta para os pontos negativos não mencionados. É uma experiência muito estranha ver um rosto perfeitamente inteligente começar a parecer um tanto idiota porque acabou de lhe fazer um elogio em que você não acredita. O que mais tem me ajudado a acreditar que estou fazendo um bom trabalho é o que chamo de oposição inteligente mínima. Isso significa que os elogios devem ser temperados como sugestões construtivas para o aperfeiçoamento, de modo que eu possa realmente acreditar na integridade do que alguém me diz."

É preciso coragem para um Seis continuar perseguindo objetivos prazerosos, porque a dúvida e o terror aumentam quando um Seis começa a confiar. Quando amado, um Seis pode facilmente suspeitar do comprometimento do parceiro, desconfiando de que o parceiro tenha se comprometido de forma inconsciente e de que não conheça suas verdadeiras motivações. O Seis é capaz de construir uma hipótese elaborada sobre o que de fato está se passando no inconsciente do companheiro e pode desenvolver um conjunto elaborado de crenças sem nenhuma verificação da realidade. Uma vez a hipótese tenha sido tecida, um Seis acredita nela tanto quanto num fato vigente, e se seguirá uma briga onde o parceiro é atingido por acusações que têm alguma base na realidade, mas que, em grande parte, são produto do medo da intimidade, não reconhecido pelo Seis.

É extremamente útil para o relacionamento se o parceiro reiterar uma simples declaração de fidelidade e afeição e repetir exatamente a base de seu compromisso com o Seis. Se possível, o parceiro deve indicar o ponto onde os fatos deixaram a cena e onde a hipótese íntima do Seis assumiu o controle. Esse pode ser um curso de ação perigoso, a menos que o parceiro tenha a capacidade de pensar de uma forma sinuosa e simbólica. Um Seis pensa abstratamente e pode descartar com facilidade uma asserção honesta do parceiro porque o parceiro "não

a tendência a iniciar uma hipótese complicada sobre as verdadeiras motivações do parceiro quando começa a intimidade e está em contato com as verdadeiras motivações". Um Seis tem a tendência a iniciar uma hipótese complicada sobre as verdadeiras motivações do parceiro quando o Seis começa a ser ameaçado por ser provocado sexualmente.

O Seis é confrontado pela amnésia em relação ao sucesso e ao prazer e é oprimido pelo hábito de duvidar de promessas e de planos. Compromissos são feitos e depois postos em dúvida. As intenções alheias estão sempre sendo questionadas. "Será que eu confio nele?" "Qual é a dela?" "Ele é capaz de amar?" A questão permanece aberta, e o compromisso é fechado numa base contingencial. "Vamos ver o que acontece quando as crianças saírem de casa."

O desnudamento de si mesmo é sempre salutar numa relação com Seis. Um Seis está identificado com o esforço humano e com causas de oprimidos e, em consequência, está apto a compreender uma falha humana. Em geral, Seis acreditam que são capazes de desvendar as intenções íntimas de outras pessoas e, se vêem um ponto cego não assumido, Seis devem se sentir suficientemente seguros para discutir a questão, caso contrário qualquer ato por parte do parceiro será visto à luz daquele defeito único de caráter.

De positivo para os relacionamentos, Seis têm muitas facetas emocionais e podem ser afetados em profundidade. São psicologicamente complexos e têm o potencial para responsabilidades profundas. Não visam a manipular o parceiro nem a querer usá-lo em benefício próprio e são capazes de extrema fidelidade em tempos difíceis. São capazes de pôr o bem-estar das pessoas em primeiro lugar e de sentir o êxito alheio como se fosse o próprio.

De negativo para os relacionamentos, Seis tendem a atribuir seus próprios sentimentos ao parceiro. Se Seis estão amando, acreditam na reciprocidade do sentimento. Se o Seis está com raiva e sentindo atração por outra pessoa, então o parceiro provavelmente será acusado de estar com raiva inconscientemente, ou de ter um caso.

***Exemplo de Relacionamento de Casal:
Seis e Oito, o Advogado do Diabo e o Patrão***

Tanto o Seis quanto o Oito são antiautoritários e têm a propensão de encontrar uma causa comum que os atraia. O relacionamento inicial põe em geral o Seis como o oprimido ou perdedor e o Oito como o protetor. Seis buscam Oitos pela liderança, mas o propósito verdadeiro é: "Você faz acontecer para mim porque eu tenho medo." Um Seis poderá atacar um Oito se houver desacordo quanto ao ponto de vista do Seis. Se a insatisfação do Seis for aberta e se o Seis for capaz de resistir a várias confrontações aterrorizantes, o Oito respeitará a posição do Seis e provavelmente se voltará para o Seis quando necessitar de aconselhamento. Se a discordância do Seis for dissimulada, o Oito se sentirá traído e tenderá a ir embora.

Ambos os parceiros têm problemas com confiança no relacionamento. Seis têm

medo de que um parceiro os ataque, e Oitos têm medo da traição. Se o Seis ficar muito desencorajado ou desconcertado pela confrontação, há uma probabilidade de que ele ou ela "gerencie" a situação de modo que o Oito não tenha nada para se irritar. Ser gerenciado é garantia de enfurecer um Oito. Só a argumentação frontal parece honesta, e qualquer tentativa de evitar a raiva é vista como uma tentativa frágil e mesquinha de trair a confiança. É vital para o casal que o Seis tente não ceder terreno numa luta e faça declarações honestas, mesmo que as declarações tornem o Oito momentaneamente furioso. Se o Seis puder reunir coragem para dizer toda a verdade e para lutar a fim de manter uma posição, o Oito se tornará confiante e aberto. Se o Patrão puder ouvir o ponto de vista do Advogado do Diabo sem desacreditá-lo prematuramente, ou sem fazer mau uso dele, os sentimentos de confiança do Seis desabrocharão.

É importante também que o Seis reconheça que o parceiro Oito é relativamente descomplicado. Seis quer se concentrar naquilo que realmente está se passando nas profundezas do inconsciente de um parceiro, como forma de rechaçar o mal em potencial; Oitos, porém, são relativamente descomplicados e funcionam com prazeres simples. O Seis tem a tendência a iniciar uma hipótese complicada a respeito das verdadeiras intenções do parceiro justamente quando desponta a intimidade. O Seis pode suprimir a nova abertura ou entrega física até que ele ou ela entenda o relacionamento. O Oito, porém, quer tomar a dianteira na sexualidade e não gosta de discutir psicologia profunda. Há pouca probabilidade de Oitos mentir ou fabricar suas verdadeiras intenções. Isso é inacreditável para um Seis, precisamente porque é tão simples.

Tanto o Seis quanto o Oito são relativamente desapegados de uma imagem pública polida, o que significa que o comportamento entre eles é mais ou menos o mesmo em público e na vida privada. O Oito está muito à vontade sexualmente, o que pode ser uma ameaça à questão do Seis sobre o poder da sexualidade. Talvez seja difícil para o Oito ser monógamo, mas o Seis está no ramo de adiar o prazer e pode ser monógamo mais facilmente. Quando ameaçado sexualmente, o Seis não tende a competir abertamente para recuperar o parceiro. Provavelmente o Seis iria embora, ou competiria contrapondo o caso do Oito com um onde ele ou ela pudesse se sentir sexualmente poderoso outra vez.

Se for estabelecida uma rotina previsível, o Oito estará menos inclinado a controlar o relacionamento. Há, porém, uma tênue linha de tolerância entre uma rotina confortável e o tédio. A relação entre o Advogado do Diabo e o Patrão entra numa fase severa quando o Oito tiver estabelecido as regras de conduta, o Seis tiver consentido e o Oito passar então a violar todas as regras. Se um Oito estiver entediado, ou se tiver energia extra para queimar, ela ou ele criará encrenca. Em geral, isso toma a forma de violar as regras, de comprar brigas, de querer controlar detalhes ou de se intrometer na vida de amigos. O Seis tem medo de pessoas inamistosas e se oporá à disposição do Oito de alienar ou insultar aqueles que o Seis gostaria de cultivar. Se o Seis se alarmar com a reação de tédio do Oito e levar a sério as questões específicas sobre as quais o Oito decidiu brigar, o Seis se sentirá maltratado, terá medo de que o Oito adote ações punitivas e poderá ir embora. Muitas vezes, a partida é engendrada pelo Seis, que, de forma meio inconsciente, cria um incidente que deixa o Oito furioso. A gravidade da situação é incrementada pelo fato de o Seis não poder descobrir a real motivação do Oito para querer brigar, porque um Oito entediado brigará por qualquer coisa.

A raiva gerada pela reação de tédio de um Oito pode ser afastada com o casal achando e mantendo um novo interesse, ou encabeçando um projeto pessoal onde precisem de conselhos e apoio mútuos. Apesar de toda a sua assertividade, Oitos têm muita dificuldade em dar início às suas próprias metas. Oitos lutam a fim de manter vivo o interesse, mas, se o interesse é fornecido externamente, então o Oito assumirá

satisfeito o módulo de controle a fim de fazer essas metas se materializar. Uma das melhores áreas de relacionamento entre Seis e Oito tem o Seis como estrategista de opções criativas e o Oito como aquele que aplica pressão para manter as opções em andamento.

Méritos

Advogados do Diabo se identificam com causas de opressão e são capazes de esforços leais e sem recompensa por uma causa ou por um ideal criativo. Eles têm capacidade para grandes atos de abnegação em nome do dever ou da responsabilidade com outros. Relativamente desapegados da necessidade de sucesso imediato, Seis são capazes de trabalhar sem a recompensa do reconhecimento público. Estão dispostos a lutar contra as adversidades e contra o *status quo* por um empreendimento arriscado que valha a pena, sobretudo se em colaboração com aliados.

Seis trazem *insights* para processos psicológicos profundos. Estão dispostos a sofrer, a se sacrificar e a retomar a causa.

Ambientes Atrativos

Ambientes hierárquicos com linhas de autoridade claramente definidas e áreas problemáticas claramente definidas são atrativos para os Seis. A força policial e programas de graduação universitária. Um Seis, preocupado com figuras de autoridade, ou se ajustará rigorosamente às regulamentações, ou se organizará contra elas numa postura antiautoritária. São atrativas posições autônomas onde não haja nenhuma autoridade nem patrão.

Empregos fóbicos, onde a competição é minimizada e onde o Seis possa trabalhar por trás de um líder forte. Empregos contrafóbicos que envolvam perigo físico ou a defesa de causas de oprimidos. Reparador de pontes. O brilhante tático empresarial que salva a firma e depois se afasta.

Ambientes não Atrativos

Ambientes não atrativos para o Seis incluem empregos de muita pressão que envolvam decisões imediatas e onde não seja possível nenhuma preparação com antecedência. Empregos de alta exposição, competitivos, com diretrizes ambíguas e muitas manobras nos bastidores.

Seis Famosos

Woody Allen, que representa a si mesmo com um clássico Seis fóbico, é um bem conhecido Advogado do Diabo. Outro é *Gordon Liddy*, o contrafóbico que abafou por um tempo o escândalo Watergate da administração Nixon e que relata ter se armado de coragem para comer um rato porque tinha medo deles. Também teve de ficar na prisão um período mais longo que os outros acobertadores por instigar uma demonstração de força. Ele se convencera de que, sem essa demonstração, teria sido alvo dos outros prisioneiros.

Estilo Intuitivo

Crianças amedrontadas vão desenvolver estratégias para sobreviver emocionalmente, e parte desse sistema de sobrevivência repousa na identificação de fontes de dano em potencial. Seis descrevem um modo de prestar atenção que acreditam torná-los sensíveis às intenções não expressas de outras pessoas. Dizem que se sentem ameaçados pelo sentimentos não confessados de outras pessoas e que confiam na exatidão daquilo que vêem.

Seis conscientizados de si mesmos sabem também que são mais propensos a atribuir sua própria hostilidade a outras pessoas e que qualquer acuidade intuitiva depende de sua capacidade de distinguir uma projeção de uma impressão objetivamente precisa que não dependa de indícios físicos.

O depoimento a seguir vem de um homem que tem sido ativista sindical a maior parte de sua vida adulta e que aprendeu a confiar em seu estilo de intuição na tomada de decisões.

"Tenho uma ótima antena para as más intenções das pessoas. Tive patrões que, por vontade própria, foram vis e opressores, e eu percebia isso neles. Muitas vezes, em meu trabalho de organização, quando tinha transações com eles, o medo e a raiva saltavam para fora de mim, talvez de forma desproporcional e talvez associados a uma idéia ruim específica sobre o que eles faziam exatamente. Embora nisso eu pudesse estar totalmente por fora, de certa forma eu tinha percebido corretamente que eles não agiam de boa fé.

Outras pessoas, também autoridades, de algum modo provocavam aquilo em mim. Então comecei a me perguntar, quando eu reagia: 'Será algo em mim? Algum botão sendo apertado? Alguma velha ferida sendo tocada? Ou será algo que o outro sujeito faz?'"

Esse homem tem uma capacidade bem desenvolvida de observação de si mesmo. Se ele fosse menos perceptivo da necessidade de diferenciar projeções e outras impressões, mais intuitivas, talvez pudesse ser perfeitamente um daqueles que chegam ao consultório do terapeuta reclamando de perseguição por parte de patrões e de outras figuras de poder em sua vida. O ponto de vista paranóico tem em geral alguma base de verdade, mas o *insight* objetivamente correto que um Seis é capaz de ter é muitas vezes desgastado por uma interpretação errônea. Embora esse Seis possa ter uma precisão psicológica quanto ao padrão estar sentindo certa negatividade, ele pode exagerar drasticamente essa negatividade. Ele tenderá então a se defender contra as más intenções do padrão, deixando assim o padrão com raiva, o que, para um Seis, parece a comprovação do fato de que o padrão foi o tempo todo hostil.

Seis relatam um segundo estilo de intuição que parece se originar da necessidade de adotar na infância uma postura de vigilância em relação aos adultos e de prever como eles agirão. Essa é uma estratégia de sobrevivência fascinante que uma criança medrosa tende a adotar e que pode então continuar na vida adulta como um fator despercebido no modo de um Seis prestar atenção. Esta psicóloga clínica descreve a sua vigilância quando criança.

"Minha especialidade era conseguir entender como as pessoas funcionavam. Se eu estivesse estudando um garoto na sala de aula, olhava atentamente o seu rosto sempre que alguém falava com ele. Via um brilho nos olhos quando alguém do outro

lado da sala dizia alguma coisa, ou pensava ver emoções passando pelo seu rosto, embora também soubesse que, na realidade, o rosto não estava mudando em nada. Eu pensava que, se observasse o rosto do menino bastante tempo, poderia entender o que ele achava de todo o mundo naquela sala.

Se eu quisesse saber o que alguém pensava, olhava seu rosto e ficava imaginando sua aparência sob determinadas condições. O rosto ia ficar tenso ou relaxado se eu dissesse que gostava da pessoa? Se eu me candidatasse a monitora da turma, ia haver sorrisos, ou o rosto ia se fechar de uma vez?

Eu estava convencida de que não errava, porque era um verdadeiro estudo o que eu fazia, e eu agia com base no que pensava ver nos rostos, mas naquela época eu não conferia as informações, a não ser indiretamente comparando anotações com algumas amigas especiais.

Hoje, em minha prática de terapia, vejo uma porção de camadas nas formas como membros da família interagem entre si. Vejo aquilo que chamo de rosto interior, o que me revela suas próprias emoções. De vez em quando, me permito imaginar padrões de cores se movendo no ar entre os membros da família e tento captar a impressão daquilo que as diferentes cores e as relações de energia mostram sobre as formas de essas pessoas interagir em suas vidas."

Essa psicóloga clínica tem um bom alcance de sua capacidade de desviar a atenção de seus clientes para se permitir imaginar a situação interior deles. Ela também tem bastante percepção de que pode estar erroneamente atribuindo características a seus clientes que são, na verdade, projeções suas, mas está em boa posição para verificar se está certa ou não com seus próprios clientes.

Se o que essa psicóloga vê se baseia puramente na projeção de seus próprios sentimentos inconscientes em relação aos seus clientes, não há nenhuma intuição em operação. Sua tarefa intuitiva seria ter a capacidade de diferenciar o *insight* que brota a partir de seus devaneios de imagens e quaisquer imagens que possa estar projetando mentalmente.

Se ela aprender a reconhecer essa diferença, haverá duas conseqüências importantes. Primeiro, ela pode se libertar do ciclo de falsas informações que a projeção perpetua; segundo, ela pode desenvolver a capacidade de reconhecer a diferença

entre imagens direcionadas por ela mesma e as impressões visuais precisas que surgem espontaneamente de um estado mental de clareza. Seu trabalho seria desenvolver seu observador interior até o ponto em que ela possa reconhecer os desvios internos de atenção a que já está procedendo quando vê corretamente as relações familiares simbolicamente representadas por cores e por padrões no ar.

A Virtude da Coragem

Como todas as pessoas, Seis muitas vezes não têm percepção das questões centrais que governam suas vidas. Um indivíduo Seis talvez acredite que ele ou ela não tem mais medo do que as demais pessoas e talvez ignore o fato de que hábitos mentais e emocionais podem tornar a pessoa cronicamente apreensiva. Como pessoas que vivem numa zona de guerra, em que subitamente há uma declaração de paz, Advogados do Diabo muitas vezes só admitem o medo que tiveram após o medo começar a se dissipar.

Seis avançarão com mais rapidez rumo às suas capacidades superiores se iniciarem terapia ou uma prática de meditação em conjunto com um programa de exercícios físicos. Pessoas medrosas estão centradas na cabeça. Elas esquadrinham o ambiente e tentam imaginar meios de sair de situações que as force a agir. Acima de

tudo, uma pessoa medrosa quer uma postura intelectualmente correta a partir da qual rechace possíveis oposições; como se uma análise brilhante substituísse a necessidade de tomar iniciativa. Muitos Seis experimentam práticas espirituais que especificamente constroem confiança na capacidade do corpo se mover intuitivamente, tal como a ioga tântrica ou as artes marciais.

A coragem depende da capacidade corporal de agir adequadamente a partir de um estado não pensante da mente. É fazer antes de pensar, um tempo em que o corpo age antes que a personalidade adquirida tenha tempo de intervir.

"Faz um ano que passei a correr diariamente, e eu gostava da coisa até o ponto em que minha mente era obrigada a ceder o controle. Era ótimo correr com uma companhia, nós corríamos e conversávamos, ou mesmo sozinho, desde que eu pudesse pensar enquanto corria. Havia uma subida no caminho para pista onde a gente corria, e eu descobri que me saía maravilhosamente desde que eu tivesse bastante fôlego para conferir quem eram as pessoas por quem eu passava.

No topo, quando a subida ficava íngreme, eu tinha fôlego apenas para prestar atenção a quem passava e saber quem estava lá ou apenas para correr. Descobri que, se não tivesse ninguém correndo comigo, tinha de parar toda hora para recuperar o fôlego e poder assim vigiar quem estava à minha volta enquanto eu corria."

Para um Seis que ainda tem o hábito de pensar antes de agir, até mesmo o ato de correr entre pessoas numa rua sem ter a energia para fiscalizá-las pode ser uma aflição. Essa corredora Seis não se fará corajosa tendo pensamentos corajosos nem se forçando a correr às cegas. Seria útil para ela aprender a desviar seu foco de atenção da cabeça para o corpo e poder reconhecer a diferença entre o momento em que seus pensamentos controlam sua corrida e o momento em que pode liberar os pensamentos porque confia que seu corpo agirá de modo a protegê-la. Considere a diferença entre a corredora que se protege conferindo o seu entorno e esta experiência relatada por uma usuária do metrô de Nova Iorque.

"Frequentei a City University em Manhattan e usava o metrô para ir às aulas. Nunca me preocupava com as viagens de dia quando havia multidões, e eu podia ler meus textos todo o trajeto desde a estação da Rua Delancey. Quando eu tinha aula à noite e tinha de esperar sozinha na plataforma, eu ficava muitas vezes apreensiva, e combinei com meu namorado de me encontrar na Delancey e a gente andar juntos até minha casa.

Uma noite, um louco entrou no vagão. Ele fazia caretas e cerrava os punhos e começou a dizer palavrões andando pelo corredor. Havia pouca gente no metrô, e ninguém tinha coragem de olhar no rosto do louco.

De repente, ele descobriu alguém no assento atrás de mim, apontou, praguejou e veio em nossa direção, e então eu me vi bloqueando sua passagem. Meu corpo tinha se erguido, e eu ouvia minha voz falando com o sujeito sem saber o que eu devia dizer. Ainda não consigo me lembrar do que eu disse, mas sei que, ao ver uma arma na mão dele, não tive medo algum.

Eu parecia estar repetindo os movimentos de algo que já tinha acontecido antes. Não me surpreendi quando vi dois braços pegando-o pelas costas numa chave de cabeça nem quando arranquei a arma da mão dele quando ele apontou o meu rosto. Quando encontrei meu namorado na Delancey, eu estava tão impassível que ele teve dificuldade em acreditar que minha história fosse verdadeira."

A Fé como Característica da Mente Superior

A dúvida é meio caminho andado na tomada da decisão. Temos uma idéia e então pensamos nas ressalvas do tipo "Sim, mas...", que dão forma adequada à idéia e retiram dela quaisquer pretensões ou erros. Decisões se tomam primeiro expondo

uma idéia e depois contrapondo a mesma idéia com objeções que modificam o ponto de vista original. Na arena intelectual, um ceticismo saudável produz boa ciência, procedimentos testáveis e análises racionais definidas com clareza. Aqueles, porém, que são demasiadamente voltados para o ceticismo, podem obliterar suas experiências genuínas de vida interior duvidando da existência delas quando a atenção retorna para o estado pensante da mente.

O apóstolo de Cristo, Tomé, o cético, exemplifica a postura mental de um Seis. Tomé acreditaria desde que tivesse a presença física do Mestre e o apoio dos discípulos com a mesma orientação mental. Quando Cristo morreu, Tomé perdeu a fé e duvidou que suas experiências com o mestre tivessem sido reais.

Após a Crucificação, Cristo ressuscitou e apareceu para vários de seus seguidores. Apareceu para o cético Tomé e, vendo que este estava angustiado pela perda da fé, ofereceu a própria mão crucificada para ser tocada de modo que a fé de Tomé em sua rematerialização fosse reforçada. Dos doze discípulos, Tomé recebeu a prova mais tangível dos mistérios; sua mente, porém, não era capaz de aceitar a evidência de seus próprios sentidos.

Para o ponto Seis, um ataque de dúvida pode questionar toda uma crença ou opinião estruturada. Um contratempo num projeto, uma discussão num relacionamento podem anular meses de confiança construída gradualmente. É como se o alicerce de uma estrutura bem construída fosse questionado e a estrutura tivesse de ser reconstruída ao se descobrir uma goteira no telhado. Há necessidade de reafirmar vezes sem conta um compromisso: "Será que eu o amo?" "Sim, creio que sim." Há uma necessidade de criar estruturas mentais para garantir a continuidade. "Depois que eu me formar." "Depois de as crianças crescerem." Nada é permanente. Uma pequena suspeita, e a dúvida começa a florescer.

A prática budista chama esse hábito de a mente cética. Em certa medida, todos os que se iniciam em meditação estão propensos a contrariar a própria experiência imaginando se realizaram mesmo alguma coisa. Entretanto, se a fórmula mental "Sim, mas..." se torna compulsiva, então os desvios de atenção, que levam um meditador a estabilizar a percepção num estado não pensante da mente, impelem muitas vezes à formação de uma barragem de pensamentos céticos, de alto grau de credibilidade, que age como um conduto de volta ao estado pensante.

É preciso muita fé para Seis, acostumados à mente cética, prosseguirem com sua prática de meditação, com um caso amoroso ou com um projeto que lhes aumente as esperanças, quando, para eles, sinais de êxito são facilmente apagados por pensamentos de mesmo grau de credibilidade e que anulam racionalmente experiências positivas. Do ponto de vista da prática da atenção, porém, a fé não é uma questão de acreditar em falsas promessas, ou de usar da vontade para manter a fé fortalecida. A fé pode ser vista simplesmente como a capacidade de manter a atenção estabilizada em experiências positivas verídicas, mais do que incorrer num estado de atenção tendencioso, onde o questionamento de experiências positivas pareça mais real do que elas mesmas.

Subtipos

São preocupações que se desenvolveram durante a infância como forma de manter a segurança numa vida dominada por autoridades indignas de confiança.

Força/Beleza no Relacionamento com uma Pessoa

A preocupação com a força advém da necessidade de desenvolver poder pessoal como uma compensação por sentir medo. Isso pode se transformar numa apresentação falsamente machista no homem contrafóbico e numa preocupação com o poder de afetar homens sexualmente em mulheres contrafóbicas.

A beleza é uma preocupação com a estética sobretudo no ambiente material e na aparência física. Concentrar-se objetivamente na beleza física facilita o hábito de conferir o ambiente em busca das possibilidades dos piores desdobramentos. Tantos homens quanto mulheres têm essa preocupação com a beleza.

"Há uma verdadeira falta de confiança nas pessoas, por isso, logo que você se torna íntimo em bases permanentes, fica com medo de que sua parceira faça alguma coisa com você. De um lado, você fica com medo de ser abandonado e, de outro, fica muito crítico da pessoa amada quando ficam muito próximos, por isso você se protege sendo 'forte' e um pouco frio."

Calidez na Área da Autopreservação

Manter a afeição das outras pessoas é um meio de desarmar a hostilidade em potencial. Se as pessoas gostam de você, não é preciso temê-las.

"Quando faço meu atendimento em terapia, sinto um forte impulso de me alinhar com meu cliente contra o seu problema. É uma ligação do tipo 'nós dois juntos contra tudo', que dura até o momento em que tenho de apontar os deslizos na argumentação de meu cliente. Nessa fase, tenho de lutar para não me tornar distante nem muito suscetível a exagerar pequenos sinais de retraimento por parte de meu cliente."

O Dever na Área Social

Aderir a regras e a compromissos de comportamento social é uma forma de garantir a lealdade.

"Quando estava na faculdade, fui politicamente ativa num grupo de jovens sionistas. Estávamos empenhados em estudar e levar nossas habilidades para viver em kibutzes em Israel. Quando meus interesses mudaram da idéia de imigrar, percebi chocada que me tinha tornado tão centrada em nossa causa que nem sequer tinha certeza de conhecer as pessoas com que trabalhei por mais de três anos."

O Que Ajuda Seis a Evoluir

Seis freqüentemente entram em terapia, ou começam uma prática de meditação, devido a uma longa história de coisas incompletas. A procrastinação assume várias formas, mas se centra sobretudo no término dos projetos. Casos típicos são uma mudança contínua de emprego, problemas em confiar em superiores e colegas de trabalho e a invenção de razões para debandar perto da conclusão bem sucedida de um projeto.

Seis buscam ajuda porque têm medo e porque freqüentemente sentem problemas sexuais que eles equiparam a temores não resolvidos de possuir seu próprio poder pessoal ou força interior.

Embora possam parecer estar difundindo um falso alarme, Seis precisam ter

seus medos subjetivos levados a sério. Um exame minucioso desses medos é valioso, porque o Seis é incapaz de determinar quais desses medos são imaginários e quais têm certa base nos fatos. Grande parte da suspeição em forma de pensamento é eliminada quando se examina a questão de perto e com neutralidade. Advogados do Diabo precisam de ajuda para manter a atenção firmemente concentrada numa meta positiva sem descambar para a dúvida. É tão difícil para um Seis se manter no rumo quanto para um Três parar.

Advogados do Diabo precisam de um avanço gradual rumo a metas objetivas mais do que de um movimento rumo a falsos heroísmos como meio de encobrir o medo. Precisam também ter a percepção de que assumem idéias igualmente falsas de derrota com base em experiências negativas do passado.

É útil que Seis identifiquem as seguintes situações quando elas se manifestarem:

- Necessidade de checar os medos com a realidade. A não-posse de todos os fatos. Lançamento de hipóteses de que as adversidades são maiores do que são na realidade. É útil dar nome aos medos em voz alta para um amigo que dê um *feedback* de confiança e checar as conclusões sobre fatos com uma opinião neutra.
- Busca de significados ocultos no comportamento alheio. Necessidade de checar os próprios sentimentos de agressividade quando os outros começam a parecer hostis.
- Dúvida de que seja possível receber ajuda. Confiança vacilante nos relacionamentos. O outro merece confiança? Questionamento mental da força ou da fragilidade alheia.
- Necessidade de ter as posições claramente expressas. Necessidade de perguntar aos outros qual a posição deles. Necessidade de concordância com respeito a diretrizes.
- Vigilância para ver se as ações dos outros correspondem àquilo que eles dizem que vão fazer.
- Identificação dos momentos em que o pensamento substitui sentimentos e impulsos.
- Alinhamento com aqueles que não são competentes nem dignos de confiança como forma de impedir o movimento de avanço.
- Necessidade de permanecer em contato. Afastar-se por medo e depois projetar que os outros é que foram embora por raiva.
- Contração física e eliminação do lúdico como forma de se manter tenso e vigilante. Retesamento físico como se estivessem sob ataque.
- Suspeição de afetuosidade e de elogios, que aumenta à medida em que a vigilância se afrouxa. "O golpe virá quando eu estiver despreparado."
- Não-confiança em reações viscerais. Desejo de ter a aprovação da autoridade antes de dar um passo.
- Questionamento da liderança mais do que a busca de áreas de consenso.
- Percepção de que lembranças negativas estão mais disponíveis do que as positivas. Lembrar-se de recordar memórias positivas. Seis operam no sulco das memórias negativas.

- Utilização de uma memória vívida. Imaginar resultados positivos e falar deles. Criar uma dissonância cognitiva entre medos e resultados positivos. Se a atenção ficar presa aos resultados mais pessimistas, exagerar então através da imaginação possíveis resultados negativos a fim de encontrar uma saída.

O Que Seis Deveriam Perceber

À medida que a atenção é retirada de preocupações habituais, Seis deveriam perceber reações tais como

- Suspeição de fontes de ajuda em potencial, com o subsequente desejo de passar pela situação sozinhos.
- Afloramento de medos do sucesso. O medo de sobrepujar os pais.
- A sensação de se tornar passivo à medida que os medos são suspensos, de perder suas vantagens, de aprender a meditar e nunca mais querer competir de novo.
- O hábito de se concentrar em detalhes negativos numa situação de modo geral boa.
- Desejo de superar intelectualmente aqueles que dão assistência ao movimento de avanço. Ver o terapeuta ora brilhante, ora inadequado para a tarefa.
- Discurso ininterrupto. Deixar a cabeça tomar conta do coração. Discurso e análise substituem a ação sobre impressões viscerais e emocionais.
- Um sentimento emergente de dúvida sobre si mesmos, que facilmente se projeta, de modo que os outros parecem ter dúvidas das habilidades dos Seis.
- Megalomania. Tornar a tarefa de se transformar muito difícil. Fantasias feitos impressionantes bloqueia etapas lógicas rumo a objetivos realistas.

12. Ponto Sete: O Epicurista

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|------------------|---------------------|-----------------|------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | PLANEJAMENTO | Mente Superior. | TRABALHO |
| CORAÇÃO | Paixão: | GULA | Virtude: | SOBRIEDADE |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | SUGESTIONÁVEL | | |
| | Social: | SACRIFICIAL | | |
| | Autopreservação: | DEFENSOR DA FAMÍLIA | | |

O Dilema

Os pontos Cinco, Seis e Sete, agrupados no lado esquerdo do Eneagrama, representam três estratégias diferentes para lidar com o medo sentido na infância. Seis, no ponto nuclear do medo, se superpreparam esquadrihando e vigiando o ambiente, e Cincos se afastam de qualquer coisa que os amedronte. Setes, não parecendo absolutamente apreensivos, se movem rumo às pessoas numa tentativa de cativar e desarmar com graça e jocosidade. Defrontadas por um início de vida assustador, crianças Setes dispersaram seu medo escapando para as possibilidades ilimitadas da imaginação.

Setes não transmitem nenhuma ansiedade. Eles não parecem ter medo. Tendem a ser alegres e radiantes, muitas vezes entregues aos planos e aos prazeres. Seu núcleo de paranóia (Seis) não desponta enquanto o pensamento possa ser canalizado para planos visionários de um futuro auspicioso.

Este é o ponto do *Peter Pan*, do *Puer* (e da *Puerella*) *Aeternus*, a eterna criança. É também o ponto de Narciso, o jovem que se apaixonou pela imagem do próprio rosto refletido num lago. Narciso foi amado pela ninfa Eco, mas, como estava absorto no reflexo de seu próprio esplendor, não pôde ouvi-la chamando seu nome. Envolvido consigo mesmo, deixou de responder, e a voz da ninfa foi reduzida a um eco.

Todo o mundo precisa de um pouco de narcisismo saudável. Todos nós precisamos reconhecer nossos méritos e valores únicos. A dificuldade só surge quando nos tornamos tão convictos de nosso valor especial que deixamos de ouvir a opinião daqueles que refletem a verdade objetiva. Epicuristas estão convencidos de suas próprias qualidades excepcionais e procuram ambientes e pessoas que possam dar suporte ao seu valor. Eles têm gostos sensíveis e querem experimentar do melhor que a vida pode oferecer. Setes gostam de manter alto seu astral. Querem aventuras e querem manter em alta suas expectativas. Há uma química para experiências culminantes como se champagne, e não sangue, corresse em suas veias.

A visão de mundo do Sete foi sociologicamente proeminente na revolução da contracultura dos anos sessentas. Durante a era dos hippies, os ideais do Sete se expandiram em uma forma mais pura. Defrontados pela necessidade de ir à guerra e pela perspectiva de um trabalho sem sentido, os hippies abandonaram a sociedade e se voltaram para a simplicidade e para si mesmos, criando um conceito idealizado do que poderia ser a sociedade.

À medida que a revolução prosseguiu; despontou o lado escuro da visão de mundo do Sete. Insistindo numa realidade idealizada e incapazes de fazê-la ganhar forma, a atitude passou de uma subjetividade radical, onde o que era único no

indivíduo era valorizado, para uma preocupação narcísea com o eu. A situação se deteriorou até atingir o nível de um *insight* da "banheira quente":* "Oh, que sensacional!" e "Sou feliz por ser eu mesmo!" O mundo interior das drogas substituiu o impulso de mudanças externas. A tagarelice psicológica e o escapismo sedutor substituíram o esforço e o trabalho real.

Setes são sustentados pela crença de que a vida é ilimitada. Há sempre coisas interessantes que fazer. Se a vida não for aventureira, por que vivê-la? Por que ficar amarrado se é possível continuar avançando? O entusiasmo dado por uma crença nas oportunidades da vida é em grande parte intensificado pelo hábito de manter múltiplas opções em aberto e de assumir compromissos, com a segurança de planos substitutos ou suplementares.

O compromisso é sempre amortecido com alternativas. O consenso é "aquele que cai bem na ocasião". Se o plano A for abandonado por causa da chuva, vai-se para o plano B como apoio. Se o B parece pegajoso, sempre se tem o plano C. Se A é cancelado e se C fica aborrecido demais, sempre se tem B, que pode levar até D. A injunção dos anos sessentas de "ir na onda" foi reformulada e se transformou numa organização de atenção que encoraja o desconhecimento ou o esquecimento de opções negativas.

Como estratégia defensiva, o planejamento do futuro ao longo das linhas de opções de contingência se destina a intensificar os prazeres da vida eliminando os problemas de tédio e sofrimento. Por exemplo, um Sete poderia ter um emprego numa sapataria e ter mentalmente planejado a opção de se encaixar no mesmo emprego numa loja concorrente do outro lado da rua. Plano semelhante poderia parecer bastante natural para o Sete, que estaria concentrado na semelhança de objetivos e na identidade de propósitos entre os dois empregos mais do que no modo como as firmas possam estar em desacordo entre si.

De positivo, essa forma de concentrar a atenção se presta a um gênero especificamente criativo de resolver problemas, no qual se pode achar o ajuste correto de associações entre pontos de vista que parecem antagônicos. Setes sustentam a mais otimista de todas as visões de mundo, porque, para eles, um grandioso plano se desenvolverá em algum ponto do futuro, quando então todas as melhores possibilidades se encaixarão numa vida por fim satisfatória.

As preocupações habituais do Sete incluem

- A necessidade de manter altos níveis de excitação. Muitas atividades, muitas coisas interessantes que fazer. O desejo de estar emocionalmente por cima.
- Manutenção de múltiplas opções como forma de evitar o compromisso a um único curso de ação.
- Substituição do contato profundo por alternativas mentais prazerosas. Falar, planejar e intelectualizar.
- Charme como primeira linha de defesa. Tipos medrosos que se movem rumo às pessoas. Evitar o conflito direto escapando pelas frestas. Escapar de encrencas através da conversa.

* *Insight da "banheira quente"*: trata-se de um *insight* ingênuo e superficial, uma espécie de pseudo-insight que parece ocorrer sem dor e sem sofrimento. (Nota do revisor)

- Um estilo de atenção que consiste em interrelacionar e sistematizar informações de modo que os compromissos necessariamente incluam brechas e outras opções de apoio. Esse estilo de atenção pode levar
- A um escapismo racionalizado de tarefas difíceis ou limitativas, e
- À capacidade de sintetizar conexões e paralelismos incomuns entre pontos de vista que parecem antagônicos ou não relacionados.

Pontos Três e Sete se Assemelham

Setes têm muita energia e vão trabalhar duro desde que seus interesses se mantenham. Na superfície, eles podem se assemelhar aos Três, dispostos a competir, interessados em vencer e certamente preocupados com o espelhamento de suas qualidades excepcionais nos olhos de outras pessoas. Esses pontos podem parecer semelhantes para alguém de fora, mas operam a partir de visões de mundo internas muito diferentes.

Três querem poder sobre as outras pessoas, porque se medem pelo grau de respeito a consideração que recebem delas. Querem escolher uma trilha profissional em que possam subir ao topo da escada competitiva. As provas de uma ascensão satisfatória são imagem, segurança, título e prestígio.

Setes, assentados no mesmo banco competitivo da frente, são envolvidos por "uma atividade interessante; uma das muitas que eu faço". Também querem a alta consideração dos outros, mas não na forma de poder sobre eles. Não gostam de ser rotulados de acordo com a profissão. "Me chamar de médico é limitativo. Sou bem mais do que uma coisa apenas." A idéia é manter uma alta qualidade em atividades interessantes. "Corro, cozinho, escrevo versos, posso fazer qualquer coisa." Setes são bem menos inclinados a subir até o topo, sobretudo se o seu tempo disponível for muito solicitado, ou se tiverem de confrontar aqueles que não pensem bem a respeito deles. Querem se saber aceitos para competir na melhor das vias, mas podem querer não limitar seus outros interesses a fim de avançar para o ponto mais alto. "Quero saber que sou capaz, mas não tenho de me pôr à prova." Provavelmente trabalharão vários dias seguidos a fim de ganhar o dinheiro para ir embora, em vez de vários dias seguidos para comprar um carro da moda. As provas do sucesso são fazer um monte de coisas fascinantes na vida e ter galgado ao topo sem ficar preso por um compromisso permanente.

A diferença psicológica entre o Três *workaholic* e o Sete mais verdadeiramente narcisista é que, para o Três, o valor pessoal reside na conquista de realizações. O verdadeiro eu talvez não exista, mas as credenciais da pessoa, sim. O foco da atenção está em fazer uma coisa muito bem, porque o valor de um Três aos olhos dos outros depende da realização brilhante de uma tarefa. Trabalham bem mais duro do que gostariam, porque sua recompensa está não em se sentir bem, mas sim em poder dispor do respeito alheio.

Setes, igualmente desejosos da boa opinião alheia, verão a consideração dos outros como um espelho exato do seu valor pessoal interior. Eles não precisam se esforçar o tempo todo porque "A vida é boa, e eu estou feliz por ser eu mesmo". Se os outros não reconhecerem seus méritos internos, eles se voltarão para si mesmos em busca de consolo, racionalizando a rejeição como não sendo um erro deles. O eu tem inúmeras dimensões, inúmeras vias possíveis para o jogo e para a diversão. Um momento ruim pode ser apagado por uma caminhada no campo, um bom livro, um dia de sol claro, uma xícara de chá quente. De certa forma, narcisistas sofrem menos do

que Três com a desconsideração alheia, porque têm a si próprios como companhia e porque estão convencidos do brilhantismo de seu próprio destino.

História de Família

Setes têm lembranças agradáveis de seus anos de infância. Os relatos têm a característica de um lindo álbum de retratos: o menino no balanço, a menina de avental. Normalmente não há nenhuma amargura. "Papai roubou mamãe de nós. Eu tinha oito anos e aos nove já tinha me esquecido dela." Mesmo com um enredo objetivamente ruim, há pouco resíduo de rancor ou de culpa. Nos enredos que contêm objetivamente memórias ruins, há o toque do "Decidi que não ia ser daquele jeito" e do "Achei o que fazer para não ficar por baixo".

"Eu pensei muito que era um Sete e por que esse ponto tinha a ver comigo. Ao ver pela primeira vez um painel de Setes contando suas histórias, pude me identificar com tudo, menos com esse negócio de ter medo. Simplesmente não me via dessa maneira.

Mas então me lembrei de uma vez que me perdi no caminho entre uma escola nova e minha casa, sabendo que minha mãe ia me bater por chegar tão tarde, e estava mesmo apavorado com o que podia acontecer se ela me pegasse. Aí encontrei alguns meninos jogando bola e fiquei com eles até escurecer.

Então, na hora do jantar, mamãe chamou a polícia, e eles vieram me buscar. Me lembro que fui para casa na viatura, xingando apenas por estar com tanto medo. Aí comecei a olhar as luzes refletidas no vidro traseiro e me lembrei do jogo de bola e me transporteí de volta para lá.

Eu sabia que, pouco importava o que ela fizesse comigo, eu simplesmente podia ficar dentro da minha cabeça jogando bola até que tudo tivesse terminado e eu tivesse sobrevivido."

O desvio da atenção é para a memória positiva. O menino que diz ter aprendido caratê para se salvar põe em foco a descrição de suas melhores lutas por faixa. A menina que fugiu de casa aos quinze anos minimiza as razões da fuga e descreve a sua excitação. Temos aqui o desvio da atenção oposto ao do Seis: Advogados do Diabo tendem a se lembrar do pior, e Epicuristas, que buscam o prazer e se afastam da dor, tendem a se lembrar do melhor.

Para Setes, há muitas lembranças da infância que são positivas e objetivamente reais. Há uma tendência a favorecer a mãe em detrimento do pai, mas a rebeldia paranóica contra a autoridade paterna assume um tom docemente antiautoritário.

"Eu amava tanto meu pai quanto minha mãe e levava uma vida típica do interior. Ninguém me contrariava, e eu tinha muito amor e apoio, e minha única queixa era ter de pedalar mais de três milhas para ver meus amigos. Eu costumava contar histórias a mim mesmo quando ficava sozinho e não gostava muito de que me dissessem o que fazer.

Mais ou menos na sexta série, me descobri capaz de superar meu pai em raciocínio. Eu o adorava, mas descobri que podia pensar mais rápido. Eu fazia com que ele concordasse com tudo o que eu queria, primeiro omitindo os pontos que ele ia desaprovar e depois apresentando uma versão daquilo que ele queria, mas que tivesse tantas brechas quanto possível."

Planos e Programações

O dia está sempre cheio de possibilidades. Há listas mentais de coisas

interessantes que fazer. Setes são pessoas antidepressivas, para quem o trabalho está mesclado à imaginação e aos jogos mentais. Entremeadado à sua atividade ou projeto, você pode sentir prazer com o ondular de um cabelo de mulher à luz do Sol, ou ficar fascinado com as sombras na parede. A idéia é manter o espírito animado, trabalhar até o instante em que você se sinta cansado e então partir para outra coisa antes que o tédio ou um senso de obrigação ganhe terreno. Setes podem trabalhar incessantemente, preferindo lidar com três ou quatro atividades de uma só vez. Mas os projetos raramente avançam como se fossem o único objetivo, e todo projeto é entremeadado por coisas agradáveis de fazer.

"Fico esperando com ansiedade a pink section do jornal de domingo. Ela contém a lista de todas as coisas para fazer durante a semana. E a programação para a semana inteira, um filme de quatro estrelas, uma refeição de dez estrelas. Ela é tão importante para mim quanto a minha caixinha de bombons. Você quer saber onde tem alguma coisa gostosa de fazer. Os bombons ficam escondidos na gaveta de baixo da minha escrivaninha no trabalho, e é lá que também fica a pink section."*

A experiência de "ir na onda" da década dos sessentas ilustra a intenção por detrás dos planos e programações de um Sete. Nunca há razão para ficar deprimido ou paralisado; tudo o que se tem de fazer é se ligar a um fluxo estimulante de coisas interessantes de fazer.

"A idéia é manter um monte de opções em aberto. Você podia ir a um jogo de voleibol, ou se vestir para ir a um cinema, ou ainda passar o dia pedalando no campo. O melhor é quando todas essas coisas podem acontecer dentro do mesmo espaço de tempo. Você escolhe aquela que mais atrai e fica nela até que a seguinte comece a chamar. Por exemplo, eu fui ver um filme, já tinha pago a entrada e até comprado o saco de pipoca, mas então saí atrás de outra coisa, só porque senti uma pontada de tédio, e a sensação não foi boa."

Há uma convicção entusiasmada de que a vida é ilimitada, desde que as opções sejam mantidas em jogo. A idéia é de não deixar passar nada, de modo que uma opção possa ser mentalmente guardada como um tesouro, mesmo quando não houver lugar algum para incluí-la na programação do dia. Compromissos casuais são fáceis, mas o compromisso estável é difícil, porque a estabilidade cerceia a sensação de um futuro ilimitado. Setes são ávidos por experiências e tendem a querer pequenas provas do que há de melhor mais do que a se comprometer com um único ponto de vista.

"Tenho uma incrível programação interna. Ela se divide em tempo para o meu trabalho, para minha família e para meus passatempos, que são música, corrida e velejar na baía. Tudo isso ocorre em minha mente, quer eu esteja, quer não esteja realizando alguma coisa objetivamente, e quero tudo isso. Se surge a chance de eu encontrar amigos, tenho de refazer os fluxos e diagramas na minha cabeça e mudar a hora de comer para não estar cheio demais se decidirmos correr. Tudo se reorganiza bem depressa, de modo que fico coberto em todas as bases.

Se a chuva estraga alguma coisa, entra em jogo um segundo conjunto de preferências, tais como, restaurantes a experimentar e quem da família está livre para ir comigo, ou como encaixar um bloco de tempo de trabalho entre a hora que meus amigos podem tocar música e a segunda rodada no restaurante".

Pensando Opcionalmente

O encaixamento de opções significa que um Sete, de fato, nunca pode estar imobilizado. Sempre há diversas trilhas mentais em funcionamento, e, por estarem

* *Pink section*: seção do jornal *San Francisco Chronicle* que contém informações sobre artes, cinemas, danceterias, etc

todas elas inter-relacionadas na mente do Sete, cursos de ação muito distintos podem, de uma forma estranha, parecer a mesma coisa.

"Num nível prático, sempre fui capaz de fazer escolhas, embora elas pareçam arbitrárias. A gente precisa honrar o combinado e tentar chegar a tempo, embora possa ter mudado de idéia de querer estar lá. Níveis emocionais são ardilosos. Há alguns anos estou casada com um homem que parece estar constantemente inovando e que me mantém alerta.

Mesmo assim, no início, quando eu estava tentando assumir um compromisso, eu tinha parcelado minhas áreas problemáticas em três ou quatro terapias diferentes. Para mim, todas elas pareciam relacionadas porque eram meus problemas, mas eu sabia que gostava da idéia de receber vários tipos de aconselhamentos diferentes. Então me descobri considerando seriamente relacionamentos com outros homens a fim de trabalhar certos padrões que eu via acontecer com meu noivo. De algum modo, isso não parecia quebrar nosso acordo de fidelidade e de monogamia. Afinal de contas, eu estava trabalhando uma relação e de uma maneira muito séria."

Para alguém de fora, esse Sete pode parecer disperso entre muitas terapias e muitos rumos. Mas, do ponto de vista do Sete, cada *insight* e cada abordagem está intrinsecamente ligada a todos os outros. Assim, ela poderia concordar de todo coração com um de seus terapeutas e, ao mesmo tempo, agir com base no aconselhamento do outro. Desnecessário dizer, esse hábito de atenção pode ser visto como um movimento em várias direções ao mesmo tempo.

"Você podia estar me contando sobre algum novo sistema que você está estudando, digamos Zen. Então, enquanto você está detalhando a filosofia, certos pontos do que você diz me lembram idéias semelhantes de outros sistemas que você desconhece. Meu interesse pelo Zen vai ser saber como ele se encaixa, digamos, com a corrida em maratona, com o Eneagrama e com golfe.

O que você diz sobre Zen acende para mim algumas lampadzinhas em seis ou sete dos meus outros interesses. Assim, é lógico que eu aceito o que você diz, mas também não fico comprometido ao que você diz. Minha ligação é com os pontos de sua descrição de Zen que são comuns aos meus outros interesses, e vou ajustar o que você diz em relação ao Zen a um sistema abrangente que pertence só a mim mesmo. Dessa forma posso concordar com você e, ao mesmo tempo, manter abertas minhas outras preferências."

Charme e Chicana

Embora compartilhem o núcleo da paranóia com Cinco e com Seis, Setes não parecem absolutamente sentir medo. São gregários e faladores. São cativantes e gostam de jogos e brincadeiras. A atração por falar e intelectualizar poderia também ser vista como um substituto da ação pelas palavras ou pelo discurso; e, na verdade, Setes dizem que prefeririam discutir exaustivamente soluções geniais para os problemas a ser limitados pela chateação e pela escravidão do trabalho. Tanto o Cinco quanto o Seis têm problemas com produção e conclusão. Ambos temem o julgamento de seus projetos. Setes têm exatamente os mesmos problemas com a ação, mas seu medo de ser vistos é oculto deles mesmos por uma conversa fascinante e um estilo agradável.

Há um medo de ir fundo demais em qualquer coisa, medo este mascarado por uma fascinação por muitas coisas. A atração pelo prazer é vista como um movimento positivo quando, na realidade, mascara uma fuga da dor e do sofrimento. Setes têm dificuldade em se limitar a um projeto ou a uma atividade única, porque, com esse estreitamento da atenção, as capacidades objetivas vêm à luz. Qualquer idéia inflada a respeito de uma especialidade inata desaparece sob exame cerrado. Por

consequente, o Sete narcisicamente inclinado evitará ser descoberto, amplificando seus potenciais até que pareçam realidades concretas. Uma aptidão por Matemática faz de alguém um matemático, porque, com uma apresentação bastante graciosa e um pendor inconsciente por definições, expertos em Matemática podem ser vistos como aqueles cujos *insights* especiais os colocam acima da necessidade de graus acadêmicos.

Setes também têm sido estereotipados como charlatães, porque são atraentes e querem que as pessoas os adorem. Eles elevam as expectativas dos outros, que podem não estar tão acostumados a flores, ao charme e a "compartilhar os melhores momentos". Setes querem ser adorados por pessoas interessantes, mas se chateiam logo com a repetição, sobretudo à luz fria do dia. Seu egocentrismo, de fato, se revela quando o interlúdio da noite que passou é esquecido, quando a nova namorada liga, e o Sete esqueceu o seu nome.

"Era muito difícil encontrar alguém que não fosse maçante. O truque era tentar arranjar alguém que fosse como eu. Adoro minha vida e adoro o que faço e achei que tudo o que eu queria era alguém que se abrisse e fizesse o meu jogo. Então eu a encontrei e, para minha desgraça, acho que ela era outro Sete. Ótima em tênis, ótima na cama e com a mente em tudo o que é lugar, menos em mim."

"Não podia suportar que ela fosse tão talentosa e estivesse assim tão dispersa, então o que fiz foi pedi-la em casamento, porque ambos queríamos uma família. Agora temos os filhos e nos divertimos muito, e sou obrigado a ver nesse espelho psicológico ambulante quanto posso ser totalmente centrado em mim mesmo."

Superioridade/Inferioridade

A atração por altos níveis de estimulação pode ser usada para propósitos escapistas, mas também motiva a curiosidade intelectual e a pesquisa criativa. Um narcisista patológico simplesmente assumiria sua própria superioridade mental e se sentiria, portanto, com direito a ser reconhecido e assistido. Num Sete que esteja começando a abandonar a convicção neurótica de que tem habilidades especiais, encontraríamos alguém que descobriu que, ao correr com tanta pressa na direção do prazer, estava, na verdade, correndo do sofrimento e da dor.

A dor dos narcisistas é a de que eles podem ser revelados como sendo menos do que acreditam ser. Há um questionamento interior: "Onde é que eu fico? Sou melhor ou pior do que a pessoa com quem me encontro? Quem é melhor aqui? Eu ou meu amigo?" Em patologia, a resposta é sempre: "Eu sou superior." Para Setes que estão trabalhando em si mesmos, a questão do valor comparativo ainda está viva em seus pensamentos, mas pode ser usada como lembrete para que prestem atenção às suas capacidades objetivas.

"A pista do meu próprio narcisismo é quando começo a olhar um amigo de cima. A coisa assume formas bem insidiosas. Eu o perdoo por ser idiota, ou então o repreendo silenciosamente por ser tão errado. Uma vez eu encasquetei a idéia de que estou lidando com alguém que não sabe manter o nível, me dá vontade de sair da sala. Me aborrece tudo o que ele vai dizer, e ele parece tão previsível que tenho vontade de gritar. Então digo para mim mesmo: que gente tacanha, que falta de amplitude! Ou então enterro a objeção dele com dois ou três argumentos de um ponto de vista contrário."

"Quando a pessoa parece especialmente burra e incorrigível, tenho bastante sabedoria para dar outra olhada. Como é que um bom amigo de repente pode parecer assim tão ruim? Como posso desprezar alguém que ainda ontem parecia tão talentoso? O que ocorre é que, se eu não estiver totalmente certo, eu devo estar totalmente louco; e o que me resta é vê-lo como realmente superior e a mim mesmo."

como nada aos meus próprios olhos."

O valor que você dá a si mesmo pode ser inflado por uma entrega ou por um abandono crônico ao "que há de melhor por fazer." É sintomático para um Sete em apuros que a mente comece a correr. Quando Setes alinham atividades de forma contígua, não deixando tempo algum entre "os componentes de uma vida interessante"; quando a atenção salta compulsivamente entre várias opções interessantes, um Sete está *em fuga*.

"Nunca pude entender como é que as pessoas se inserem dentro de uma carreira. Como é que elas souberam o que queriam ser? A coisa mais próxima de que pude chegar foi o protótipo do homem renascentista. A superioridade em todos os sentidos. Tudo o que eu tentei na vida sugeria sempre outra grande possibilidade, uma abordagem ainda não tentada, uma idéia brilhante.

Me trabalhei desde Religião até Estudos do Oriente Médio como cadeira principal e finalmente me formei com mais de cinquenta créditos além dos que eu precisava. Minha dissertação abrangia três disciplinas e teria se estendido indefinidamente se a banca não tivesse limitado o tema.

Quase desisti de tudo na hora de apresentar o manuscrito. As páginas datilografadas pareciam tão insignificantes em comparação com o que havia esperado delas. Não tinha a menor importância se eu conseguisse uma nota com louvor: já era conhecido o segredo que eu tinha precisado da ajuda da banca, que minha tese não tinha abalado o mundo acadêmico e que eu era um doutor em coisas obscuras mais do que o gênio que eu acreditava ser."

Relacionamento com a Autoridade

Setes querem nivelar a autoridade preferindo um sistema onde não haja ninguém nem acima nem abaixo deles. No início, as autoridades são apenas pessoas, às quais Setes se sentem inatamente superiores e que muitas vezes respondem aos pontos de vista bem articulados do Sete. Mas a realidade é que Epicuristas são tipos medrosos que buscam contatos prazerosos e agradáveis como meio de desarmar o controle da autoridade. Em geral, se tornam ferozmente antiautoritários se, de alguma forma, lhes cercearem a liberdade. O poder de uma autoridade subalterna é automaticamente minimizado. Setes se presumem capazes de, através da conversa, se safar de qualquer um que ache de se colocar no caminho.

De positivo para uma interação hierárquica, Setes são ótimos para levantar o ânimo de um grupo. Têm um temperamento predominantemente agradável, sabem bastante a respeito de todas as coisas para pretender que sabem mais e dicursam bem. Ficarão com as alternativas positivas sem incorrer em dúvidas e são particularmente bons quando um projeto está no estágio de idealização ou numa fase de dinamismo. São capazes de alinhar objetivos e metas de um projeto a outras posições teóricas, de trabalhar em rede com outras pessoas e promover idéias alheias. São mais eficientes no início de um projeto e em manter a fé quando o projeto sofre um deslize.

De negativo para o relacionamento com a autoridade, Setes perdem o entusiasmo após o lançamento da idéia e os estádios de planejamento. O interesse some gradativamente no meio do projeto, e conclusões são muito difíceis quando as opções se fecham. Uma vez a idéia esteja solidificada e embalada, Setes ficam descontentes com a rotina e com a restrição das possibilidades. Seriam mais produtivos se redesignados para a pesquisa de novas idéias, para o ajuste do projeto a uma imagem maior, para o trabalho em rede, ou se fossem contratados em tempo parcial como consultores de planejamento.

Setes podem se tornar insistentes em relação a uma idéia interessante, porém impraticável. Há uma substituição da monotonia do trabalho duro, de ordem prática, por idéias e teorias e uma tendência de desprezar aqueles com "uma visão menor".

***Um Relacionamento Hierárquico Típico de Pontos Afins:
Sete e Três, o Epicurista e o Desempenhador***

Os dois tipos têm em comum uma maneira muito energética de abordar projetos e atividades, o Três a partir de uma identificação com o sucesso da empresa, e o Sete motivado pelo interesse e pela chance de explorar território novo. Essa pode ser uma equipe excepcional se o Três estiver disposto a assumir a liderança visível e se o Sete puder ter a posição de consultor e sócio sem ter de aceitar a responsabilidade de aparecer, sem ter de lidar com as expectativas das pessoas em relação ao projeto nem de ficar preso a um trabalho repetitivo. O Três vai trabalhar duro sem se preocupar se é divertido ou não, e o Sete vai igualmente dar duro desde que se mantenha a promessa de divertimento.

Ambos os tipos são socialmente habilidosos e capazes de apresentar o projeto ao público; ambos estão seguros de que seu posicionamento é correto e querem atrair os outros para o seu ponto de vista. Se o Três for o patrão, ele ou ela talvez presuma que os empregados também se identificam pessoalmente com a imagem de sucesso do trabalho e vai esperar resultados que excedam o que se pretendia deles. O empregado Sete vai patinar por entre as pressões de tempo e de energia tornando-se, por exemplo, perito em preencher um relatório para abranger duas situações e aprendendo a estar em dois lugares de uma só vez, reduzindo pela metade o tempo para cada um. Como um patrão Três tende também a sacrificar a qualidade em favor da eficiência, provavelmente não vai questionar o comportamento aparentemente aquiescente do empregado, contanto que nada falhe. Contanto que o projeto esteja numa posição dinâmica, a questão do controle de qualidade não ocorrerá nem para o Três nem para o Sete, a menos que uma reclamação traga à tona o problema.

Se o empregado Sete gostar do projeto, é provável que ela ou ele esteja feliz por trabalhar sob um patrão disposto a assumir o ardor público e a pressão de um comprometimento integral. Setes serão mais úteis nas fases preliminares quando empregam seus talentos no planejamento criativo, na inovação e na reunião dos outros funcionários em torno da causa. Contanto que o Sete se mantenha fiel às diretrizes e não inove com excessos de liberdade, o Três ficará satisfeito por tê-lo em sua equipe.

Uma vez o projeto tenha deslanchado com segurança, as diferenças entre as metas profissionais do Três e do Sete se tornarão aparentes. O Três quer reconhecimento e dinheiro no Banco, e o empregado Sete, sentindo-se limitado por essas metas, vai começar a quebrar as regras do patrão a fim de manter o interesse. O Três quer uma produção feita máquina, e o Sete quer ir embora.

Se o Sete for o patrão, ela ou ele não vai querer lidar com a supervisão de empregados, sobretudo no que se refere a ter de dar e fazer cumprir ordens diretas. Em consequência, diretrizes podem se tornar genéricas demais e cerebrais demais, uma vez que o Sete tenta fazer todos se sentir participantes iguais a fim de eliminar a possibilidade de confrontação. Se o empregado Três for sensato, dará solidez às diretrizes genéricas do patrão, transformando-as num conjunto trabalhável de procedimentos, e vai manusear as más notícias antes de elas chegarem aos ouvidos do patrão. A equipe prosperará se o Três souber fazer as idéias do Sete funcionar, em especial se o Sete conceder recompensas de salário extra e reconhecimento ao

empregado. Três assumirão responsabilidades extras contanto que seus esforços sejam respeitados e haja daras oportunidades de progredir.

Se o patrão Sete introduzir oposições fascinantes, mas conflitantes, a ponto de a direção da liderança se tornar vaga, é provável que o empregado Três seja a ponta da lança de uma comissão para reparar injustiças e que se aproveite de qualquer estrutura organizacional através da qual o patrão possa ser trazido à linha. Se isso fracassar, o empregado vai querer buscar um emprego estruturado com mais clareza e com potencialidades de avanço.

Idealismo e Futurismo

Setes são tão anti-autoritários quanto qualquer paranóico verdadeiro; porém, mais do que se envolverem em confrontações diretas, procuram nivelar de modo suave o controle da autoridade. "Você faz sua parte, e eu faço a minha" — isso realmente significa que Setes são agentes livres, responsáveis apenas por si mesmos. Implica também: Me deixe em paz! Não me diga o que fazer!

Há uma estranha incongruência entre os ideais de uma subjetividade radical, em que cada indivíduo é respeitado como único, e o fato de Setes se sentirem superiores aos outros. Um Sete é capaz de ver que cada um de nós é passível de ter habilidades únicas, mas a maioria de nós está limitado apenas a um talento, e Setes acreditam que chegam a ter todos eles. Eles vêem como a Matemática e a Música se amoldam entre si, de modo que não precisem fazer o trabalho de uma ou de outra para possuir a ambas. Uma auto-imagem idealizada os leva a supor que, com pouco trabalho e com a superioridade natural de talentos e dotes, tanto a Música quando a Matemática podem ser dominadas em questão de meses. A tendência do Sete para a imaginação positiva preenche os vazios de informações reais com fantasias e idéias. Essas idéias embelezadas formam um eu idealizado que substitui os requisitos de uma substância e de uma profundidade genuínas.

Uma boa parte do prazer de um Sete está no planejar e no antecipar eventos. Eventos futuros são saboreados mentalmente como doces imagens que se tornam tão tangíveis e materiais quanto mesas e cadeiras. Por exemplo, a melhor parte de uma refeição é muitas vezes antes de a comida ser servida, porque todas as deliciosas combinações podem ser saboreadas pela mente. Igualmente, se um Epicurista estiver de fato saboreando uma refeição delicada, a experiência pode ser imensamente expandida acrescentando a ela, através da imaginação, os melhores aspectos de outras espécies de prazer. A memória de um pôr-do-sol mágico pode ser recriada sumariamente. A sensação de ver o pôr-do-sol junto de amigos especiais entra em jogo. Os melhores aspectos de opções passadas e futuras podem ser saboreados juntamente com o paladar concreto de uma refeição. Setes são capazes de ficar intoxicados pela própria imaginação, porque, dentro da imaginação, os melhores aspectos de cada opção se reuniram de uma forma concreta.

O planejamento não precisa ser escapismo. Setes relatam que derivam extremo prazer de atividades intelectuais e mentalmente criativas. Sua agilidade natural de atenção lhes permite produzir soluções brilhantes para problemas comuns e viajar para domínios da imaginação que pareceriam extraordinários para aqueles que tendem a prestar atenção de forma prosaica.

A declaração seguinte foi dada por um Sete que trabalha como futurólogo profissional. Ele descreve seu cérebro como seu melhor amigo e suas idéias como suas companheiras diárias. Seu trabalho consiste em analisar tendências históricas e, em seguida, prever como as melhores orientações dessas tendências podem ser postas em prática.

"Minha grande paixão são as idéias. Há tanto prazer em tomar conhecimento delas quanto em massagear e devolver vida a um corpo inerte. É como estar apaixonado por uma mulher. Cada idéia é adorável, e, de certo modo, eu a tenho como um tesouro. Eu também já fui apaixonado por aviões e por outras máquinas velozes. Elas me põem num lugar onde a realidade se esvanece, e fico a sós com um número infinito de direções e com tudo aquilo que eu poderia precisar."

Relacionamentos Íntimos

Setes se relacionam compartilhando o que é maravilhoso e admirável em cada um dos parceiros, mas com uma consciência específica de restrições ao comprometimento. São mais felizes quando todas as opções estão abertas. "O que pode haver de errado em estar apaixonado? O que pode haver de mau em compartilhar as melhores coisas?" Há uma preferência definitiva por saborear um pouquinho das melhores aventuras a ter uma refeição completa de qualquer uma delas. Estar comprometido com uma só aventura, por mais atraente que ela seja, produz sentimentos de tédio e de saciedade e põe uma restrição ao próximo romance possível.

Relacionamentos evoluem fazendo-se coisas juntos e conversando sobre o que é interessante e mais agradável. Esse estilo de se relacionar é aventureiro e, além disso, amortece a obrigatoriedade de discutir os aspectos menos atraentes da vida. Se surge um problema, as atividades podem ser tão impressadas entre si que não há tempo para falar da questão. "Coisas vitais a fazer" podem ser programadas com tanta proximidade que um Sete terá "dez minutos para discutir nossa separação antes de partir para tomar um avião". Confrontação e recriminação são difíceis para um narcisista devido às implicações de que ele ou ela teria falhado. Há o desejo de pôr conversas sérias na agenda e então fechar a ranhura transferindo-se para planos alternativos.

Em certo sentido, Setes não vivem relacionamentos da vida real, porque suas mentes são facilmente inundadas pelas associações mentais e pelas idéias imaginosas sugeridas pelos seus relacionamentos. Por outro lado, são admiravelmente capazes de levantar o moral de um relacionamento em crise, induzindo o casal para coisas mais brilhantes. Um efeito colateral do fato de Setes poderem substituir com tanta facilidade sentimentos negativos por uma opção agradável é que muitas vezes têm dificuldades com pessoas emocionalmente dependentes ou carentes. O fato de um parceiro não ser capaz de desviar a atenção de um quadro de sofrimento ou de dor, ou de não ser capaz de deixar passar uma contrariedade emocional, parece uma limitação grave para o otimista Sete. Eles normalmente dizem que têm de abafar o estado depressivo de um parceiro com uma programação de atividades longe de casa.

Embora seja difícil assumir um compromisso final, Setes sentem falta de um bom relacionamento se o casal se separa. Sua imagem idealizada do amor é a do parceiro devendo ser um acréscimo de companhia para atividades com que o Sete já se deleita sozinho. O parceiro deveria corroborar o fato de que a vida é boa e de que nem limitações nem restrições deveriam ser impostas. Se não se der esse retorno do parceiro, então a melhor opção seguinte seria programar uma relação que mantenha o Sete interessado, mas nunca ao ponto de o Sete se aborrecer ou se sentir compelido a permanecer nela.

De positivo para os relacionamentos íntimos, Setes se comprometem a manter vivos os sentimentos por meio de atividades, ocupações intelectuais, sexo, jogos e diversões. São também capazes de despertar novos interesses a ser compartilhados, de enterrar velhos ressentimentos e começar tudo de novo.

De negativo para a intimidade, Setes querem debandar se o parceiro fica emocionalmente carente ou deprimido. A saída para eles tende a ser a racionalização de seu compromisso original, introduzindo contingências que mudem o plano original.

***Exemplo de um Relacionamento Íntimo:
Sete e Seis, o Epicurista e o Advogado do Diabo***

Ambos os tipos compartilham uma paranóia subjacente. O Seis é francamente medroso, e o Sete evita o medo adotando cursos de ação alternativos ou de apoio. O parceiro Sete pode ser de enorme ajuda para o casal se ela ou ele levar os medos do Seis bastante a sério para fazer o parceiro sair de casa e iniciar atividades. Uma vez esteja em movimento, os medos do Seis muitas vezes se dissipam, e o Sete pode prover o trampolim para lançar o Seis numa engrenagem de atividades. O Seis vai prover um serviço inconsciente para o casal, encenando e expressando muito da paranóia subjacente do Sete, a qual dá ao Sete uma oportunidade de ajudar e, ao mesmo tempo, cria distância de sentimentos de medo, atribuindo-os ao parceiro.

Seis se sentem comprometidos à vida através do dever e do trabalho duro, enquanto que a postura básica do Sete é a de oportunidades ilimitadas. Na medida que cada um consiga entender a visão de vida do outro, o Seis pode aprender a contornar a paralisia do medo e partir para a ação, e o Sete pode aprender a focalizar apenas uma coisa de cada vez, sem sentir medo.

Ambos os tipos têm uma tendência a viver no futuro, o Seis a fim de repelir ameaças em potencial ao relacionamento e o Sete a fim de desenvolver planos exóticos para aquilo que o casal poderá vivenciar a dois. Aqui também, os pares podem se ajudar mutuamente adotando a visão de vida do outro. O Sete pode partir em busca de possibilidades prazerosas, e o Seis pode estabilizar os planos através de uma avaliação realista dos obstáculos. Ambos os tipos estão dispostos a dar duro em prol de metas futuras. O entusiasmo do Sete manterá vivas as perspectivas, superando a tendência do Seis para duvidar; e a capacidade do Seis de sentir a beleza fundamental no trabalho espinhoso do dia-a-dia vai manter o casal em marcha tempo suficiente para fazer os planos acontecer.

É provável que surjam problemas devido às diferenças de necessidade quanto à monogamia e ao compromisso. Seis querem confiança renovada nos compromissos antes de poder assumi-los; Setes querem espaço. O parceiro Seis será mais vulnerável a sentimentos de ciúme e terá a tendência de projetar resultados pessimistas para os acordos freqüentemente ambíguos do Sete. Um parceiro Seis provavelmente verá num estilo de vida de múltiplas opções permissividade ou infidelidade e se sentirá ameaçado pelas indiscrições ou pelos interesses externos, consumidores do tempo, do Sete. Se o Seis se deprimir, ou se se preocupar excessivamente com o futuro do casal, é provável que se instaure um círculo vicioso, no qual a preocupação do Seis com o abandono futuro cria o tipo de atmosfera depressiva que leva o Sete a querer ir embora. O Seis pode ficar com raiva de "ter de ser o que faz tudo, enquanto você sai e se diverte", ao que o Sete responderá: "Ninguém está obrigando você a fazer nada."

Esse tipo de impasse grave pode ser evitado se o Sete estiver disposto a negociar e se concordar em manter um compromisso definido com o relacionamento de modo que o Seis saiba qual é a sua posição. Muitos dos medos infundados de um Seis desaparecem sob a luz clara do acordo e do entendimento, o que também pode ajudar a dissipar grande parte da necessidade de saber com quem o Sete está passando o tempo livre. Se o Sete reconhecer a importância de reduzir o passo e se concentrar nas características do relacionamento que só podem ser ganhas através

da tolerância e da introspecção, ela ou ele poderá aprender muito com a fidelidade aos compromissos do Seis. O casal será muito ajudado se o Seis tentar se lembrar dos melhores aspectos do relacionamento, e se o Sete tentar se concentrar nos aspectos negativos tempo bastante para lidar com eles.

Como Setes Prestam Atenção

Para alguém de fora, um Sete pode parecer um dileitante com muitos interesses difusos: vários projetos acontecendo ao mesmo tempo, três ou quatro livros semi-acabados espalhados pelo chão. A atenção é acionada pela experiência e se mantém estimulada por mais experiência, numa corrida impetuosa atrás da próxima empreitada fascinante.

Do ponto de vista de um Sete, todos esses interesses parecem relacionados. Tudo parece estar levando a algum lugar. Em algum ponto no futuro, tudo se juntará. Que maravilha encontrar a síntese perfeita! Num sentido escapista, a atenção é capaz de se mover fluidamente entre doces lembranças, idéias fascinantes e atraentes planos futuros. A declaração seguinte foi dada por um jovem Sete que estava com dificuldades para colocar seu material de *workshop* interdisciplinar nos catálogos dos Centros de Crescimento Pessoal da Califórnia.

"Eu conduzo workshops para a expansão da consciência e grupos para o desenvolvimento do ser humano. Conheço pelo menos dez sistemas que posso usar como fonte; uso uma abordagem eclética. Gosto mesmo é de ir frio, sem nenhuma preparação e de trabalhar simplesmente com quem quer que tenha vindo. O roteiro cobrirá qualquer problema que as pessoas tragam. Meu anúncio vai dizer: 'Faremos meditação, artes marciais, neurolinguística e respiração reichiana'. Sempre peço aos participantes que tragam um sonho para ser trabalhado."

Esse condutor de *workshops* não desenvolveu a capacidade de focalizar com seriedade apenas uma área de problemas. O que ele quer é dissipar a importância dos problemas, manipulando sistemas ou alterando o escopo de seu plano.

O lado construtivo de seu estilo de atenção entraria em jogo se ele fosse capaz de se comprometer a enfrentar os problemas reais em vez de se lançar prematuramente a uma nova técnica. Se ele pudesse assumir as consequências de ter de confrontar dificuldades reais e de ficar junto de seus clientes ao longo de todo o sofrimento muito real deles, então seu hábito permanente de sintetizar informações novas dentro de sistemas de múltiplas opções talvez o conduzisse a *insights* que poderiam ajudar no crescimento de seus alunos.

A declaração seguinte foi dada por um Sete que estruturou sua forma de prestar atenção num método útil de resolução de problemas. Sua abordagem é diferente da do jovem condutor de *workshops* porque ele é capaz de focalizar todas as suas opções num único problema em vez de se alternar entre opções a fim de dissipar um problema.

"Trabalho em consultoria de desenvolvimento organizacional. Nossos clientes são companhias em crise ou em algum processo de falência. As empresas às quais damos consultoria são em geral companhias com múltiplos níveis e com graves diferenças entre seus departamentos. Cada departamento quer se fazer às custas dos demais. Eu recebo relatórios totalmente contraditórios e lido com eles como se fossem cartas de um baralho."

Mentalmente superponho os departamentos até obter os pontos que se encaixam. Se continuo baralhando os diversos sistemas, vou encontrar certos pontos em que todos concordam. Vejo meu trabalho como bolar meios para poder controlar os pontos de concordância de modo que os diversos departamentos tenham de cooperar

entre si a fim de sobreviver.

Esse baralhamento muitas vezes causa problemas quando você tem de mexer em procedimentos e em hierarquia. Essas reuniões onde tenho de enfrentar as pessoas para lhes falar das mudanças me dão grande aflição, mas é minha técnica de cartas de baralho que faz as coisas andar."

Estilo Intuitivo

O hábito do Sete de colocar um novo dado de informação em vários contextos interdependentes apresenta uma semelhança extraordinária com a narrativa de estórias como forma de revelar idéias intuitivas.

Na técnica de contar estórias, lida-se com um problema espinhoso primeiro colocando-o numa chama traseira* da atenção e em seguida passando a contar uma estória sobre alguma coisa sem nenhuma relação com o problema que se pretende abordar. No meio do enredo da estória, começa-se a trazer o problema para fora da chama traseira, insinuando-o na ação. Introduzem-se personagens úteis à medida que se sinta a sua necessidade e, passando com o problema através de cenas diferentes e através de mãos de diferentes personagens, obtêm-se *insights* de como lidar com a situação.

"Há anos trabalho numa carreira matriz que tem uma base na Ciência, uma na Filosofia e ainda algumas na Estatística e na História. É um processo permanente de relacionar o que leio num campo às outras áreas de trabalho. Não posso agir pela força da lógica, aplicando, por exemplo, a mecânica daquilo que sei de uma área noutra. É algo mais parecido quando estou diante de um obstáculo irremovível, quero um café e um croissant quentes. Preciso desviar a mente para outra coisa tal como fazer jogging ou conversar com um amigo.

Quase sempre a interrupção é só para relaxar, e me saio um pouco melhor quando volto à cena. Mas, às vezes, alguma coisa numa atividade secundária, sem nenhuma relação com o meu problema, faz surgir uma resposta para mim.

Um lance extraordinário foi ouvir por acaso minha esposa explicando a mecânica de uma máquina de costura ao nosso filho caçula. Algo no seu tom de voz chamou minha atenção, e, enquanto ela explicava como a agulha pega a linha, percebi que tinha me esquecido de mencionar uma tensão histórica subjacente no artigo que eu estava redigindo, muito semelhante à tensão criada pela bobina invisível na linha de costura."

A Capacidade Mental Superior para o Trabalho

O aspecto evasivo do planejamento é duplo. Primeiro, se o planejamento for bastante imaginativo e interessante, é uma atividade preferível a começar a levar a sério o lado tedioso do trabalho. Por que não viver nos sonhos e deixar os outros pagar a conta?

O segundo tipo de fuga é mais sutil e envolve desconsiderar o fato de que, quando você assume um compromisso, as outras pessoas envolvidas acham com certeza que você concorda com as premissas básicas em que repousa esse compromisso e não apenas com alguns de seus pontos mais agradáveis. Por exemplo, se você se compromete com a monogamia, não se segue que, por ser a monogamia uma consequência do amor recíproco e por ter você se apaixonado por

* Chama traseira: metáfora para indicar posição não prioritária (Nota do revisor).

outra pessoa com quem quer viver, você ainda seja monógamo porque ama ambas as pessoas envolvidas.

A maioria dos Setes naturalmente perceberia a falsidade desse raciocínio, mas estaria inclinada a minimizar o fato de um compromisso quebrado e enfatizar algo na linha do "Mas que erro pode haver com o amor? O amor iguala as coisas; toda a espécie de amor não será amor?". Isso tem o efeito de colocar as pessoas responsáveis e cumpridoras do dever na posição de menos sofisticadas, daquelas que não sabem *ir na onda*.

O trabalho implica um compromisso integral a um único curso de ação, em lugar de uma circulação entre muitos cursos de ação, por não se querer perder nada do que possa ser bom. Trabalhar implica ainda certo grau de restrição voluntária. Você tem de limitar suas outras opções e se comprometer a um único plano. Você não vai mudar o plano quando ele tocar um ponto ruim e você não vai desistir se for criticado nem se outras pessoas sentirem menos entusiasmo por suas boas idéias.

Do ponto de vista da atenção, trabalho significa o empenho de manter a atenção estabilizada no momento atual preciso e a capacidade de aceitar o que vier, seja alegre seja triste, quer faça você se sentir ótimo, quer faça você se sentir mal. Quando você trabalha, você fica enfocado numa coisa de cada vez, até que o projeto seja concluído.

Para o meditador com traços narcisistas, a tarefa de manter uma atenção deliberadamente concentrada num único objeto interior de contemplação é um processo enfadonho. A atenção se deixa atrair por idéias e sonhos fascinantes, e é muito difícil diminuir o ritmo da mente a fim de se concentrar num único ponto.

A tarefa é ainda mais dificultada quando o material que começa a emergir durante a meditação se nos revela menos evoluído do que o nosso ego nos fez acreditar. É preciso que meditadores com propensões narcisistas, talvez sinceramente convencidos de já ter superado quaisquer deficiências pessoais, tenham firmeza e coragem para prestar atenção aos aspectos de si mesmos que, na verdade, não são bons.

"Eu estava fazendo treinamento em residência quando fui de encontro à crueza da medicina, coisa que não estava disposto a fazer. Inconscientemente, eu me tinha motivado pela idéia de que a medicina era contra a morte e que, de algum modo, eu sempre seria capaz de fazer alguma coisa. Então fui para o plantão da oncologia, e todos os dias tinha de informar às famílias dos doentes que já não havia nada que eu pudesse fazer.

No princípio, minha mente não queria aceitar a verdade. Devia haver saídas para os meus pacientes. Uma estratégia diferente, algum tipo de tratamento polivalente. Por fim, tive de aceitar que a morte era um fato e perceber que eu tinha querido ignorar esse fato. Eu nem acreditava na minha própria morte. Foi aí que me envolvi com o câncer de maneira séria. Comecei a examiná-lo a fundo, e a coisa se tornou fascinante para mim.

Graças a um microscópio, tive aquilo que eu chamaria de experiência espiritual. Eu estava olhando no tubo, travando uma batalha com minha mente. Eu tentava me concentrar na lâmina da célula cancerosa e manter a respiração lenta e superficial e tudo o que eu conseguia pensar era no livro que eu estava lendo e no encontro que ia ter mais tarde naquela noite. Eu me sentia no limite entre a vida e a morte. A morte estava lá naquelas células, e a vida estava cá me chamando.

O que aconteceu foi que as células começaram a se abrir. Elas eram manchas na lâmina, mas começaram a pulsar feito pequenos sóis. Tudo o que fiz foi ficar observando aquela pulsação, sabendo que elas estavam muito vivas. Assim que voltei a mim mesmo, estava convencido de ter passado por algum estado mental alterado e que, ao manter a mente firme, tive o vislumbre de alguma realidade entre a vida e a morte.

Aquilo não alterou o fato de que o câncer era mesmo um agente mortal, mas me tornou mais consciente de minha própria mortalidade e de minhas limitações.”

Gula

A gula dos Setes se caracteriza por uma fome de excitações e de experiências, sentida pelo corpo. Setes dizem que têm o vício da própria adrenalina. Adoram o ímpeto da energia física, a excitação da aventura e a estimulação mental. São também, com frequência, atraídos pelos alucinógenos e por outras substâncias que sirvam para mantê-los por cima, embriagados. A gula é uma fome que o corpo sente, mais de estimulação e de experiências do que propriamente de pratos de comida. De fato, Setes abandonariam uma experiência antes de ficar saciados a fim de garantir a continuidade de seu interesse. Setes têm um gosto de *gourmet* por experiências, preferindo pequenas provas do que há de melhor a uma *overdose* como experiência única.

A gula mental é comumente descrita na prática espiritual como a mente de macaco. O ensinamento usa a imagem de um macaco que salta agilmente pelas árvores da floresta.

O problema da mente de macaco é que um enfoque preciso da atenção perpassa associações, fantasias e planos mentais com tanta presteza e agilidade, que o meditador não é capaz de penetrar profundamente num estado contemplativo. A tarefa do meditador é obter atenção para se sentar calmamente com um único ponto de contemplação, quando o hábito da atenção é o de convocar fantasias e planos sedutores.

A versão corporal da mente de macaco é descrita por Setes como o desejo de ter toda experiência possível. Dizem que se sentem mais vivos quando estão se movimentando entre várias atividades fascinantes e que dispõem de recursos infinitos de energia física, desde que seu interesse permaneça vivo. O segredo deles é abandonar uma atividade exatamente na hora em que começam a se cansar, ou a sentir uma ponta de enfado. Também dizem preferir ficar sem dormir a abrir mão de algo interessante por fazer.

A Virtude da Sobriedade

Sobriedade significa simplesmente ser capaz de prosseguir um curso de ação sem ter de introduzir digressões nem planos secundários excitantes. Setes dizem que têm medo de diminuir o ritmo e de se comprometer com um único curso de ação, porque compromissos sempre implicam aborrecimentos e sofrimentos.

Num nível mental, Setes têm uma propensão para imaginar coisas positivas exatamente oposta ao hábito de um Seis de imaginar o pior a fim de estar preparado, de guarda. Epicuristas são capazes de se embriagar com o poder de suas próprias imaginações e também sentem uma euforia corporal que se aproxima da embriaguês, quando podem dar plenas asas ao desejo de se fartar de tanta excitação quanto possível.

Setes são encorajados por um plano grandioso para o futuro, que em geral contém a visão de um modo de vida integrado onde os interesses principais e certos confortos especiais estão sintetizados num todo; não há controvérsias, tudo transcorrendo sem problemas, muita estimulação e não se faz nenhuma pergunta difícil ou embaraçosa.

Num nível prático, sobriedade significa que cada momento deve ser aceito não importando o tipo de experiência que forneça. Tanto as boas quanto as más devem ser tratadas com igual interesse em lugar de prestar atenção seletiva a experiências positivas. Um Sete sóbrio sabe tomar uma coisa de cada vez e apreciar seu verdadeiro valor e conveniência, em vez de incrementá-la em poder e excitação, imaginando-a como mais do que é.

Méritos

Os méritos do Sete incluem entusiasmo por possibilidades criativas e uma verdadeira capacidade de ir ao encontro das pessoas e de produzir novas idéias. Excelentes nos trabalhos em rede e com expertos em dificuldades, sobretudo no início ou no lançamento de uma empreitada. Têm disposição de experimentar e de relacionar seus próprios princípios com novos conceitos para ver os pontos de concordância que se sobrepõem entre opostos; dispostos a ver o melhor em todas as coisas. Capazes de levantar o moral nas fases negras de um projeto ou de um relacionamento. Genuíno interesse e genuína energia para projetos aventureiros. Disposição de trabalhar duro com vistas a bons momentos, de trabalhar por projetos interessantes e por uma causa válida do mesmo modo que outros trabalham por salários e ganhos pessoais.

Ambientes Atrativos

Com freqüência, encontramos Setes entre editores, escritores e contistas. São teóricos de um novo paradigma. São planejadores e sintetizadores e coletores de idéias. Buscam meios naturais de permanecer animados.

São eternamente jovens e, para permanecer ativos e saudáveis, freqüentam centros de forma física e lojas de produtos naturais. Aparecem nas páginas de revistas da Nova Era. São idealistas, futuristas e viajantes internacionais. "Logo vou estar no avião, por isso não estou todo hoje aqui." Buscam o melhor como entusiastas de comidas e vinhos. O derradeiro sorvo, a visão da quintessência. Aparecem nos corpos docentes das universidades como promotores de estudos interdisciplinares.

Ambientes não Atrativos

Setes normalmente não são encontrados no trabalho rotineiro que não traga consigo o espírito de aventura. Técnico de laboratório. Contador. Empregos fechados com rotinas previsíveis. Trabalho sob supervisão de um chefe crítico.

Setes Famosos

A personagem da história em quadrinho *Zonker*, de Doonesbury, é um Sete que, sem ser notado, entrou e saiu de Yale, de uma formação em medicina e da nobreza britânica, graças à boa sorte, ao charme, à idéia de que ser fiel a si mesmo é melhor do que muito trabalho pesado.

Subtipos

Os subtipos nomeiam preocupações que Epicuristas desenvolvem com meios de manter uma imagem idealizada de si mesmos. Estas palavras identificam três questões centrais ao narcisismo: espelhamento (reflexo), futurismo e idealização.

Sugestionabilidade (Fascinação) nos Relacionamentos com uma Pessoa

Para Setes, novas experiências e novas idéias são elevadas pela imaginação positiva ao ponto em que adquirem a força de fatos consumados.

"Em minha vida amorosa me vejo como uma Don Juan. Minhas atrações são fortes e imediatas. Eu quero compartilhar todas as coisas maravilhosas que descobri e quero tê-lo comigo enquanto estiver acumulando mais."

Sacrifício (Mártir) na Arena Social

Setes são capazes de aceitar a limitação de opções imposta por obrigações para com outras pessoas, porque a associam à crença de que toda limitação é temporária e de que rumam a metas futuras positivas.

"O sacrifício era tão implícito que eu nunca achei que estava fazendo sacrifícios. Éramos uma família de imigrantes que aportou num cenário de barra pesada de um gueto italiano. Saí da escola local para outra num bairro diferente, e me fizeram consciente das diferenças entre minha família e das outras crianças."

Em certo nível, eu sabia que minha gente nunca ia superar a barreira da língua, mas, por outro lado, eu podia ver também que todos nós estávamos caminhando para uma vida totalmente transformada."

Família (Defensores dos que têm a Mesma Orientação) como uma Tática de Autopreservação

Um Sete gosta da segurança de pertencer a um grupo de pessoas com afinidade de pensamento que espelhem as crenças do Sete.

"Eu costumava me achar igual a um pregador ambulante, com uma compulsão de ir de amigo em amigo e não perder as coisas interessantes que cada um deles estava fazendo. Eu imaginava que, se a gente pudesse juntar nossos talentos, a gente bolaria um estilo de vida perfeito. Fiquei nessa roda-viva durante anos, até entender que nenhum de nós se daria bem morando perto. Eu ainda alimento a idéia de que temos afinidades mentais, embora o sonho de viver juntos já tenha se acabado."

O Que Ajuda Setes a Evoluir

Setes freqüentemente começam a fazer terapia, ou iniciam uma prática de

meditação, porque querem "tirar mais da vida". Também entram em terapia durante a crise da meia-idade, época que realça a discrepância entre as expectativas imaginadas e o que foi efetivamente realizado. Questões típicas são a convicção de que outros membros da família é que têm problemas, a incapacidade de assumir compromissos numa relação e a dificuldade de tolerar um projeto aborrecido ou difícil em curso. Podem ter dificuldades com empregos, drogas e finanças em consequência da fuga para o prazer como defesa psicológica.

Epicuristas devem identificar os momentos em que a atenção se desvia de um sofrimento concreto para um devaneio mental positivo ou para uma substituição prazerosa da atividade.

Setes podem aprender a se ajudar

- Reconhecendo o apego à juventude e à energia. Permitindo-se ver o valor no amadurecimento e na idade.
- Aprendendo a suportar uma questão dolorosa o tempo suficiente para ver que o problema existe. "Se preciso de ajuda, é porque devo ser deficiente."
- Notando os momentos em que ocorrem evasões mentais: programação excessiva, múltiplos projetos, novas opções, planos futuros. Quando o pensamento e a atividade passam a ser compulsivos, o Sete está em fuga.
- Reconhecendo o hábito de substituir a tensão de vivenciar a coisa real por uma idéia de como é o sofrimento.
- Notando que o prazer superficial e a falta de profundidade nos compromissos levam ao desejo compulsivo de mais prazer e diversão.
- Notando que se perde a profundidade das experiências e do prazer quando se fica na superfície.
- Notando que a liberação superficial ou prematura de emoções substitui as reações profundas. Medo de ficar profundamente comprometido consigo mesmo.
- Reconhecendo a pretensão de ter direito a um tratamento especial.
- Vendo o alcance da responsabilidade real que, em geral, é muito mais do que aquilo que um Sete quer fazer.
- Não perdendo controle quando surgir a paranóia subjacente. A coisa pode ser esmagadora. Medo de que a vida se deteriore totalmente.
- Tentando ver a diferença entre a crítica e a auto-avaliação realista. Percebendo sentimentos de medo quando o conceito do valor pessoal é desafiado, e o desejo de se promover a fim de se sentir superior de novo.
- Tendo a disposição de trabalhar episódios de fúria quando o conceito pessoal for questionado. Quando ferido, notando a tendência de rachar a percepção das pessoas amadas de modo a parecerem todas boas ou todas más. Não perdendo o controle quando as coisas parecerem ruins.
- Reconhecendo a tentativa de usar de charme para resolver a situação. Tornar as coisas interessantes, fazer as coisas ficar "legais". Precisando "estar numa boa".
- Percebendo a tendência de inventar histórias a fim de evitar a dor e o sofrimento. Criando histórias divertidas que têm apenas uma relação tangencial com a verdade. Usando analogias para racionalizar emoções difíceis. Desviando a atenção para uma imagem mental com o intuito de bloquear a experiência da dor.

- Reconhecendo a fuga para a fantasia, para estimuladores do ânimo e do humor, para o abuso dos impulsos sensoriais. Desenvolvendo a capacidade de ficar no momento presente em vez de fugir.
- Abrindo mão de opções não preenchedoras. Percebendo a sensação de limitação e de medo que surge quando se perde uma opção.

Coisas que os Setes Deveriam Perceber

Epicuristas deveriam ter a percepção de que algumas das seguintes questões provavelmente despontarão durante o processo de transformação:

- Sentimento de tédio em relação à terapia, cujas manifestações incluem trazer presentes, cativar o terapeuta, defletir a atenção para atividades intelectuais prazerosas.
- Sentimentos de superioridade. Menosprezar o terapeuta um tanto ridículo. Menosprezar a vida prosaica.
- Associar uma situação difícil a tantos paralelos mentais que o fato perde a força.
- Desejo de acelerar as atividades ao surgirem questões de compromisso. Ansiedade ao desaparecerem outras opções.
- Sentir-se preso e entediado com o compromisso. "Quero de volta minhas opções."
- Uma preocupação com hierarquias internas. "Onde fico? Qual é o meu lugar? O que os outros estão vendo em mim?"
- Problemas com autoridade. Não querer ser o patrão. Não querer se submeter a um patrão. Nivelar a autoridade para evitar a dor de ser mandado.
- Culpa por ter se safado impunemente com tanto às custas do charme e da sedução.
- Desejo de abandonar a terapia assim que a questão presente pareça ter melhorado. Alcançar a saúde psíquica num vôo.
- Falhas na lembrança quanto a experiências negativas do passado.
- Expressar raiva debochando do problema. Vendo o problema como algo ridículo. Trivializando as preocupações dos outros e se divertindo com elas.

13. Ponto Oito: O Patrão

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|------------------|----------------------------|-----------------|-----------|
| CABEÇA | Traço Principal: | VINGANÇA | Mente Superior. | VERDADE |
| CORAÇÃO | Paixão: | LUXÚRIA | Virtude: | INOCÊNCIA |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| Sexual: | | POSSESSIVO/CAPTULADOR | | |
| Social: | | BUSCANDO AMIZADE | | |
| A utopreservação: | | SOBREVIVÊNCIA SATISFATÓRIA | | |

O Dilema

Oitos descrevem uma infância combativa, onde os fortes eram respeitados e os fracos não. Na expectativa de serem prejudicados, Oitos aprenderam a se proteger adquirindo uma sensibilidade requintada quanto às intenções negativas dos outros. Oitos se vêem como protetores. Eles se vêem como escudo de amigos e de inocentes, colocando-os atrás de seus próprios corpos protetores, enquanto continuam a lutar contra as disparidades.

Em lugar de se deixarem intimidar pelo conflito, Oitos encontram sua identidade como forçadores da justiça, sentindo muito orgulho de sua disposição em defender os fracos. O amor é mais freqüentemente expressado por meio da proteção do que por meio de sentimentos ternos. Estar comprometido significa manter a pessoa amada debaixo da asa e tirar o perigo do caminho.

A questão central é o controle. Quem é que tem o poder? E será justa essa pessoa? A posição preferida é tomar as coisas a seu cargo, exercer o seu próprio poder sobre a situação e manter controle sobre outros rivais fortes. Existe a necessidade de testar a imparcialidade e a aptidão da autoridade. "Cairei nas mãos de pessoas mal intencionadas? Serão elas um bando de tolos? Como é que vão reagir sob pressão? Vamos testá-las."

Se Oitos estão numa posição de subordinação, vão minimizar o fato de que a autoridade tem mesmo o comando sobre o seu comportamento e vão testar os limites e interpretar as regras a seu favor até que as penalidade se tornem claras. Quando colocado numa posição de liderança, um Oito vai querer assegurar os limites de seu império pessoal. A estratégia será tomar o poder por completo em vez de buscar alianças que dependam de uma negociação cortês ou de diplomacia.

O teste de poder mais comum é pressionar os pontos vulneráveis das pessoas e observar como elas vão reagir. Será que elas vão retaliar? Será que vão se curvar demonstrando fraqueza, ou vão se aferrar a um princípio a qualquer custo? Será que vão mudar de história quando se virem acuadas? Vão mentir, usar de manipulação ou cuspir a verdade?

Durante a briga com um amigo, o Patrão está checando as motivações. Essa é uma condição para uma intimidade mais profunda, porque Oitos acreditam que a verdade se revela na luta, na disputa. O fato de que, brigando, se pode alcançar a intimidade, é um choque para quem se intimida com a raiva aberta ou um desalento para quem descobre uma possível ligação precisa entre a intimidade e a raiva.

O exterior duro de um Oito encobre o coração de uma criança dependente que

foi prematuramente exposta a circunstâncias adversas. Muitos Oitos vivem a vida sem olhar para dentro de si mesmos a fim de redescobrir os sentimentos que ocultaram desde que perderam a inocência do estado infantil. A consequência infeliz de um hábito permanente e arraigado de buscar fora de si o culpado é que, por fim, quando a atenção se volta para dentro, perceber que todos nós temos um papel em nosso própria anulação ou destruição pode atingir um Oito com uma força suicida. Oitos dizem que, por mais que culpem os outros, essa censura nunca poderia conter a força punitiva da incriminação dirigida contra eles mesmos. Culpa e o desejo de punir o mau procedimento são as preocupações principais, porque, ao definir um ponto de culpa, a pessoa pode agir legitimamente para assumir o controle como protetor dos inocentes e como promotor da justiça. A raiva e a força podem ser mobilizadas contra uma ameaça externa, e a raiva faz um Oito se sentir poderoso, porque substitui instantaneamente o medo subjacente de ser feito vulnerável a outros, ou de ser traído por alguém em que você confiou.

Partindo de uma visão de mundo em que o forte sobrevive e o fraco perece, Oitos carregam uma profunda suspeita de uma apresentação ambígua, de mensagens confusas ou de cadeias de comando imprecisas. Segurança significa saber quem você tem de enfrentar e quem vai lhe dar cobertura. Sob pressão, a atenção se restringe a comparar o próprio poder da pessoa com a força ou fraqueza do oponente. Será o opositor inocente ou culpado, amigo ou inimigo, um guerreiro e um fracote? Padrões raramente questionam a própria opinião. Vacilar quanto aos méritos de uma opinião, ou examinar as próprias motivações psicológicas, só serviria para desgastar uma posição pessoal forte.

Oitos querem previsibilidade e controle de suas vidas, mas logo ficam irritados e entediados sem o desafio de uma posição para defender. Uma vez as regras de conduta tenham sido estabelecidas, Oitos muitas vezes vão passar a romper as diretrizes nas quais eles mesmos podem ter insistido. Se Oitos estão aborrecidos, ou se têm energia extra para queimar, eles vão criar problemas. Isso muitas vezes significa comprar uma briga, intrometer-se na vida de amigos ou liberar uma quantidade enorme de energia numa questão irrelevante: "Quem roubou meu descascador de batata? Quem é o culpado?"

Exagerar é outra forma de gastar energia extra e é uma solução que o Oito normalmente adota para o problema do tédio. Exagerar tudo o que parece bom em termo de sexo, comida, bebida ou drogas. Farras a noite inteira. Entretenimento pesado. Trabalhar tão exaustivamente que se cai como uma árvore abatida. Gostar tanto do sabor da comida que se terminam três pratos rapidamente. Assim que a atenção se liga ao prazer, é difícil desviá-la. Uma coisa boa leva a outra e assim por diante, até que o Oito seja o último a sair da festa.

Assim como ocorre a todos os nove tipos do Eneagrama, a maturidade e a observação de si mesmo levarão o Patrão, a perceber às limitações de um ponto de vista estreito. Cada tipo é por fim reconduzido à recuperação de um aspecto valioso da essência, por intermédio de suas próprias preocupações peculiares, o que, para um Oito, significa recuperar a inocência original da infância que foi sacrificada em troca da sobrevivência num mundo assustador.

As preocupações habituais de um Oito incluem

- Controle dos bens pessoais e do espaço pessoal e controle de pessoas capazes de influenciar a vida do Oito.
- Agressão e franca expressão da raiva.

- Preocupação com a justiça e com a proteção de outros.
- Briga e sexo como formas de fazer contato. Confiança em pessoas capazes de agüentar uma luta.
- Excesso como antídoto contra o tédio. Chegar tarde, - entretenimento pesado, farras. Tudo em demasia, barulho demais, quantidades excessivas.
- Dificuldades em reconhecer os aspectos dependentes do eu. Quando afetado por outros, pode negar os verdadeiros sentimentos, afastando-se, alegando tédio ou culpando-se intimamente por erros no passado.
- Um estilo de atenção radical do tipo *tudo ou nada* e que tende a ver as coisas nos extremos. As pessoas são fortes ou fracas, justas ou injustas, não há meio-termo. Esse estilo de atenção pode levar
 - Ao não-reconhecimento das próprias fraquezas e à negação automática de outros pontos de vista em favor da única opinião "legítima" que fará o Oito se sentir seguro, ou
 - Ao exercício apropriado da força a serviço de outras pessoas

História de Família

Oitos sobreviveram à infância assumindo uma postura pessoal de força e dureza. Seu mundo era dominado por pessoas maiores e mais fortes que queriam lhes controlar a vida. A criança lutou contra uma atmosfera de diferenças injustas e sobreviveu graças a uma forma qualquer de confrontação que fizesse os inimigos recuar. Os relatos vão desde crianças espancadas que revidavam até crianças de bairros pobres que conquistaram o respeito de seus iguais por não chorar, por não demonstrar fraqueza e por vencer brigas. Onde não havia maus-tratos físicos na família, Oitos relatam que eram respeitados por ser fortes e rejeitados quando pareciam fracos.

"Quando eu era pequeno, brigar era um meio de vida. Escola barra-pesada, vizinhança barra-pesada. Você tinha de ser o mais forte e de se manter por cima. As pessoas só ouviam se você gritasse e deixavam você em paz se você as enfrentasse. Recentemente tive uma reconstituição quando voltei para casa de férias. As conversas insinuavam que você tinha de tomar um partido. Política, opiniões, tudo parecia colorido pelos antagonismos.

Toda vez que eu tentava recuar diante de uma provocação direta, minha mãe parecia indignada. Ela acabou saindo da conversa dizendo que eu era um frouxo sem opinião. Foi aí que percebi que ela gostava de mim quando eu lutava e me largava quando eu começava a mostrar fraqueza. Como adulto, a sensação é o tipo do 'não me bata' sempre que eu tento relaxar a guarda, ou quando me abro com outra pessoa, porque fui muito humilhado quando pareci fraco."

Oitos normalmente se descrevem como pessoas que tentaram ser boas quando novas. Dizem que, de início, quiseram agradar aos outros, mas que os outros se aproveitaram de sua inocência, e que eles foram magoados e feridos quando mostraram seu lado vulnerável. Eles acreditam que começaram a repelir os outros em defesa própria e que logo descobriram que era mais divertido violar as regras do que tentar cumpri-las.

"Meus pais são batistas fundamentalistas, e nós fomos criados na idéia de que qualquer coisa feita em nome da salvação das crianças era justificado. Meu pai era violento com a gente, e durante mais ou menos quatro anos eu era espancado com uma correia duas ou três vezes por mês. Um dia, quando eu tinha quinze anos, eu

sabia que já era bastante grande e escapuli dele dizendo que, na próxima, ia ser uma luta no braço.

A preocupação de minha mãe com o estado de minha alma parecia de certo modo ainda mais traiçoeira. Fui salvo aos onze anos e por alguns meses aparentemente assumi os votos. Mas era impossível. Qualquer pequeno pecado, e você ia para o fogo do inferno. Era o paraíso ou o inferno, sem nenhuma salvação no meio. A realidade que meus pais passavam para mim era simplesmente intragável. Se a vida era assim, por que não acabar aí? Aí me rebelei, e o tempo todo ficavam me alertando: 'Se você fizer isso, você passa dos limites, e não há redenção, não há retorno.' Aí é que eu fazia mesmo e ultrapassava os limites.

Ainda no ginásio, assaltei a igreja que a gente freqüentava. Meu pai era pastor da igreja, por isso a gente teve de ir embora em desgraça. Antes disso, eles me forçavam a ir à igreja muitas vezes: domingo de manhã e à noite, quarta-feira à noite, novenas —, e aquilo era uma verdadeira agonia para mim. Pensando bem, acho que o roubo fez meus pais perceberem o que estava acontecendo comigo, mas, na época, eu simplesmente achava que precisava do dinheiro."

Negação

Crianças Oitos florescem numa atmosfera de competição aberta, usando quaisquer dotes naturais que possuam como vantagem para vencer. Uma criança pequena e inteligente vai manipular outra, ou então vai dar uma opinião insultante; uma criança maior poderá bater com violência, ou então fazer a oposição calar com seus gritos. Pequenos guerreiros em combate não podem se dar o luxo de pensar em suas fraquezas; contam consigo mesmos e aprendem a avançar pressionando a defesa do inimigo.

São crianças que aprenderam a negar suas limitações pessoais a fim de parecer fortes. Uma vez a atenção de um Oito se fixe a uma postura de discussão ou disputa, o campo de percepção se restringe a um enfoque dos pontos fracos na defesa do oponente. E difícil para o Oito compreender os contra-argumentos do oponente, porque sua atenção interna se recusa a flutuar para reconsiderar a questão. Assim que a atenção do Oito se dirige a uma postura de combate, a maior parte das provas contrárias será negada, porque o Oito não pode se dar ao luxo de desviar sua atenção um tempo suficientemente longo para examinar com detalhes qualquer evidência.

"Todo o meu tempo de escola fui um dos que enfrentavam o professor pelos meus colegas. Eu me imaginava na busca da verdade, e a verdade se transformou num questionamento das autoridades. Elas sabiam o que declaravam saber? Onde vinha a informação que elas tinham? Sempre achei que ninguém gostava dos 'bons' menininhos; achava que gostavam mais de mim.

Eu era contra as autoridade, não porque estivesse tentando indispor alguém, mas sim porque eu queria a atenção dos outros alunos, mostrando a eles meu desafio, minha luta, e eu achava que os professores iam admirar meu espírito e a força de minha opinião. Raras vezes considerei a possibilidade de minhas opiniões estarem equivocadas. De qualquer maneira, isso não tinha a menor importância, porque era o confronto direto que me excitava e me fazia sentir vivo.

Hoje em dia, como adulto, tenho assumido projetos sem jamais considerar se tenho ou não requisitos e se posso ou não me dar mal. Recentemente aceitei escrever um artigo para uma revista nacional sobre a nova tecnologia do gene, sem jamais ter feito sequer um curso elementar de Biologia. Eu simplesmente achei que poderia fazê-lo. Trabalhar me mantém cativo. Ou é trabalho e nenhuma diversão, ou então é puro divertimento sem um pingo de trabalho. Seja o que for, é tudo ou nada."

O estado de existência preferido é o do excesso e do movimento cheio de energia. Padrões aprenderam a seguir seus próprios impulsos e a ir na direção daquilo

que lhes dá prazer, sem estar muito preocupados com as suas motivações. Em consequência, são relativamente desinibidos e têm muita energia física disponível que, em outras circunstâncias, poderia estar comprometida com a introspecção e com o questionamento de si mesmo. Assim que um desejo se impõe, eles partem depressa para a ação antes que a frustração se instale. O intervalo de tempo entre o desejo e ação é curto; e, desde que a meta desejada esteja fixada na mente, o Patrão adota aquele tipo de atenção inflexível que fundamenta a postura do combate.

"Sempre propalei um mito de invencibilidade acerca de minha pessoa. Lembro-me de que, certa noite, quis um pedaço de torta poucos minutos antes de a confeitaria fechar. A loja era do outro lado da cidade; então, eu peguei a moto e atravessei a Telegraph Avenue à velocidade máxima. A moto bateu num buraco de obras no asfalto, onde a luz de advertência estava fraca. Eu me levantei sozinho, minhas calças cheias de sangue, e tudo o que eu pensava era em dar partida.

Eu me lembro de ter repelido algumas pessoas que tentavam me ajudar, com a idéia na cabeça de que tinha de chegar à loja antes que fosse tarde demais. Não tinha nenhuma relação com algum ato heróico nem mesmo com a torta em si. Era só a enorme dose de energia de ter me feito inteiramente.

Para mim é um sofrimento incrível me sentir tão vulnerável como me sinto, sempre que todo esse poder se vai. É por isso que mantenho vivo esse mito, e a alta velocidade é uma espécie de metáfora da pista à esquerda onde vou a toda, porque, sem isso, é como se nada estivesse acontecendo."

Negar limitações pessoais muitas vezes leva a um hábito paralelo de negar a própria dor física e emocional. Oitos com frequência contam histórias de como terminaram um grande jogo de futebol no colégio com uma bandagem no joelho lesado e desmaiaram de dor após chegar em casa. Também contam histórias reveladoras de sua negação da dor emocional, tais como a queda do estado de inocência de Oitos imaturos, que percebem ter sido enganados por uma namorada ou por um amigo em quem confiavam e que, imediatamente, acham meios de bloquear o sentimento.

A alteração necessária da percepção para negar uma experiência dolorosa é um recurso fundamental para um bom lutador, mas pode se tornar fonte de terrível sofrimento quando esse lutador começa a ser afetado pelo que outras pessoas pensam, ou quando começa a se apaixonar. No início do romance, Oitos se descobrem divididos entre o desejo de reabrir os sentimentos ternos do coração e o hábito de negar emoções mais delicadas.

Em *Our Inner Conflicts* (Nossos Conflitos Internos), Karen Horney apresenta uma descrição tocante da linha Oito-Dois do Eneagrama, a qual representa o dilema do indivíduo cujo hábito fundamental de defesa é ir contra os outros, mas que, no fundo, permanece ligado ao amor e à aprovação alheios. A autora dedica um capítulo à descrição do indivíduo cuja defesa básica é um movimento contra os outros (Oito), outro capítulo aos que se protegem com um movimento na direção dos outros (Dois) e ainda outro capítulo aos que se movem na direção contrária às outras pessoas (Cinco). De acordo com a visão tríplice do caráter humano oferecido pelo Eneagrama, essas três categorias de comportamento, aparentemente distintas, aparecem no ponto básico de um indivíduo Oito, no seu ponto de segurança e no seu ponto de estresse.

Controle

Patrões tentam manter controle territorial sobre qualquer coisa que possa influenciar sua vida. Desenvolvem uma sensibilidade aguda à justiça das ações de outras pessoas e geralmente estão preocupados com o potencial que os outros têm para manipular o poder ou para reivindicar o controle. O ponto de vista interno da

atenção poderia ser descrito como: "Quem tem o comando aqui?" e "Será que essa pessoa vai ser justa?"

"De certa forma, minha vida tem sido uma busca para saber como são exatamente as regras. Não simplesmente a idéia de alguém de como me intimidar, mas as verdadeiras regras de conduta. Minha visão de mundo é que o mal existe mesmo e que as pessoas estão querendo me controlar a fim de poder se manter às minhas custas. Tenho tanto direito ao que preciso quanto elas e, para satisfazer minhas necessidades, tenho de me livrar dessas pessoas que querem se aproveitar de mim e, ao mesmo tempo, tentar me comportar com dignidade à minha própria maneira."

Oitos se sentem seguros quando são capazes de controlar uma situação, tomando as decisões e fazendo outras pessoas obedecer. Também se sentem poderosos quando vão contra as regras de conduta às quais outros se submetem. São sensíveis a quaisquer tentativas de ordenar seu comportamento e ficarão irritados e se rebelarão até se livrar de interferências externas. Como querem o poder tanto para estabelecer limites quanto para quebrar limites, seu comportamento muitas vezes parece oscilar entre a imposição de exigências puritanas para se comportar integralmente em relação a si mesmos e aos outros e o extremo oposto da violação de todas as coisas que eles tenham se proibido de fazer.

Um exemplo de um Patrão assumindo controle seria ele ou ela estabelecer uma lista extenuante de exigências e depois ir pescar por uma semana. A semana seria isenta de culpa e deliciosamente temperada com turbulências. Outro exemplo seria o patrão atormentar pessoalmente os empregados a ir trabalhar mais cedo em nome da eficiência e então manter esses mesmos empregados sentados numa reunião geral por uma hora até que ele ou ela chegue.

Oitos estão preocupados com ser capazes de limitar, ou pelo menos predizer, o grau de influência que outros podem ter sobre suas vidas. A confiança é estabelecida obtendo uma completa revelação pessoal e eliminando o maior número possível de incógnitas, o que pode tomar a forma de pressionar outras pessoas a tomar uma posição, ou assumir uma postura controversa para ver como os outros vão reagir. Piadas étnicas de mau gosto, insinuações de homossexualismo e histórias de regressão a vidas passadas são os tipos de manobras coloquiais capazes de polarizar quase todas as situações sociais em facções de amigo e de inimigo e capazes de forçar as pessoas a apresentar o tipo de reação de baixo-ventre, a zona mais vulnerável, que satisfaz a preocupação de um Oito com o controle.

"Assim que começo a me interessar por uma amizade, quero ir direto ao ponto de como vamos nos tratar. Quero que nós dois joguemos de acordo com as regras, o que significa para mim ficar observando meus amigos em busca de sinais de que eles podem infringir sua parte no acordo. Se reduzo minha vigilância e se alguém de minha confiança ataca meu lado fraco, me sinto totalmente traída."

"Se alguém me magoa por ingenuidade ou por estupidez, tomo precauções para que não aconteça de novo, mas, se a coisa tiver sido proposital, então tenho de tirar a forra. Quero que a pessoa admita o que fez e que seja punida. Permitir que alguém tire proveito de mim seria desmerecer tanto a minha idéia de que estou fundamentalmente com a razão que eu sentiria que devo estar completamente errada e que tenho de me submeter a essa pessoa."

As percepções de um Patrão estão fundeadas numa visão de mundo onde pequenos descuidos e detalhes tratados com descaso detêm o potencial para uma escalada além do controle. Pequenos erros desconcertam os Oitos e os levarão a reagir ruidosamente, porque foram atingidos em seu ponto fraco sem que pudessem prever. Erros de grande monta são paradoxalmente atraentes, sobretudo se catastróficos bastante para exigir uma confrontação total.

Em qualquer situação imprevisível, o hábito do Oito de concentrar sua atenção nos pontos fracos do caso entrará em ação. O Oito vai querer eliminar a dificuldade

em potencial antes que ela tenha chance de crescer, e, se algo surpreendente ou inconveniente ocorrer, a atenção pode se tornar tão meticulosamente concentrada num pequeno erro que o Patrão se esquece das reações de outras pessoas e dos meios óbvios de reparar o erro. Isso pode ter consequências sociais constrangedoras, na medida que o Patrão se torna dogmático e insiste em tentar restabelecer o controle.

"Um dos meus investimentos é tomar conta das coisas de modo a ter certeza de que tudo será feito corretamente. É por isso que tendo a fazer um controle detalhado de como tudo deve ser. Semana passada fomos jantar fora com outro casal, e a sopa veio fria da cozinha. Para mim, parecia apenas que eu estava tentando resolver o problema da sopa fria com o garçom, e só depois percebi que os outros tinham ficado constrangidos. O que eu queria era sopa quente à mesa, e conseguir isso era prioritário em minha cabeça, porque, se a gente deixasse a coisa passar, então o prato de entrada poderia ser pior. A gente tem de intervir na hora para se salvar, ou então começa a surgir uma ansiedade de que tudo vai sair do controle."

Vingança

Pensamentos de vingança amortecem o reaparecimento da ansiedade vivenciada pela criança ao se sentir impotente. Planejar o modo de revidar serve para bloquear sentimentos de humilhação e de ameaça que brotam do fato de ter sido derrotado por um adversário. O ressentimento é um meio de manter o jogo em andamento. Ainda não perdemos, só estamos esperando um novo encontro. O hábito de um Oito de culpar os outros como a fonte de problemas e de rejeitar mentalmente opiniões contestatórias como idiotas ou tolas, sem refletir sobre elas, são outras linhas de defesa contra a sensação de ser controlado por alguma influência externa.

"Simplesmente ficar sentado e aceitar um desmando ou um abuso me enche de raiva. O fato de você ter sido enganado fica na sua cabeça esperando o momento adequado para você agir. Vingança não é um golpe traiçoeiro, é mais como se você quisesse fazer dela uma ferramenta de ensino, correta e conveniente na medida da gravidade do crime. Fico imaginando como aplicá-la apropriadamente de modo que, no momento em que ocorra, meu inimigo tenha de entender apenas a bosta que ele fez."

Oitos normalmente confundem seu desejo de tirar a forra com uma idéia de justiça. Eles foram ofendidos de uma maneira que parece injusta; é por isso que retaliar é como equilibrar os pratos de uma balança, mais do que simplesmente fazer vingança.

"Semana passada, fui tomar o café da manhã com um amigo. O dono do lugar foi extremamente rude ao anotar o pedido, e o tempo que durou a refeição não consegui tirar aquilo da cabeça. Eu devia virar a mesa ao sair? Eu devia criar uma cena com aquele cara? O que é que eu podia fazer para não me sentir humilhado o resto do dia, para que me levantasse o moral? Não conseguia parar de pensar no que fazer com aquele sujeito. Acabei não fazendo nada, e fomos embora. Mas ainda estou esquentando com a coisa. Sempre que passo de carro pelo restaurante, penso: 'E se eu simplesmente quebrasse uma vidraça?' A coisa não deixa você em paz até você tomar alguma iniciativa."

Justiça

A necessidade de manter o controle desempenha um papel na preocupação do Oito com a justiça. "Pode-se confiar nos outros? O que eles fazem é justo?" Essa preocupação é alimentada pelo desejo frustrado na infância de achar uma autoridade tão digna de confiança que se pudesse renunciar ao controle sem medo de ser

enganado ou dominado. A sensibilidade à justiça leva Patrões a prestar uma atenção especial a quaisquer sinais de propósitos injustos.

"Tenho a tendência de ficar procurando sinais de comportamento inconsciente ou maldoso; tento sacar o modo como as pessoas são maldosas, ou então como elas podem se tornar maldosas se forçadas a isso. Se elas são manipuladoras e se têm um jeito para isso. E se gostam de ser assim.

Quero ver as piores coisas de que elas são capazes, para não ter surpresas desagradáveis. Não quero ter uma imagem cor-de-rosa das pessoas e depois me surpreender com alguma motivação vil. Quero ir até o fundo. Essa pessoa está a fim de quê? E o que posso esperar dela?

Observo muito o modo de as pessoas interagir. Onde é que elas são cegas em relação a si mesmas? A que são mais vulneráveis, e como reagem quando atingidas no calcanhar de Aquiles? Sei que, se alguém cai na zona do 'não confie' em meu barômetro, é muito difícil para mim mudar de idéia. Preciso da certeza de que, se tomo uma decisão, a coisa não se altera. Quando quero saber o que uma pessoa está escondendo por trás de um sorriso ou de um agrado, dou uma prensa na pessoa e a ponho irritada para ver o que ela faz nessas condições."

O Patrão pressiona para descobrir as verdadeiras motivações das pessoas, sobretudo para ver se são justas. O conceito que o Oito faz de si mesmo é o de defensor dos fracos que, com naturalidade, gosta de entrar numa situação injusta e de resolvê-la. O triste efeito bumerangue dessa posição de defensor é que Oitos são muitas vezes tão agressivos na defesa de uma causa válida, que podem ser percebidos antes como turbulentos do que como aliados úteis.

Oitos também são passíveis de ser manipulados a lutar as lutas dos outros. São exemplos notáveis de liderança comprometida com a defesa da justiça, ou quando um estado de opressão deve ser enfrentado e são, portanto requisitados como aliados de peso. Um enredo típico é relatado por crianças Oitos que lidaram com uma história de injustiça e que se descobrem colocados à frente dos interesses de outras crianças. Um exemplo seria uma situação em sala de aula onde os alunos acham que a professora lhes dá muito dever de casa. O provável porta-voz seria uma criança Oito, cuja segurança depende de uma ação direta contra a injustiça e que poderia ser facilmente manipulada a assumir a responsabilidade pelas outras crianças.

Em famílias problemáticas, é com frequência a criança Oito que percebe a raiva não admitida pelos adultos e que age contra ela. Neste cenário, é provável que os outros membros da família apontem o Oito como o encenqueiro, sem perceber a clareza com que a agressividade interna deles se transmite para a criança.

A Verdade como uma Qualidade da Mente Superior

A preocupação com o jogo limpo faz a atenção se voltar para as intenções ocultas de outras pessoas. Patrões querem testar a veracidade do que as pessoas dizem e confrontá-las diretamente nas questões sensíveis para ver como a verdade é capaz de se alterar sob pressão. Buscar a verdade não parece um combate, do ponto de vista de um Oito; é antes a percepção de quando uma opinião parcial está sendo emitida, ou de quando uma informação está sendo retida, e é também a obediência a um impulso natural de agitar e desconcertar todas as partes envolvidas, até o ponto de elas deixarem escapar seus reais sentimentos. Brigar é entendido como fundamental para a amizade, porque é sob pressão que as pessoas revelam suas agendas ocultas.

Oitos respeitam uma luta justa. O conceito idealizado de si mesmos, de que são pessoalmente poderosos, é projetado externamente como uma admiração por pessoas que sustentam uma opinião forte. Há uma identificação com aqueles que, sob

fogo, não cedem terreno, e há desrespeito por qualquer um que tente evitar a confrontação.

Do ponto de vista de um estranho, a "luta justa" do Patrão pode dar a idéia de dois oponentes inflexíveis colocados em posição de combate num ringue de boxe. Aqueles de nós que não têm contato com a própria agressividade armam muitas vezes esquemas para ficar fora do caminho de um Oito, para reter as más notícias, ou adulterar informações como forma de não aborrecer uma pessoa potencialmente explosiva. Do ponto de vista de um Oito, brigar é uma fonte de excitação e é bem mais divertido trabalhar contra um oponente respeitável do que conquistar uma vitória fácil.

Se o oponente for digno de respeito, vai ocorrer um fluxo emocional constante à medida que o Oito está se mobilizando para encontrar uma força poderosa que ameaça escapar ao controle. A raiva que vem à tona para fazer face à situação é sentida como um poder direcionado e concentrado. Ela é antes sentida como uma excitação em vez de uma emoção negativa. Um Oito com raiva é capaz de perceber o poder energético da emoção como uma força que o leva até a verdade dos fatos, como um instrumento para a realização do trabalho, como uma excitação que é um antídoto contra o enfado e o esquecimento de si mesmo. Uma luta justa é na verdade uma situação de *sempre vencer* para um Oito: derrotar um oponente dá a satisfação de asseverar o controle, e perder para um oponente valoroso, que foi testado e avaliado como justo, diminui a suspeita em torno daqueles que têm poder sobre a vida do Oito.

Quando Oitos agem a partir de seu ego, concentram-se mentalmente numa versão da verdade que lhes dê o benefício máximo e insistem que a versão deles é o único curso de ação objetivamente verdadeiro. Uma vez convencidos de que sua versão da verdade é correta, perdem de vista o fato de que ela talvez seja em benefício próprio, ou de que representa apenas uma visão parcial das coisas. Mentalmente engrenados para passar por cima de qualquer oposição, sua atenção assume uma posição de combate, cujos alvos são os aspectos negativos da oposição e os positivos da própria situação. Opiniões alternativas são mentalmente rotuladas de imbecis e podem automaticamente abandonar a mente sem ser consideradas no todo, porque a atenção do Oito está estreitamente enfocada na realização da meta que dá sustento à sua segurança.

Uma vez na postura de combate, Oitos perdem a flexibilidade da atenção, com a qual poderiam refletir sobre seu próprio curso de ação, ou levar em consideração novas informações capazes de debilitar uma firme postura pessoal. Oitos são capazes de perceber que a atenção da postura de combate está entrando em vigor cultivando a percepção dos momentos em que a idéia da outra pessoa soa completamente idiota e parece tão indigna de consideração, que é mentalmente descartada sem menção.

Um exemplar de Oito descreveu o estado mental da postura de combate como "ser o atacante que corre com a bola debaixo do braço. A gente nunca se volta para questionar a própria defesa, e tudo o que a gente procura são os buracos na linha do outro time." Como um verdadeiro atacante, um Oito altamente determinado opera a partir de um estado mental que se fixa tanto ao único curso de ação "verdadeiro", que provavelmente será incapaz de desviar a atenção para um ponto de vista alternativo.

Com a maturidade e com algumas experiências com autoridades justas e amizades seguras, as defesas da percepção de um Oito se enfraquecem, e, quando não ameaçado por um golpe de poder, ela ou ele começará a se aperceber de soluções conciliatórias.

Num Oito maduro, a necessidade neurótica de criar conflito como forma de descobrir a verdade enterrada é um hábito do passado; e o que se desenvolveu a partir desse ponto de sofrimento neurótico é uma capacidade rara de reconhecer a

verdade única de cada indivíduo. Já não ameaçado pela possibilidade de ser injustamente controlado pelos outros, um Oito ganha naturalmente uma percepção objetiva dos verdadeiros desejos de cada pessoa. Querendo apenas chegar à substância da verdade, Oitos podem aprender a reconhecer aquelas pequenas flutuações da atenção que transmitem o grau de sinceridade em torno de uma declaração de opinião.

Como Oitos Prestam Atenção

Oitos têm várias formas para não perceber informações ameaçadoras. Suas defesas psicológicas giram em torno de uma idéia de si mesmos como mais poderosos do que qualquer oposição em potencial, de modo que, em consequência, suas percepções tendem a maximizar suas próprias forças e minimizar as vantagens de um oponente. Um representante desse tipo se descreveu "não como corajoso de fato, porque raras vezes vejo algo de que posso ter medo. Eu me acharia corajoso se sentisse medo e fosse em frente apesar disso. Mas, do jeito que é, quando entro numa briga ou numa discussão, as pessoas parecem umas frouxas." Uma forma clássica de não perceber uma ameaça é enterrá-la, desviando a atenção para outra coisa. Para Oitos, excessos como farras, bebedeiras ou esbanjamento servem facilmente para bloquear o surgimento de um *insight* doloroso ou de uma percepção capaz de ameaçar o sentimento de poder pessoal. Um Patrão consciente de si mesmo pode, de fato, usar o desejo urgente de satisfação imediata como um lembrete para olhar para dentro de si mesmo e descobrir que necessidades reais estão sendo minadas pelos excessos.

Uma segunda maneira de os Oitos barrarem um *insight* indesejado à consciência é negar tão violentamente uma questão dolorosa que, para eles, ela deixa de existir. Esse recurso não é uma questão de enterrar algo em que não se quer pensar, desviando a atenção para prazeres desregrados. Esse método possibilita a você olhar diretamente para algo e não perceber que a coisa está lá. Um exemplo extremo desse estilo de atenção que dá suporte à negação foi relatado por uma alcoólatra em recuperação que, na época em que bebia, enfrentava seu marido por trás de um monte de garrafas vazias de uísque empilhadas no porão de sua casa. Ela achava que convencera o marido de que já não bebia, porque, em sua cabeça, as garrafas não existiam.

Outro exemplo de nossa capacidade de negar o que não podemos aceitar é ilustrado pelo pedido que os médicos habitualmente fazem quando devem dar um diagnóstico grave. O pedido é para que um parente ou amigo acompanhe o paciente, na suposição de que as pessoas tendem a negar, ou a racionalizar informações ameaçadoras. Oitos são particularmente propensos a esse desvio específico da atenção, o qual abarca apenas informação segura e barra o restante. Eles são propensos a esse estilo de atenção devido às circunstâncias em sua infância de terem de se opor a forças superiores.

Um adversário habilidoso necessariamente despreza grande quantidade de informação que não é fundamental à tarefa de devastar a oposição. Em combate, a percepção assume uma coloração preta ou branca, com o mínimo de cinzas nebulosos. No gênero de estado mental alterado que a raiva pode gerar, a atenção se volta estritamente para a mensuração do oponente: "Como devo enfrentá-lo?" "Onde estão os furos no caráter dela?" "O que fará com que ele recue?" A suposição interna de que a própria posição é fundamentalmente correta é essencial; ela garante a ação imediata e resoluta. O infeliz efeito colateral de uma confrontação total é a perda da capacidade de acomodar novas informações.

"Ainda não gosto de ouvir outros pontos de vista. Tive tanta raiva de adultos que 'não podiam fazer nada', mas que continuavam estragando as coisas, que agora simplesmente tenho de saber exatamente o que esperar para garantir que as coisas vão acontecer. A idéia de que existem várias posições corretas para pessoas diferentes é válida como uma construção mental, mas, posta em prática, enfraquece tanto minha idéia de estar basicamente correto, que sinto que devo estar então redondamente enganado. É uma questão de ter ou não ter toda a razão."

Quem está de fora é capaz de ver um Oito como um teimoso em face de argumentações racionais alternativas. O terreno perceptivo do Oito tende a tomar pontos de referência excludentes. "Você é amigo ou inimigo? Líder ou liderado? Forte ou fraco? Contra mim ou por mim?" O *insight* de que existem áreas intermediárias para soluções conciliatórias é geralmente acompanhado por um sentimento de que se é extremamente vulnerável. Os meios-termos deixam um Oito psicologicamente aberto ao ataque de qualquer lado, porque a situação, já não sendo nem preto nem branco, deixa de ser previsível.

A declaração seguinte vem de um Patrão de dezoito anos. Ele descreve seu apuro ao perceber informações ameaçadoras que negou anteriormente. Ele também revela o dilema que todos enfrentamos com nossa atenção quando nossos preconceitos são despertados, quando nosso racismo é posto à prova, quando nossa posição política é questionada. Em qualquer situação, onde as pessoas se polarizam na fórmula "eu contra você", a atenção logo se fixa nos pontos fracos da posição inimiga, com uma conseqüente negação das melhores qualidades do inimigo ou das próprias fraquezas pessoais. O oponente começa a perder as características de pessoa, e suas melhores características deixam de existir, porque não se pode dar o luxo de mantê-las na mente.

"Atingi minha altura máxima no segundo ano do ginásio e, quando chegou a temporada de futebol, eu tinha 1,90 m e pesava 108 quilos. Carne de primeira para linha de ataque. Num jogo do início da temporada, um cara do outro time mexeu comigo, e eu fui pra cima dele. Eu estava com muita raiva e, sem saber o que fazer, acabei batendo nele com tanta força que quebrei três vértebras dele. Ele ficou hospitalizado por muito tempo e só recuperou o movimento aos poucos. Todo esse tempo eu ouvia aquela história, mas para mim não era verdade que aquilo era sério nem que eu tivesse feito aquilo. Não entrava na minha cabeça que era verdade, e então eu me esquecia de tudo. Ganhei o apelido de O matador, o que foi ótimo porque fazia os caras recuar no campo e porque, na verdade, não tinha a ver comigo."

No meio da temporada, aconteceu de novo. O mesmo cenário, um golpe duro, uma lesão e o rapaz caiu frio. Eu fiquei tonto. Todo o primeiro incidente voltou a minha cabeça enquanto eu estava caído lá no chão. Era como receber uns golpes. A dor do cara, as semanas que passou no hospital, e eu acreditava estar sentindo o ódio dos caras que tinham me chamado de O matador. Tudo aquilo voltou de uma só vez e continuou vindo nos dias seguintes. O final da história foi que esse segundo cara teve uma fratura sem complicação e que eu desisti de jogar. Me criticaram muito no time, porque eles gostavam de ter um grandalhão do lado deles, mas eu não acreditava no que podia acontecer se eu ficasse cego de raiva outra vez."

Do ponto de vista da prática da meditação, a negação pode ser ilustrada pela noção do "Não se permita pensar". Essa é uma prática *falsa*; um erro que meditadores iniciantes normalmente cometem quando tentam pela primeira vez esvaziar a mente de pensamentos. Nessa prática *falsa*, o meditador, na verdade, não desvia a atenção de pensamentos preocupantes à medida que eles vêm e vão, mas, em lugar disso, tenta bloquear pensamentos com uma concentração forçada num espaço interior vazio. Essa rígida concentração da atenção no vazio interior tem o efeito colateral de bloquear a percepção normal de pensamentos e outras impressões. Tão logo o meditador relaxe a concentração no espaço mental vazio, os pensamentos tornam a

voltar de roldão, e fica claro que a percepção nunca se afastou de fato do estado pensante.

Patrões não de reconhecer o estado mental do "Não se permita pensar" como uma espécie de fixação do olhar, o que provavelmente vão se descobrir fazendo quando algo doloroso precisa ser enterrado. Um Oito pode despertar no meio de uma experiência de ter ficado olhando uma parede em branco ou uma mesa vazia por sabe Deus quanto tempo e achar que estava tendo dificuldade de pensar. Esse Oito está perceptualmente confuso. Se essa confusão mental tivesse voz, ela diria: "Nada doloroso ultrapassa o bloqueio do tampo da mesa".

Um Oito descreveu a suspensão da negação como "a abertura da cortina de um palco. Tudo aquilo contra o que você esteve lutando está encarando você com a força da verdade total. Você está redondamente enganado. Você é um idiota, cometeu um erro imperdoável e quer se punir por aquilo que fez." O problema específico com material que foi negado é que ele é capaz de surgir de repente na percepção e com muita força, o que, dada a preocupação do Oito com a justiça, precipita uma barreira de autocensura e auto-incriminação. No caso daquele jovem atleta, ele era ou um herói ou um matador, sem nenhum meio termo aparente entre os dois extremos.

Oitos também relatam que a supressão da negação em relação a um incidente pode agir como um pavio interior que permite o surgimento de outros exemplos do incidente, numa espécie de reação em cadeia da memória. Oitos dizem que, uma vez percebiam alguma coisa ruim a respeito de si mesmos, também podem se lembrar de muitos outros exemplos daquela coisa ruim que fizeram no passado.

Oitos dizem que os *insights* podem funcionar como uma caixa de surpresas que se abre com um ímpeto chocante. Eles abrem a caixa de uma opinião onde se acreditam totalmente corretos, e o fato de que estavam errados é tão espantoso que eles partem para a postura de combate e são incapazes de pensar em alguma conciliação para amortecer o *insight*. O que era absolutamente certo se tornou totalmente errado; e a necessidade de punir más condutas se volta de imediato contra o próprio eu.

Estilo Intuitivo

O estilo intuitivo mais comum a cada um dos tipos se desenvolve a partir do modo como o tipo presta atenção às informações que deram sustento às preocupações de sua infância. Oitos se preocupavam com poder e controle, e assim a criança aprendeu a registrar no próprio corpo impressões sobre o grau da força gerada pelas outras pessoas. Oitos dizem que eram atraídos pela energia, que sabem perceber a característica energética em pessoas e em situações porque o senso do eu de um Oito impregna o espaço aberto de um ambiente. Dedaram coisas tais como: "Quando estou com raiva, sinto que fico maior" e "As pessoas acham que tenho dois metros de altura quando, na verdade, sou bem pequeno." A declaração seguinte, dada por uma aluna da *University of California*, ilustra a colocação típica da atenção descrita por Oitos que formaram o hábito de se observar a si mesmos.

"Meu companheiro diz que sente minha presença assim que eu chego à porta da frente. Ele se diz forçado a sentir minha presença mesmo quando está em seu escritório com a porta fechada. Minha sensação é de que eu e os outros Oitos que eu conheço ocupam muito espaço, que eu me dilato no espaço em que me encontro e que preencho toda a casa com minha pessoa."

Essa estudante compreende que aplica a sua atenção numa sensação amplificada de si mesma que permeia o espaço físico. Esse é um relato típico de Oitos. Eles descrevem uniformemente uma impressão de espaço baseada no corpo

em vez de dizerem que são inundados por sentimentos de outras pessoas, ou que habitualmente canalizam atenção para a imaginação mental. Veja a semelhança entre o depoimento da estudante e a seguinte descrição de uma impressão intuitiva dada por um físico de pesquisas que trabalha na mesma universidade. Ele se identifica com o tipo Oito.

"Eu anoto minhas medidas com instrumentos muito delicados e que dão defeito com facilidade. Tudo numa experiência depende de ajustes precisos de uma série de aparelhos que se desequilibram por coisas mínimas. A maior dor de cabeça de toda a operação é que, se um aparelho falha, pode-se levar até três dias para achar o defeito no equipamento.

Ano passado, eu tinha um prazo para a entrega de um relatório ao nosso órgão subventor, e o instrumento parou de funcionar. Fiquei em pânico, mas, depois de passar toda uma noite em claro, vi que não seria capaz de consertá-lo. Em desespero, lembro-me de que comecei a amaldiçoar todo o projeto e de que tive de me segurar para não destruir o aparelho. Era como se eu odiasse tudo aquilo de tal forma que uma parte de mim golpeou a mesa onde eu guardava peças para o teste elétrico e, quando minha intuição se voltou para a máquina, eu senti a falha no aparelho."

Raiva Aberta

A expressão aberta e desinibida da raiva é essencial para a psique de um Oito e é, ao mesmo tempo, ponto de grande orgulho e de grande sofrimento para eles. Há orgulho no fato de que, se algo precisar ser dito, o Oito o dirá francamente, e há muito auto-incriminação por essas mesmas palavras que, ditas com raiva, podem levar à perda de uma amizade. Padrões foram recompensados por ser poderosos no passado, e pode ser chocante para eles perceber que ganhar uma discussão é capaz de produzir rejeição e não respeito.

Oitos relatam que, ao entrarem numa disputa, se concentram tanto na vitória que se esquecem de que as outras pessoas envolvidas estão se sentindo hostilizadas pela exibição de força. O clímax físico de argumentar vivamente por uma causa válida não parece de modo algum negativo para um Oito; na verdade, a raiva aberta parece essencial para a construção de um relacionamento digno de confiança.

"Fico mais à vontade quando vejo a raiva de meus amigos. Para mim, a raiva é o caminho para sentimentos mais profundos, como tristeza profunda e desejos reprimidos. É excitante ver alguém ficar com raiva e poder se manter assim. Se eles começam a chorar, aí é terrível. Me sinto mal e fico achando que eles assumiram o papel de vítima para me manipular e me transformar numa agressora e que não estão me dizendo a verdade sobre o que têm contra mim.

Por muito tempo a raiva foi o meu sentimento preferido. A gente aprende com ela a se mobilizar tão rapidamente quanto precisa, e qualquer tipo de medo é quase anulado com o acesso da raiva. Recentemente estive de férias no Havaí e me vi numa das poucas situações de medo de que posso me lembrar. Eu tinha descido uma trilha abandonada na direção de uma lagoa natural fantástica, cercada por um rochedo íngreme, e achei de escalar a rocha para mergulhar. De algum modo, consegui me arrastar até uma plataforma e descobri que, ao subir, a rocha se esfarelava, e acabei ficando presa num buraco muito longe da lagoa para mergulhar e cair n'água. Tive uma série de reações que não conhecia: dor na barriga, tremor nos joelhos. Foi incrível. 'Então isso é que é ter medo?' Quando, por fim, consegui me safar me rastejando, descobri que não sou nada corajosa. É que subestimo tanto a possibilidade de perigo, que acabo por não ter nenhuma reação a ele.

A raiva, por outro lado, pode ser instantânea e é algo muito físico. Serve para espantar o pior dos medos, que é o medo de cair nas mãos de pessoas vis. A raiva ajuda a descarregar; faz você se sentir forte e traz uma espécie de energia prazerosa.

Prefiro que os outros mostrem toda a raiva deles. Se estão se contendo, isso me assusta, e é isso o que a maioria das pessoas parece fazer. Por fora, dizem: 'Oi, todo o mundo!', mas por dentro estão se roendo. Isso me chateia muito. A gente quer ver tudo às claras e ver como é a coisa porque ela assusta. Expressar a raiva é o melhor, e, desde que ela fique num nível aberto e civilizado e que eu sabia que ninguém vai me atacar, sou muito boa nisso.

Quando discuto com uma porção de gente, me sinto uma campeã de caratê. Não costumo me dar por vencida se meu argumento está correto. Acho que, muitas vezes, as pessoas me consideram polêmica ou, mais exatamente, acham que não vou lhes dar espaço para negociação assim que eu tiver começado a dizer o que eu quero. Isso é porque sinto muitas vezes que as pessoas não se dirigem a mim de forma neutra. Há algo mais que não está sendo admitido por detrás das palavras: alguma irritação, alguma hostilidade que elas não reconhecem. E então simplesmente me recuso a ouvir. Não vou assimilar essas coisas porque, para mim, está tudo contaminado. Não é simplesmente uma conversa, não é a verdade. É difícil então para mim arrancar tudo o que está sendo oculto e tentar lidar com essas coisas. Parece mais honesto simplesmente fechar a porta para toda essa conversa contaminada e acabar logo com ela.

Na verdade, tenho muito mais respeito por pessoas que não se sujeitam a mim. Se elas se sujeitam, é provavelmente um sinal de que estão escondendo alguma coisa. Se elas discordarem de mim e forem francas, está tudo bem, mas, se concordarem e não puderem me encarar de frente, ou se não corresponderem à minha autenticidade, então vou achar que estou lidando com uns frouxos."

A Virtude da Inocência

Inocentes entram em novas situações sem idéias nem expectativas pré-concebidas do que vão encontrar. Estão abertos a qualquer situação que se apresente, o que lhes permite se acomodar com naturalidade a um curso correto de ação. A inocência de um Oito é ofuscada quando ele ou ela concentra seletivamente a atenção a fim de exercer controle ou de impor um ponto de vista. Considere a diferença entre um Oito inconsciente, que tenta dominar automaticamente uma situação, e outro mais consciente de si mesmo, que teria a confiança para se acomodar a cursos mutáveis de ação.

Como todos os impulsos superiores, a inocência é sentida como uma energia no corpo que faz um indivíduo se mover apropriadamente, mas sem nenhum direcionamento do eu pensante.

Essa consciência corporal específica seria natural para um ser humano em funcionamento pleno e dependeria de uma percepção exata do grau e da característica de poder presente em qualquer dada situação. É provável que um Oito sem consciência de si mesmo espere oposição como fato normal e exerça inconscientemente toda a força necessária para assumir o controle. Tal comportamento é marcado por uma inflexibilidade de opinião, uma insistência numa verdade parcial e numa incapacidade de desviar a atenção para outros pontos de vista. As energias usadas para exercer controle seriam força física e raiva.

Um Oito que tenha se libertado dessa resposta automática seria capaz de modificar o grau e a característica de sua própria energia de modo a perceber com precisão as flutuações de poder em qualquer situação determinada.

Luxúria

Oitos são propensos a seguir seus impulsos. Na infância, a capacidade de passar rapidamente do impulso para a ação foi parte de um esquema de sobrevivência que dependia de agir primeiro e pensar depois. Patrões são propensos a acreditar que tudo o que os faça se sentir bem e poderosos deve ser um curso correto de ação e, por serem relativamente isentos da culpa e do questionamento interno que a maioria de nós associa ao excitação do nosso próprio corpo, acham natural levar até o fim uma atração sexual. Não se sentem constrangidos em expressar sua raiva nem em agir com base em sentimentos sexuais.

"Quero essa tensão nos relacionamentos íntimos. Alguém que traga a vida para fora de mim, onde possa haver excitação. Há sete anos e meio mantenho uma relação, e há momentos muito chatos.

Estou sendo obrigada a aprender a não provocar brigas apenas pelo excitação da coisa. A tensão ainda é o que me atrai. Vamos bolar algum projeto e partir juntos para ele.

Acho o sexo a maior atração. É o que busco, na verdade. Em todas as minhas idéias sobre o amor, o meio de saber se sou amada é alguém ter tesão por mim. Sério que não acredito em muitas outras coisas. Há muito blá-blá-bla de psicologia sobre o amor, quando no fundo as pessoas só estão procurando satisfazer suas expectativas e inflar seus egos. Para mim, se a gente presta atenção demais a essas besteiras, a gente fica confusa o resto da vida."

Oitos têm baixa tolerância com a frustração. É difícil conter a raiva, deixar de agir com base numa atração sexual ou não comer um terceiro prato no *brunch** de domingo. Desejos insatisfeitos despontarão muitas e muitas vezes em suas mentes, do mesmo modo que uma discussão não resolvida prende sua atenção tornando-os ansiosos e irritáveis, até que possam agir e resolver a situação. "Tenho que resolver isso pessoalmente, senão fico escrevendo cartas na cabeça semanas a fio."

Patrões dizem que ficar com raiva das pessoas é muitas vezes um contato positivo para eles. Uma boa briga os torna confiantes quanto às verdadeiras intenções da outra pessoa, o que lhes permite se sentirem mais confiantes no relacionamento. Eles também relatam a possibilidade de surgir um tipo de intimidade durante uma briga, de modo que a raiva se transforma em sentimentos sexuais, e a briga acaba em sexo.

"Estou casada com um Oito há quase vinte anos e tive de aprender a revelar completamente tudo o que cruze a minha mente, senão ele vem para cima de mim para descobrir o que estou escondendo. No início de nosso casamento, eu achava que a raiva seria o último recurso. Eu via a raiva como uma emoção animal à qual pessoas civilizadas deviam ser superiores. Era preciso estar com as malas feitas e com o advogado na linha, caso se chegasse ao ponto de berrar.

Mais ou menos três anos depois de casada, fui encostada contra a parede. Eu não tinha idéia de que ele queria intimidade, me aborrecendo tanto. Tudo o que eu sabia era que ele estava me insultando em público. Fiquei tão ofendida que fui obrigada a revidar, o que era o fim para mim.

Ainda acho que não teria reagido se não tivesse tido certeza absoluta de que ele ia me bater. Lembro-me de ter subido dois degraus da escada para poder vê-lo na cara e lhe disse algumas verdades. Repeti ponto por ponto qual era a dele e lhe disse que eu não concordava. Pude ver no rosto dele que de nada adiantou. Se eu era capaz de dizer tintim por tintim qual era a dele, então eu tinha é que concordar.

Quando berrei meu ponto de vista, foi surpreendente. Aquilo o deixou excitado. Ele até que sorriu e ficou afetuoso, e toda a raiva dele comigo foi embora. Nunca tinha visto ninguém mudar assim tão depressa. A combinação desses dois fatores: eu dois degraus acima na escada e os meus berros fez com que ele me amasse."

* Brunch: refeição no meio da manhã que substitui o café da manhã e o almoço.

Excesso

Obter mais de tudo o que seja bom é uma solução do Oito para a questão central da indecisão quanto às verdadeiras metas pessoais (ponto nuclear Nove). O excesso de estímulos tem o efeito de amortecer a percepção de outros sentimentos e substitui a necessidade de examinar os verdadeiros objetivos emocionais. Embora Oitos possam mobilizar energia para a satisfação de suas necessidades e pareçam desinibidos em seu desejo de gratificação, eles podem estar no fundo tão afastados de seus verdadeiros desejos quanto o Nove, que se esqueceu de si mesmo.

A capacidade de ação de um Oito se origina da intensa concentração de atenção no prazer e na excitação do conflito, como um meio de se inflamar, mais do que de uma energia mobilizada a partir de prioridades psicológicas profundas ou da percepção de emoções sutis. Buscando estimulação, Oitos eliminam o tédio e também conseguem negar sua vulnerabilidade pessoal.

Forçar os limites até a extravagância dos prazeres oferece uma sensação amplificada da vida. Uma vez a atenção seja atraída, há pouquíssima vacilação ou auto-questionamento ambivalentes. O objetivo se torna desejável, e já nem importa saber se é ou não um objetivo psicologicamente legítimo. A festa começa, e a festa continua, com um Oito embalado em desfrutar um pouco mais de tudo o que estiver acontecendo ao redor.

"Me senti pior desde que comecei a olhar para mim mesma. Ter consciência do que eu faço revela o fato constrangedor de que sou eu quem mais ri, quem discute com a voz mais alta e quem mais se consome para fazer algo andar. Viver pelos instintos e não ter consciência é ótimo. É como a sensação de querer se livrar de uma vida empobrecida, vivendo de uma maneira excessiva.

Há sempre uma vaga insatisfação em ter de se conter. Como se eu tivesse que dar qualidade ao que eu faço porque ninguém mais quer manter o nível. E por isso que eu quero experiências culminantes, uma porção delas, uma atrás da outra, de modo que não haja entre elas nenhuma decepção. Assim que a gente começa a tomar gosto por alguma coisa, a coisa se espalha feito fogo. Igual a uma boa comida que você quer repetir; ou, se você compra um vestido, há chance que, da próxima vez, você compre todo o guarda-roupa.

Quando a gente se envolve com alguma coisa, é feito uma ventosa: é preciso muita força para desengatá-la e passar para outra coisa. Não existe faro para moderação. Ou se tem um interesse obsessivo ou um tédio completo. Ou você quer ficar na cama e fazer amor o dia todo, ou não está nem aí. Ou você fica no colo da pessoa que você ama, ou fica olhando pela janela sem saber muito bem como é uma coisa intermediária."

O desejo de incrementar a excitação a fim de se sentir vivo provém da sensação de viver num mundo tipo "é tudo ou nada". Nada é um ponto morto, um profundo desejo de ficar olhando a parede um bom tempo. Tudo é descrito como querer ultrapassar os limites, como forma de manter a energia correndo.

"Quando estou dirigindo e obedecendo aos limites de velocidade e às leis de trânsito, minha atenção não está lá. Estou em outro lugar. Aquilo me cansa, e eu começo a fazer besteiras. Mas, quando estou indo a toda e tenho de prestar atenção a tudo e de ficar de olho nos guardas, aí sim fico acordado. Desse jeito quase nunca faço besteira. Engraçado é que me multam quando estou dormindo a sessenta e cinco milhas por hora. Se estou a oitenta e cinco, ninguém me pega. Estou alerta quando a emoção está presente."

Relacionamentos Íntimos

De certa forma, Oitos têm mais predisposição para a solidão do que para a intimidade. Um solitário só tem uma pessoa que vigiar e só um território que defender.

No início do interesse de um Oito por um relacionamento, a sexualidade e o amor são tratados condicionalmente. "Dormimos juntos, mas passamos muito tempo separados". "Somos ótimos na cama, mas não somos ótimos amigos." A intimidade e a amizade despontam ao longo das linhas de uma política de coalizão: "Sei exatamente onde posso confiar nele." "Sei exatamente qual é a dela." Pontos de vista são permutados, posições são esclarecidas e o relacionamento é baseado na aventura, num bom sexo e em atividades que ambos gostem de fazer juntos.

À medida que a relação evolua para a intimidade, Oitos penetram na posição incomum de ter de fazer consultas com outro alguém. As opiniões de um parceiro devem ser levadas a sério, e o Oito se descobre afetado pelo humor e pela disposição de outra pessoa. Patrões se consideram fontes de poder, e a dependência em relação a outras pessoas não se encaixa num sistema de poder montado para a auto-gratificação.

Oitos se tornam vulneráveis muito lentamente e com muita trepidação. Eles têm a tendência a criar um território seguro onde possam começar a relaxar a guarda, tomando a seu cargo a mecânica do relacionamento. Vão querer saber tudo o que se passa na vida do parceiro e vão ter opiniões fortes sobre quem o parceiro vê, bem como sobre quando, onde e de que modo ele ou ela vai passar o seu tempo. Quando Oitos descobrem que estão se tornando dependentes do amor de um parceiro, se sentirão instigados a uma contra-reação, assumindo no relacionamento a posição de aliado e de protetor poderoso. Vão querer se encarregar de tudo, o que pode facilmente se transformar no controle da rotina da vida do parceiro como forma de se sentir menos vulnerável.

Se o parceiro se sujeitar, vai surgir um conflito interessante. O Oito vai querer dominar, mas ficará bem mais atraído se o parceiro resistir à dominação. A chave para essa aparente contradição reside em sua preocupação com o poder. Patrões são capazes de prever as pessoas dispostas a se submeter e a abrir mão do controle de suas vidas e, portanto, de se fiar nelas. Porém, se aborrecem facilmente com pessoas que se sujeitam muito prontamente, e rapidamente perdem o interesse por qualquer um que não saiba assumir uma postura digna de um opositor. Em consequência, o caminho para a intimidade atravessa testes de poder, porque Oitos também confiam em pessoas cujo uso do poder foi testado e considerado leal. Aqueles que revidam terão horas difíceis e, se se apegarem à sua posição, serão tratados com o mesmo grau de respeito que Patrões concedem a si mesmos.

Oitos descrevem seus grandes amores como colocar a pessoa amada debaixo de suas asas. Eles renunciam ao controle do relacionamento confiando pouco a pouco no parceiro, do mesmo modo que confiam em si mesmos. O Patrão pode ainda se sentir um solitário em relação ao resto do mundo, mas sente que o parceiro se tornou uma parte digna de confiança de um organismo único.

"Sinto que as pessoas são atraídas pela minha força, pela minha auto-confiança, pela minha raiva e pelo estímulos que dou a elas. O que elas não querem é minha tristeza nem meu sofrimento. Acho que quando as pessoas vêem essas coisas, elas fogem. Eu lidero com minhas forças e sinto que as pessoas vão me desrespeitar e me abandonar se eu não for forte. Se 'ir contra' é minha primeira opção, então a necessidade de estar sozinho é a segunda.

Sempre fui um solitário; mesmo na intimidade me sinto sozinho. Assim que me ligo às pessoas a ponto de sentir falta delas, fica assustador no sentido de que parece que as tenho debaixo da pele. Elas se tornam íntimas, de confiança e não consigo imaginar não tê-las por perto. Quero tanto me afastar e me isolar quanto ser dono da alma delas. Meu instinto é protegê-las da mesma forma que tenho sempre a consciência de estar protegendo minhas próprias costas, porque a gente se tornou uma só pessoa, e sou tão duro e exigente com elas como sou comigo mesmo.

Até nos restaurantes quero ficar de costas para a parede a fim de ver quem está

entrando. E quando estou com alguém que eu amo, então fico vigiando por nós dois, o que pode ser desgastante. Posso me dar a uma pessoa por bastante tempo, mas depois vem uma reação de me afastar, de recuar.

Mesmo quando sei o que quero e mesmo quando estou pensando em pedir algo pessoal, sei que não vou fazê-lo. Minha convicção íntima é de que a gente só pode contar com a gente mesma, por isso a idéia é apanhar aquilo de que você precisa sem consulta. Posso pedir sexo, posso controlar a mecânica da minha vida. O que é difícil é ir atrás daquilo que realmente conta para mim, principalmente se tenho de admitir a coisa para outra pessoa, ou se tenho de tornar a coisa pública. Parece até que sou um pleiteante, um cabeça-dura, porque, para mim, não é difícil lutar por uma causa ou por um princípio.

Mas seguir o desejo do meu coração é muito difícil, e parece mais fácil não arriscar, ficar com aquilo que você faz bem, ou se apaixonar por alguém que esteja louco atrás de alguma coisa e a quem você pode ajudar."

Exemplo de Relacionamento Íntimo de Casal: Oito e Quatro, o Patrão e o Romântico Trágico

Os dois tipos compartilham uma atração por experiências marginais. Ambos são amorais, acreditando, em algum nível, que as regras normais não se aplicam a eles. O Quatro está acima da lei, e o Oito é mais forte que a lei. O casal é capaz de apreciar o desejo mútuo de aventura e a necessidade de ultrapassar os limites do que é permitido e vai alimentar a tendência mútua de ignorar a coerção social. Ambos são facilmente entediados pela repetição, e, se o clima externo não for de bastante aventura, cada um vai intensificar o clima emocional à sua própria maneira: o Oito com brigas, e o Quatro com atos dramáticos e sofrimento.

O parceiro Oito vai apreciar o estilo pessoal do Quatro e vai querer estar incluído em questões de gosto e de apresentação pessoal. O Quatro será atraído pela abordagem emocional direta do Patrão, como se ela indicasse um contato com sentimentos "reais". Quatros vão também apreciar o fato de que Oitos não cedem terreno sob ataque e de que vão para a luta em vez de evitá-la. É improvável que Oitos se desestabilizem com a depressão do parceiro e serão capazes de manter um tom emocional consistente nas ocasiões em que o humor do Quatro flutuar entre o desejo de repelir o parceiro e a tentativa de atraí-lo de volta ao relacionamento.

Há vários entrosamentos naturais de hábito entre Oito e Quatro. Por exemplo, um Oito vai preferir a companhia de um Quatro se ele ou ela estiver "pra cima", mas se afastará se o Quatro se tornar deprimido. O Oito pode até mesmo agir contra a depressão do Quatro, saindo para se divertir em algum outro lugar. A falha de não receber atenção ou vai irritar muito o Quatro, o que vai romper a depressão, ou vai fazê-lo ter medo de perder o contato, o que também elimina a depressão. Outro exemplo de entrosamento natural de hábitos é que o Oito vai perder a paciência com qualquer exaltação da emotividade pessoal e vai tentar romper a postura emocional dramatizada do Quatro, na busca de sentimentos ocultos. Não tratar com seriedade estados de espírito e sentimentos enfurece Quatros, que, se estão com muita raiva, revelam seus reais sentimentos.

Uma interação perigosa pode ocorrer se o Quatro se tornar emocionalmente dependente e muito inclinado a desfrutar de forma masoquista ser vitimizado pelo lado punitivo do Oito, ou muito inclinado ao padrão dramático de relacionamento de atrair e repelir. O previsível Oito se tornará afrontosamente vingativo como meio de romper o relacionamento, ou vai querer romper e partir sem comentários. Reciprocamente, se o Oito começar a satisfazer seus sentimentos de poder sobre o Quatro — querendo rebaixar ou controlar — o Quatro se precipitará numa depressão profunda, ou se

tornará cáustico e amargo.

Uma situação crítica pode ser abrandada se o Quatro trocar o desejo de ter a atenção do Oito por um projeto pessoal em que o Oito possa dar apoio. Uma das melhores configurações de uma combinação Romântico Trágico — Patrão tem o criativo Quatro desenvolvendo um projeto e o poderoso Oito fornecendo a pressão adequada que faça o projeto acontecer. Outra configuração excelente aparece quando os Oitos começam a ver o valor da complexidade e do drama da vida interior de um Quatro. Se os Oitos forem capazes de tolerar a ansiedade inicial que acompanha a emotividade profunda e as profundas experiências em meditação, descobrirão que têm recursos incomuns de equilíbrio para desviar a atenção para os estados interiores.

Relacionamentos Hierárquicos

A questão principal é o controle. Oitos assumem que são conhecedores da abordagem correta e que têm a responsabilidade quer a tenham, quer não a tenham de fato. Eles preferem assumir a liderança e manter estrito controle e supervisão de todos os aspectos de uma operação. Há também um desejo de proteger os inocentes da organização contra um mau tratamento e de mobilizar aqueles que estão submetidos a um controle hierárquico injusto. Acima de tudo, há um forte desejo de testar o senso de justiça e a capacidade de outras autoridades.

O interesse de um Oito provavelmente será dirigido para a competição com outros líderes, motivado pelo objetivo de garantir as fronteiras de um império pessoal. Oitos têm mais interesse pelo poder do que pelas recompensas. Por isso se concentram pesadamente em questões de segurança, sobretudo na lealdade de aliados e subordinados. Eles particularmente necessitam de informações confiáveis porque, uma vez tenham evoluído para uma posição de avanço, podem ficar cegos para informações novas. Uma vez em ação, a atenção se concentra numa direção de avanço e com uma tática única: alvejar os pontos fracos na defesa do inimigo. Em consequência, têm uma percepção escassa das chances diplomáticas ou da sincronização adequada e preferem uma tomada do controle por completo a mudanças sutis de posição, que são exigidas nas negociações.

O segredo para trabalhar com Patrões é mantê-los totalmente informados. Muitas vezes as pessoas tentam esconder más notícias de Oitos por medo de que eles fiquem com raiva e se tornem agressivos ao ouvir as más notícias. Embora isso possa ocorrer, Oitos se irritam mais ainda quando sentem que estão sendo mantidos na ignorância. Além disso, se o portador das más notícias não souber lidar com a própria agressividade, a raiva do Oito vai parecer pessoalmente direcionada e potencialmente violenta. Do ponto de vista de um Oito, ter um flanco descoberto é uma das poucas ameaças reais para ele ou ela; estar completamente informado é uma garantia de segurança que torna um informante preciso um fiel aliado.

De positivo, Patrões têm uma imensa capacidade para dar força e continuidade a um projeto. Se as pessoas os fazem se sentir seguros na posição de liderança, eles assumem plenamente uma posição de avanço. Estendem a proteção "à nossa gente". Eles tornam o caminho seguro para os aliados e, de bom grado, enfrentam concorrentes agressivos.

De negativo, são perturbadores e intrometidos quando entediados. Procuram alguém para culpar e punir quando as coisas perdem o ritmo, ou não dão certo, e não estão dispostos a dar ao outro sujeito oportunidade de livrar a cara ou de se reagrupar. Têm uma tendência acentuada de se tornar agressivos com outras pessoas que exibam uma característica negativa semelhante a que está sendo inconscientemente negada pelo Oito.

Um Relacionamento Hierárquico Típico de Pontos Afins: Oito e Nove, O Patrão e o Mediador

Se o Oito for o empregador, muitas vezes desenvolverá um conjunto complicado e abrangente de diretrizes que tentam cobrir todas as contingências possíveis. Essas diretrizes serão então impostas erraticamente, dependendo do humor do Patrão. Se o Patrão estiver se sentindo expansivo, todas as regras deixam de valer. Se o Patrão perceber que as regras estão sendo violadas sem permissão explícita, poderá haver uma torrente de imposições, tais como inspeção nos locais e exigências de prazo impossíveis de atender. Oitos gostam de controlar a feitura das regras a que os outros devem obedecer e de deter o poder de ir contra as regras sem sofrer as consequências.

Um bom relacionamento vai se instalar entre o trabalhador Nove e o empregador Oito, desde que a atenção do Patrão esteja dirigida não para o empregado, mas sim para o projeto. O Nove vai apreciar uma liderança firme tanto numa postura defensiva quanto numa de avanço e vai cooperar totalmente pelo bem da equipe. Se a organização for ameaçada de fora o Patrão vai alinhar uma defesa excelente, reunir os funcionários e servir de modelo de liderança na posição defensiva. Nenhuma polegada do território será entregue sem concessões ou sem briga. Fundido ao espírito do grupo, o Nove vai trabalhar incansavelmente pela causa comum.

Pode surgir uma interação mais difícil se o Patrão tentar forçar o empregado Nove a uma maior produção ou a responsabilidades que o Nove não está disposto a assumir. O Patrão vai esperar obediência, e o Nove vai se esquivar. O Patrão vai perceber qualquer desaceleração ou qualquer ação passivo-agressiva como um assalto direto e vai retaliar publicamente. Buscando alguém para culpar, o Oito talvez humilhe profundamente o empregado sem querer fazê-lo de fato e vai publicamente chamar a atenção para os erros cometidos, sem lembrar de mencionar os esforços e êxitos anteriores do Nove.

Quando pressionado, o empregado Nove parece obedecer, mas, na realidade, se esquia e encobre quaisquer erros. O Nove dificilmente assume uma postura de combate direto; torna-se internamente furioso e indisposto a falar. A maioria dos Oitos são cegos para a dinâmica das emoções e, se não forem diretamente informados, não vão compreender o que está ocorrendo com o Nove e vão continuar punindo as ações passivo-agressivas. A situação pode se tornar explosiva resultando ou na demissão do empregado pelo Oito ou no abandono do emprego pelo Nove "depois da última gota."

A gravidade desse tipo de situação pode ser minorada se o patrão ou chefe Oito for capaz de demonstrar a boa vontade de fazer o Nove expressar suas queixas, se for capaz de ser generoso com recompensas e elogios pelas etapas do trabalho que foram bem feitas. Quando recompensado, reconhecido ou levado a sentir que é necessário, um Nove se abrirá. Se o patrão Oito for perspicaz, ele ou ela poderia também apontar que o hábito do Nove de se desviar para tarefas secundárias ou de ser distraído no trabalho é terrível para o Patrão, porque o empregado parece estar fora de controle. As tentativas de mão de ferro de um Oito para ganhar controle são quase sempre alimentadas pelo terror de perder o controle.

Se o Nove puder confrontar a inevitável raiva do Oito, se estiver disposto a fazer frente a discussões abertas e se não reter informação nem tentar desviar a culpa, é provável que o Patrão respeite a sua postura forte de empregado. Oitos são enfurecidos pela recusa inflexível do Nove em falar, mas são encorajados pela confrontação direta e vão se abrir se puderem compreender os motivos das pessoas envolvidas.

Se o Oito for o empregado, haverá testes periódicos de autoridade. Quanto mais

definida e menos ambígua a liderança, tanto menos o Oito precisará testar. Qualquer solicitação ambígua ou vaga por parte do chefe ou patrão Nove será questionada ou testada em desobediência. E provável que a equipe de funcionários se sinta polarizada à medida que o Oito os force a tomar partido, mesmo em relação a coisas secundárias, num esforço de determinar quem é amigo e quem é inimigo.

Há probabilidade de o Oito ser cooperativo, se inspirado por uma liderança honesta ou pelas boas idéias de outra pessoa. O melhor uso de empregados Oitos é encarregá-los de implementar um ponto de vista interessante. O Oito será bem mais útil à organização se colocado à parte numa pequena esfera de influência e aí receber todo o comando.

Méritos

Patrões se preocupam com o poder e o controle. Eles podem ser instigados pela sua necessidade de tomar conta e de ser procurados para liderança, ou podem aprender a usar seu jeito de prestar atenção em benefício deles mesmos e de outras pessoas. Oitos obcecados vão achar segurança em fazer outros se submeter a seu ponto de vista; mas esse mesmo comprometimento com o poder pode se desenvolver e se transformar num talento para exercer a medida certa de pressão a fim de fazer avançar um empreendimento maciço. Oitos são exemplo de liderança empenhada em confrontar obstáculos e em exercer ação direta.

Apesar de toda a sua assertividade e de seu comportamento extravagante, Oitos têm dificuldades em expor seus desejos mais profundos e em dar início a seus próprios objetivos. Um Oito gera problemas e brigas a fim de manter vivo o interesse, mas, se o interesse for fornecido externamente, então um Oito assume com satisfação o módulo do controle para fazer as metas se materializar.

Oitos fazem outras pessoas conhecer a exata posição delas. Quando tentam manipular, em geral é de forma tão pesada, que logo se torna óbvio e portanto ineficaz. Querem a verdade absoluta nos relacionamentos e, tendo pouca imagem pública para defender, vão atrás do que exatamente querem. São generosos com tempo e com energia para com amigos e têm um vigor imenso para participar de eventos.

Ambientes Atrativos

Patrões são com freqüência corretores do poder ou políticos dos bastidores. Os barões gatunos que se apoderaram do controle dos impérios financeiros americanos. Mentalidade mafiosa: "meu território, nossa gente". Anjos do Inferno, líderes de sindicatos, sobreviventes de regiões remotas. "Não se intrometa comigo". Pessoas de coração mole e cabeça dura. O cabeça da empresa que controla com uma das mãos e impõe justiça com a outra. O empresário que faz fortunas com condomínios e é ponta de lança de um programa de abrigos para sem-tetos.

Ambientes Não Atrativos

Em geral, não se encontram Patrões em empregos que dependam de bom comportamento e da obediência a ordens. Não gostam de situações que sejam suscetíveis a manobras imprevisíveis de poder ou a tomadas de poder. Desconfiam de empregos que dependam da boa vontade de superiores, sem a possibilidade de

reparar injustiças.

Oitos Famosos

Oitos famosos incluem *Henrique VIII*, que deu início à sua própria religião sob intensa oposição, em parte para legitimar sua luxúria.

Fritz Perls — Gurdjieff — Madame Blavatsky — Pablo Picasso
Nietzsche — Wilhelm Reich — Francis Coppola
Garfield, o Gato

Subtipos

Os subtipos psicológicos representam preocupações que a criança Oito desenvolveu como forma de minimizar a vulnerabilidade. O controle dos próprios sentimentos e o controle das pessoas que lhe afetam a vida amortecem o reaparecimento da ansiedade de estar sendo injustamente usado.

Possessividade/Capitulação nos Relacionamentos com uma Pessoa

Oitos querem possuir o coração e a mente do parceiro. Desejam acesso à alma do parceiro. Capitular é o desejo de abrir mão de necessidades obsessivas de controle para um parceiro que é totalmente digno de confiança.

"Passei por um milhão de terapeutas antes de achar o certo. Ele me desmascarava com toda a franqueza e me dizia exatamente qual era a posição dele. Acabei conseguindo ver que aquilo que ele apontava para mim era verdadeiro, embora a princípio eu tivesse discordado da posição dele."

Amizade nos Relacionamentos Sociais

Para Oitos, a amizade é a confiança estendida àqueles que você protege e por quem você é protegido.

"Leva anos para uma amizade se firmar. É uma agonia para mim ver a tensão se acumulando para uma briga, imaginando que a gente vai às vias de fato. Quando eu acredito que a pessoa vai agüentar firme e não vai fugir, confio mais nela, porque sei que as pessoas soltam a verdade numa briga e que então fica tudo dito entre nós."

Sobrevivência Satisfatória na Área da Autopreservação

Oitos se atêm ao controle da mecânica da sobrevivência e do espaço pessoal. Uma preocupação com a satisfação de necessidades de sobrevivência substitui a busca das necessidades essenciais.

"Há uma espécie de pânico quando uma pessoa começa a controlar sua vida. Quem entra e quem sai da sua casa? Será que alguém mais usou a sua escova de cabelo? A gente se sente violada se alguém não deixou leite que dê para o café da manhã. Se as pequenas coisas da vida ficam fora de controle, a gente parece estar

abrindo a porta para o caos."

O Que Ajuda Oitos a Evoluir

Oitos com frequência resistem a entrar em terapia ou a iniciar uma prática de meditação porque a perspectiva de ter de permitir o afloramento de emoções mais suaves, ou de ter de se acomodar aos desejos de outros, estimula o medo de ser controlado. Oitos vêm fazer terapia em geral por ordem da família ou por decisão de um tribunal. Situações típicas incluem problemas com colegas de trabalho, depressão e uso excessivo de drogas, bebida, comida, etc.

Oitos precisam identificar os momentos em que a atenção se desvia dos desejos reais para uma capa de dureza que nega esses desejos.

Eles podem se ajudar

- Pedindo definições claras de um relacionamento. Vendo que a discussão é uma forma de criar confiança.
- Pedindo um conjunto claro de regras nos relacionamentos ou na terapia. Reconhecendo o desejo de violar regras uma vez estabelecidas.
- Tentando ver a formação de circunstâncias que criam relacionamentos hostis. Percebendo quando há o desejo de controlar, ou de provocar confusão, como forma de ver quem é amigo e quem é inimigo. Deixando os outros dar início à ação.
- Notando que sensações de tédio são uma máscara para outras emoções.
- Tentando ver a lógica igualmente válida do comportamento de outras pessoas. Notando que os outros são consistentes dentro de um ponto de vista diferente.
- Notando que sentimentos verdadeiros frequentemente começam com a depressão. Reestruturando a depressão como um sinal de progresso.
- Reconhecendo os momentos em que desejos reais são substituídos por uma socialização excessiva, pelo abuso de álcool, comida e drogas e pelo desejo de controlar as pessoas.
- Vendo como a preocupação com a justiça e com a proteção de outras pessoas pode polarizar as pessoas em amigos ou inimigos.
- Tentando desviar a atenção da fórmula "o meu jeito versus o seu jeito", a fim de identificar as inúmeras gradações de opiniões intermediárias.
- Lembrando de anotar *insights* à medida que eles ocorrem. Tentando trabalhar contra o esquecimento difuso. Lembrando de revisar mentalmente os *insights* como forma de combater a negação.
- Reconhecendo o hábito de ver a fonte de problema como exterior a si mesmos, em vez de reconhecer sua própria participação.
- Reconhecendo a dificuldade de admitir que cometeu erros.

O Que Oitos Deveriam Perceber

A intervenção deve levar em conta a necessidade do Oito de esquecer e negar

sentimentos de vulnerabilidade e dependência. Oitos devem estimular quaisquer sinais de surgimento de sentimentos mais suaves ou a capacidade de empatizar com outros pontos de vista. À medida que ocorrem mudanças, Oitos deveriam perceber reações tais como

- Interpretar mal a simpatia de outras pessoas, considerando-a condescendência ou proteção.
- Controlar minuciosamente. Controle excessivo e prematuro dos detalhes de uma interação. "Vou cancelar a festa se não encontrar a minha panela favorita."
- Afastar fontes de ajuda em potencial. Necessidade de dizer coisas duras a alguém para o seu próprio bem. Falta de tato intuitivo. Pressionar os pontos neurálgicos das pessoas sem reconhecer o dano.
- Esquecer metas. Entretenimento, comida, sexo, drogas em excesso. Quanto mais, tanto melhor. Querer o bocado seguinte antes de ter engolido o que já tem.
- Agressividade deslocada contra outras pessoas que revelem uma característica negativa semelhante a que está sendo inconscientemente negada pelo Patrão.
- Dificuldade com compromissos. Querer controlar ou se afastar sem perceber zonas intermediárias.
- Combater a percepção de que são dependentes. Sentir pequenas omissões como traição da confiança.
- Paralisar sentimentos. Períodos em que tudo se fecha. Indiferença total.
- Culpar e precisar achar defeito como forma de agir contra a vulnerabilidade.
- Fazer regras e tentar manter controle sobre os outros.
- Um desejo exuberante de violar as próprias regras como meio de se sentir poderoso e incontrolável.
- Desespero negro na forma de uma percepção esmagadora e instantânea de ações negativas no passado.

14. Ponto Nove: O Mediador

| PERSONALIDADE ADQUIRIDA | | | ESSÊNCIA | |
|--------------------------|--------------------|---------------|-----------------|--------------|
| CABEÇA | Traço Principal: | INDOLÊNCIA | Mente Superior. | AMOR |
| CORAÇÃO | Paixão: | PREGUIÇA | Virtude: | AÇÃO CORRETA |
| FORMAS DE SER DO SUBTIPO | | | | |
| | Sexual: | BUSCA A UNIÃO | | |
| | Social: | PARTICIPAÇÃO | | |
| | A Autopreservação: | APETITE | | |

O Dilema

Noves são as crianças que se sentiram negligenciadas quando pequenas. Lembram-se de que seu ponto de vista era raramente ouvido e que as necessidades de outras pessoas eram mais importantes que as suas. Noves, por fim, adormeceram no sentido de que sua atenção se desviou de desejos reais, e eles se tornaram preocupados com pequenos confortos e substitutos para o amor. Percebendo que suas próprias prioridades tendiam a ser desconsideradas, aprenderam a se entorpecer, a desviar suas energias de prioridades e a se esquecer de si mesmos.

Quando uma prioridade pessoal se manifesta, ela pode ser facilmente posta de lado. Recados e pequenas tarefas podem se tornar tão urgentes quanto um prazo de entrega importante. É como se toda a mesa de trabalho tivesse de ser limpa antes de uma conta vencida ser paga. Quanto mais próximo estiver um Nove de ter tempo e energia disponíveis para uma prioridade, tanto mais atenção pode ser desviada para atividades secundárias. Quando há disponibilidade de tempo, menos é feito, porque, para um Nove, pode ser difícil distinguir um assunto crítico de coisas menos importantes. Uma estudiosa do Eneagrama percebeu que era um Nove quando estava trabalhando para atender ao prazo para entrega de uma monografia e "acordou" para descobrir que tinha gasto toda uma manhã de seu precioso tempo, tentando encontrar tampas que combinassem com os potes de sua cozinha.

Noves relatam que perdem o contato com o que querem, deixando-se absorver pelos desejos alheios, desviando energia para tarefas secundárias e fugindo da realidade com um aparelho de TV, uma rotina previsível e bastante comida ou cerveja.

Noves tendem a acompanhar as agendas dos outros. Acreditando que a posição deles será desconsiderada, mas, apesar disso, querendo manter uma conexão, eles aprenderam a incorporar os entusiasmos de outras pessoas como se fossem seus. As fases iniciais de um relacionamento ou de um novo projeto muitas vezes dão aos Noves a impressão de que estão sendo arrastados pela excitação sentida por outras pessoas mais de que a de terem tomado a dura decisão de se envolver. Noves podem acordar no meio de um compromisso ou engajamento se sentindo arrastados pelos desejos alheios, se perguntando como chegaram até ali e tendo dificuldade em dizer *não*.

Dizer *não* é particularmente difícil para pessoas propensas a assumir os sentimentos das outras. Dizer *não* a outra pessoa pode ser tão frustrante para Noves quanto ter alguma coisa negada em suas vidas. E bem menos ameaçador parecer dizer *sim*, parecer concordar por não ter dito *não* e seguir junto em vez de correr o

risco da raiva manifesta que poderia levar à separação.

O fio da conexão entre a criança Nove e as outras pessoas dependia da manutenção da paz, da capacidade de perceber os desejos dos outros e de acompanhá-los. Contudo, a aparente concordância de um Mediador não deveria ser confundida com um verdadeiro comprometimento. Noves podem embarcar numa situação por um longo período enquanto ainda estão tentando se decidir. É tão fácil para eles se identificar com o ponto de vista de outra pessoa que são capazes de ver correção em todos os lados de uma questão. Por que tomar uma posição quando todos os lados têm seus méritos? Por que ter prioridades pessoais quando é tão fácil sentir a correção de todas as partes envolvidas? Noves dizem ser bem mais fácil conhecer o estado interior de outras pessoas do que achar um ponto de vista próprio.

Quando uma decisão precisa ser tomada, um Nove parece concordante e pode ainda estar seguindo junto, mas essa placidez exterior encobre uma desordem interna. "Concordo ou discordo do meu amigo? Estou com esse grupo, ou quero ir embora? Devo comprar essa casa, ou procurar outra?" A lista de obsessões é interminável, e a atenção oscila entre os vários aspectos da questão. É menos ameaçador pensar obsessivamente sobre uma decisão do que fazer uma opção e se arriscar a ter os próprios esforços desconsiderados, ou ter de defender um ponto de vista perante outras pessoas. Noves se refugiaram na segurança de não saber o que querem, de não ter nenhuma posição que defender, de ficar num limbo descomprometido, onde as decisões ainda estão pendentes.

Paradoxalmente, Nove é o ponto mais teimoso do Eneagrama. O fato de Noves se obcecarem por uma decisão não significa que possam ser impelidos a se decidir. Os que tentam ajudar Noves a tomar uma decisão, ou que os forçam a tomar um partido, descobrem que eles empacam e se recusam a se mover. Noves não vêm necessariamente sua resistência como uma resposta negativa. Eles são mais propensos a ver a resistência como uma recusa a ser pressionado a assumir um compromisso prematuramente, porque ainda não se resolveram. Sua raiva profunda por não serem ouvidos é contida ao não tomarem suas decisões. Eles ficam com raiva de ter de acompanhar os outros e também de ser omitidos e esquecidos se não o fazem. A decisão do Nove é não tomar decisão alguma, sentir raiva, mas guardá-la dentro de si mesmo e parecer acompanhar, embora internamente permaneça dividido.

Uma vez uma posição tenha sido estabelecida, Noves podem ser tão teimosos em se agarrar a ela, quanto foram em ter de escolhê-la. A condição mental mais natural é ficar em cima do muro, por um lado comprometido, por outro ainda inseguro, mas, tão logo uma posição seja adotada, ela parece tão frágil para os Noves que eles dessintonizam qualquer compromisso por medo de se verem de novo em cima do muro. Noves são chamados de Mediadores e mantenedores da paz, exatamente porque sua ambivalência natural lhes permite tanto concordar com qualquer ponto de vista como não se comprometer totalmente com nenhum deles.

A tomada de decisão também é retardada por questões antigas não resolvidas. Lembranças de eventos que ocorreram há anos podem vir à tona com a força de algo que acabou de ocorrer na semana passada e precisam ser analisados ainda mais uma vez. Decidir significa que é preciso concluir, tirar do pensamento, mudar e andar para a frente, coisas que, todas elas, realimentam o medo da separação. Noves querem prosseguir num curso de ação conhecido em lugar de se arriscar a um desvio repentino.

Como os desejos de outras pessoas parecem mais urgentes que os seus, Noves se defrontam com a opção de se deixar absorver pelos programas alheios ou de ignorar as outras pessoas, de modo a não serem influenciados. Se pressionados, são passíveis de exercer controle por meios passivos, diminuindo o ritmo, sentando-se no meio de um conflito e esperando seu término, não reagindo e esperando que o

problema se extinga.

As dificuldades dos Mediadores em tomar decisões, em expressar raiva e em achar uma posição pessoal se originam de eles terem se esquecido de si mesmos e de terem feito dos outros os agentes ativos em suas vidas. Sua obsessão neurótica quanto a concordar ou discordar com outras pessoas é tanto um fardo, quanto uma bênção para eles. O fardo é que eles sofrem por não saber o que querem, e a bênção é que, por terem perdido a sua posição pessoal, eles são freqüentemente capazes de se incorporar intuitivamente à experiência interior de outras pessoas. Se você se identifica com cada um dos tipos do Eneagrama, é muito provável que você seja um Nove.

As preocupações habituais de um Nove incluem

- Substituição de necessidades essenciais por sucedâneos não essenciais. As coisas mais importantes são deixadas para o final do dia.
- Dificuldade com decisões. "Concordo ou discordo?" "Quero ou não quero estar aqui?"
- Agir pelo hábito e pela repetição de soluções familiares. Ritualismo.
- Dificuldade em dizer *não*.
- Contenção da energia física e da raiva.
- Manutenção do controle por meio da teimosia e da agressão passiva.
- Um modo de prestar atenção que reflete a posição de outras pessoas, o que pode levar a
 - Dificuldades em manter uma posição pessoal, mas também ao desenvolvimento de um talento especial para sentir a experiência íntima dos outros. Semelhante ao ponto Dois, o Dador.

História de Família

Noves se sentiram negligenciados quando crianças e, por conseguinte, formaram o hábito de desconsiderar suas próprias necessidades essenciais. Eles descrevem situações de família, que vão desde serem negligenciados pelo ofuscamento por outros irmãos a serem ignorados ou atacados quando lutavam por suas próprias idéias.

O que é comum a todos esses protótipos infantis é a sensação de não serem ouvidos quando apresentavam uma opinião e a percepção de que demonstrar raiva abertamente não contribuía para que sua opinião fosse ouvida.

"Tive pais muito amáveis, mas observava meu irmão mais velho, que era o rebelde da família e que não recebia nem atenção nem amor por causa do seu comportamento. Então entendi que, se eu agisse conforme eles queriam, eu receberia amor. Lembro-me de uma vez quando eu tinha por volta de três ou quatro anos, em que fui abraçado com tanta força por minha mãe que me senti sufocar contra o seu casaco.

Era como se houvesse apenas duas opções: debater-me e ser largado, ou amolecer em seus braços. O que fiz foi prender a respiração e me deixar levar. Por fim fiquei tão ligado em fazer o que meus pais queriam que, se eu dissesse não a eles, eu era capaz de sentir a frustração deles dentro de mim."

O desejo de um Mediador de manter a paz resulta muitas vezes de estar preso entre facções opostas. Por que tomar partido quando você pode ver que a opinião de todos os outros têm seu valor? Por que dar uma opinião própria quando ninguém vai mesmo escutar?

"Era o diabo se você fizesse e o diabo se você não fizesse. Eu era o mais novo de quatro irmãos e, se eu fizesse o que meus pais queriam, meus irmãos caíam em cima de mim, e, se eu fosse atrás de meus irmãos, então meus pais não me davam a mínima. O jeito mais fácil era ficar escondido, não tomar nenhum partido e ficar lá sonhando acordado, até que todo o mundo tivesse ido embora. Lembro-me uma vez em que me castigaram me colocando sentado numa cadeira de frente para um canto da parede. Eu ainda estava lá horas depois, quando minha mãe se lembrou de mim e, naquela altura, eu já estava tão dentro de mim mesmo que poderia ter ficado lá o dia todo."

Crianças Noves se resignaram com o fato de não poder mudar a situação da família. Elas aprendem a se distanciar, a amortecer seus sentimentos com pequenos confortos físicos, a ficar de fora até que outro alguém tome a iniciativa.

"Meu pai tinha muita energia e muita inteligência e se relacionava melhor quando se sentia adorado. Mamãe tinha muitos problemas pessoais e pouquíssima energia para as crianças. Parecia que o seguro era escapular na surdina, sem ser notado e deixar todo o mundo confortável para que eu fosse também incluído. Sempre houve a sensação de ir pelos outros, não porque eu realmente quisesse, mas porque os pontos de vista deles falavam mais alto que os meus."

Concordo ou Discordo?

O ponto de vista do Mediador é mais bem explicado por sua posição no vértice do triângulo interno do Eneagrama. Com uma perna fincada na imagem e na conformidade (Três) e a outra enraizada no antiautoritarismo (Seis), o ponto Nove está preso num conflito entre querer a aprovação dos outros e querer desobedecer. O ponto Um, que é uma de suas asas e que é a posição do menino e da menina bonzinhos do Eneagrama, e o ponto Oito, que é sua outra asa e que representa o menino e menina mauzinhos, intensificam o conflito de querer ser correto e de querer ir contra as regras. Diz-se que Noves adormeceram para si mesmos porque a tendência de sua atenção é se concentrar na questão de concordar com a visão alheia ou discordar dela, em lugar de procurar uma posição pessoal. Se um Nove se compromete a uma posição, isso estimula a preocupação interna de alienar os outros e, portanto, de ser abandonado, ou ainda a preocupação de se submeter a outros e, portanto, de ser controlado.

A criança Nove tentou resolver o dilema de aquiescer ou de rebelar, não escolhendo nenhuma opção. Noves tendem a se plantar no meio de uma escolha em vez de brigar, de se retirar ou de tentar influenciar a decisão de forma direta. Eles parecem concordar, porque não disseram diretamente *não*, mas intimamente ainda podem estar tentando se decidir. Dizer *não* diretamente significa ter tomado um partido, e Noves estão engajados em ver todos os lados de uma questão de modo a não ter de escolher. Eles podem parecer concordar, mas, na verdade, estão simplesmente esperando ver como os outros resolvem a situação. "Gostaria de saber como cada um deles vai definir sua posição?" Enquanto isso, o Nove vai esperar para ver. Sempre haverá tempo, sempre haverá o amanhã. Sem um motivo forte, não há força motriz para inclinar as decisões numa direção ou noutra. Sem uma posição firme, sempre há tempo para os problemas se resolverem por si mesmos. Noves são capazes de retardar o fim de uma discussão entrando em devaneio e parecendo totalmente distante dali. Dessa forma, um Mediador é capaz de concordar com todo o mundo sem correr o risco de tomar partido. A ansiedade que Noves sentem com suas escolhas pessoais é amenizada com o estabelecimento de rotinas. Uma vez

estabeleçam uma programação, Noves são capazes de acordar de manhã sabendo exatamente o que têm que fazer sem se defrontar com uma escolha. Passam de uma tarefa para outra seccionando a quantia suficiente de atenção para a realização do trabalho sem ter de pensar a respeito. Quando agem por hábito, Noves dizem que "estão no automático", como sonâmbulos que passam pela vida sem querer escolher. Não há o problema de ter de escolher, porque a coisa seguinte que fazer já está programada e considerada, mas, ao mesmo tempo em que cumprem a tarefa, Noves podem estar internamente tão preocupados com outros pensamentos que se tornam esquecidos do ambiente que os cerca. Eles adormecem ao volante no sentido de que, enquanto operam, estão tão dormentes ou tão preocupados em refletir sobre assuntos pessoais não resolvidos, que é necessário um esforço extremo para desviar a atenção deles para qualquer coisa que não faça parte da rotina.

Hábito

O pecado mortal da preguiça é atribuído a Noves, porque seus hábitos se destinam a drenar energia e atenção para fora daquilo que lhes é essencial na vida. O meio mais fácil para um Nove se esquecer de si mesmo é abandonar a atenção a um hábito viciador, que pode variar da necessidade de narcóticos ou de álcool ao entorpecimento pela TV, à tagarelice e aos pequenos confortos da vida. Noves são capazes de esquecer o que é mais precioso para eles na vida se sua existência for definida por um hábito que se tornou tão forte que não sabem pensar em nada além dele.

A maioria dos Noves têm um repertório elaborado de maneiras de esquecer suas verdadeiras prioridades e são capazes de recusar furiosamente abrir mão deles. Para um Nove, abrir mão de um substituto não essencial tal como um hábito de comer ou um vício de assistir a TV significa abrir mão de uma forma previsível e confortável de desviar a atenção, da necessidade de lembrar aquilo que realmente ele ou ela quer da vida.

Muitos Noves criam substitutos de alto nível para as verdadeiras prioridades. Por exemplo, um pediatra que é Nove tem há anos alimentado o sonho de iniciar uma clínica de atendimento rápido para o tratamento de crianças doentes. Diz que se permitiu ser desviado ano após ano de seu objetivo envolvendo-se permanentemente no cuidado de crianças dentro da estrutura existente no hospital. Suas digressões foram às vezes salvadoras de vida, mas, ao fim de cada dia, durante todos aqueles anos, ele se lembrava de seu sonho e percebia quantas vezes se deixara afastar da pilha de papéis em sua mesa que tinham que ver com sua verdadeira prioridade.

Um atalho criativo leva anos para se esgotar e pode gerar benefícios compensadores por si próprio. Noves têm energia e são produtivos dentro de uma estrutura que os faça se sentirem seguros, mas, se uma atividade é não essencial, no sentido de ser secundária em relação a uma necessidade profundamente sentida, então ela inevitavelmente produz a sensação de que se perdeu o que é mais importante na vida.

Noves dizem que entram "no automático" quando aprendem uma rotina e então desviam a energia extra para passatempos de pouco valor. Interesses secundários, com frequência, recebem tanta atenção quanto os que estão no centro da vida emocional ou profissional; e o que é mais importante é deixado de lado, ou empurrado para o final de um dia laborioso.

Uma vez um hábito seja estabelecido, um Nove pode parecer ativo e mentalmente presente, mas, na verdade, pode apenas ter seccionado a atenção suficiente para fazer o trabalho. Para Noves, é como se o hábito fizesse o trabalho, e

eles só precisassem acordar — tendo de prestar total atenção — quando algo espetacular se impuser a eles, ou quando perceberem que um erro foi cometido.

"Trabalho há anos como impressor e posso operar prensas de alta velocidade apenas com uma fração de minha mente. Ao mesmo tempo em que uma operação de vulto está se processando, estou verificando todos os detalhes do fluxo do papel para um trabalho em quatro cores, estou também fazendo um monólogo interior que pode ser tão irresistível quanto uma conversa cara-a-cara com pessoas que estão falando dentro de minha cabeça. Passo por todas as lembranças que essa conversa traz de volta e, ao mesmo tempo, acompanho o movimento de pessoas passando pela oficina e me recorro das quinze outras coisas que preciso fazer no dia.

No final, é como se o papel se imprimissem a si próprio e eu não estivesse ciente de que estou fazendo. Posso me sentir abarrotado por dentro; é a sensação de estar cheio de muitas coisas para fazer, e todas elas parecem igualmente importantes ao mesmo tempo. A gente está carregando o peso delas todas e, como a gente se sente responsável por fazer tudo, a gente fica empacada e não consegue começar nenhuma delas. Posso estar fazendo compras e, ao mesmo tempo, repassando uma lembrança que pode ter tanta força, que acabo me esquecendo do extrato de tomate de que preciso, mesmo que as latas estejam bem à vista na prateleira do supermercado. Depois, a fila do caixa, onde sou capaz de ficar devaneando a ponto de, junto com os pensamentos quase audíveis em minha cabeça, empacotar as compras, pagar e ir embora, mas esquecer os sacos das compras. Aí, de repente me vejo dirigindo para casa pelo caminho mais longo, porque esse era o caminho que eu fazia quando ia da loja para o meu antigo apartamento. São quinze minutos a mais, mas eu já fiz a curva e entrei na minha velha auto-estrada e me acomodei àquilo que tenho de pensar, não importa o que seja."

Estruturar pode ser um salva-vidas para um Nove que esteja pego pela indecisão de ter de fazer uma escolha importante. Com uma estrutura bem elaborada, um Nove pode continuar em ação, porque as opções são direcionadas de fora. Um bom programa acadêmico ou as necessidades de um amigo vão tirar a atenção do Nove do pensamento obsessivo e ajudar o Nove a reenfocar sua atenção, porque a pressão constante de ter de escolher foi eliminada.

Essencial/Não Essencial

As verdadeiras prioridades vão aflorar se houver disponibilidade de tempo e de energia. Por isso, quando um Nove precisa se esquecer de si mesmo, vai assumir mais compromissos, ao passo que um número menor dos compromissos originais vai ser concluído, gerando uma aparência externa de indolência. Do ponto de vista de um Nove, há tanto que fazer que as prioridades se perdem devido a outros compromissos que obstruíram o caminho. Muitas vezes, prioridades são enterradas porque o Nove não reconhece a diferença entre tarefas essenciais e não essenciais. Noves, os assim chamados indolentes, estão perpetuamente sobrecarregados e são portanto incapazes de completar o que é mais importante para eles.

"Estou cortando cenouras para o almoço ao meio-dia; tenho convidados e estou bem certa do que resolvi fazer. Não estou segura se quero ter companhia, mas começo a cortar as cenouras. Logo minha mente começa a vagar por várias trilhas de pensamento, e todas elas parecem reais e relevantes naquela hora. Até amanhã a roupa tem de estar lavada e dados os telefonemas para a próxima semana. Me lembro mentalmente de uma conversa por telefone não concluída, e isso me faz lembrar outra conversa. Também estou vendo o movimento das cortinas na corrente de ar na sala, e isso me traz outra lembrança. Ainda estou em movimento, mas é provável que eu tenha me desviado para separar a roupa suja. A coisa vai ficando igual a um sonho: a realidade da cozinha com a tábua de cortar legumes, as pilhas de roupa e a lista dos telefonemas inacabada, e os devaneios. E tudo isso parece tão importante quanto o

fato de os convidados estarem para chegar."

O importante compromisso do meio-dia nunca foi esquecido, mas foi empurrado para a periferia junto com outras coisas por fazer. A decisão pessoal, neste caso a de ter ou não convidados para o almoço em primeiro lugar, foi enterrada pelo desvio da atenção para as coisas menos importantes. Por fim, a decisão foi tomada por ter se deixado passar muito tempo para desmarcar o almoço.

Acumulação

Noves adquirem muita coisa e não deixam passar nada. O espaço extra é preenchido com um acervo confuso, e o tempo extra com pequenos encargos. A mente fica cheia de assuntos não concluídos, e as inúmeras cadeias de pensamentos sinuosos de um Nove acabam bloqueando o que é importante e correto. Enquanto uma questão qualquer permanecer viva, não se toma nenhuma decisão final. Enquanto o closet não for totalmente evacuado, nada precisa ser jogado fora.

Mediadores se apegam a memórias com uma tenacidade que lhes dá uma existência carregada. Ao se aterem tão firmemente ao passado, Noves praticamente não se comprometem com seu próprio presente. As memórias não se vão com facilidade e podem ser acionadas e revividas com o vigor de terem acabado de acontecer na semana passada.

A acumulação de um Nove pode ser real, como o cultivador de um hobby cujo espaço excedente está cheio de coisas e materiais, coletados e guardados em caso de necessidade. A acumulação também se aplica à coleção de qualquer coisa, desde xícaras de chá até gibis antigos. A coleção de especialidades empresta uma estrutura agradável à acumulação e permite que o Nove preencha o tempo livre de maneira útil.

Uma versão altamente construtiva da acumulação é a capacidade de um Mediador de consumir volumes de informação sobre um tema favorito de todo ponto de vista concebível e de reconciliar as diferenças entre todos eles. A declaração seguinte foi dada por um colecionador inveterado, especializado em primeiras edições e em borboletas.

"Tenho uma fome de colecionar; é como ter vontade de fazer uma boquinha tarde da noite e andar de carro por toda a cidade atrás do que se quer comer. É uma sensação que domina a gente e a gente precisa daquele tipo certo de rosquinha ou daquela marca precisa de patê, e a gente está disposta a percorrer vinte milhas se for preciso. Sempre que estou muito confuso em minha vida, sei exatamente o que quero comer ou que livro exato quero para minha coleção. Tenho também uma espécie de apetite por compras, quando tudo o que a gente vê parece realmente útil na hora.

Recentemente fiz uma limpeza em nossos closets e levei várias sacolas para uma feira de artigos usados do grupo de bandeirantes de minha filha e descobri, ao voltar para casa, que estava trazendo comigo uma sacola a mais, cheia de quinquilharias de outras pessoas."

Contenção de Energia

A raiva cumpre a função de tornar clara uma posição pessoal. Sabemos exatamente o que não queremos quando estamos com raiva, e isso nos aproxima da percepção daquilo que queremos. Do mesmo modo, se tivermos muita energia física, é mais difícil impedir a percepção do que queremos fazer com essa energia. Se Mediadores reunirem energia bastante para sentir raiva, então uma posição clara teria

de emergir, ao menos por um processo de eliminação. Na verdade, Noves são mais capazes de tomar uma decisão se lhes oferecerem uma série de opções. A que não for rejeitada é a preferida. Muitas vezes, Noves conseguem transvasar sua energia antes de chegar ao ponto crítico de ficar com raiva, ou de ter de fazer uma escolha.

"Sempre tive problemas de peso durante toda a minha vida, com oscilações de mais de vinte quilos. Por fim, entrei num programa de exercício padronizado, a fim de me mobilizar para uma tese que eu tinha de escrever e que acabou sendo um sucesso. Comecei a dormir menos e tinha mais energia durante o dia. Minha dificuldade era que, quanto mais desperta eu ficava, tanto mais projetos começavam a se materializar.

Acabei fazendo uma reforma na casa porque a possibilidade de revenda era boa demais para eu perder, e comecei dois novos relacionamentos que também pareciam bons demais para eu deixar passar. Eu tinha a sensação real de que minha energia era sugada da tese e espalhada por tudo o mais que eu tinha de fazer."

Nove é a posição nuclear dos três tipos da raiva, Oito-Nove-Um, situados no topo do Eneagrama, e é o ponto da agressão passiva, onde a raiva adormeceu. Mantendo a energia disponível canalizada para tarefas não essenciais, produz-se uma espécie de ação retentiva, em que nunca há energia no sistema suficiente para enfrentar o conflito que envolve a realização de desejos pessoais.

Noves normalmente relacionam essas reações a sensações de energia física excedente: eles podem difundi-las para interesses secundários. Podem absorver a energia extra comendo demais e se autogratificando de alguma outra forma. Podem se sentir paradoxalmente exaustos e com sono, embora não estejam fisicamente cansados. Ou podem usar a energia para enfrentar a tarefa de descobrir o que querem.

"Eu praticamente caí de sono no tatame no primeiro ano em que estudei artes marciais. Eu esperava a aula com ansiedade e era ótimo no aquecimento, e na fase das quedas e dos golpes eu estava tinindo de energia. Duas vezes, eu me lembro, eu examinei meu perfil traseiro no espelho que ocupava todo o comprimento da sala. Eu tinha boa altura e me sentia ótimo, e a coisa de que me lembro a seguir foi que nos sentamos para assistir às demonstrações dos professor e o rapaz do lado teve de me cutucar para me acordar porque eu tinha me desligado e caído no sono assim que me sentei.

A idéia de operar com toda essa energia na realidade do mundo é aterrorizante. Por um momento, é estimulante, mas depois fico apavorado e então sou pego por minhas velhas obsessões quase com uma sensação de alívio."

Inércia e Depressão

A contenção de energia garante um estado de equilíbrio em que há sempre energia suficiente apenas para manter as coisas não essenciais e para deixar para o final do dia tarefas essenciais. Assim, não há tempo para a depressão que poderia se insinuar, se não houvesse nada que fazer, e sem dúvida não há tempo para expectativas elevadas nem para a concretização de prioridades reais. Ficando com atividades que lhe são familiares e conhecidas, Noves mantêm um padrão de sustentação que lhes impede a necessidade de enfrentar uma parada total ou a necessidade de estabelecer prioridades para uma nova fase de ação.

"Sinto que, se eu parar, nunca vou me levantar de novo. Numa ocasião, passei a melhor parte de dois anos vagando entre o sofá, a geladeira e a televisão. Eu não era responsável por ninguém e, entre um cochilo e outro, dava longas caminhadas, me sentindo totalmente livre. Quando enfim percebi que estava deprimido, senti que podia morrer sem nem ao menos saber o que devia fazer com minha vida. Farei qualquer coisa para evitar essa situação, onde não há nem energia nem esperança."

A inércia é uma das leis da Física. Ela declara que um corpo em repouso tende a ficar em repouso e que um corpo em movimento tende a ficar em movimento. A fase do corpo em repouso dessa lei se aplica à característica da depressão da "poltrona" do Nove, onde nada de significativo é expresso pelas palavras, mas a vida pára nos contornos relaxados e infelizes de uma confortável poltrona da sala de estar. Quando um Nove está numa posição de inércia, precisa em geral de ajuda externa. Um novo relacionamento, uma nova oportunidade ou uma programação definida com clareza pode ajudar o Nove a se pôr de novo em movimento. Noves são capazes de se reanimar com mais facilidade se puderem se associar ao entusiasmo de outra pessoa, ou reagir à necessidade de outra pessoa.

"Posso me descobrir tendo feito uma coisa por dez anos sem que eu pareça ter escolhido fazer isso. Sem que nunca pareça ter sido uma opção ou uma aspiração. Fui para a Faculdade de Direito e ingressei numa sociedade de uma forma como se tivesse sido empurrado para aquilo, como se não houvesse outra coisa que fazer. Se eu tivesse de admitir que tomei uma decisão própria, então me sentiria realmente mobilizado em ser advogado, mas fico me perguntando quem está sendo o advogado, porque não me identifico com a profissão. Sempre me pareceu que fui levado até minha posição, ou que cheguei até lá por uma porta dos fundos, ou por uma série de circunstâncias que nunca iniciei. Logicamente sei descrever o curso de ação que minha vida parece ter tomado, mas nunca poderia dizer que decidi chegar aonde estou."

Uma vez a energia é mobilizada para uma atividade, o Nove fica livre da depressão, mas pode ainda ficar esquecido das necessidades reais. A segunda parte da lei da inércia afirma que um corpo em movimento tende a ficar em movimento, o que significa que um Nove ativo pode escolher entre o antigo hábito de seccionar atenção suficiente para realizar mecanicamente a atividade ou prestar muita atenção a si mesmo, até que possa surgir uma prioridade real.

Raiva que Adormeceu

Noves expressam sua raiva indiretamente. A expectativa é que deixar vaziar a raiva através de ações indiretas vai impedir a confrontação aberta que parece conduzir ao abandono, ou à necessidade de defender uma posição contra outras pessoas.

Ter de fazer uma escolha pode ser tão traumático que, muitas vezes, a decisão é deixar a situação se deteriorar a ponto de se desintegrar. Como Noves sabem o que não querem, mas não o que querem, têm igualmente a tendência de armazenar internamente queixas até que um nível crítico seja alcançado e uma explosão vulcânica ocorra. Com frequência, uma decisão é tomada porque a situação do momento se tornou impossível.

"Trabalhei muito tempo como professora numa escola de Música, e o tratamento dos professores era simplesmente horrível. Só que eu nunca tive coragem de ir à secretaria e dizer: 'Isso precisa ser reorganizado, não está nada bem.' Eu simplesmente deixei a coisa andar até que aconteceu uma cena terrível em frente de um aluno, quando eu explodi de raiva e acabei escrevendo uma carta que atingia todo o mundo, com todas as coisas negativas que eu sempre tinha sabido a respeito deles e que tinha guardado na tentativa de ver as coisas como eles viam."

A carta foi uma avalanche e teve repercussões muito desagradáveis, que não teriam ocorrido se eu não tivesse esperado que elas se tornassem igual a um sujeitinho insuportável que eu tivesse de enfrentar."

Há a tendência de persistir na raiva não expressa até atingir um nível de irritação que force um Nove a entrar em ação. Guardar ressentimentos é uma forma interna de discordar de outras pessoas, ao mesmo tempo em que se parece concordar, e esse ressentimento provê o combustível para uma tática passivo-agressiva.

Noves relatam que expressam sua raiva de várias maneiras indiretas. A primeira é se tornando obstinados, o que significa se plantar no meio de uma discussão e controlar a ação se recusando a fazer um movimento. Outra maneira é simplesmente ignorar outras pessoas e buscar outras coisas que fazer; ou agir de tal forma que outros tenham de mostrar sua raiva primeiro.

Mediadores sempre sabem o que outras pessoas querem e são, portanto, capazes de deixar os outros com raiva simplesmente não fazendo o que é esperado. Podem, por exemplo, trabalhar mediocrementemente nos detalhes de um trabalho importante, ou começar a diminuir o ritmo quando os outros estão com pressa, ou se fazer de apáticos sabendo que os outros estão altamente empenhados em certo curso de ação. Seja como for, um Nove com raiva vai procurar fazer com que a outra pessoa não consiga o que espera.

A expressão direta da raiva é um grande alívio para Noves. Uma discussão é o clímax de muita retenção e internalização da posição de todas as partes envolvidas, e é simplesmente um alívio ter a discussão feita e terminada.

A raiva demora a surgir porque, a princípio, a opinião de outras pessoas parece correta para um Nove. Depois vem um longo período de protelação, quando a questão é examinada de todos os ângulos implicados. Finalmente, surge a convicção de que não há problema algum em sentir raiva, e, por último, a raiva é expressa em geral com uma força vulcânica tal que pode chocar aqueles que se acostumaram à faceta agradável de um Mediador. Com frequência, há um longo período de sorumbático afrouxamento de ritmo antes de uma erupção, mas, quando os sonolentos Noves despertam para o fato de que realmente estão com raiva, diz-se que parecem ursos em hibernação: furiosos por ter esperado tanto tempo pela satisfação de suas necessidades essenciais.

"É difícil identificar minha própria posição, mas muitas vezes tenho raiva do que as outras pessoas estão fazendo, mas não mostro minha raiva. Nas poucas vezes do ano em que me vejo explodir, a sensação é impressionante. Me revigora. Todo o meu corpo ganha vida e fica vibrando. Essa energia no corpo parece ser a recompensa por eu ter descoberto minha posição e por tê-la colocado para fora.

O truque então é ser capaz de continuar em ação, sem precisar criar casos com as pessoas e sem ter de me achar me opondo aos outros. Para mim, é uma espécie de revelação saber que o mundo não vai desmoronar só porque expressei minha posição. Me custa muito até mesmo dizer o que eu quero, e me sinto terrível se tenho de sair e fazer todo o trabalho para que as coisas aconteçam."

Relacionamentos Íntimos

Mediadores assumem os interesses e as prioridades de seus parceiros, como se eles fossem os seus. O parceiro se torna o ponto de referência para a tomada de decisões, com o Nove sendo animado pelos desejos do outro, ou resistindo estoicamente à vontade do parceiro. Noves descrevem essa convergência da atenção no parceiro como ser absorvido, como se fundir ao outro, como se perder no outro. Dizem que essa união é implícita em relacionamentos onde há amor e que, com ela, a sensação de separação entre as pessoas desaparece. Com frequência, Noves têm mais capacidade de descrever os sentimentos alheios do que reconhecer os próprios sentimentos. Também acusam uma sensação desconfortável de possessividade e a necessidade de culpar os outros se as decisões não dão certo, exatamente porque fizeram do outro o agente ativo na determinação de um ponto de vista pessoal.

Quando Noves amam, em geral é com o desejo de se deixar absorver totalmente pelo parceiro, de assumir a vida do outro como se fosse a sua, mais do que com o

desejo de manipular a parceria, de tirar proveito dela, ou de dominá-la.

É típico que Mediadores tenham maior capacidade de gerar energia para as necessidades do parceiro do que para si mesmos, de modo que relacionar-se é uma fórmula-chave para Noves continuar em andamento. Eles se identificam tanto com os desejos de outros que, de positivo, há o talento efetivo de conhecer a outra pessoa em profundidade e, de negativo, há a possibilidade de perder seu ponto de vista pessoal.

"Posso estar tão ligada ao que o meu marido quer que, quando ele me pergunta sobre as coisas que eu quero, eu me atrapalho. Sou capaz de me perder tão completamente naquilo que imagino sendo nossa ligação que acaba sendo um problema saber de quem é esse rosto, essa fachada, de quem são essas emoções e esses sentimentos. É a sensação de ser um só, de que há apenas uma pessoa entre duas, e essa coisa pode acontecer de repente, mesmo que eu esteja afastada do outro lado da sala, sentindo que deixei de ser eu mesma e me tornei ele. Se ele me provoca a assumir uma posição, principalmente quando me sinto parte dele, é como se ele quisesse que eu diga alguma coisa que nos vai separar, mas eu não quero cortar nossa ligação."

Como Noves são capazes de sentir um parceiro como uma parte de si mesmos, há o desejo de se unir completamente a um parceiro ideal que então se tornará a razão de vida. Há também grande dificuldade em abrir mão de um relacionamento porque é como cortar uma parte da própria existência. Assim, os relacionamentos em geral continuam mesmo após a atração ter se esgotado, com ambos os parceiros se relacionando mais por hábito do que por verdadeira opção. Sem um parceiro com quem se relacionar, Noves sofrem com sua própria apatia interna e com uma sensação do tipo: "Pra quê serve tudo isso?" A apatia pode também ser mascarada por uma atração indiscriminada por múltiplos parceiros, ou pelo emprego de energia em atividades não essenciais, que ardidamente disfarçam o descuido das reais necessidades do Nove.

Noves querem ser consultados, querem ter suas opiniões extraídas, querem ser ajudados a estabelecer sua própria posição. Contudo, seu desejo de ser parte do outro se alia a outro desejo igualmente poderoso de ser autônomo, de lutar contra a vontade de se dissolver no outro e de ir contra as possíveis exigências do parceiro. A concordância ou a submissão externa é muitas vezes combinada a um desafio interno que se manifesta pela má vontade de executar o gesto final, pela resistência a um total comprometimento, por uma fixação a uma questão interna: "Estarei fazendo a escolha certa?"

"Saber que posso ficar muito absorvido por uma mulher faz me sentir controlado. Se minhas expectativas são despertadas e depois frustradas, sou capaz de guardar o rancor até por dez anos, e a memória pode trazer os mesmos sentimentos de ciúme que tive lá atrás."

"Se sou eu que quer sair fora, fico em cima do muro sem querer nem sair nem ficar, e isso é tão comum comigo que posso ficar preso nesta hesitação por anos a fio. E tudo isso, sem dar muitas pistas à mulher com quem estou."

"É provável que eu transe a situação com ela de forma indireta, procurando o apoio de outras pessoas, ou de alguma maneira expondo meus sentimentos de certa distância. Se começo a ficar muito obcecado com essa coisa de ir ou ficar, é provável também que eu comece uma porção de novos relacionamentos, mas sem poder decidir qual deles seria o meu preferido."

De positivo para os relacionamentos, Mediadores são capazes de dar atenção e consideração incondicionais a outras pessoas. Tendo pouca imagem ou posição que defender, um Nove é capaz de ouvir sem julgar. Noves sabem se identificar com as necessidades emocionais de outras pessoas, muitas vezes sentindo o dilema alheio em si mesmos. São capazes de manter uma programação sólida e produtiva em meio a dificuldades emocionais.

De negativo, Noves são capazes de adormecer para as verdadeiras motivações e de amar por hábito, e não porque o sentimento esteja vivo. Os altos e baixos da vida emocional podem ser reduzidos a um terreno intermediário onde haja segurança e onde os relacionamentos sejam previsíveis.

Exemplo de Relacionamento de Casal: Nove e Dois, o Mediador e o Dador

O Nove é, em geral, confuso quanto aos seus objetivos pessoais, e isso move o Dois com o desejo de ajudar. Na medida que esse seja um esforço maduro, o Nove ficará satisfeito em ser escolhido para receber atenção. Noves prosperam com apoio e atenção e têm mais probabilidade de desenvolver seus próprios potenciais se estes forem agradáveis para outra pessoa. O Dois será particularmente útil se o Nove tiver realmente o potencial para sobressair numa área da qual o Dois possa se orgulhar.

Ambos os parceiros se entregam emocionalmente. Noves querem achar um motivo para viver por intermédio do parceiro, e o Dois quer descobrir qual dos seus muitos eus é o autêntico. A consequência é que ambos podem ser profundamente afetados pelo outro num nível não pensante. O Dois tende a se modificar de acordo como "aquilo que meu parceiro quer", uma manobra que o Nove muitas vezes sabe detectar porque um Nove também empatiza. O Nove pode ajudar o Dois a distinguir o eu autêntico do eu ajustado, e o Dois está na posição de se modificar e adotar uma imagem que excitará o Nove eroticamente.

Cada um vai enfocar atenção no outro, e cada um vai desejar satisfazer as necessidades do outro. Noves sabem usar o sexo como forma de despertar um contato verdadeiro, e Dois gostam da atenção sexual. Embora Dois possam preferir atenção ao sexo de fato, ambos terão uma compreensão natural de contatos não verbais, que pode se tornar uma pedra fundamental do relacionamento. O encontro sexual poderia servir como metáfora para o principal suporte que os parceiros Nove-Dois podem se oferecer mutuamente. O Dois pergunta: "O que você quer?" E o Nove responde: "Quero você como você é." E este é o eu que o Dois está buscando.

Um Dois é consciente não só da imagem física, mas também do carisma social, e vai aumentar a confiança do Nove no estilo e na apresentação pessoal. O Dois vai trazer para fora os potenciais do Nove no ambiente seguro que o casal criou. Na medida que um Nove não tenha certeza quanto a uma direção pessoal na vida, ela ou ele vai se deixar absorver pela agenda do Dois e vai se tornar aquilo que o parceiro quer. Se tal acontecer, o Nove vai se transformar em qualquer coisa que faça um Dois orgulhoso. É provável que o Nove acorde no meio de um relacionamento e perceba que as escolhas de trabalho, de amigos, de estilo pessoal e de emprego do tempo foram todas influenciadas pela vontade do parceiro.

Surge uma crise quando o Dois se tornou indispensável, e o Nove começa a se sentir controlado. O Nove suspeita que está trabalhando para satisfazer as necessidades não admitidas do Dois e reage recusando-se obstinadamente a cooperar. Noves refreiam seus próprios potenciais como meio de se desforrar e dirigem a atenção a outras coisas. O Dois se aborrece se o Nove não consegue se potencializar e se enfurece se a atenção for desviada.

Essa reação de enfado leva o Dois a exigir liberdade. A exigência de liberdade desperta o Nove, mas o torna possessivo, o que reacende as exigências de liberdade do Dois. Se o Nove preferir desviar a atenção, o Dois se tornará furioso e competitivo para recuperá-la. O Nove exerce poder máximo no relacionamento não dando atenção quando ela é esperada. Esse gênero grave de impasse é aliviado com o Dois dando suporte às verdadeiras aspirações do Nove, em vez de usar o Nove para satisfazer suas necessidades pessoais, e com o Nove assumindo a responsabilidade de

descobrir o que é realmente essencial na vida.

Relacionamentos Hierárquicos

Noves são bons líderes se a situação apresentar um curso claro de ação, mas não se sentem à vontade se a liderança exigir um conjunto permanente de decisões. Decisões são difíceis porque os prós e os contras podem aparentemente ter o mesmo peso, o que, aliado à tendência do Nove de se polarizar contra processos novos ou arriscados, pode levar a uma ação paralisante na liderança. Noves preferem processos conhecidos e resultados previsíveis à incerteza de esperanças aumentadas que poderiam levar à frustração.

Como empregados, Noves se relacionam com a autoridade através da estrutura organizacional. Os relacionamentos são melhores quando há regras claras para a promoção e para as gratificações. Noves podem ou não competir pelas gratificações, mas querem saber que a oportunidade existe. O hábito do Nove de se deixar absorver pelas vidas dos outros se manifesta no assumir a característica e a opinião de colegas de trabalho. Noves empatizam com o emprego, não com a autoridade. Podem ser ambivalentes em relação àqueles que estão no poder, tanto desejosos de ser dirigidos quanto aborrecidos por receber ordens sobre o que fazer. É provável que a raiva contra a autoridade seja expressa indiretamente, com um desempenho sofrível no emprego ou com um comportamento passivo-agressivo.

De positivo para os relacionamentos hierárquicos, Noves são excelentes mediadores porque são capazes de se identificar com todas as opiniões envolvidas. Eles são eficientes sobretudo se forem levados até o palco das hostilidades manifestas. Querem sentimentos amistosos e cooperativos e têm interesse em ouvir até o fim o ponto de vista de outras pessoas. Trabalham bem se recebem credibilidade pública e consideração positiva, mas não buscam abertamente o reconhecimento. Prosperam em empregos que ofereçam um retorno justo e regular pelos esforços.

De negativo, Noves são capazes de internalizar as tensões de um grupo sem conseguir articular uma mudança construtiva. A sensação de uma posição pessoal é fraca, e, com frequência, as objeções não são expressas, mesmo se forem identificadas: "Eles não iam me ouvir mesmo." Noves preferem dessintonizar o problema a agir, esperando que ele vá embora.

Noves são capazes de controlar indiretamente, transferindo responsabilidades, ou divagando em serviço. A raiva não expressa pode gerar uma resistência obstinada em ser supervisionado. Há um padrão de inércia no desempenho profissional: é difícil começar, só há mobilização quando o prazo está se esgotando e uma crise de alta velocidade para a conclusão. Uma vez engatado, é difícil parar, e a energia extra pode ser espalhada por entre atividades triviais.

Exemplo de Relacionamento Hierárquico: Nove e Sete, o Mediador e o Epicurista

Um Nove lidera através do estabelecimento de programações, da designação de ajudantes entusiasmados e de um movimento metódico. Esses hábitos são diametralmente opostos aos desejos do Sete de experimentação e de liderança cooperativa. Um relacionamento infeliz pode ocorrer se o Nove emudecer e não esclarecer nem defender uma posição, e se o Sete se rebelar redefinindo os procedimentos em benefício próprio e assumindo vários projetos ao mesmo tempo. O Sete verá o Nove como pesado e intransigente, e o Nove verá o Sete como volúvel e

descomprometido.

O patrão Nove terá problema em supervisionar o Sete se isso exigir confrontação. A tendência é deixar as coisas resvalar para um ponto crítico, com a esperança de que o empregado volte aos eixos sem ter de ser pessoalmente informado. Uma vez a culpa tenha sido estabelecida, um patrão Nove pode ser implacável e relutante em negociar, ao mesmo tempo em que renuncia à liderança. Por fim, ocorrerá um confronto com o Nove enterrado numa posição de intransigência e o empregado Sete ainda desinformado da gravidade da situação.

Se ambos forem maduros, uma reorganização de responsabilidades pode resolver essa dificuldade. Por exemplo, Setes têm talento para receber e encontrar pessoas e não estão muito interessados em cooptar liderança. O Sete é capaz de realizar esforços promocionais sem o que Nove se sinta minado pela ambição profissional do empregado. O Nove deve estar disposto a dirigir o Sete e a declarar com clareza como os projetos devem ser representados, uma vez que Nove vai querer uma imagem conservadora enquanto o Sete vai gravitar rumo a uma apresentação mais inovadora. O Sete, por sua vez, deve aceitar a necessidade do Nove de prestação de contas e de documentação de toda a sequência de trabalho.

Se o Sete for o patrão, os procedimentos podem se tornar confusos ou até mesmo contraditórios. O processo mental de um Sete é capaz de transformar o que soa como uma promessa definitiva numa entre muitas das possíveis opções. A liderança vai parecer caprichosa para o Nove, que então se torna indeciso quanto a uma posição. Se o Nove se sentir desconsiderado, uma sabotagem passiva se seguirá. O Nove vai perder o interesse e vai reduzir o ritmo nos requisitos básicos do projeto, deixando furos que vão chamar a atenção do patrão. Haverá uma resistência obstinada contra qualquer tentativa de supervisão, uma insistência em trabalhar no seu próprio ritmo e cadência e um silêncio alienante que passa uma raiva não expressa.

Essa situação desagradável pode ser evitada se a opinião do empregado Nove for solicitada e se for criado um espaço para a ventilação de ressentimentos. Se um Nove se sentir ouvido, então a postura passivo-agressiva pode ser evitada. Se não se fizer o Nove falar, então ele ou ela poderá aceitar estoicamente a situação, abrigar ressentimentos e adormecer em operação. Se o patrão Sete for sensato, o empregado Nove será encarregado da programação, das diretrizes e do gênero de trabalho detalhado de que o Sete não gosta. Se o projeto estiver em dificuldades, o Nove é capaz de prestar um apoio permanente por longos períodos de tempo. Se o projeto puder ser salvo, o Nove será capaz de mobilizar enormes reservas de energia para uma salvação no último minuto.

Méritos

Noves sabem prestar suporte inabalável. A característica desse suporte é especial porque Noves têm menos investimento em fazer as coisas acontecer à sua própria maneira do que em mediar, em manter a paz.

Noves são profundamente afetados pela vida de outras pessoas. Eles são capazes de ouvir e aceitar outra pessoa sem ter de exercer o poder no relacionamento e também são capazes de se inserir numa vida pessoal problemática. Eles sabem ouvir e compreender. E mais importante, são capazes de sentir o que é essencial na vida alheia. Justamente por terem apagado sistematicamente sua própria posição em favor do reflexo dos desejos alheios, eles são talentosos em sua habilidade de identificar o que é crucial para o bem-estar alheio.

Ambientes Atrativos

Ambientes atrativos para Noves incluem empregos que dependam de rotina, protocolo e procedimentos reconhecidos. Burocracia, empregos que dependam da monitoração de detalhes.

Ambientes não Atrativos

É raro achar Noves em empregos de muita exposição e que requeiram autopromoção contínua. Eles não são felizes com empregos que requeiram mudança rápida de procedimentos nem em empregos onde a estrutura e o detalhe sejam sacrificados em favor da teoria.

Noves Famosos

O serviço postal americano, U. S. *Postal Service*, é um Nove famoso. É ótimo em organização e detalhe. Os regulamentos são cumpridos por funcionários que trabalham mais devagar quando é importante acelerar e que educadamente colocam à porta a placa de *Closed* (Fechado), às 14h 59min, justamente quando você vem correndo pela calçada com o seu pacote.

Julia Child — Luciano Pavarotti — Buckminster Fuller
Oblamov — Eisenhower — Alfred Hitchcock — Ringo Starr

Como Noves Prestam Atenção

Quando Noves "entram no automático", eles são capazes de concluir tarefas complicadas sem prestar atenção consciente ao que suas mãos e seus corpos estão fazendo. Todos nós temos a capacidade de aprender a ser destros e a executar tarefas mecanicamente. Por exemplo, há a experiência comum de "acordar" ao chegar em casa sem nenhuma lembrança de ter feito o percurso de carro. Há também o exemplo de datilógrafas velozes que se dizem capazes de fantasiar, ou pensar num problema, ao mesmo tempo em que produzem resmas de cópias perfeitas, a noventa palavras por minuto.

O truque das datilógrafas é datilografar sem ler o material. Elas seccionam atenção suficiente apenas para executar a mecânica do trabalho, ao mesmo tempo em que ruminam outras coisas. Esse estilo de atenção pode ser chamado de co-processamento, uma forma de fazer mais de uma operação mental ao mesmo tempo.

Noves dizem que imergem e emergem das conversas. Uma parte de sua atenção está mecanicamente concentrada no que está sendo dito, mas, ao mesmo tempo, são capazes de coprocessar outra sequência de idéias, ou de se sentir absorvidos pelo que supõem as outras pessoas estejam sentindo. A maioria dos Noves descrevem o co-processamento como passar de um objeto de atenção para outro. Por exemplo, uma palavra numa conversa pode desencadear uma lembrança, provocar um monólogo interior sobre essa mesma lembrança, ou fazer a pessoa sentir em que a conversa presente é semelhante à do passado.

Essas digressões interiores prosseguem ao mesmo tempo em que o Nove permanece consciente de como a conversa está evoluindo. Igual ao motorista que chegou em casa sem se lembrar do percurso que fez, Noves podem despertar para se ouvir dando uma resposta passável, já esquecidos do tópico da conversação. Dizem que sintonizam seu rádio mental em duas ou três estações, oscilando entre música clássica, *country* e *rock'n'roll*.

Uma versão profunda dessa capacidade de co-processar é descrita por alguns Mediadores como tendo a mente cheia de cata-ventos. Nessa versão, a atenção se concentra simultaneamente em várias coisas, digamos no padrão do tapete, nos botões de uma manga, numa emoção profunda e numa ou duas seqüências de idéias. Um Nove, que parece disperso e desatento para os outros, pode estar internamente trabalhando sob o peso de muita coisa que fazer.

Como Noves estão adormecidos para o seu próprio ponto de vista, normalmente não buscam informações que alimentem um curso estratégico de ação. Situações novas podem ser percebidas globalmente onde todos os elementos são reconhecidos e podem ser descritos, mas onde coisa alguma sobressai

como particularmente importante ou digna de menção. Isso contrasta com a percepção do ponto Três, que se concentra nos elementos de situações novas que dêem suporte a tarefas específicas. É também distinta da percepção do tipo Seis, que se inclina para as interações ocultas entre as pessoas.

O Nove percebe todos os elementos da superfície e todas as interações sob a superfície, mas acha difícil separar o que é importante e significativo dos detalhes não essenciais. Noves percebem tudo, mas acham difícil identificar o ponto de partida correto, ou discriminar questões essenciais do ruído de fundo. A atenção circula livremente entre o que é essencial numa situação e o que é irrelevante para a tarefa central. É esse hábito de atenção que perpetua a perda de um ponto de vista pessoal. Como pode alguém se decidir por uma posição significativa quando tudo parece ter igual importância? Não há sensação de conflito, porque coisa alguma sobressai mais que as outras.

Estilo Intuitivo

Quando crianças, Noves se sentiram ignorados e acabaram aprendendo a manter relação percebendo as características dos outros dentro de seus próprios corpos. Quando, com seu estilo de prestar atenção globalmente, Noves enfocam outras pessoas, eles podem se ver "sendo" outra pessoa que teve forte influência sobre eles. Noves, às vezes, têm a sensação de que estão se apossando deles. Por exemplo, podem perder seu ponto de vista tão completamente numa conversa, que começam a assimilar os maneirismos, a característica energética e até mesmo as opiniões de alguém que tenha chamado sua atenção. Noves parecem perceber os outros como um todo, tomando tudo o que sintam esteja acontecendo dentro de um amigo.

"Quando estou perto de alguém, é como se uma pessoa e não duas estivesse sentada na sala. Não há separação: esqueço de mim mesma, mas fico cheia de impressões no corpo, o que, aprendi, talvez seja porque estou sendo minha amiga por um momento. Quando me sinto ligada a uma pessoa, não tenho vontade de me separar ou de afastar. A intimidade mais profunda que eu conheço é me deixar levar tão completamente pelo que minha amiga estiver vivendo, que a coisa parece acontecer comigo ao mesmo tempo."

Noves têm uma relação com os termos *entrega*, *fusão*, *absorção*, *perda de identidade*. Dizem que sabem descrever o ponto de vista de outra pessoa bem melhor

do que o seu próprio. Descrevem esse processo como o de tornar-se outra pessoa, e as descrições que fazem de como se unem aos outros soam nitidamente como as práticas de percepção que embasam a disciplina das artes marciais. A síntese de um treinamento em artes marciais visa a obter a mesma sensação de inseparabilidade que a criança Nove se sentiu impelida a obter.

"Estou cruzando de carro a Ponte Golden Gate, e minha atenção é desviada para alguém num carro na pista ao lado. De repente, estou começando a sentir o jeito daquele cara de se sentar no banco do motorista e de dirigir seu carro. E logo estou dirigindo feito ele, estou imitando a forma de seu corpo e manuseando o carro igual a ele, mesmo que agora ele já esteja a cem metros de distância."

Considere a semelhança entre a experiência de fusão dessa motorista Nove e a declaração seguinte de um faixa-preta de terceiro grau de *Aikido* que é um Seis.

"A síntese acontece a partir da barriga. Você aprende a expandir sua percepção para incluir o espaço em torno do seu corpo e a sentir tudo o que entre em seu campo, como se estivesse dentro de você mesmo. A gente é capaz de sentir a força e característica do movimento das pessoas, e a gente aprende a se unir a ele e fazer dele seu próprio movimento."

Mediadores dizem que, às vezes, são capazes de sentir tudo o que esteja no corpo de outras pessoas, que, quando estão "sendo" outra pessoa, podem ter uma sensação física de suas doenças ou de sua saúde e perceber as discrepâncias entre sentimentos e pensamentos, ou entre desejos conflitantes. Noves parecem absorver os outros como um todo e às vezes têm dificuldade em distinguir a fonte de suas informações quando estão na presença física de alguém que os afete intensamente. "Essa reação é sua ou minha?" "Estou entusiasmado por esse projeto, ou estou transferindo para mim a sua excitação?" "Quero ir ao cinema, ou confundi o seu desejo com o meu?" "Me sinto bem com o que fiz, ou será que é você que está satisfeito comigo?" Quando o outro fisicamente vai embora, a atenção do Nove tende a se voltar para o eu, e ele ou ela se lembra outra vez de suas posições pessoais. Noves podem perder sua identidade com muitas pessoas no decorrer de um só dia, mas se sentem particularmente atraídos para isso quando estão amando, ou quando são levados à união pela necessidade da outra pessoa.

Noves intuitivamente inclinados são também capazes de absorver decisões que têm muitos componentes distintos. A declaração seguinte vem de um empresário de San Francisco.

"Há mais de vinte anos sou administrador e tomo minhas decisões analisando o problema em sua totalidade e também fazendo uma leitura de como o meu corpo reage aos fatores da organização. Começo colocando a sensação de uma das unidades da organização dentro do meu corpo e depois comparo com ela a sensação das outras. Às vezes sinto que há um ajuste, mas muitas vezes consigo leituras bem complexas de como percebo os diferentes elementos interagir dentro de mim."

A Virtude da Ação

Para um Nove, a preguiça não é necessariamente a preguiça do corpo no sentido de não ter um emprego, ou dormir até o meio-dia. Noves, muitas vezes, têm dois empregos e se gabam de ter muita energia física. Fazem muito, mas têm bloqueios em sua capacidade de perceber um curso correto de ação e de ficar no rumo sem se desviar por coisas não essenciais.

"Sempre há um monte de coisas me atrapalhando a fazer o que eu quero realmente fazer. Minha mente parece uma sala em desordem, cheia de caixas estofadas de lembretes e memorandos. Fico correndo entre essas pilhas, tentando

fazer um pouco de cada coisa, antes que uma delas despenque em cima de mim. Quem me olha de fora pensa que não estou fazendo nada, mas isso porque fico correndo entre essas pilhas intermináveis de serviços.

Eu sempre soube que tenho enormes reservas de energia porque há dias em que sei o que devo fazer e nada me impede de chegar lá.

Uma vez tive uma experiência fabulosa: foi como se eu me transformasse diretamente em ação. Foi num acidente inusitado, em que uma pedra enorme caiu na estrada depois que nós passamos. Eu sabia que outro carro ia fazer aquela mesma curva e ia se despedaçar naquela pedra e, sem pensar no que eu fazia, saí, voltei correndo pela estrada e empurrei a pedra para fora da pista.

Não sei como consegui mover tamanho peso, mas aconteceu. Esse incidente é um dos marcos da minha vida porque, no meu desespero, a rocha e eu éramos uma coisa só, e tudo o que eu tive de fazer foi me mover."

Amor como uma Característica da Mente Superior

Noves tendem a absorver a identidade do grupo, do ambiente ou das pessoas significativas com quem se relacionem. Num nível psicológico, há uma necessidade de identificação com desejos alheios como forma de estar incluídos no grupo e como compensação por se esquecerem de prestar atenção ao próprio eu. Sem um grupo ou parceiro com quem se relacionar, Noves sofrem com sua própria apatia interior e acusam uma sensação de "Vale a pena? Se isso é só para mim, então a vida não tem sentido."

Se um Nove forma um relacionamento pelo desejo de fundir atenção com um parceiro ideal, que então se torna razão de vida, a característica mental superior do amor, na verdade, não está presente nesse relacionamento. Noves podem incorporar e assumir a vida do parceiro como sua, mas a verdadeira mensagem é: "Por favor, não me abandone, e eu não irei contra você." Como, no amor, Noves são capazes de se entregar totalmente, são também vulneráveis a terríveis sentimentos de ciúme e desespero, como se o seu próprio ser fosse ameaçado pela perda de alguém que é percebido como parte de si mesmos.

Em seu aspecto elevado, o amor tem menos a ver com uma reação emocional do que com um direcionamento específico da atenção, que requer um ponto de referência dentro do eu, a partir do qual o ser amado possa ser abrangido. A tarefa é aprender a reconhecer a diferença entre perder um ponto de referência pessoal e, portanto, ser dominado pelos desejos e sentimentos de outras pessoas, e poder sentir a condição alheia e, ao mesmo tempo, perceber o eu. Noves têm o potencial de amar incondicionalmente, no sentido de que têm o hábito permanente de perceber os outros através de seu próprio corpo. Seu hábito é o de sentir os outros dentro de si mesmos, sem o desejo de controlar, ou de fazer as outras pessoas mudar.

Subtipos

Os subtipos psicológicos representam preocupações que Mediadores desenvolveram durante a infância, como meio de substituir desejos reais por substitutos compensatórios. Essa substituição amortece o ressurgimento da ansiedade que a criança sentiu quando seus desejos pessoais foram ignorados por adultos cujas prioridades eram outras.

União no Relacionamento com uma Pessoa

Para Noves, a união é o desejo de se fundir por inteiro com um companheiro. Essa preocupação também pode se estender a um desejo absorvente de se unir ao divino.

"Quando encontro pessoas, tenho a sensação de reconhecer diversas informações ao mesmo tempo. Fico tão atraída por todos os níveis do que elas estão dizendo e por todas as maneiras como estão reagindo, que as palavras realmente ditas parecem quase sem importância.

Nos relacionamentos íntimos, a sensação de união com meu marido ficou tão forte que é através dele que sinto as recompensas de minhas próprias realizações. Por mim mesma, sou insensível ao prazer das coisas que faço, mas sou capaz de sentir as reações dele dentro de mim e, quando ele se sente bem comigo, percebo meu próprio prazer através dele."

Participação em Grupos Sociais

Noves ou são totalmente avessos a se unir a grupos, ou gostam de passar tempo com grupos sociais, tais como clubes de atividades especiais, e com amigos. Há uma atração pela energia de pessoas fazendo alguma coisa juntos, o que não só garante uma distração agradável, mas também provê um fundo permanente de energia, no qual Noves podem imergir e do qual podem emergir. Eis o depoimento de um Nove que gosta de participar.

"Quando menino, fui campeão de boliche. Formei equipes para quase todas as noites e tive uma participação ativa com elas. Curioso é que, embora eu praticasse várias horas por semana para aperfeiçoar meu estilo, vibrava menos com a vitória do que com a camaradagem e com a sensação de ser levado pelo entusiasmo dos times."

Apetite na Área da Autopreservação

Noves têm o hábito de substituir desejos essenciais por sucedâneos não essenciais, tais como comida em excesso, muita TV, muitas novelas ou romances, hobbies e interesses elaborados. O apetite também se estende à coleta de quantidades enormes de informação sobre uma ocupação secundária.

"Eu estava escrevendo um artigo, e a publicação desse artigo era muito importante para mim. A máquina de escrever ficava de frente para o nosso quintal, e isso desencadeou uma série incontrolável de eventos. Quando eu me sentava para trabalhar, eu me distraía pensando na necessidade de achar um ponto de vista em que me concentrar. Então comprei livros de jardinagem, fiz tabelas detalhadas para cada estação, para que houvesse uma constante rotação de cores, organizei um comitê em nosso quarteirão para a compra de plantas e arbustos coletivamente, cavouquei e plantei todo o quintal e nisso perdi três meses destinados ao meu artigo."

O Que Ajuda Noves a Evoluir

Mediadores precisam identificar os momentos em que começam a dormir. Neste contexto, *dormir* significa desviar a atenção de uma autêntica prioridade pessoal para um pensamento obsessivo, ou para uma atividade não essencial. E frequente Noves

iniciarem terapia, ou comecem uma prática de meditação, por ter se desorientado com um compromisso importante, ou por ter tido um episódio de abuso de álcool, comida ou drogas. Apresentações típicas são depressão, à medida que atividades não essenciais alcançam um ponto de paralisação, ou o afloramento da raiva. Noves devem perceber sua capacidade de agir pela força do hábito enquanto estão "adormecidos". Um Nove adormecido é capaz de seccionar atenção suficiente apenas para aparentar que está totalmente presente a uma conversa ou numa sessão de terapia, mas, ao mesmo tempo, está amortecendo o que ouve.

Como criaturas de hábito, Noves tendem a assumir a coloração do ambiente onde se encontram. Transformações podem ocorrer mais facilmente com uma mudança de ambiente e com esforços metódicos e ritmados para a formação de novos hábitos. Ansiosos por achar uma identidade, Noves respondem bem a um apoio estruturado, tal como um programa reforçado pela evidência tangível de sucesso e pelo entusiasmo de amigos. O apoio deve ser oferecido incondicionalmente, a fim de evitar a questão de dever obedecer aos outros, ou rebelar-se contra os outros.

Noves podem se ajudar

- Achando um meio de obter aprovação alheia para uma posição pessoal e de estabelecer uma estrutura para efetivar essa posição.
- Notando os momentos em que outra pessoa se torna o referencial para decisões. "Concordo com ela, ou discordo dela?"
- Notando os momentos em que uma obsessão pelos prós e pelos contras de uma decisão tiver substituído os sentimentos e o desejo verdadeiros.
- Usando estrategicamente prazos e datas limites; estruturando projetos como forma de se concentrar nas metas.
 - Identificando os momentos em que opiniões pessoais estão sendo retidas.
 - Expressando opiniões próprias.
 - Aprendendo a terminar projetos sem se distrair com outras coisas.
- Concentrando-se nos sentimentos que precedem os desvios da atenção para substitutos não essenciais, tais como comida ou TV. Observar esses sentimentos quando ocorrem, em vez de ir buscar substitutos.
- Pedindo opções. Noves sabem mais facilmente o que não querem e, por um processo de eliminação, chegam às suas preferências.
- Exercitando-se na representação de posições alheias para depois representarem sua própria posição, como se fossem outra pessoa.
- Aprendendo a estabelecer limites de tempo e de comprometimento, quando a atenção se desvia para coisas não essenciais.
- Concentrando-se no próximo passo imediato e não na meta final. A meta final vai parecer volumosa demais para ser abordada.
- Percebendo que se tornam teimosos quando pressionados.
- Expressando a raiva através da imaginação. Imaginar dizer ou fazer coisas que firam, até que diminua a carga da raiva.

O Que Noves Deveriam Perceber

À medida que a atenção é afastada de coisas não essenciais, Noves acusam reações tais como as da lista seguinte. Em vez de vê-las como meramente neuróticas, elas podem ser consideradas sinais de progresso durante as transformações. À medida que as prioridades se concretizam, a raiva que foi expressa de formas passivo-agressivas, tais como fazendo teimosia ou reduzindo o ritmo, virá à tona. A raiva é a energia da transformação e pode ser cultivada a fim de tornar clara uma posição pessoal.

- A dependência de fontes de ajuda e o desejo de não se separar.
- Culpa. Tendo-se deixado absorver tanto pelos desejos alheios que "a culpa é dos outros", quando as coisas saem errado.
- Obstinação. Sentir-se pressionados por outros. Indisposição para trazer à baila questões com fortes componentes emocionais. Resistência, o que força os outros a se mover primeiro.
- Ânsia por novos compromissos que suguem tempo e energia.
- Dessintonização. Entrar e sair de conversas pensando em várias coisas de uma só vez.
- A necessidade de discriminar as verdadeiras decisões da tendência de deixar questões insignificantes ocupar obsessivamente a atenção.
- A necessidade de discriminar as verdadeiras metas do hábito de estabelecer rotinas e agir mecanicamente.
- O entorpecimento. Esperar até que as outras pessoas vão embora. Esperar que passem conversas difíceis em vez de manifestar uma posição. Desejar que as negativas não declaradas permaneçam sem ser ditas.
- O desejo de não juntar todas as partes, o que exigiria uma posição definitiva. A necessidade de mais informações, a espera de uma explicação, a busca de ação de contenção, a esperança de que a coisa vá embora por si mesma.
- A idéia de que o trabalho já está feito, assim que uma prioridade mental tenha sido alcançada. Julgar o próprio eu pelas potencialidades e os outros pelo que eles efetivamente fazem.
- As coisas pendentes no trabalho. Sentir raiva e não querer ser cuidadoso. Produção mínima.
- O sentimento de que tarefas simples são fardos esmagadores, que é difícil começar. Que há muito que fazer. "Onde vou tirar energia?" As tarefas exigem muitos esforços, o que leva a
 - uma extrema sensibilidade a ter seus esforços ignorados, criticados ou desconsiderados.
 - temer riscos e mudanças. A acreditar que mudanças vão trazer mais sofrimento.
 - desviar a atenção do eu, introduzindo digressões nas conversas, contando sagas muito longas sobre si mesmos e repetindo material antigo.

Apêndice: Pesquisa Empírica sobre o Eneagrama

O estudo empírico da tipologia do Eneagrama teve início recentemente, com base em descrições publicadas da teoria do Eneagrama.^{1-3 1-3} Os estudos nessa área são úteis na medida que os resultados das pesquisas integram a teoria do Eneagrama aos conceitos ocidentais sobre personalidade. A pesquisa atual se concentra na estabilidade do ponto no Eneagrama do indivíduo ao longo do tempo e na relação do tipo no Eneagrama com outras teorias da personalidade. Os pesquisadores estão também desenvolvendo instrumentos de avaliação da personalidade que podem prever de maneira fidedigna e válida o tipo no Eneagrama.

Pesquisa Inicial sobre o Eneagrama

Um primeiro programa de pesquisa, relatado por Wagner e Walker,⁴⁻⁵ examinou trezentos e noventa adultos que conheciam o sistema do Eneagrama. A maioria dessas pessoas eram membros de várias congregações religiosas da Igreja Católica, no Meio-Oeste dos Estados Unidos.

Para avaliar a estabilidade do tipo no Eneagrama ao longo do tempo, os sujeitos foram contatados e lhes foi solicitado que informassem seu ponto original no Eneagrama e o atual, determinado por eles mesmos. O lapso de tempo entre o primeiro contato com o Eneagrama e a realização da pesquisa variou de três meses a nove anos. Os pesquisados obtiveram em média 85 por cento de consenso quanto ao tipo no passado e no presente.

Esses sujeitos também completaram o Indicador de Tipo de Myers-Briggs (MBTI), a Escala de Auto-Avaliação de Millon-Illinois e um questionário experimental do Eneagrama, em diversos períodos antes, durante e após a aprendizagem do Eneagrama. O MBTI, baseado em tipos de personalidade junguianos, se destina a avaliar padrões de opinião, suposição e ação sobre as dimensões da personalidade da introversão-extroversão, do pensamento-sentimento, da sensação-intuição e do julgamento-percepção.⁶ A Escala de Auto-Avaliação de Millon-Illinois⁷ se destina a

1-3

¹ J. Lilly, "The Arica Training" (O Treinamento de Arica), em C. Tart. ed., *Transpersonal Psychologies* (Psicologias Transpessoais) (Nova Iorque: Harper & Row, 1975).

² J. G. Bennett, *Enneagram Studies* (Estudos do Eneagrama) (York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc., 1983).

³ J. P. Wagner, "A Descriptive, Reliability and Validity Study of the Enneagram Personality Typology" (Um Estudo Descritivo da Validade, da Confiabilidade da Tipologia de Personalidade do Eneagrama) (dissertação de Ph. D., Loyola University of Chicago, 1981). Dissertation Abstracts International, 41, 1981, 466A. University Microfilms no 8109973.

4-5

⁴ J. P. Wagner e R. E. Walker, "Reliability and Validity Study of a Sufi Personality Typology: The Enneagram" (Confiabilidade e Validade de uma Tipologia de Personalidade Sufi: O Eneagrama), *Journal of Clinical Psychology* 39 (5) (Set. 1983).

⁵ I. Myers e K. Briggs, *Manual: A Guide to the Development and Use of the Myers-Briggs Type Indicator* Manual: Um Guia para o Desenvolvimento e Uso do Indicador de Tipo de Myers-Briggs (Palo Alto, Calif.: Consulting Psychologists Press, 1985).

⁶ T. Millon, *The Millon Self-Report Inventory* (Inventário de Auto-Avaliação de Millon) (Philadelphia: Saunders, 1974).

avaliar padrões de personalidade organizados em oito estilos de personalidade. Wagner observa que a formulação de Millon sobre o desenvolvimento de padrões de personalidade "corresponde à concepção do desenvolvimento de fixações do ego" na tipologia do Eneagrama.⁸

Wagner encontrou diferenças significativas entre grupos de pontos do Eneagrama na escala de Myers-Briggs e na de Millon, com padrões descritivos assim resumidos por ele mesmo:

Tabela 1. Comparação de Correlações Positivas entre Tipos no Eneagrama, Padrões de Personalidade de Millon e Preferências de Myers-Briggs (de Wagner e Walker, 1983)

| Tipos no Eneagrama | Escalas de Millon | Escalas de Myers-Briggs |
|--------------------|---|---|
| Ponto Um | Disciplinado | Julgador |
| Ponto Dois | Cooperativo, Sociável | Extrovertido, sensível |
| Ponto Três | Seguro de si, disciplinado, sociável, assertivo | Extrovertido, sensorial, julgador |
| Ponto Quatro | Cooperativo, suscetível | Intuitivo, sensível, perceptível |
| Ponto Cinco | Apático, suscetível | Introverso, racional |
| Ponto Seis | Cooperativo, suscetível, apático | Introverso |
| Ponto Sete | Sociável, seguro de si, assertivo | Extrovertido, intuitivo |
| Ponto Oito | Seguro de si, sociável, assertivo | Extrovertido, intuitivo, racional, perceptivo |
| Ponto Nove | Apático, suscetível, cooperativo | Intuitivo, perceptivo |

Também se administrou aos sujeitos o *Inventário de Personalidade segundo o Eneagrama* de Wagner, que consiste de cento e trinta e cinco itens (quinze para cada tipo), onde os sujeitos indicavam um grau de acordo ou desacordo. Em duas administrações do *Inventário*, antes e após treinamento, Wagner constatou que o tipo do Eneagrama estava significativamente associado às contagens no *Inventário*. As descobertas de Wagner sugerem que o teste objetivo é capaz de prever o tipo com uma exatidão maior do que o acaso e que o aprendizado da teoria do Eneagrama aumentou a validade do prognóstico do teste.

O estudo de Wagner contribui para a delimitação da teoria do Eneagrama avaliando a tipologia em comparação a duas outras abordagens tipológicas numa amostragem relativamente grande. Além disso, seus esforços para desenvolver uma avaliação objetiva do tipo no Eneagrama deveriam promover um estudo que levasse à determinação da confiabilidade e da capacidade de generalização do tipo, à descrição e distinção dos tipos e à previsão do tipo numa forma simplificada e válida.

⁷ Marlene Cresci Cohen, Helen Palmer e Martin Satuart Cohen, *Empirical Comparison of the Enneagram Personality Types* (Comparação Empírica dos Tipos de Personalidade do Eneagrama). Em preparação, 1987.

⁸ Wagner, "Enneagram Personality Typology" (Tipologia de Personalidade do Eneagrama), 145.

Nosso Programa Atual de Pesquisa

Também realizamos pesquisa com cento e setenta e dois sujeitos voluntários, que são alunos adultos do *Centro para a Investigação e para o Treinamento da Intuição* (*Center for the Investigation and Training of Intuition*).⁹ Por ocasião da avaliação, todos os sujeitos tinham determinado seu tipo no Eneagrama no mínimo há um mês, ou até vários anos antes do teste, com 47 por cento tendo ciência de seu tipo há um ano ou menos. O tamanho dos grupos do Eneagrama variava de dez sujeitos identificados como ponto Três a trinta e cinco sujeitos identificados como ponto Nove. Tabulações cruzadas indicaram a não-existência de associações significativas em nossa amostra entre o conhecimento do Eneagrama, o sexo, o status profissional e o tipo no Eneagrama.

Para avaliar diferenças de personalidade entre os tipos no Eneagrama, selecionamos o *MBTI* (conforme fez Wagner) e o *Inventário Multifásico da Personalidade de Minnesota* (*MMPI*). O *MMPI* é o indicador de personalidade mais amplamente pesquisado, mas não foi anteriormente estudado com relação ao Eneagrama. As dez escalas clínicas do *MMPI* avaliam as principais categorias de comportamento anormal, incluindo hipocondria, depressão, histeria, desvio psicopático, identificação sexual, paranóia, obsessão e compulsividade, esquizofrenia, hipomania e introversão social. Além disso, o *MMPI* oferece uma avaliação de atitudes na hora da realização do teste, tais com consistência, conveniência social e patologia de falsificação.

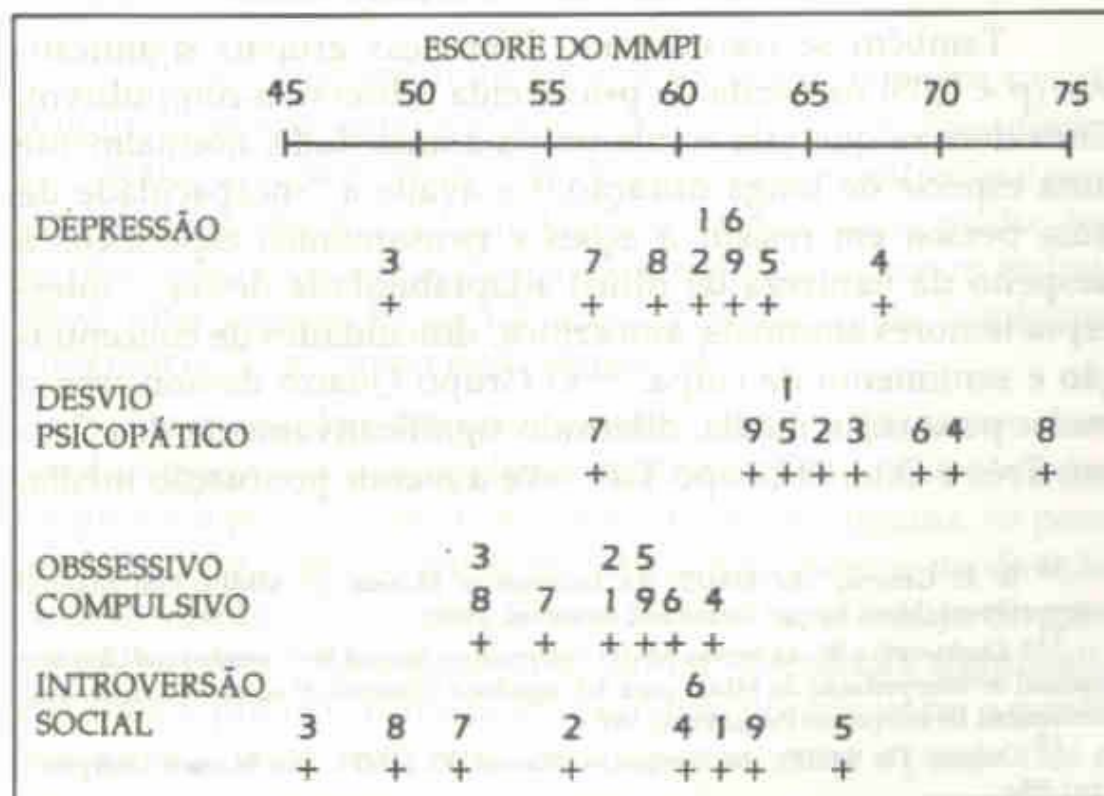
Também desenvolvemos um inventário da tipologia do Eneagrama para esse programa de pesquisa, o *Inventário de Cohen-Palmer para o Eneagrama* (*CPEI*). O *CPEI* é uma compilação de declarações de tendências comportamentais referentes a cada grupo de pontos do Eneagrama. O *CPEI* totaliza cento e oito itens, com doze itens em cada uma das nove escalas constituintes. Exigem-se respostas dicotomizadas para as declarações descritivas, isto é, "igual a mim" ou "não igual a mim". Levantamos a hipótese de que a maior marcação na escala indicaria o tipo do Eneagrama do sujeito (que fora determinado antes da administração do teste).

Resultado: MMPI

Usando análises unilaterais de variância e comparações *post hoc*, constatamos diferenças significativas entre grupos do Eneagrama em quatro das escalas clínicas do *MMPI*: depressão, desvio psicopático, psicastenia (obsessão-compulsão) e introversão social. As pontuações médias relativas a cada grupo são apresentadas na Figura 1.

⁹ J. Kuncze e W. Anderson, "Normalizing the MMPI" (Normalizando o MMPI). *Journal of Clinical Psychology* 32 (1976): 776-80

Figura 1 — Escores Médios no MMPI de Grupos de Pontos do Eneagrama



Como se pode notar na escala da depressão, o Grupo Quatro apresentou a maior pontuação média, e esta foi significativamente mais alta que a do Grupo Sete ou a do Grupo Três ($p < 0,002$). O Grupo Três apresentou a menor pontuação média, com os Grupos Quatro, Cinco, Seis, Nove, Dois, Um e Oito marcando escores significativamente mais altos que o Grupo Três. Essa descoberta tem fundamento em virtude da tendência do ponto Três de negar respostas emocionais e da tendência do ponto Quatro para o comportamento que descreve o seu título: O Romântico Trágico.

Diferenças significativas entre grupos na escala do desvio psicopático ($p < 0,006$) foram encontradas entre o Grupo Oito, com o maior escore médio, e os Grupos Sete, Nove e Um. O Grupo Sete teve o escore médio menor, significativamente menor que o dos Grupos Dois, Seis e Quatro. Acredita-se que a dimensão subjacente a esta escala seja a assertividade, com comportamentos do tipo "enérgico, empreendedor, ousado e social" como contrapartidas positivas e comportamentos do tipo "hostil, manipulador, impulsivo e anti-social" como contrapartidas negativas.¹⁰ O Essa constatação é plausível dada a tendência do ponto Oito de ser altamente assertivo e a tendência do ponto Sete de manter a aceitabilidade social.

Também se constataram diferenças grupais significativas ($p < 0,03$) na escala da psicastenia (obsessivo-compulsivo). Considera-se que esta escala reflita a ansiedade, normalmente uma espécie de longa duração,¹¹ e avalie a "incapacidade de uma

¹⁰ R. L. Greene, *The MMPI: An Interpretive Manual* (O MMPI: Um Manual Interpretativo) (Nova Iorque: Grune and Stranton, 1980).

¹¹ J. Duckworth e W. Anderson. *MMPI Interpretation Manual for Counselors and Clinicians* (Manual de Interpretação do MMPI para Advogados e Clínicos) (3ª edição) (Muncie, Ind.: Accelerated Development Press, 1986), 189.

pessoa em resistir a ações e pensamentos específicos a despeito da natureza de difícil adaptabilidade destes... intercepta temores anormais, autocrítica, dificuldades de concentração e sentimento de culpa."¹² O Grupo Quatro demonstrou a maior pontuação média, diferindo significativamente dos Grupos Três e Oito. O Grupo Três teve a menor pontuação média, diferindo significativamente dos Grupos Quatro, Cinco e Seis. Essas constatações podem indicar uma tendência para o comportamento ritualístico entre os tipos do ponto Quatro e uma maior tendência entre os tipos do ponto Três para ser flexíveis no comportamento. Os dois conceitos coincidem com as características principais desses pontos no Eneagrama.

Encontraram-se diferenças altamente significativas na escala da introversão social ($p < 0,0000$), com o Grupo Cinco apresentando a maior pontuação média e diferindo significativamente da dos Grupos Três, Oito, Sete, Dois e Seis. O Grupo Três marcou a menor pontuação média, sendo significativamente inferior à dos Grupos Dois, Seis, Quatro, Um, Nove e Cinco. Os itens dessa escala se relacionam com o mal-estar em situações sociais, insegurança, preocupação e falta de participação social. Quanto mais alta a escala, tanto mais a pessoa prefere a solidão; quanto mais baixa a escala, mais o indivíduo busca o contato social. Pressupõe-se que a dimensão normal subjacente avaliada na escala da introversão social seja a autonomia.

Resultados: MBTI

Usando análises unilaterais de variância, também encontramos diferenças significativas entre os grupos do Eneagrama nas escalas de extroversão-introversão, sensação-intuição e sentimento-pensamento. A Figura 2 ilustra a pontuação média dos nove grupos do Eneagrama. Deve-se notar que, para os indivíduos, uma pontuação de 100 é interpretada como "nenhuma preferência clara" numa dada dimensão.

Na escala da extroversão-introversão, os diferentes pontos do Eneagrama ficaram bem separados. Conforme se poderia prever a partir de um conhecimento do Eneagrama, os pontos Três, Sete, Oito e Dois foram mais distribuídos na direção da extroversão, e os pontos Cinco, Nove, Um e Seis na direção da introversão. Estatisticamente, houve diferenças significativas entre o ponto Cinco e todos os outros pontos; entre o ponto Nove e os pontos Três, Sete, Oito e Quatro; entre o ponto Um e os pontos Três e Sete; entre o ponto Seis e os pontos Três e Sete; e entre o ponto Quatro e o ponto Um. A interpretação clínica de autores de testes sugere que os extrovertidos "se relacionam mais facilmente com o mundo exterior das pessoas e das coisas do que com o mundo interior das idéias." Em contraste, os introvertidos "se relacionam mais facilmente com o mundo interior das idéias do que com o mundo exterior das pessoas e das coisas."¹³ Os resultados na escala da extroversão-introversão são convergentes com os da escala de introversão social do MMPI, em que o Grupo Cinco teve a maior pontuação média, e o Grupo Três, a menor.

¹² Greene, *The MMPI: An Interpretive Manual* (O MMPI: Um Manual Interpretativo), 99.

¹³ Myers e Briggs, *Manual: A Guide to the Development and Use of the Myers-Briggs Type Indicator*, (Palo Alto, Calif.: Consulting Psychologists Press, 1985).

Figura 2 — Desempenho dos Grupos do Eneagrama: Escores Médios no MBTI



Na escala da sensação-intuição, os diferentes grupos de pontos do Eneagrama tiveram pontuações mais próximas e todos ficaram distribuídos na direção da intuição na escala. Essa preferência pela intuição em toda a amostra é compreensível e pode ser específica dessa amostra, uma vez que os sujeitos já tinham demonstrado seu interesse pela intuição, envolvendo-se com o nosso *Centro*. Os pontos Sete, Oito e Seis foram os que mais adentraram a área da intuição. A interpretação clínica de preferências pelos autores do *MBTI* sugere que os sujeitos que fizeram pontuação na direção da sensação "prefeririam trabalhar com fatos conhecidos a buscar possibilidades e relações" e os que marcaram pontos do lado da intuição "prefeririam buscar possibilidades e relações a trabalhar com fatos conhecidos."¹⁴

Na escala do pensamento-sentimento, os Grupos Oito, Cinco, Um, Seis e Sete se distribuíram mais na direção da extremidade pensante da escala, e o Grupo Quatro na direção da extremidade sensível. Esse resultado é compreensível graças à descrição do ponto Quatro como profunda e esteticamente emocional. Os autores do teste *MBTI* interpretam a preferência pelo sentimento nesta dimensão como indicativo de que os julgamentos são feitos "mais com base em valores pessoais do que numa análise impessoal e na lógica."¹⁵ Não houve diferenças significativas entre os grupos do Eneagrama na escala da percepção-julgamento neste estudo.

O Inventário de Cohen-Palmer para o Eneagrama (CPEI)

Tentamos prever o grupo de cada sujeito com base em seu desempenho no teste do *CPEI*; calculamos pontuações dos sujeitos em cada uma das nove escalas

¹⁴ Ibid., 54

¹⁵ Ibid., 54

existentes; selecionamos a pontuação mais alta e a usamos para prever seu grupo. Houve uma associação significativa entre nossa previsão e o grupo efetivo do sujeito no Eneagrama. Previsões com sucesso variaram de 26 por cento para o Grupo Dois a 72 por cento para o Grupo Oito. Embora essas associações fossem significativamente melhores que o acaso ($p < 0,0000$), fizemos outras análises para melhorar nossa capacidade de prever o grupo do Eneagrama.

Usando análise discriminatória, avaliamos a contribuição dos itens do teste do *CPEI* para a distinção dos grupos. A análise discriminatória é uma técnica de maximização, em que os itens são ponderados e então linearmente combinados de tal modo que os grupo são forçados a ser o mais estatisticamente distintos possíveis. Calculam-se pesos ou coeficientes de função discriminatória padronizados para cada item, indicando a força do item para grupos separados. Usando esses itens ponderados, conseguimos reclassificar 97 por cento dos sujeitos dentro do seu grupo correto no Eneagrama. É preciso mais pesquisa com o *CPEI* a fim de avaliar a validade dos pesos atribuídos aos itens do teste nessa análise discriminatória. Avaliando novas amostragens usando o *CPEI* e fazendo a contagem de pontos de seus testes com fatores ponderais, podemos determinar a capacidade dos itens do *CPEI* de discriminar os tipos do Eneagrama e de predizer o tipo. Planejamos testar grupos múltiplos nesse processo de avaliação

Figura 3 — Previsão do Grupo do Eneagrama com Base na Análise Discriminatória

| Grupo Efetivo | * Número de Casos | Grupo Previsto | | | | | | | | |
|---------------|-------------------|----------------|------------|-----------|-----------|------------|-----------|----------|------------|------------|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 1 | 16 | 16 100% | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 2 | 15 | 0 | 15 100% | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 3 | 9 | 0 | 0 | 9 100% | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 4 | 11 | 1 9% | 0 | 0 | 10 91% | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 5 | 15 | 0 | 0 | 0 | 0 | 15 100% | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 6 | 24 | 0 | 1 4% | 0 | 0 | 0 | 22 92% | 0 | 1 4% | 0 |
| 7 | 10 | 1 10% | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 90% | 0 | 0 |
| 8 | 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 100% | 0 |
| 9 | 27 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 27 100% |

* N = 132. Casos com valores ausentes são deletados como parte da análise.

Discussão

Nosso programa de estudo confirma parcialmente as constatações de Wagner de que os tipos do Eneagrama diferem significativamente nas dimensões avaliadas pelo MBTI. Nossas descobertas foram semelhantes às quatro de Wagner, com algumas exceções importantes. Primeiro, embora achássemos tendências semelhantes usando análise com tratamento da variância, não achamos diferenças significativas entre grupos na escala do julgamento-percepção. Wagner, usando uma abordagem

correlacionai, achou uma correlação significativa para os pontos Um e Três com o julgamento e para os pontos Oito e Nove com a percepção. Além disso, os sujeitos de Wagner identificados como pontos Dois e Oito demonstraram uma preferência pela extroversão, enquanto os sujeitos ponto Dois e ponto Oito de nossa amostragem indicaram, como grupos, uma ligeira preferência pela introversão. Finalmente, no estudo de Wagner, ser membro do grupo do ponto Cinco foi significativamente correlacionado a uma preferência pelo pensamento, mas os sujeitos de nossa amostra não indicaram nenhuma preferência clara pelo pensamento ou pelo sentimento.

Esses resultados discrepantes indicam que o comportamento do ponto Dois e do ponto Oito pode tender para a introversão ou para a extroversão e que o ponto Cinco pode tender para o pensamento ou para o sentimento. Essas constatações podem ser únicas para as amostras de Wagner e para as nossas, ou podem ser influenciadas pelos tipos de análise estatística usados. Desse modo, são necessárias outras pesquisas a fim de reproduzir as descobertas e esclarecer as diferenças.

Em virtude das descrições existentes das características do ponto do Eneagrama, nosso exame do *MMPI* produziu novas descobertas que são plausíveis. Na escala da depressão, o Grupo Quatro foi alto, e o Grupo Três foi baixo; na escala do desvio psicopático, o Grupo Oito foi alto, e o Grupo Três foi baixo; em obsessão-compulsão, o Grupo Quatro foi alto, e, na introversão social, o Grupo Cinco foi alto, e o Grupo Três baixo.

Por último, nossas atividades de desenvolvimento de testes são mais encorajadoras quando consideradas em conjunto com as de Wagner. O desenvolvimento de um instrumento de avaliação válido para o Eneagrama parece possível e útil. Nossa pesquisa futura incluirá a validação do *CPEI* em novas amostras.

O Eneagrama é parte de uma tradição oral de ensino. O poder do material é mais bem transmitido através de membros de cada tipo à medida que eles contam suas histórias. Para informações relativas a apresentações de videocassete e audiocassete e sobre *workshops* da intuição e do Eneagrama que podem ser trazidos até você, queira por favor entrar em contato com

The Center for the Investigation and Training of Intuition ,
1442A Walnut Street

Berkeley, California 94704
(415) 843-7621